

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBÊRLÂNDIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**LAZER E DISTINÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LAZER
EM UM CLUBE DE CLASSE MÉDIA EM UBERLÂNDIA**

Fernando Henrique Sousa Araújo

Uberlândia, Outubro de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBÊRLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**LAZER E DISTINÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LAZER
EM UM CLUBE DE CLASSE MÉDIA EM UBERLÂNDIA**

Dissertação sob orientação da professora Dra. Patrícia Vieira Trópia, apresentada como requisito para conclusão do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia.

Fernando Henrique Sousa Araújo

Uberlândia, Outubro de 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- A659l
2015 Araújo, Fernando Henrique Souza, 1989-
Lazer e distinção social: um estudo sobre as práticas de lazer em um clube de classe média em Uberlândia / Fernando Henrique Souza Araújo. - 2015.
171 f. : il.
- Orientadora: Patrícia Vieira Trópia.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
Inclui bibliografia.
1. Ciências sociais - Teses. 2. Classe média - Lazer - Brasil - Teses. 3. Ideologia - Teses. 4. Consumo - Teses. I. Trópia, Patrícia Vieira. II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 316

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBÊRLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Fernando Henrique Sousa Araújo

**LAZER E DISTINÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LAZER
EM UM CLUBE DE CLASSE MÉDIA EM UBERLÂNDIA**

Banca de Dissertação:

Profª. Dra. Patrícia Viera Trópia INCIS-UFU

(orientadora)

Prof. Dr. Sávio Machado Cavalcante UNICAMP

Prof. Dr. Edilson José Graciolli INCIS-UFU

AGRADECIMENTO

O primeiro agradecimento é para toda classe trabalhadora. O leitor que está lendo esta dissertação provavelmente o faz em seu tempo de lazer. Lembre-se que o direito ao lazer não é uma benesse, um presente do capitalismo, mas o resultado de luta. O tempo de lazer é o resultado da luta das classes trabalhadoras que doaram sangue e suor para criar um tempo social de lazer.

Agradeço em especial à minha orientadora Patrícia Vieira Trópia pelo esforço e por dividir as angústias, dificuldades e sabores desta pesquisa. Este foi um grande desafio. O lazer no Praia Clube foi um objeto esguio, misterioso, complexo, tão custoso quanto gratificante. Agradeço à banca examinadora a disposição de analisar o trabalho e debater questões complexas como o lazer, agradeço às contribuições com este desafio e também o esforço da leitura no prazo apertado.

Agradeço ao Praia Clube Uberlândia a oportunidade de realizar a pesquisa, por ter aberto seu espaço para a observação. Obrigado a Ricardo Margonari, Matheus Zago e Antônio Pereira por terem sido valiosas fontes de informação.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais UFU e à FAPEMIG.

Agradeço à minha família e todas as pessoas próximas que me apoiaram, que foram importantes no meu desenvolvimento durante o tempo da pesquisa. Também aos movimentos sem terra e sem teto ao qual tive contato enquanto realiza a pesquisa, bem como aos companheiros de militância as importantes experiências compartilhadas.

Viva a preguiça! Viva Lafargue! Viva todos os trabalhadores que enrolam, que atrasam, que duelam por cada minuto com o capital por tempo liberado da produção. Que possamos lutar cada vez mais por um tempo libertado da produção e do consumo.

“Que você não perca a vida apenas tentando ganhá-la.”

“Ai! Que preguiça.” (Macunaima, herói brasileiro)

“Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho.” (Lafargue, O direito à preguiça.)

“A alma do trabalho é como um carro velho: só da trabalho”
(Mundo Livre S/A, A bola do jogo)

RESUMO

Esta dissertação tem como tema o lazer de classe média, cujo local escolhido é um clube de classe média da cidade de Uberlândia. A pesquisa parte de um debate sobre o conceito de lazer que autores denominam de um tempo de *não-cotidiano*, ligado à liberdade individual das escolhas de práticas de lazer, de um lado, e à imposição do consumo nas práticas de lazer na sociedade capitalista de outro. Então questiona-se a bibliografia que defende o lazer como preferência individual a partir de pesquisas sobre o lazer da classe trabalhadora, da classe média e da classe dominante. Os conceitos são confrontados com a análise empírica do lazer no clube, a partir de observação de campo, das publicações e da história do clube, chegando à conclusão de que o clube proporciona um lazer *não-cotidiano* com as crianças, as famílias e por meio de atividades desportivas, mas também o clube realiza atividades de lazer ligadas ao consumo em geral e nas festas em particular. O clube também funciona como um enclave fortificado para a classe média, espaço privatizado, separado e seguro onde se realizam as atividades de lazer, além do controle das atividades de lazer. Neste sentido o clube possui uma propaganda que reforça uma imagem de grande empresa de lazer e eventos sociais, bem como clube de resultados no esporte e promotor de saúde. A conclusão é que as práticas de lazer da classe média expressam a divisão de classes. As várias práticas estão guiadas pela ideologia da *não-igualização* sócio-econômica em relação ao proletariado, ao consumo nas festas e nas roupas e no esporte; busca do enclave fortificado, à partilha de um *status* de superioridade.

Palavras-chave: Lazer; Classe média; Ideologia; Enclave Fortificado; Consumo; Não-cotidiano;

ABSTRACT:

The theme of this research is the leisure at a middle-classes' club in the city of Uberlândia. The research starts discussing the debate about leisure like a non-daily time linked to individual freedom of choice and consumption. Then we put at issue a literature that advocates leisure as individual preference in face of researches about leisure of the working class, the middle class and the ruling class. The concepts are confronted with empirical analysis of the leisure at the club, based on field observation, documents and the club's history, showing that the club provides non-daily time leisure with children, families and through sporting activities, but also it conducts recreational activities to consumption in general and in particular during the parties. The club is a fortified enclave addressed to middle-class; is a privatized space where the leisure activities are controlled. The club has a propaganda that reinforces an image of great leisure business and social events as well as results in club sport and health promoter. The conclusion is that the leisure activities of the middle class express a class division. The practices are oriented by the ideology of non-socioeconomic equalization.

Key-words: Leisure; Middle class; Ideology; Fortified enclave; Consumption; non-daily;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: O LAZER ENTRE TEMPO DE NÃO-COTIDIANO E CONSUMO	17
Lazer como tempo de não-cotidiano: modo de produção, consumo e tempo de trabalho versus tempo de não trabalho	18
Tempo de trabalho e tempo de lazer como tempo do não-cotidiano	24
Abordagem contemporânea do lazer: a relação do lazer com o consumo, o ideal de liberdade e as atividades de lazer	41
O lazer subordinado ao consumo: a crítica à concepção de lazer como <i>não-cotidiano</i>	44
CAPÍTULO 2: AS PRÁTICAS DE LAZER E VISÕES DE MUNDO NO PROLETARIADO, NA CLASSE DOMINANTE E NA CLASSE MÉDIA	48
Práticas e representações de lazer operário	49
Práticas e representações de lazer da classe dominante	62
Práticas e representações de lazer das classes médias	73
CAPÍTULO 3: O PRAIA CLUBE: EMPRESA E TEMPLO DE CONSUMO, ENCLAVE FORTIFICADO E ESPAÇO DE DISTINÇÃO SOCIAL	90
O clube como templo de consumo do lazer	91
O lazer no clube: a dialética entre não-cotidiano e disciplina	103
O clube com enclave fortificado e espaço de distinção social	114
Meios de comunicação, autoimagem do clube e distinção social	119
A publicidade do Praia Clube	120
Administração e status social	123
O perfil de classe média do Praia Clube: algumas aproximações	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
BIBLIOGRAFIA	139
ANEXOS	144

INTRODUÇÃO

O tema geral deste estudo é o lazer de classe média em um clube na cidade de Uberlândia. O objeto de pesquisa é o Praia Clube Uberlândia¹. Nosso objetivo é analisar as práticas de lazer como práticas que expressam determinados comportamentos e aspirações de classe. Por que pesquisar o lazer de classe média?

Durante nossa monografia de graduação, pesquisamos um espaço de lazer na cidade de Uberlândia destinado aos trabalhadores no comércio. Na ocasião, além da observação do espaço físico, tivemos a oportunidade de realizar inúmeras entrevistas, cujo objetivo foi mapear as disposições ideológicas dos usuários – majoritariamente trabalhadores no comércio, os quais foram analisados como trabalhadores não-manuais pertencentes às classes médias. Na ocasião, o espaço de lazer era apenas o campo de pesquisa – não o objeto – mas ele acabou por nos atrair para a discussão sobre o lugar social do lazer na reprodução social.

O interesse pelo estudo do lazer acabou por se consolidar com a leitura da pesquisa de Magnani (1996) no texto intitulado *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole* em que o autor, além de chamar atenção para a cultura urbana como convivência de vários grupos diferentes, analisa o lazer como uma esfera de expressão ideológica das classes sociais, em especial da classe trabalhadora. Debatendo com a ideia corrente formulada pela *Escola de Frankfurt* segundo a qual o lazer seria uma esfera subordinada à alienação da produção, reprodutora da forma mercadoria, bem como com aqueles autores que afirmavam a importância do trabalho minimizando o lazer, Magnani (1996) mostrava que o lazer possui uma carga simbólica de expressão de visões de mundo. Assim poderia ser analisado da perspectiva ideológica e de classe. Segundo Magnani (1984), o lazer da classe trabalhadora não estaria direcionado a espaços específicos privados, como centros comerciais, shoppings, grandes centros culturais, mas ao local de moradia, ao bairro, toda a festa é “no pedaço”.

Os espaços de lazer das classes médias tenderiam a ser espaços fechados, privados, segregados socialmente.

Por sua vez, ao procurar pesquisas que analisassem as classes médias encontramos duas autoras: O’Dougherty (1998) e Maldonado (2010). A pesquisa de O’Dougherty versa

¹ Inicialmente nosso objetivo era realizar uma pesquisa de campo, com o método etnográfico, em três clubes de classe média na cidade de Uberlândia e então realizar um survey com os sócios para traçar seu perfil de classe e por fim entrevistas para captar as ideologias nas expressões dos sócios. Ao entrar em contato com os clubes apenas o Praia Clube nos respondeu autorizando a pesquisa. Conseguimos autorização para realizar a pesquisa de campo, condicionada, todavia, à mera observação ou seja sem a possibilidade de estabelecermos contato com os associados – o que acabou por inviabilizar a proposta inicial do survey e a realização de entrevistas em grande número.

sobre as práticas de consumo da classe média na cidade de São Paulo, entre as quais em clubes, enquanto a investigação de Maldonado (2010) ocorreu em três clubes de classe média na Cidade do México. Ambas as autoras analisam os discursos da classe média a respeito das práticas e locais de lazer e consumo, elaborando interessantes visões da classe média sobre lazer articulando-as à noção de *distinção social*. Estas análises das visões da classe média suscitaram o interesse central da pesquisa que aqui se apresenta. Embora O'Dougherty (1998) e Maldonado (2010) tenham analisado o lazer de classe média por meio dos conceitos de *distinção social* e *identidade*, ou seja, pela separação relacional entre classes e pela ideia da afirmação do “eu”, pertencente ao meu grupo, e “rejeição do outro”, interessava-nos discutir as visões de mundo identificadas pelas autoras como expressões ideológicas.

Neste sentido é que nos propusemos a responder as seguintes perguntas em cada um dos três capítulos desta dissertação: O que é lazer e quais as relações entre tempo do trabalho e o tempo de lazer? Quais as práticas e as representações ideológicas das classes fundamentais e das classes médias no capitalismo? Que relações sociais e que aspirações ideológicas caracterizam as práticas de lazer no Praia Clube Uberlândia?

Qual a importância e a pertinência de um estudo sociológico sobre o lazer de classe média?

O tema da classe média é polêmico e, predominantemente, tratado a partir de categorias econômicas, tais como renda e padrão de consumo. São poucos os trabalhos que, inclusive, discutem a questão das classes médias a partir do lugar nas relações de produção, mesmo se tomadas, tais relações, apenas e tão somente do lugar dos agentes sociais no processo produtivo, na divisão do trabalho, na relação com a produção e reprodução capitalista. Por sua vez, o lazer tem sido analisado de modo dicotômico, ou seja, em oposição ao trabalho, como tempo de não trabalho, dicotomia que se pretende, com esta pesquisa, relativizar pois, segundo nossa hipótese, o lazer tem também a função de reproduzir os lugares sociais, divididos e hierarquizados na esfera produtiva e do trabalho.

Esta pesquisa parte do pressuposto que as ideologias não são apenas produzidas e expressas no trabalho e na política, mas se espalham por todas as esferas em que a classe se constitui. Assim o lugar dos sujeitos nas relações de produção, sua condição de trabalhador assalariado, profissional liberal ou proprietário, sua posição na divisão social do trabalho, tais “determinações” correspondem a diferentes ideologias de classe que são produzidas e ressignificadas e que se expressam não somente na produção, no âmbito do trabalho ou da

política, mas nas diversas dimensões de reprodução da vida social, como por exemplo na educação, na cultura, na religião e também na esfera do lazer.

Embora a jornada de trabalho formal no Brasil tenha sido reduzida, pela Constituição de 1988, à 40 horas, dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) mostram que a jornada de trabalho média em setores como serviços e comércio, setores que concentram a maioria dos trabalhadores assalariados, é superior àquele marco legal. O aumento do tempo de trabalho (da jornada de trabalho propriamente dita) e do tempo de trabalho realizado fora do expediente tem impacto sobre o tempo livre e evidentemente sobre o lazer. Historicamente, a redução da jornada de trabalho foi a primeira bandeira da classe trabalhadora. Esta bandeira continua presente ainda hoje, com objetivo de criar mais postos de trabalho, combater o desemprego mas também de aumentar o tempo livre.

A cidade Uberlândia, tal como as grandes cidades brasileiras, possui uma estrutura urbana permeada pela especulação imobiliária², por um sistema de distribuição desigual do espaço que monopoliza áreas urbanas para as classes médias e dominantes e impele uma grande parte da população aos bairros periféricos, menos servidos por infraestrutura urbana, de transportes e, conseqüentemente, menos espaços públicos de lazer³.

Em Uberlândia tem crescido a demanda por lazer. Um dos exemplos refere-se ao número de bares que aumentou 612% nos últimos 12 anos (NOGUEIRA, 2013). De acordo com dados da Junta Comercial do Estado de Minas Gerais (Jucemg), em 2002, Uberlândia contava com 166 bares enquanto em 2013 este número passou para 1.182 estabelecimentos. Os bares são estabelecimentos comerciais mas também espaços de lazer que fazem parte da cultura de parte da população.

O lazer na cidade de Uberlândia apresenta algumas peculiaridades. A cidade contém vários parques municipais, administrados pela prefeitura. Um dos maiores parques, o Parque do Sabiá, contém equipamentos para o lazer e recreação, para diferentes faixas etárias. O Parque Siquierolli também administrado pelo poder público é um espaço de lazer onde são desenvolvidas atividades de educação ambiental, sobretudo de escolas públicas e particulares

²Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS). In: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=43&pg=497>; http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/6342.pdf

³ Uberlândia tem inclusive sua história marcada por ocupações de terrenos para moradia popular. Diante das ocupações o lazer da classe trabalhadora é voltado para o local da ocupação, mas também é um fato interessante numa ocupação urbana denominada Irmã Dorothy, na área da Granja Planalto, Bairro Jardim Célia da cidade de Uberlândia, em agosto de 2013, dentre as reivindicações além da moradia aparece também reivindicação da construção do Parque do Sabiá II, um clube público, na região do bairro Canaã ou do bairro Jardim Célia. Isto quer dizer que o lazer é uma reivindicação ainda fundamental para a classe operária. (MACHADO, 2013)

do ensino fundamental ao superior. A cidade também possui mais de duas centenas de praças públicas, a maior parte das quais situadas nos bairros mais afastados do centro (Souza & Antunes; 2009).

Segundo Andrade & Fonseca (2008) em Uberlândia, observa-se o mesmo processo de transformação no uso dos espaços públicos, gradativamente as pessoas das classes médias e altas deixaram de utilizar os espaços públicos, se isolando nas áreas de lazer de condomínios residenciais e passando a frequentar apenas ambientes privados e de acesso controlado. Até os anos 1990, mesmo com uma clara separação entre os locais frequentados pelos indivíduos de diferentes camadas sociais, os espaços públicos das ruas, praças, cafés, bares e cinemas funcionavam como locais de encontro e convívio entre os diferentes grupos sociais. A partir da virada dos anos 1980 para os anos 1990 ocorreu o surgimento dos shopping centers e dos condomínios fechados, além da sofisticação dos clubes de lazer, promovendo estratificação do espaço urbano em classes sociais. As elites abandonaram o centro da cidade e buscaram outras áreas da cidade para morar e manter seus espaços e atividades de lazer, muitos deles na periferia, afastados de áreas povoadas. Além disso, o desenvolvimento dos meios de comunicação permitiu que, cada vez mais, a vida social ocorresse no ambiente doméstico. (Andrade & Fonseca; 2008) O espaço público das ruas, praças e parques foi se tornando quase que exclusivo das classes populares e o seu principal local de sociabilidade. Com a construção dos *shopping centers* e clubes particulares, a elite foi sendo retirada do espaço público e do centro para espaços mais privados, condomínios e clubes de lazer.

Embora os raros estudos sobre lazer em Uberlândia identifiquem também os shopping-centers, bares e restaurantes mais sofisticados como espaços de lazer de classe média, nosso interesse voltou-se aos clubes recreativos. Dentre os principais clubes da cidade encontram-se o Cajubá Country Club, o Clube Caça e Pesca Itororó de Uberlândia e o Praia Clube Uberlândia.

O Praia Clube Uberlândia foi fundado em julho de 1935 com o objetivo de

[...] oferecer uma completa infraestrutura para atender as necessidades de lazer e entretenimento de seus associados, obedecendo a princípios e valores éticos, além de contribuir para o aperfeiçoamento das relações interpessoais. Hoje, a comunidade praiana pode ser considerada um verdadeiro núcleo familiar. (PRAIA CLUBE, 2014)

Considerado um dos maiores clubes da América Latina, o Praia Clube possui uma área de 301 mil metros quadrados. Situado entre as margens do Rio Uberabinha, o clube tem uma

potente infraestrutura e uma área verde de 118 mil metros quadrados. O Ginásio Adalberto Testa (GI) foi inaugurado em 1963 com capacidade para 2.000 pessoas sentadas ou até 6.000 em pé, ocupando uma área total de 4.926 m². Neste Ginásio ocorrem os grandes eventos organizados pelo clube.

No início dos anos 70, foi construída a Eclusa às margens do Rio Uberabinha, obra realizada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia na primeira gestão do prefeito Virgílio Galassi (71/72) que beneficiou diretamente o Praia Clube. Foi construído um emissário para escoar os resíduos de um antigo frigorífico que provocava mau cheiro no local, desvalorizando o clube. Ao canalizar parte do volume de água para dentro do emissário, o odor teve fim. O patrimônio do clube foi expandido nos anos de 1980, quando foram adquiridos outros terrenos na margem esquerda do Rio Uberabinha.

O Praia Clube tem 2.918 acionistas, 50.853 sócios, 2.867 alunos matriculados nas escolinhas de esportes. Segundo dados divulgados pela Revista Praia, a média de visitação diária é de 3.265 pessoas e a média mensal de 94.000 pessoas (REVISTA PRAIA, 2014; 6 e 7). O Praia Clube possui muros altos em todo o seu entorno, cercas elétricas em todos eles e três para-raios.

A Diretoria do clube é composta por 17 acionistas voluntários e por um Conselho Fiscal com 7 sócios-proprietários. Em seu estatuto o clube afirma ter mais de “750 colaboradores, que são distribuídos em 14 áreas gerenciais” ou seja, mais de 750 funcionários.

O clube possui a seguinte infraestrutura (REVISTA PRAIA, 2014; 24 e 25):

- Estacionamento para carros;
- Entrada principal: catraca de entrada e saída, recepção, saguão de entrada;
- Sala da Diretoria à esquerda da entrada principal
- Boutique do clube que vende roupas para a prática de esportes e ginástica, bem como souvenirs e utilidade;
- Sala de estudos;
- Ginásio poliesportivo Adalberto Testa (G1), com quatro quadras de peteca;
- Praça de alimentação no interior do ginásio;
- Vestiários na lateral do Ginásio Adalberto Testa (G1) e almoxarifado;
- Terraço do Tênis, com 6 quadras abertas e 2 fechadas;
- Área para praticar xadrez, situada em frente do Terraço do Tênis;
- Complexo Cícero Naves com piscina, sala de judô, restaurante, estúdio personalizado e salas de fitness e sala de Yoga;

- Complexo de piscinas semi-aquecidas Cícero Naves, composto por duas piscinas, uma com 16 raia e outra olímpica com 6 raia.
- Ginásio Oranides Borges do Nascimento com quadras de vôlei e basquete e fraldário (G2).
- Ginásio Waltercides Borges de Sá (G3), contendo:
 - ❖ uma Enfermaria⁴,
 - ❖ 3 piscinas aquecidas cobertas, sendo uma semiolímpica para aulas,
 - ❖ escolinhas e lazer.
 - ❖ Possui uma plataforma aquática para cadeirantes.
 - ❖ Tem também um vestiário feminino e um masculino com chuveiros, sanitários e guarda volumes.
 - ❖ Há um fraldário com banheiras e trocadores, um banheiro da família com sanitários e chuveiros para crianças.
- Lanchonete, prédio anexo ao G2, com uma área com mesas e outra área no andar de baixo contendo apenas algumas mesas.
- Área de piscinas de banho com tobo-águas e cadeiras ao redor.
- Sauna masculina e feminina;
- Sala de jogos com 18 mesas de sinuca, bar, frequentado às terças e sextas quando há campeonatos durante o período noturno.
- Portaria *Cidade Jardim*, com posto de enfermagem (preparado para atendimento, com ambulância, aberto o dia todo) e Departamento de esportes. Estacionamento privativo com mais de 11 mil m². Sala de troféus e sala de fotografias.
- Ao lado das piscinas o salão de festas Ulisses Finotti.
- Ao lado da entrada cidade jardim vestiários, quiosque, alojamento e viveiro.
- Recanto do Samba Vilmar Martins de Araújo.
- Recanto da Cerveja. Academia de atletas.
- Complexo Geraldo Zago com:
 - ❖ o parquinho infantil,
 - ❖ parque aquático infantil à esquerda
 - ❖ quadras de peteca de areia,
 - ❖ à direita das piscinas o fraldário,

⁴ No total o clube possui 4 enfermarias. A equipe completa é composta por cinco enfermeiros e 12 técnicos de enfermagem. Três fisioterapeutas também ficam à disposição dos atletas e colaboradores do Clube.

- ❖ banheiro da família
- ❖ e brinquedoteca.
- ❖ Quiosque.
- ❖ Tenda da brincadeira.
- Complexo Índio de Carvalho Luz, contendo:
 - ❖ restaurante da piscina olímpica, ao lado a piscina olímpica.
 - ❖ sauna feminina com um bar,
 - ❖ refeitório dos funcionários.
 - ❖ Portaria e estacionamento de colaboradores.
- Área de manutenção.
- Pista de corrida com equipamentos de exercício na lateral um vestiário, campo society, quadras de futebol e peteca. Vestiário.
- Piscina de hidroginástica e academia. Posto de enfermagem.
- Áreas verdes: De frente ao ginásio pequena área verde, encerrada pelo rio que corta o interior do clube, com cadeiras de descanso e esteiras para deitar. Local onde se encontra a Eclusa, estrutura que altera o fluxo do rio e oxigena a água.
- Área do complexo, caminhos de pedra e reciclagem.
- Ponte para o bosque. Bosque à Margem Esquerda do rio – área superior a 41 mil metros quadrados - área de gramado com 3 estruturas para permanência – bancos e chão concretado -, uma área mais ao alto com árvores altas e uma estrutura de pedra, uma praça pequena onde geralmente pode-se ver pássaros. A área do gramado é cortada por caminhos asfaltados e a área arborizada é cortada por caminhos concretados.

Para o desenvolvimento da pesquisa empírica, optamos pela observação de campo. A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de março e abril de 2014, após solicitação e autorização formal da diretoria do Clube para que frequentássemos suas dependências nos horários e dias de nossa preferência. Durante estes meses, frequentamos o clube 3 ou 4 dias por semana, em todas horas do dia e da noite. Durante o nosso período de permanência no Clube o contato com o sócio seria permitido desde que respeitássemos a política do clube de “não atrapalhar o lazer do sócio”, ou seja, apenas se o sócio se dispusesse e por si só interrompesse sua atividade de lazer.

Procuramos, então: 1) identificar e mapear todas as práticas de lazer oferecidas, os modos de apropriação pelos sócios destas atividades, os modos de usos do tempo e do espaço no clube; 2) categorizar nossa observação a partir do fluxo de tempo, do perfil dos associados (crianças, jovens, adultos e terceira idade), dos modos de uso dos espaços de lazer direcionados ao esporte, à educação, à alimentação e ao entretenimento (festas, shows)

Além da observação de campo, realizamos algumas entrevistas com associados do Clube, bem como mantivemos conversas com alguns funcionários que acabaram por assumir o importante papel de informante na pesquisa.

Levantamos farto material publicitário produzido pelo clube, analisado no último capítulo desta dissertação, com o objetivo de levantar as imagens e representações produzidas pelo Clube, as quais, em grande medida, correspondem às expectativas e aspirações dos próprios associados.

No capítulo primeiro será discutida a bibliografia que estuda lazer. Procurou-se discutir o conceito de lazer para a bibliografia clássica e contemporânea, bem como a história lazer a partir da redução da jornada de trabalho.

No capítulo segundo é analisada a bibliografia sobre o lazer e classes sociais: classe proletária, classe dominante, ou burguesa, e classe média, sobre a qual busca-se analisar as formas de se viver o lazer, o cuidado com o corpo, os espaços de lazer, bem como as ideologias de cada classe social expressas no lazer.

No terceiro capítulo analisamos as práticas de lazer no Praia Clube, a partir da bibliografia estudada, bem como da pesquisa empírica desenvolvida. Procuramos identificar que relações e práticas sociais predominam no clube pesquisado. Procuramos mostrar que o Praia Clube: 1) é uma empresa de lazer e como tal procura transformar todos os seus serviços e espaços em consumo; 2) é um espaço onde as relações sociais são fortemente marcadas por aspectos disciplinares e pelo controle estabelecido pelo clube, o que nos leva a questionar o conceito abstrato de lazer como não-cotidiano; 3) é um enclave fortificado e neste sentido um espaço de distinção social, marca requerida por seus sócios; 4) é uma empresa que visa difundir uma determinada imagem social; e finalmente 5) um espaço social composto no fundamental – ainda que não exclusivamente - por frações das classes médias que aspiram por valores típicos.

CAPÍTULO 1

O LAZER ENTRE TEMPO DE NÃO-COTIDIANO E CONSUMO

“Ó Preguiça, tem piedade da nossa longa miséria! Ó Preguiça, mãe das artes e das nobres virtudes, sê o bálsamo das angústias humanas!”
(LAFARGUE, 2003, 77)

O objetivo deste capítulo é problematizar a bibliografia que discute o tema do lazer. Na primeira parte retomamos os autores clássicos do tempo social de não trabalho e do lazer, bem como com aqueles que operam com noções de prazer social, luta entre capitalista e trabalhador pela redução da jornada de trabalho, entre os quais Marx (s/d), Veblen (1983) e Maya (2008), além de Dumazedier (1973) que refletiu sobre o lazer na modernidade, buscando entender sua função social, conteúdo e tempo.

Na segunda parte analisaremos as pesquisas contemporâneas que procuram evidenciar a importância da relação do lazer com o trabalho, as atividades de lazer, a superação de uma sociedade de lazer, posto que o lazer assume configurações e formas socialmente distintas. Dumazedier (1973), por exemplo, analisou o surgimento do lazer na sociedade capitalista, colocando em evidência a categoria tempo do lazer. Dumazedier (1973) e Camargo (2010) refletem sobre o conteúdo, as funções e as atividades de lazer na modernidade; Neubert (2010) pensa a relação do lazer com o ideal de liberdade na modernidade. Chenavier (1998) desenvolve uma crítica à sociedade de lazer e Tashner (2000; 2004) fornece um análise da relação do lazer com o consumo que cria hierarquias sociais de distinção de classe. Padilha (2000), na mesma direção de Tashner (2000), debate o lazer como tempo voltado para o consumo no capitalismo. Para esta autora, o consumo aparece como prazer muito embora seja fundamentalmente responsável por criar hierarquias sociais face às diferentes práticas de consumo.

Assim neste capítulo primeiro tomamos a teoria sobre o lazer, o conceito de lazer e o debate entre duas tendências de lazer uma defendida por Dumazedier (1973) em que o lazer é o *não-cotidiano* e equilíbrio do trabalho e outra defendida por Padilha (2000) em que o lazer é tempo de consumo e incapaz de realizar a liberação do tempo de trabalho pois está também submetido à lógica da produção.

1.1 Lazer como tempo de não-cotidiano: modo de produção, consumo e tempo de trabalho versus tempo de não trabalho

“O tempo é relativo e não pode ser medido exatamente do mesmo modo e por toda a parte.” (Albert Einstein)

O lazer requer tempo para ser realizado, mas o tempo é uma categoria socialmente produzida. Há sociedades que contam o tempo de várias formas, pela relação dia/noite, pelo período de colheita, de chuvas/estiagem e pelo relógio digital e calendário - caso da sociedade capitalista. O aumento da jornada e da intensidade da produção fez do tempo de não trabalho um tempo de repouso e fuga da disciplina e alienação do trabalho, abrindo espaço para um tempo original no capitalismo, ou pelo menos original na forma de ser organizado, chamado “tempo de lazer”, um tempo após o trabalho, mas referenciado no trabalho. Poderia este tempo ser chamado de “tempo de não-trabalho”? Como podemos classificar este tempo social?

Na sociedade capitalista o “tempo de não-trabalho” tem sido denominado de formas diferentes: como ócio, de acordo com Veblen (1983), tempo de livre escolha, como denomina Neubert (2010), tempo livre, como denomina Maya (2010), um tempo de não atividade industrial ou de reprodução da vida nas atividades que não são responsáveis pela produção, mas pela recuperação das necessidades fisiológicas, pelo descanso, ou tempo dominado e destinado ao consumo. Qual a categoria que melhor explica o tempo em que se escapa das atividades da obrigação e da rotina da vida? Carregaria o tempo de não trabalho, incluindo o tempo de lazer como parte do tempo de não trabalho, importância a ponto de preocupar o trabalhador, talvez tanto quanto as condições de trabalho ou luta sindical? Tempo livre e lazer podem se tornar um ideal da sociedade capitalista contemporânea? Lazer é consumo?

Porém, a existência de uma sociedade não se dá apenas pelo tempo, mas principalmente pela existência material da vida, o que pressupõe uma produção material da vida. Assim a conexão entre lazer, trabalho e consumo é fundamental para o funcionamento da sociedade capitalista. No início do capitalismo o lazer e o consumo possuíam importância social menor relativamente aos séculos XX e XXI, quando então se expande. O consumo cresceu como espaço de distinção social, de hierarquia social e de divisão de classes, incorporando as atividades de lazer que, inicialmente, da perspectiva do trabalhador, eram limitadas ao descanso e à função de recuperar as energias físicas. À medida que o capitalismo se desenvolve, as formas de lazer se expandem, tanto quanto seus espaços, sua importância, seus símbolos e sua relação com o consumo e as classes sociais.

A obra de Marx (2006; 1978) tem como tema central a produção na sociedade capitalista. O lazer, por sua vez, não foi objeto de análise a não ser quando os clássicos do marxismo discutem a questão do tempo livre. Em *A ideologia alemã*, Marx e Engels (1999) afirmavam que na sociedade comunista a divisão social do trabalho seria suprimida, possibilitando ao trabalhador tempo livre para atividades múltiplas⁵.

Em sua análise, Marx (1978) define a produção como o processo inicial das relações sociais econômicas e o consumo como processo final das mesmas relações sociais, dentro do mecanismo produção-distribuição-troca-consumo. Para Marx (1978) a produção é um ciclo interminável, assim produção e consumo se complementam. A produção, então, cria a necessidade de consumo, assim como o consumo cria a necessidade de nova produção, produção-consumo estão imediatamente ligados, este é o mecanismo do ciclo de produção e reprodução da vida social.

A produção é, pois, imediatamente consumo; o consumo é, imediatamente, produção. Cada qual é imediatamente seu contrário. Mas, ao mesmo tempo, opera-se um movimento mediador entre ambos. A produção é mediadora do consumo, cujos materiais cria e sem os quais não teria objeto. Mas o consumo é também mediador da produção ao criar para os produtos o sujeito, para o qual são produtos. O produto recebe seu acabamento final no consumo. [...] O consumo produz de uma dupla maneira a produção:

1.º porque o produto não se torna produto efetivo senão no consumo; por exemplo, um vestido converte-se efetivamente em vestido quando é usado; uma casa desabitada não é, de fato, uma casa efetiva; [...]

2.º porque o consumo cria a necessidade de uma *nova* produção, ou seja, o fundamento ideal, que move internamente a produção, e que é sua pressuposição. [...] O consumo cria os objetos da produção de uma forma ainda mais subjetiva. Sem necessidade não há produção. Mas o consumo reproduz a necessidade. (MARX, 1978, 109)

Marx (2006) pensa na “mercadoria” como um elemento material e simbólico das relações capitalistas. A mercadoria é a unidade mais simples da produção capitalista, a unidade de uma totalidade de relações de produção e consumo que esconde as relações em que foi produzida. “*A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia. [...]*” (MARX, 2006, 57). Na análise de Marx (1978) produção é imediatamente consumo de forças vitais do produtor e de meios de produção, afinal na produção, além de criar o objeto de consumo cria o consumidor e no

⁵ Ver MARX E ENGELS, 1999, 40.

consumo cria a necessidade da produção. A realidade social não dissocia a relação produção-consumo-produção, criando necessidades e satisfazendo-as.

Veblen (1983) em seu clássico estudo, *A Teoria da Classe ociosa*, analisa as classes sociais que, historicamente, viveram de atividades totalmente liberadas do trabalho industrial, elaborando uma análise histórica do tempo de não-trabalho. Segundo o autor, as posições de hierarquia social pela honra e a afirmação de superioridade se dão por meio de regras definidas como as do “bom gosto e boa vida”, relativamente ao “mau gosto e má vida”. Veblen (1983) define a evolução de pacíficas sociedades tribais para uma forma mais sofisticada de barbárie e depois uma fase de predação, baseada na competição e combate, em que o marco de distinção e sucesso é pensado em termos relativos dentro da comunidade pelo acúmulo de bens, mas principalmente gastando mais que os outros. Chega por fim à evolução para a sociedade industrial.

A classe ociosa é composta pelos grupos de pessoas que não realizam o trabalho industrial, entendido por Veblen (1983) como a atividade destinada à produção material. O surgimento da classe ociosa se dá a partir das tribos caçadoras nômades que já apresentam diferenciações econômicas, inicialmente sexuais. A cultura bárbara é exemplo da classe ociosa: “[...] a instituição da classe ociosa surgiu gradualmente durante a transição da selvageria primitiva para a barbárie; ou, mais precisamente, durante a transição de um modo de vida pacífico para um mais consistentemente guerreiro. [...]” (VEBLEN, 1983, 7.)

As funções da classe ociosa evoluem de acordo com a fase histórica: nas sociedades predatórias e bárbaras, ela tem como símbolos de honra as funções espetaculares, ligadas à proeza na guerra e na caça, além do domínio do sacerdote sobre o conhecimento dos rituais e das regras da divindade na religião, enquanto na sociedade industrial a classe ociosa assume as funções militares, pecuniárias ligadas aos capitães da indústria, da produção da ciência nas Academias e nas funções governamentais. Por não participar do trabalho produtivo, a função da classe ociosa era desfrutar de consumo conspícuo, com objetivo de ser evidenciado, que servia apenas para criar (e reproduzir) as distinções e hierarquias sociais; assim a vida ociosa se torna símbolo de “estima” e “honra”, o consumo é algo invejado, dispêndio conspícuo.

A distinção aparece por meio de símbolos que separam uma cultura “superior” de outra “inferior”, a primeira valorizada e desejada, a segunda desvalorizada e evitada. As funções da classe ociosa são vistas como “dignas” enquanto as das classes industriais como “indignas”. Quanto mais inútil o trabalho, quanto mais distante das atividades industriais, quanto mais custoso, ocioso e sem objetivos úteis, mais honrosos; e quanto mais útil,

econômico, industrial, mais desonroso. A função inútil seria realizada por pessoas com capacidade de desperdiçar, enquanto a função útil seria realizada por pessoas sem a capacidade de desperdiçar, portanto sem honra social. Quando surge a propriedade privada, observa-se a luta de homens pela posse de bens, a competição e o desejo de superar os concorrentes; a acumulação de bens toma lugar de troféu e a propriedade passa a ser base de estima, reputação e honra.

A classe ociosa tem parte dos membros na Academia, se utiliza da cultura acadêmica e investe em atividades que proporcionam incremento cultural. As afirmações de superioridade da posição pecuniária da sociedade industrial e da posição de educação e cultura superior, conceitos emulativos de honra social, dignidade e mérito, são uma forma de repassar à sociedade os valores que deseja através da cultura acadêmica. Veblen (1983) afirma que o uso e a valorização de objetos é tanto maior quanto mais custosos e dispendiosos eles forem. Busca-se o desperdício conspícuo em que a regra do dispêndio está presente como uma regra geral do funcionamento da sociedade. Toda atividade ligada ao dispêndio de bens ou tempo é considerada honorífica: consumo de bens, dos criados e mulheres custeados por seu senhor, vestimenta, animais dispendiosos, objetos adornados, esportes ligados à guerra, rituais religiosos e até gastos com festas⁶.

⁶“Para o homem ocioso, o consumo conspícuo de bens valiosos é um instrumento de respeitabilidade. [...]” (VEBLEN, 1983, 38)

“[...] Por ser o consumo dos bens de maior excelência prova da riqueza, ele se torna honorífico; reciprocamente, a incapacidade de consumir na devida quantidade e qualidade se torna uma marca de inferioridade e demérito. [...] Afim de evitar o embrutecimento, ele tem de cultivar o gosto, já que lhe é imprescindível discriminar cuidadosamente entre nobre e o ignóbil nos bens do seu consumo. Torna-se ele assim um *connoisseur* dos vários graus de valor dos alimentos, das bebidas e dos adornos masculinos, do vestuário adequado, da arquitetura, das armas, dos jogos, das danças e dos narcóticos. Esse cultivo do senso estético requer tempo e esforço; portanto, ele tende a transformar sua vida de ócio num aprendizado mais ou menos árduo para uma vida correta de ócio ostensivo. [...]” (VEBLEN, 1983, 37)

“[...] No caso do ócio ou consumo de servos e dependentes, o acréscimo da respeitabilidade do senhor ou patrono se prende ao fato de residirem eles em sua vizinhança, sendo assim evidente para todos a origem das vantagens auferidas. Ao crescer o grupo, cuja estima o senhor corteja, tornam-se necessários meios mais patentes para demonstrar a quem cabe o mérito pelo ócio outorgado; surgem então os uniformes, as insígnias e as librés. [...] se podem dividir em nobres ou ignóbeis. [...]” (VEBLEN, 1983, 39)

“[...] Em seu melhor aspecto, o comportamento sacerdotal é distante, ocioso, perfuntório, não contaminado por sugestões de prazer sexual. [...] na vida sacerdotal dos vários cultos antropomórficos, são visíveis os indícios de um consumo vicário do tempo.

A mesma incisiva regra de lazer vicário está como uma norma a constranger eletivamente a forma e a continuação daquilo que é belo [...]” (VEBLEN, 1983, 60)

“[...] Ao passo que a comunidade avança em cultura e riqueza, a aptidão para o dispêndio é posta em evidência por meios que requerem progressivamente uma melhor discriminação do observador. Essa melhor discriminação entre os veículos de propaganda é com efeito um elemento da cultura pecuniária mais alta.” (VEBLEN, 1983, 85)

“A mesma incisiva regra de lazer vicário está visivelmente presente nos detalhes extremos das observâncias devotas e basta indicá-las para que se tornem evidentes a quantos a ela assistam. [...]” (VEBLEN, 1983, 58)

“[...] A superior satisfação que deriva do uso e da contemplação de produtos caros e considerados belos é comumente, em grande medida, uma satisfação do nosso sentido do seu preço observado que se mascara de

Veblen (1983) comenta, por exemplo, que os jogos e as criações de animais podem trazer uma posição de honra social. Os valores que os jogos apregoam para sua prática trazem elementos que atraem principalmente os membros da classe ociosa pela capacidade de emulação dos jogos. Os valores de competição, astúcia, necessidade de estratégia, esperteza, até falsidade e intimidação, são parecidos com os valores e formas próprios da guerra, relembrando um período histórico anterior em que a classe ociosa era guerreira e as atividades de competição eram tidas como honradas, valorizadas socialmente como superiores. Dentre os animais, aqueles que são utilizados de forma produtiva, não fornecem honra, não são objetivo da classe ociosa que prefere os animais que fornecem mais honra social porque não são produtivos, são animais tidos como belos, usados no esporte, em apostas ou na relação de carinho. Os animais dispendiosos são os preferidos pela classe ociosa pois demonstram a capacidade pecuniária e reforçam a honra social de seu dono. Veblen (1983) identifica as regras do dispêndio honorífico também nos artigos e vestes sacerdotais, bem como na forma como os cultos são feitos, o culto é mais honorífico quanto mais as vestes são suntuosas, ornamentadas e dificultam o próprio movimento, vestes dispendiosas, os artigos mais honoríficos quanto mais ornamentados, brilhantes e belos, a celebração mais honorifica quanto mais demorada, difícil e quanto mais os gestos forem lentos e demonstrarem dificuldade para serem feitos. Nas vestes sociais em geral encontra-se o dispêndio honorífico quando se valoriza as mais complicadas como símbolos de honra: as vestes de mulheres, por exemplo, são pesadas, cheias de camadas, por vezes limitam os movimentos, fornecem honra para quem as usa e para o homem que custeia a mulher. São honradas também na medida em que dificultosas demonstram a não necessidade de trabalhar por não permitirem movimentos ágeis. Dentre os produtos consumidos os mais honoríficos são os mais caros.

Ao analisar determinadas tribos americanas anteriores ao capitalismo, Veblen (1983) aponta que em seus rituais já haviam regras de superioridade honorífica. Encontravam-se nos rituais das tribos americanas formas de demonstrar e conseguir honra social. Analisado por Marcell Mauss (2009)⁷, o *Potlatch* é um exemplo dos rituais que buscam o consumo

beleza. [...] O requisito do desperdício conspícuo não está em geral presente, conscientemente, em nossas regras de gosto, mas está não menos presente como uma norma a constringer eletivamente a forma e a continuação daquilo que é belo [...]” (VEBLEN, 1983, 60)

⁷“O ‘potlatch’ é esta instituição, até aqui tida como especial do Noroeste americano, onde clãs e fratrias confrontados rivalizam entre si em despesas, mesmo em destruições de riqueza, e que regula toda a vida social, política, religiosa, estética, econômica dos Kwakiutl, Haida, Tlinkit, etc.

Faz parte do sistema ao qual propusemos dar o nome de “sistema de prestações totais”, que é normal em todas as sociedades à base de clãs. Pois a exogamia é uma troca de todas as mulheres dos clãs ligados por cognação. Os direitos, as coisas, os ritos religiosos e tudo, em geral, trocam-se entre os clãs e as diversas gerações dos diversos clãs. [...]” (MAUSS, 2009, 351)

conspícuo. O autor conclui que nos rituais de destruição, consumo ou troca de bens são criadas formas sociais de retribuição que não buscam atingir a igualdade, mas sim a troca desigual. Quem doa, consome ou destrói o faz para expressar poder superior em relação àquele com quem quer rivalizar e ao destruir/consumir busca se colocar em situação superior ao rival. Assim rituais como o *Potlatch* estão, em diversas culturas, na origem da formação de hierarquia social. Estes rituais de consumo de bens criam desde padrões de superioridade por honra até métodos de distribuição do poder político na escolha de chefes em determinadas tribos. Um exemplo do *Potlatch* encontra-se nas Ilhas Trobriand em que as que trabalham o ano todo e buscam acumular bens, numa determinada época do ano, reúnem-se em festins quando são destruídos os bens, buscando evidenciar a capacidade de destruir.

Nas tribos americanas o chefe provava sua superioridade e honra através do ócio e do consumo conspícuos, incluindo rituais semelhantes ao *Potlatch*. Retirava sua respeitabilidade pelo consumo e pela não necessidade de trabalhar, pelo seu ócio, afirmando sua distancia em relação ao trabalho industrial, produtivo. Mas o chefe tribal também mantinha esposas e criados, serviçais, à sua disposição, consumindo seus recursos como símbolo de honra e superioridade, se o senhor possui serviçais e esposas é porque possui recursos para que consumam.

Embora tenha o mérito de refletir sobre os distintos lugares sociais do ócio na sociedade, a análise Veblen (1983) apresenta limites, por um lado, ao analisar as classes de um ponto de vista funcionalista, na medida em que são definidas pela função na sociedade, por outro por sua perspectiva evolucionista das instituições, como se a mesma instituição evoluísse ao invés de ser recriada em condições sociais e históricas diferentes. O que importa no estudo de Veblen (1983) é seu pioneirismo ao refletir sobre as posições de honra, bem como por desenvolver uma análise das atividades das classes sociais considerando sua posição na hierarquia social de status e das diferentes atividades e formas de gastar tempo e recursos. Veblen (1983) também é o precursor do tema do lazer e das atividades de não trabalho, ao conceber as atividades ociosas honoríficas no mesmo sentido de lazer, relacionando-as com posições de honra social, ainda que o lazer na época de Veblen (1983)

“[...] Caracteriza-se por dois traços: o primeiro é que quase todas estas trocas, frequentemente muito complicadas, na realidade implicam uma multidão de prestações de todos os tipos e começam sob a forma de doações na aparência puramente graciosas de presentes, cujo beneficiário será obrigado a retribuir o equivalente com usura. Toda a transação tem um aspecto, suntuário, de verdadeiro esbanjamento. [...] É uma rivalidade constante que pode ir até o combate, à morte, à perda do nome e das armas. Em todo caso, é por este meio que se fixa a hierarquia das famílias e dos clãs. Esta forma completa do *potlatch* é bastante rara. Mas por toda parte, prestações totais que começam por dons graciosos cuja aceitação acarreta a obrigação de retribuir com os maiores dons, festins e serviços.” (MAUSS, 2009, 356)

significasse um tempo de atividade social para classes desobrigadas do trabalho industrial, diferente do lazer nos séculos XX e XXI.

Veblen (1983), todavia acabou chamando a atenção para a relação inversamente proporcional entre o tempo para o lazer e o trabalho, ou dito de outro modo entre a condição de proprietário e o monopólio do tempo livre (tempo de não trabalho) – questões que serão retomadas por Marx (s/d) e Dumazedier (1973). Pensemos então as categorias tempo de trabalho e tempo de lazer.

1.1.2 Tempo de trabalho e tempo de lazer como tempo do não-cotidiano:

“[...] De um lado, [o lazer] conseguiu [...] estabelecer-se com um caráter mais ativo, no seio da burguesia, conseguindo reservar uma parte maior às atividades físicas e sociais. Num outro setor, o lazer reservado anteriormente aos privilegiados passou a ser para todos os trabalhadores: primeiro, uma possibilidade; depois, uma reivindicação, e finalmente ‘uma necessidade real’. [...]” (DUMAZEDIER, 1973, 60)

A relação entre tempo de trabalho e tempo livre, nas análises de Marx (2008), é, em certo sentido, de oposição. Trabalho e tempo livre seriam dimensões vitais, todavia a forma histórica que o trabalho assumiu, desde a escravidão até o capitalismo, torna-o, além de dimensão central para análise dos modos de produção da vida social, atividade desgastante e alienante. Segundo Marx (2008), o trabalho é central para a organização da sociedade, ou seja, dependendo das relações de trabalho com as quais homens reais criam suas condições de vida (suas relações sociais). Nas sociedades onde predominava o trabalho escravo, o escravo era propriedade do senhor, recebia ordens, no entanto, ao produzir com seu trabalho não se separava dos meios de produção, pois não era dono de si mesmo. Na sociedade feudal o servo devia pagar o tributo, uma parte de sua produção, ao senhor feudal, mas o servo, ainda que produzisse na terra do nobre, produzia para si também e não estava separado dos meios de produção. A novidade na sociedade capitalista é a desapropriação dos produtores diretos de quaisquer formas de sobrevivência, restando aos trabalhadores apenas vender sua força de trabalho. A propriedade tipicamente capitalista separa os produtores dos meios de produção e de gestão da vida material, tornando-os assalariados. Ao realizar o trabalho durante determinada jornada, medida em horas, recebe um salário pago pelo capitalista que, por sua vez, torna-se o proprietário da mercadoria que o trabalhador produziu.

A alienação se dá em relação à atividade de trabalho. O trabalhador realiza apenas uma parte das atividades de produção e acaba estranhando, segundo Marx (2008), não se

reconhecendo como criador no objeto produzido⁸. No capitalismo, as relações sociais aparecem como relações mediadas pelas coisas, fetichizadas. A alienação se dá no tempo de trabalho e se espalha também para o tempo de não trabalho.

Maya (2008) afirma que a lógica da alienação do trabalho influi no tempo de trabalho e também no “tempo livre”, “tempo de não trabalho”, no tempo da produção e no tempo do consumo e da vivência.

Trabalho e tempo livre devem ser entendidos desde uma perspectiva histórica em que ambos são parte de um mesmo processo, regidos fundamentalmente pelas mesmas regras gerais. Essas regras são as do modo de produção capitalista, algo que podemos chamar *lógica da produção de mercadorias* e valem tanto para o tempo de trabalho como para o de não trabalho. [...] Se o trabalhador se aliena em sua atividade de trabalho, percebendo um mundo onde as relações humanas são reificadas, é lógico pensar que a alienação se estende também ao tempo livre, que também aí não é dono de si mesmo e que as atividades exercidas durante o tempo livre sob a influência da lógica da produção de mercadorias reproduzem, reforçam e legitimam as relações de trabalho capitalistas. (MAYA, 2008, 32 e 33)

Mas o que é tempo de trabalho, tempo de não trabalho e tempo livre no capitalismo?

A noção de trabalho surge, nas sociedades pré-capitalistas, significando sofrimento. Associou-se ao instrumento de tortura “tripalium”, formado por três estacas agudas, daí o nome, dedicado a causar sofrimento, no qual se amarrava a pessoa para sofrer, associando a atividade de trabalho à esforço e sofrimento. Contrapondo-se à ideia de trabalho, de sofrimento, de esforço, que está na origem do termo “tripalium”, surge a noção de “schola” do

⁸ “O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais baratas quanto mais mercadoria cria. Com a *valorização* do mundo das coisas aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisas, é a *objetivação* do trabalho. A efetivação do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como *desefetivação* do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão do objeto*, a apropriação como *estranhamento*, como *alienação*.” (MARX, 2008, 80)

“[...] só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber, e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal.” (MARX, 2008, 83)

3) do ser *genérico do homem*, tanto da natureza quanto da faculdade genérica espiritual dele, um ser *estranho* a ele, um *meio* da sua existência *individual*. Estranho do homem o seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência *humana*.

4) uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o *estranhamento do homem* pelo [próprio] *homem*. Quando o homem está a frente de si mesmo, defronta-se com ele *outro* homem. O que é produção da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem.” (MARX, 2008, 85)

“A *propriedade privada* resulta portanto, por análise, do conceito de *trabalho exteriorizado*, isto é, de *homem exteriorizado*, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem *estranhado*.” (MARX, 2008, 87)

latim (ou “skholé” no grego), noção que está na origem da atual instituição escolar destinada ao ensino. Ambas as expressões “schola” ou “skholé” trazem a noção de *tempo livre*, ao contrário da noção de sofrimento contida no termo “tripalium”. Estes sentidos nasceram quando o trabalho era visto de forma negativa, desqualificado e fonte de sofrimento.

Maya (2008) argumenta que o trabalho é definido como atividade racional do homem, na qual ele adapta a natureza para satisfazer suas necessidades, não tendo o trabalho um caráter estritamente utilitário e sendo realizado em relações sociais, produzindo um objeto concreto ou um objetivo imaterial. Por sua vez, retoma o debate sobre o termo dado ao “tempo livre” afirmando que o “tempo livre” é o mesmo que os sociólogos denominam “ócio” ou “lazer”, sendo “tempo de livre escolha do indivíduo”, tempo da “não obrigação”:

Assim, tempo livre significa aquele tempo de não trabalho em que não há uma atividade imposta desde fora ou auto-imposta, quando o indivíduo pode escolher livremente aquilo com que deseja ocupar-se (ou não ocupar-se). Ficam portanto excluídos da noção de tempo livre o período dedicado às tarefas domésticas (na maior parte dos casos obrigatórias, especialmente para as mulheres), bem como o tempo dedicado ao sono, alimentação e demais necessidade físicas. A chave para a compreensão do conceito de tempo livre é a ideia de não obrigatoriedade, não imposição de qualquer espécie, pressupondo que o indivíduo tenha ao menos *possibilidade* de escolher livremente. (MAYA, 2008, 34)

O tempo livre nas sociedades capitalistas é geralmente um tempo de compensação pelo sofrimento do trabalho ou reprodução da força de trabalho. A alienação domina de tal forma, segundo Maya (2008), que forma na sociedade capitalista uma ideologia liberal hegemônica em que o “não trabalho”, a fuga ou recusa do trabalho, é vista com demérito, como perda de tempo e de dinheiro. Mas tempo de consumo de lazer nas relações capitalistas não pode restabelecer a liberdade perdida na esfera produtiva, não há liberdade no tempo livre, pois tempo livre passa a ser um tempo de consumo de mercadorias produzidas pelo sistema, o lazer é também um tempo subsumido à lógica da alienação e às regras da produção capitalista, voltado para a troca de bens simbólicos a serem adquiridos.

No entanto, para Maya (2008), o capitalismo também está sujeito à luta dos trabalhadores pela resistência, ou seja, no tempo livre os trabalhadores também fazem do seu cotidiano um tempo de resistência à lógica capitalista da produção e do consumo, possibilita a luta pela manutenção das práticas de lazer e de vida do próprio trabalhador. Pode-se encontrar uma dimensão de resistência à lógica do mercado e da indústria cultural em manifestações populares, uma luta de reapropriação, apesar de inconsciente e desorganizada, uma busca por

retomar os sentidos da vida social, uma busca pela “desalienação”, uma luta pela retomada por um espaço de liberdade, como se observa nas festas populares e práticas informais, em geral ou no carnaval e no futebol.

Neste sentido, para Maya (2008), o ócio não seria o causador ou origem de males, “pai da preguiça e dos vícios”, como diz o ditado, mas um direito natural do homem que favorece sua liberdade e restabelece o sentido da vida.

Paul Lafargue (2003), no final do século XIX, já havia pensado o tempo de trabalho e o tempo livre, forjando uma visão alternativa fundamental no contexto de mobilizações de trabalhadores na Europa durante o século XIX, qual seja de luta pela redução da jornada de trabalho e de melhorias nas condições de trabalho. Sintetizada no panfleto político *O Direito à Preguiça*, de 1883, como uma tentativa de combater a propaganda dos capitalistas, as ideias de Lafargue (2003) constituem uma importante crítica ao trabalho e a defesa do lazer⁹.

Lafargue (2003) polemiza com as visões liberais, conservadores e até marxistas acerca do trabalho, denunciando a defesa e a “sacralização” do trabalho como um meio de alcançar determinada moralidade social. Lafargue (2003) propõe que o trabalho só pode ser uma atividade prazerosa se a jornada tiver limite máximo de três horas diárias. Todo tempo livre restante após as horas de trabalho seria então dedicado à ociosidade, à preguiça, ao amor, à fruição da arte e aos mais variados prazeres. Para Lafargue (2003) não importa apenas se o trabalho é alienado ou não, posto que o trabalho é em si penoso. Neste sentido, devem os trabalhadores, na busca da liberdade, limitar o trabalho ao máximo, de tal modo que o não trabalho, a preguiça, a dedicação às atividades prazerosas devem ser os objetivos da classe trabalhadora. Vale lembrar que esta análise de Lafargue (2003) foi questionada e abandonada pelos partidos e movimentos de esquerda, bem como seus intelectuais, mas é inspiração para pensar o lazer.

Em *Trabalho assalariado e capital*, Marx (s/d) afirma que o aumento da produção traz também melhores condições de vida para os trabalhadores. Com o aumento da produção pode ocorrer o aumento dos “prazeres” sociais dos trabalhadores e da sociedade em geral. O trabalho é uma mercadoria no capitalismo, o capital é investido como comprador de meios de produção, matéria prima e trabalho; o trabalho é trocado como mercadoria por um salário. O

⁹ Apesar de ter se tornado livro publicado *O direito à preguiça* foi escrito por Lafargue (2003) inicialmente com o objetivo de divulgar suas ideias, convencer os trabalhadores a lutar contra a obrigação do trabalho, portanto, *O direito à preguiça* era inicialmente um panfleto político, surgido no século XIX em meio à efervescência de movimentos sindicais de trabalhadores que reivindicavam condições de trabalho e até redução da jornada de trabalho, porém, a maioria dos trabalhadores procuravam se dedicar cada vez mais ao trabalho, com extensas jornadas de trabalho que comumente ultrapassavam doze horas diárias, enquanto a igreja cristã difundia um discurso de defesa e sacralização do trabalho.

preço da força de trabalho é o custo de produção, portanto, o salário tende a se equiparar ao mínimo que garanta a reprodução do trabalhador vivo. Na produção capitalista, baseada na relação capital-trabalho assalariado, devido ao crescimento da produtividade, o capital contrata mais trabalho aumentando a produção, gera mais riqueza social, acresce os prazeres da sociedade, e é capaz de gerar um tempo de não-trabalho.

Um aumento sensível do salário pressupõe um crescimento rápido do capital produtivo. O crescimento rápido do capital produtivo acarreta uma expansão igualmente rápida da riqueza, do luxo, das necessidades e dos prazeres sociais. Portanto, ainda que os prazeres do operário se vejam aumentados, a satisfação social que eles obtêm diminuiu em relação aos acrescidos prazeres do capitalista, inacessíveis ao operário, e em relação com o estágio de desenvolvimento da sociedade em geral. [...] Como sua natureza é social, sua natureza é relativa. (MARX, s/d, 73)¹⁰

A exploração não diminui no processo de crescimento do capital produtivo, todavia o trabalhador tem acesso proporcionalmente menor cada vez mais que o capital aumenta. Todas as classes têm acesso aos prazeres sociais, mas, apesar de crescentes, o acesso aos prazeres sociais é diferenciado por classe.

Cabe então entender: por que o lazer assume importância na sociedade capitalista? Quais forças e mudanças sociais trouxeram o lazer para a “luz do dia”, para a “agenda do dia” das necessidades humanas e sociais?

No capítulo “A Jornada de trabalho” de *O capital*, Marx discute a luta dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho. Embora não fale precisamente de lazer, a luta pela redução da jornada remete à questão do tempo livre.

[...] O capitalista afirma seu direito como comprador quando procura prolongar o mais possível a jornada de trabalho e transformar, sempre que possível, um dia de trabalho em dois. Por outro lado, a natureza específica da mercadoria vendida impõe um limite ao consumo pelo comprador, e o trabalhador afirma seu direito, como vendedor, quando quer limitar a jornada de trabalho a determinada magnitude normal. Ocorre assim uma antinomia, direito contra direito, ambos baseados na lei da troca de mercadorias. Entre direitos iguais e opostos, decide a força. Assim, a regulamentação da jornada de trabalho se apresenta, na história da produção capitalista, como luta pela

¹⁰ Devido à noção da palavra “prazeres” que não é exatamente “lazer” reproduzimos uma versão em inglês: “[An appreciable rise in wages presupposes a rapid growth of productive capital. Rapid growth of productive capital calls forth just as rapid a growth of wealth, of luxury, of social needs and social pleasures. Therefore, although the pleasures of the labourer have increased, the social gratification which they afford has fallen in comparison with the increased pleasures of the capitalist, which are inaccessible to the worker, in comparison with the stage of development of society in general. Our wants and pleasures have their origin in society; we therefore measure them in relation to society; we do not measure them in relation to the objects which serve for their gratification. Since they are of a social nature, they are of a relative nature.]” <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1847/wage-labour/ch06.htm>

limitação da jornada de trabalho, um embate que se trava entre a classe capitalista e a classe trabalhadora. (MARX, 2006, 273)

Nasce assim a disputa pela jornada de trabalho. O capitalista consome a força de trabalho na forma de uma jornada de trabalho, na forma das horas trabalhadas, “[...] *O tempo em que o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou. [...]*” (MARX, 2006, 271), é interesse do capitalista prolongar a jornada de trabalho, seja do dia como um todo seja tomando tempos de alimentação e descanso do trabalhador durante o trabalho. Por sua vez, os trabalhadores lutam contra o capitalista tentando reduzir a jornada de trabalho, uma luta por melhores condições de trabalho e vida.

Marx (2006) narra a luta pela jornada de trabalho na Inglaterra durante o século XIX, a luta pela lei fabril, a lei vigente desde 1833 que regulava o trabalho permitia a jornada de trabalho de 15 horas, com 1 hora e meia de refeição, proibindo o trabalho de menores de 9 anos e limitando o trabalho de jovens de 13 a 18 anos para 12 horas. Desde 1833 surgiram lutas de trabalhadores, protestos, que levaram em 1844 a lei fabril a proteger as mulheres acima de 18 anos limitando a jornada a 12 horas e proibindo o trabalho noturno. As leis que limitam a jornada de trabalho são fruto das lutas de classes entre trabalhadores e capitalistas.

Em 1848 o movimento cartista forçou o Estado a estabelecer a jornada de 10 horas. Em 1860 a lei em vigor limitou a jornada em 10 horas e meia para a semana e 8 horas para o sábado. Outras leis que regulavam o limite da jornada de trabalho apareceram em vários ramos da indústria da Inglaterra, como a “Lei sobre a falsificação de alimentos e bebidas” de 1860 que limitava as horas de trabalho, mas as fiscalizações eram insuficientes e a vista grossa dos fiscalizadores também era comum, os trabalhadores de pães continuavam com jornadas extensas.

A situação faz explodir protestos pela redução da jornada de trabalho por várias partes da Inglaterra¹¹. Os protestos encontram sempre a oposição do capital e o Estado (na figura dos legisladores e nas Comissões de avaliação da lei) como “força”, ou seja como garantidor da reprodução da relação entre capital e trabalho.

¹¹ “Nos anos de 1858 e 1860, os empregados de padaria na Irlanda organizaram, à própria custa, comícios contra o trabalho noturno e aos domingos. [...] Com esse movimento, conseguiu-se realmente estabelecer que só haveria trabalho diurno em Wexford, Kilkenny, Clonmel, Waterford, etc. [...] A Comissão do governo inglês, armado até os dentes na Irlanda, protesta em tom suave e funéreo contra os implacáveis donos das padarias de Dublin, Limerick, Cork, etc.” (MARX, 2006, 292)
“Deixemos a Irlanda. Do outro lado do canal, na Escócia, o trabalhador agrícola, o homem do arado, protesta contra sua jornada de 13 a 14 horas, no clima mais rigoroso, com trabalho adicional de 4 horas aos domingos [...]” (MARX, 2006, 293)

As lutas dos trabalhadores de 1833 a 1864 geraram conquistas e o parlamento foi cedendo aos poucos, disciplinando o capital, impondo limites à exploração da força de trabalho por meio das leis fabris, instituindo-se assim a lei da jornada normal de trabalho. Todavia, os patrões pressionaram por modificações na lei, enquanto o movimento operário pressionava pela redução do trabalho das crianças visando sua educação. Os capitalistas responderam criando turmas de trabalhadores em um esquema de rotatividade tão complicado que ficava difícil para os inspetores analisar as horas de trabalho, a pressão de protestos de trabalhadores fez com que constasse na nova lei de 1844 artigos que previam contar o tempo por turno, encerrando o turno de todos na mesma hora independente do início do trabalho de cada um. Os cartistas foram vitoriosos pela lei das 10 horas em 1848, no entanto, os capitalistas responderam com redução salarial geral, primeiro 10%, depois 8% e então, somando o total de 25%, começaram a demitir mulheres e crianças e a elevar a jornada do homem adulto a 15 horas, também restabelecendo o trabalho noturno e o sistema de turnos múltiplos, derrotando os inspetores e pressionando os ministros de Estado. Cada trabalhador fazia jornadas curtas e foi criado um sistema de revezamento em que turnos variados eram permeados por horas de ociosidade forçada. Os trabalhadores se revoltaram então de forma mais agressiva que nos protestos anteriores, em comícios políticos, afirmando que a “lei das 10 horas era uma enganação”, conseguindo um acordo que pôs fim ao sistema de turnos múltiplos: de acordo com a lei de 1850, a jornada semanal foi aumentada a 10 horas e meia e aos sábados reduzida a 7 horas e meia, no período de 6 da manhã a 6 da noite, colocando fim ao sistema de turnos¹².

O capital vê na força de trabalho apenas um ser com as funções de produção e busca transformar a vida da força de trabalho apenas em tempo de produção. Ao tolher, ao máximo possível, o tempo de descanso tolhe também o tempo fora do trabalho, o “tempo de não trabalho”, o “tempo livre” do trabalhador. Ao limitar toda a sua existência, tolhe a vida social dos trabalhadores, prejudica também sua saúde, além de afetar seu desenvolvimento pessoal, educacional e, por que não, afetivo. O capital busca elevar ao máximo possível a jornada de

¹² “[...] Contudo, venceu o princípio de regulamentar o trabalho, ao triunfar nos grandes ramos industriais que são a criação mais genuína do modo moderno de produção. Seu desenvolvimento maravilhoso de 1853 a 1860, paralelamente com o renascimento físico e moral dos trabalhadores, evidenciava-se até aos mais míopes. Os próprios fabricantes, aos quais foram arrancados, palmo a palmo, no curso de uma guerra civil de meio século, os limites e as regras da jornada de trabalho, apontavam orgulhosos para o contraste existente entre os seus setores e aqueles onde era “livre” a exploração. [...]” (MARX, 2006, 339)

trabalho deixando apenas o tempo mínimo para restabelecer a energia suficiente para o retorno ao trabalho¹³.

O foco da luta pela regulamentação da jornada de trabalho foi, portanto o tempo de descanso e o tempo para a vida social e “espiritual”. O trabalhador responde com greves, pede tempo de descanso, reivindica um limite à exploração de sua força de trabalho. Segundo Marx “[...] *O capital não tem, por isso, a menor consideração com a saúde e com a vida do trabalhador, a não ser quando a sociedade compele a respeitá-las. [...]*” (MARX, 2006, 312). Assim, “[...] *O estabelecimento de uma jornada normal de trabalho é o resultado de uma luta multissecular entre capitalista e o trabalhador. [...]*” (MARX, 2006, 312), tempo que o trabalhador arranca e obriga o Estado a refrear o impulso capitalista de explorar a força de trabalho. Marx (2006)¹⁴, citando o Congresso Internacional dos Trabalhadores em Genebra, afirma que a jornada diária desejável de trabalho de 8 horas era condição básica para qualquer processo de emancipação ou conquista.

As lutas pela redução da jornada de trabalho se prolongam até o século XXI. Iniciadas na Inglaterra se espalharam pela França, EUA, posteriormente para os demais países de capitalismo desenvolvido¹⁵. Segundo Navarro (2006) na França e na Itália a redução data de desde 1930, abaixo de 2000h/ano. A França foi o primeiro país a adotar jornada de 8 horas e nos EUA a redução da jornada de trabalho se deu no *New Deal*. Entre 1950 e 1970, a redução da jornada de trabalho se ampliou para países da Europa Ocidental, como Alemanha, Holanda e Bélgica, que foram aprofundando seu ordenamento nas políticas de *welfare state* com a ampliação de repouso semanal, períodos maiores de licença maternidade e doença, aumento do período de férias e diminuição dos anos trabalhados durante a vida.

¹³ “[...] Não tem qualquer sentido o tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para preencher funções sociais, para o convívio social, para o livre exercício das forças físicas e espirituais, para o descanso dominical, mesmo no país dos santificadores do domingo. Mas, em seu impulso cego, desmedido, em sua voracidade por trabalho excedente, viola o capital os limites extremos, físicos e morais, da jornada de trabalho. Usurpa o tempo que deve pertencer ao crescimento, ao desenvolvimento e à saúde do corpo. [...]” (MARX, 2006, 306)

[...] O sono normal necessário para restaurar, renovar e refazer as forças físicas reduz o capitalista a tantas horas de torpor estritamente necessárias para reanimar um organismo absolutamente esgotado. Não é a conservação normal da força de trabalho que determina o limite da jornada de trabalho; ao contrário, é o maior dispêndio possível diário da força de trabalho, por mais prejudicial, violento e doloroso que seja, que determina o limite do tempo de descanso do trabalho. [...]” (MARX, 2006, 307)

¹⁴ Ver Marx (2006) p. 345.

¹⁵ “A diminuição da jornada de trabalho, ao longo da história da produção capitalista, está associada às modificações no processo produtivo que possibilitaram o aumento da produtividade e às distintas conjunturas políticas e econômicas vivenciadas pelos diferentes países assim como ao grau de organização dos trabalhadores.” (NAVARRO, 2006, 62)

Tabela 1 – Número anual de horas trabalhadas em anos selecionados no período de 1870 a 1979.

País/Ano	1870	1938	1970	1979
França	2945	1848	1888	1727
EUA	2964	2062	1707	1607
Alemanha	2941	2316	1907	1719
Suécia	2945	2204	1660	1451

Fonte: Dawkins e Michon (1994), apud Silva, et AL. [s. d. p.]. NAVARRO (2006, 63)

Nos países de desenvolvimento tardio e subordinado como os países da América Latina, incluindo o Brasil, houve redução da jornada de trabalho, mas há muitas categorias que trabalham mais que as 44 horas garantidas pela constituição de 1988, no mercado informal, por vezes à noite, fins de semana e feriados. Na pesquisa do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) pode-se observar os dados atualizados de jornada de trabalho de alguns países de 1979 a 2002:

Tabela 2 – Média das horas anuais efetivamente trabalhadas por pessoas empregadas em países selecionados – 1979-2002.

Países	1979	1983	1990	1998	1999	2000	2001	2002
Alemanha	1.708	1.674	1.561	1.465	1.456	1.443	1.433	1.428
Austrália	1.904	1.853	1.866	1.856	1.860	1.855	1.837	1.824
Bélgica	-	1.684	1.677	1.609	1.553	1.530	1.547	1.559
Canadá	1.832	1.780	1.788	1.799	1.806	1.807	1.790	1.778
Coréia	-	2.734	2.514	2.390	2.497	2.474	2.447	2.410
Dinamarca	-	-	1.491	1.511	1.539	1.504	1.516	1.499
Espanha	2.022	1.912	1.824	1.834	1.816	1.814	1.816	1.807
EUA	1.838	1.824	1.837	1.850	1.847	1.834	1.821	1.815
Finlândia	-	1.809	1.763	1.761	1.765	1.721	1.694	1.686
França	1.806	1.712	1.657	1.603	1.596	1.587	1.564	1.545
Grécia	-	1.990	1.919	1.925	1.943	1.924	1.933	1.934
Holanda	-	-	1.437	1.366	1.348	1.371	1.327	1.340
Irlanda	-	1.910	1.920	1.721	1.692	1.690	1.677	1.668
Itália	1.717	1.694	1.675	1.639	1.634	1.631	1.620	1.619
Japão	2.126	2.095	2.031	1.842	1.810	1.821	1.809	-
Noruega	1.514	1.485	1.432	1.400	1.398	1.380	1.360	1.342
N.Zelândia	-	-	1.820	1.825	1.842	1.817	1.817	1.816
R. Unido	1.815	1.713	1.767	1.731	1.719	1.708	1.711	1.707
Suécia	1.517	1.520	1.549	1.638	1.647	1.625	1.602	1.581
Suíça	-	-	-	1.589	1.597	1.568	1.541	-

Fonte: DIEESE (2007, 36)

Ao observar a tabela de dados da jornada de trabalho dos países desenvolvidos comparando o ano de 1979 e o ano de 2002 constata-se que a jornada continuou reduzindo no período referido. Na Europa até 1970 havia uma situação de pleno emprego e a luta pela redução da jornada de trabalho estava no centro por melhorias de trabalho e vida. Segundo

Navarro (2006), a partir de 1980 a conjuntura política e econômica mundial muda com os processos das políticas do neoliberalismo, aumentando o desemprego, subemprego e flexibilizando a legislação trabalhista, originando a crise do sindicalismo nos países desenvolvidos, queda no número de greves, o aumento do exército industrial de reserva e o aumento da jornada de trabalho em diferentes localidades, que comprometem o “tempo livre do trabalhador”. Na França, depois de um período de debates em 2000, a jornada passou de 39 a 35 horas, redução de 10%, redução que poderia criar 700 mil empregos, segundo o governo francês. Vejamos brevemente como isto acontece no Brasil.

Camargo (1999) afirma que a luta sindical pela redução da jornada de trabalho sempre esteve relacionada ao direito de descanso. Em 1891 no mundo todo a reivindicação pela redução da jornada aparece como questão importante. No Brasil desde 1892, a redução da jornada de trabalho foi motivo de greves, tais como as greves ocorridas em 1901-1906, tendo continuidade por todo o período Vargas. No período entre 1978 a 1985, foram deflagradas greves pela jornada diária de 8 horas e 40 horas semanais.

Na atualidade, argumenta Navarro (2006), observa-se a tendência ao prolongamento da jornada de trabalho que volta a crescer em países como França, Alemanha e Reino Unido¹⁶. Se o capital consome a força de trabalho para a produção, ao prolongar ou intensificar a jornada de trabalho, ele a consome mais rapidamente encurtando o tempo de vida do trabalhador (MARX, 2008), mas como encontra resistência nas lutas operárias pela redução da jornada, o capital então investe em novas tecnologias para extração de mais-valia, o tempo de “não trabalho” não assume uma lógica de tempo “verdadeiramente livre”, mas cada vez mais regido pela lógica do trabalho, pelo capital em função de circulação e distribuição, prejudica a saúde do trabalhador (NAVARRO, 2006).

Pode-se então levantar as seguintes questões:

O lazer, as reivindicações por mais tempo de lazer, na sociedade capitalista, são uma forma de lutar pelo “tempo de consumo da força de trabalho”?

A luta sindical pelo salário é a luta pelo preço da força de trabalho e a luta pela redução da jornada de trabalho é a luta pela redução da intensidade do consumo produtivo da força de trabalho?

A partir de Marx (2008) e Navarro (2006) desenvolve-se uma análise original, segundo a qual o lazer seria o resultado de uma luta de classes entre capital e trabalho pelo consumo ou conservação da força de trabalho. A força de trabalho possui uma existência,

¹⁶ Navarro (2006) toma os dados de uma reportagem: “Europa agora aumenta jornada de trabalho”. *Folha de S. Paulo*, 8/7/2004, (APUD, NAVARRO, 2006, 66)

quanto mais consumida menos tempo dura, é tempo de vida do trabalhador, interessa ao capital utilizá-la ao máximo e ao trabalhador conservá-la ao máximo. Neste sentido o lazer é fruto da luta de classes pela intensidade do consumo da força de trabalho.

Marx (2006) propõe uma noção de tempo de trabalho versus tempo livre, ou “tempo de não trabalho”; defende a necessidade histórica da redução da jornada de trabalho para garantir mais tempo para demais atividades de vida. Todavia, a demanda pela redução da jornada de trabalho, por tempo livre, corresponderia ao lazer?

As jornadas extensas do início do capitalismo criaram no trabalhador, de forma constante na história da luta sindical, disposições de luta pela redução da jornada de trabalho que, segundo Dumazedier (1973) visa recuperar as energias físicas e conseguir bem estar, a via para realizar este intuito foi o lazer. A bandeira de luta dos trabalhadores, mesmo antes da formação de sindicatos, é o tempo de descanso. Esta bandeira continua atual na sociedade do século XXI e assumiu ao longo do tempo conteúdos distintos.

A diminuição da duração do trabalho iria desenvolver, aos poucos, na classe operária, uma aspiração pelo lazer, mais ampla e também mais profunda. Em 1891, as reivindicações operárias conseguiram a votação de uma lei limitando em onze horas a duração cotidiana do trabalho de mulheres e crianças. [...] (DUMAZEDIER, 1973, 57)

Dumazedier (1973) aponta uma das tendências sobre a definição de lazer utilizada nesta pesquisa, ele analisa o *conteúdo do lazer – o que é – e o tempo de lazer* e defende que há necessidade de um tempo de repouso para a recuperação da força de trabalho. Este autor identifica o surgimento do lazer com a sociedade moderna capitalista pela diferença do tempo da jornada de trabalho e do ritmo da execução do trabalho. Nesta sociedade, a classe trabalhadora reivindica o lazer, que passaria a fazer parte de todas as esferas da vida social.

O tempo de não-trabalho na sociedade pré-capitalista, segundo Dumazedier (1980), estava impregnado das estruturas tradicionais da religião, da família e dos valores tradicionais:

Nessa sociedade pré-industrial, o lazer não existe. É o trabalho que se inscreve nos ciclos naturais das estações e dos dias; seu ritmo natural confunde-se com o ritmo solar do amanhecer ao anoitecer, cortado de quando em quando por pausas para repouso cantos, jogos, cerimônias, a que não se pode chamar lazer. Durante os longos meses de inverno, o trabalho intenso desaparece para dar lugar a uma semi-atividade, durante a qual a luta pela vida se torna muito difícil. Tal inatividade não apresenta, evidentemente, as propriedades do lazer moderno. Os ciclos naturais são marcados por uma sucessão de domingos e festas: o domingo pertence ao

culto, as festa, pela oportunidade que oferecem de despendere intensamente a energia e os alimentos, constituem o inverso ou a negação da vida cotidiana, e são indissociáveis das cerimônias – em geral, dependem do culto e não do lazer. Assim, ainda que as civilizações tradicionais da Europa hajam conhecido mais de cento e cinquenta dias por ano sem trabalho, parece-nos impossível aplicar o conceito de lazer, em sua análise. Nas sociedades pré-industriais da época atual, encontram-se inúmeros trabalhadores, a quem o desenvolvimento tecnológico priva de empregos ou condena a empregos de tempo liberado, e muito menos de lazer, mas de tempo desocupado. [...] (DUMAZEDIER, 1980, 49)

Na sociedade tradicional os dias de lazer, as horas de lazer, o tempo e até atividades de lazer estão ligadas às festas religiosas, tradições familiares, rituais sociais aceitos e desfrutados de forma coletiva com toda a comunidade¹⁷. O lazer na sociedade tradicional não é um direito, nem é utilizado de acordo com o princípio dos direitos individuais e sociais, está submetido à lógica da dominação tradicional, da religião, o tempo liberado se dá a partir do tempo formatado pela igreja católica como instituição dominante.

Não se pode afirmar a sociedade tradicional não apresente uma relação socialmente regulada de tempo livre, ou seja, que não havia lazer, mas pode se dizer que a forma como o lazer se apresenta na sociedade tradicional é diferente da forma como o lazer se apresenta na sociedade moderna capitalista em que o tempo de lazer e as atividades de lazer estão ligadas à liberdade de escolha do indivíduo em suas possibilidades e não tendo como meio de acesso estruturas tradicionais da família e da religião (Dumazedier, 1980).

Para Dumazedier (1973) a forma da jornada e da atividade de trabalho se diferencia na sociedade tradicional e na sociedade capitalista, assim possuem formas diferentes de lazer. Na sociedade pré-capitalista o trabalho durava desde o nascer do dia até o pôr do sol. O trabalho era permeado de tempos mortos ou tempos de emulação. Após este período diurno de trabalho o tempo restante era destinado ao repouso.

No entanto, se na sociedade moderna o ritmo industrial elimina os tempos mortos no trabalho, ele também cria um tempo de não trabalho. Para Dumazedier (1973) este tempo de não trabalho criado pela sociedade moderna industrial é o lazer. Com a formação das cidades e o desenvolvimento do capitalismo, surge um tempo artificial que foi criado a partir do trabalho industrial, caracterizado como repetitivo, intenso e com jornada de trabalho extensa,

¹⁷“Em todas as sociedades do período arcaico, o trabalho e o jogo estão integrados nas festas, através das quais o homem participa do mundo de seus ancestrais. Essas duas atividades, ainda que distintas, por seus fins práticos, têm significados a mesma natureza, na vida essencial da comunidade. A festa engloba o trabalho e o jogo. Frequentemente, trabalho e jogo se misturam e uma oposição é irrelevante e até inexistentes. O lazer é um conceito que não se coaduna com o período arcaico, e nem com o período pré-industrial.” (DUMAZEDIER, 1980, 48)

como já se observou na análise histórica de Marx (2006) sobre a jornada de trabalho. O trabalho industrial visa aumentar os ganhos de benefício de vida material na cidade, mas é fruto da lógica capitalista de produção, produção num ritmo de trabalho extenso e intenso, contraposto ao trabalho no campo, realizado em proximidade com a família, com a natureza, repleto de tempos de descanso. O trabalho industrial, em contraste com o tempo de trabalho da sociedade tradicional que possui até um caráter lúdico, é intenso, artificial e cronometrado.

Segundo Dumazedier (1973), o tempo livre era, no início da industrialização, quase inteiramente utilizado no repouso, mas com o desenvolvimento técnico outras atividades puderam ser realizadas no tempo de não trabalho, dentre as atividades destacam-se principalmente o tempo gasto com a família e com a militância política.

Mas o que é lazer? Como se dá a relação do tempo de lazer em sua forma específica na sociedade moderna capitalista? Poderíamos pensar que a recuperação da energia despendida no trabalho não seja apenas através do repouso, ou seja, do sono? Será que é necessário um tempo de interação social, tempo de “não trabalho” além do tempo do repouso para recuperar energia física? Podemos pensar o lazer como recuperação de energia e interação social?¹⁸

Para Dumazedier (1973) o lazer assume importância social, não devendo ser entendido apenas em contraposição ao trabalho, ao tempo de trabalho, mas nas relações que se criam no lazer, o tempo de lazer é um tempo social e depende do valor que os agentes em sociedade atribuem ao lazer, afinal o lazer é também tempo em que se criam relações sociais.

[...] o lazer é definido, nos dias de hoje sobretudo, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. Dever-se-á, ainda, salientar que ele só é praticado e compreendido pelas pessoas que o praticam dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros. O lazer não tem qualquer significado em si mesmo. [...] (DUMAZEDIER, 1973, 31 e 32)

¹⁸Ao refletir sobre a relação entre lazer e trabalho, muitos pesquisadores definiram o tempo de lazer em oposição ao tempo de trabalho, ou seja, o lazer constitui todas atividades menos o trabalho (MAYA, 2010). Por sua vez, outros pesquisadores, buscaram explicar o lazer como “tempo depois das obrigações” (RIBEIRO JÚNIOR, 1986). Ambas as definições nos parecem insuficientes. Por que? Se pensarmos o lazer como “tempo de não-trabalho” desconsidera-se que o tempo de não trabalho também implica obrigações com família, religião e política, por exemplo. Família, religião e política não seriam atividades igualmente extenuantes e, portanto, diferentes do lazer? Na lógica da produção capitalista, em termos de trabalho alienado, produção alienada, o trabalho é dispêndio de energia, tem caráter produtivo então é um tempo onde o trabalhador está submetido à lógica da produção. A produção é o consumo da força de trabalho, é o consumo da força vital do trabalhador, é o dispêndio de energia física em um tempo determinado, tempo de trabalho. As energias dispendidas no trabalho não são apenas físicas no sentido fisiológico, mas físicas no sentido de todos os processos fisiológicos e psicológicos do trabalhador. (MARX, 2006)

Assim, Dumazedier (1973) rejeita a noção de lazer a partir do tempo depois do trabalho profissional (remunerado). O lazer também não pode ser confundido com tempo desocupado, portanto, o desemprego não pode ser identificado ao lazer, pois o tempo desocupado é o tempo sem trabalho, um tempo de espera, que não é caracterizado pela produtividade de um sistema econômico em forma de liberação de tempo. Dumazedier (1980) encara o tempo do desempregado como um tempo deixado pela produção, assim em desacordo com o equilíbrio da relação tempo de trabalho/tempo de lazer.

Para Dumazedier (1973) o tempo do lazer deve ser entendido como um tempo contraposto ao tempo “cotidiano”. O *tempo cotidiano envolve as seguintes atividades*: 1) trabalho profissional; 2) trabalho suplementar; 3) trabalhos domésticos; 4) atividades de manutenção, como comer ou ir ao banheiro; 5) atividades rituais, familiares, sociais ou espirituais; 6) atividades de estudos. “[...] *Essas definições podem ser agrupadas em três categorias, segundo seu sentido: ‘as tarefas habituais, monótonas e repetidas’; as ‘preocupações’; as ‘necessidades e obrigações.’ [...]*” (DUMAZEDIER, 1973; 31).

O tempo cotidiano é um tempo de obrigações sociais e necessidades. Excedido este tempo com as atividades de obrigações cotidianas, o que sobra é denominado de *tempo do não-cotidiano*, que seria, este sim, o lazer para Dumazedier (1973). Pelo caráter de não-cotidiano, as atividades de lazer “[...] *correspondem a três funções: a) de descanso; b) de divertimento, recreação e entretenimento; c) de desenvolvimento.*” (DUMAZEDIER, 1973; 32). Todas as funções podem ou não coexistir e se suceder nas atividades de lazer em graus variados.

A função de descanso cumpre o papel de recuperar a energia despendida pelo indivíduo, depende tanto do tempo destinado ao lazer quanto à sua qualidade e conteúdo. É responsável por recuperar as energias perdidas na fadiga diária. Quanto maior a fadiga maior a necessidade de descanso, ligada ao repouso, silêncio, ambiente tranquilo e arejado, também ligado à realização de ocupações sem objetivos úteis. A função divertimento cumpre função de fuga da vida cotidiana, a fadiga que o trabalhador sente advinda das tarefas repetitivas do trabalho e das obrigações, tarefas monótonas e tediosas - recuperar-se do tédio pela criação imaginária na fuga ligada à mudança de lugar e estilo (viagens, jogos e esportes) ou atividades fictícias (cinema, teatro, leitura de literatura, etc.). O lazer seria uma forma eficaz de equilíbrio da vida, equilíbrio entre atividade fatigante e atividade de recuperação da fadiga, como forma de suportar a disciplina e a coerção da vida cotidiana, por vezes permitindo, inclusive, transgressão de regras morais.

A função desenvolvimento é uma forma alternativa de inserção na realidade social, participação de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão e a inserção em grupos culturais, uma participação social mais livre que as demais participações que requerem maior obrigação, além de solidificar habilidades, como aquelas desenvolvidas na escola. É a função desenvolvimento que permite a criatividade, portanto, é central na inovação social e cultural, uma vez que possibilita o aprendizado a partir do próprio interesse do indivíduo, aquilo que o indivíduo busca fazer e aprender.

[...] essas funções acham-se presentes, em graus variados, em todas as situações e em relação a todos os indivíduos; podem suceder-se ou coexistir; manifestar-se uma de cada vez ou simultaneamente na mesma situação de lazer. [...] O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973; 34)

Dumazedier (1973) ressalta que as atividades manuais, muitas vezes ligadas ao contato com a terra, com o trabalho manual, que remeteria à uma origem rural das famílias, formam os semi-lazeres, os quais, mesmo compostos por atividades de trabalho, supõem uma possibilidade maior de escolha do trabalhador no seu tempo de “não-cotidiano”. Trata-se de atividades de tricô, artesanato, manutenção de pequenas coisas em casa (bricolagem), atividades de estudo, formação e informação, como a leitura de jornais, telejornais, conversas de amigos e familiares. São chamadas de atividades de *semilazer* porque são produtivas, requerem dispêndio de energia física, dispêndio de tempo, mas são atividades que surgem com o tempo liberado do trabalho e dão origem a um novo grupo de atividades tanto utilitárias, como o trabalho, atividades ligadas às obrigações, quanto desinteressadas, como o lazer, ligadas ao prazer. O duplo caráter de utilitárias e desinteressadas coloca tais atividades na condição de semilazeres.

Dumazedier (1973) estabelece a relação entre trabalho, lazer e família. Segundo o autor, o lazer exerce influência sobre o trabalho. Por um lado, a atividade de trabalho é a atividade de produção na lógica capitalista, uma lógica industrial, onde a produção se realiza pelos movimentos característicos e necessários à linha de produção fordista, onde a máquina dita o ritmo e o movimento do trabalhador, as atividades do trabalhador são, nesta produção, sempre atividades de obrigação, são sempre movimentos repetitivos, há a hierarquia do patrão e da gerência, o despotismo de fábrica. Não há, portanto, autonomia para o trabalhador. Por

outro, para Dumazedier (1973), as atividades no tempo de lazer promovem tempos mais variados, as atividades não são repetitivas. O menor despotismo das atividades no tempo de lazer permite tempos e paradas que não são possíveis em função do ritmo da produção. Além disso não há uma hierarquia direta como há na produção com patrão ou gerentes. As relações no tempo de lazer seriam mais horizontais sem a hierarquia do trabalho.

No entanto, o tempo de trabalho pode ser também permeado de aspectos que carreguem sentidos menos ritmados, transformando o tempo de trabalho em um tempo de menor pressão. É o caso da música laboral – a música reproduzida para os trabalhadores durante a jornada de trabalho –, que, sendo uma reivindicação dos trabalhadores, foi introduzida para criar um ambiente mais prazeroso para o trabalho. Mesmo com os recursos que introduzem elementos de prazer/descanso no trabalho, o lazer nas empresas tem sido cada vez mais subsumido à lógica da produtividade: música laboral, tempos de lanches, atividades sociais e esportivas das empresas, voltados para o aumento da produtividade. Neste sentido pode-se falar de necessidades e reivindicações de um *ambiente de lazer*, que atinge a casa, o trabalho e, porque não, até mesmo os clubes.

O lazer poderia também, na visão de Dumazedier (1980), ser um elemento de equilíbrio na realização do trabalho, “*O lazer se caracteriza por uma flexibilidade fundamental, que pode levar a transformar certas situações de trabalho, conservadoras em demasia, e promover um aprimoramento do desempenho individual. [...]*” (DUMAZEDIER 1980, 19). Um ambiente de lazer mais completo garantiria melhor descanso.

Mas ainda há o perigo do lazer ser um fator de desequilíbrio, criando um desinteresse nas atividades de trabalho, uma busca pela ociosidade ou um desinteresse pelas atividades sociais e culturais, um abandono da família¹⁹. “*O lazer poderá ser um fator de real desenvolvimento individual e social do trabalhador, mas também constituir uma fonte de adaptações e inaptações à vida da empresa e do sindicato.*” (DUMAZEDIER, 1973, 107). O lazer pode, então, contribuir para diminuir a monotonia do trabalho e promover melhor adaptação à jornada de trabalho, em outras palavras Dumazedier (1980) possui uma perspectiva de lazer como equilíbrio ao sistema de produção.

¹⁹ “[...] mostrar que há uma patologia do lazer, que faz com que os valores, do lazer se transformem em valores de ociosidade, não de lazer. Parece-me que desse ponto de vista, a política de lazer do SESC deveria combater essa concepção do lazer como sendo uma negação do trabalho, encontrada tanto nos meios que destacam a chamada cultura da pobreza, como também a chamada contracultura de determinados meios intelectuais. [...] Um lema para essa afirmação seria: o lazer nega a ociosidade, é um complemento do trabalho. O lazer supõe o trabalho e a ociosidade o nega.” (DUMAZEDIER, 1980, 17)

A relação do lazer com a família é pensada, por Dumazedier (1973), em função das obrigações domésticas de contato com a família, bem como dos meios que melhoram o trabalho na família, o trabalho doméstico. Na medida em que a mãe de família é quem mais realiza o trabalho doméstico e que mais gasta tempo com os filhos, ela seria potencialmente a maior interessada em aumentar seu tempo de lazer.

Todavia, o lazer entrou na família através da melhoria dos meios domésticos, dos aparelhos eletro-eletrônicos, dos meios de comunicação como TV e rádio, da melhoria das moradias e das oportunidades de ter o lazer em família, em casa, ou até viajar em família nas férias. O tempo de trabalho doméstico, liberado em função das mudanças tecnológicas acima mencionadas, afetou mais a mulher que acabou ganhando mais tempo livre.²⁰ Ademais, a redução do tempo de trabalho doméstico também resultou da capacidade de racionalizar a forma de fazer o trabalho. A mulher, que realizava o trabalho doméstico também conseguiu racionalizar o trabalho, fazendo-o de forma mais rápida e organizada, ganhando tempo de lazer ao diminuir sua jornada de trabalho na reprodução da vida e do lar.

O trabalho doméstico possui, então, um conteúdo de “semi-lazer”, na medida em que possibilita tempos mortos, possibilidade de descanso entre as atividades, podendo ser realizado entre outras atividades de lazer, como ver TV, descansar, dormir, assistir programas, leituras etc. Pode-se inclusive participar de uma vida social com vizinhos e parentes. O trabalho doméstico, nesta situação, pode ser comparado ao trabalho dos artesãos, pois é permeado de tempos mortos, tempos de não atividade e de determinada autonomia. O artesão devia produzir, mas seu ritmo se dava por ele mesmo, pela necessidade de produzir e pelo tempo da natureza, como o fim do dia, o que também acontece com o trabalho doméstico, em que há possibilidade de controle do ritmo de trabalho. Permanece uma questão a respeito da análise de Dumazedier (1973): por ter tempos diferentes do tempo de trabalho profissional este trabalho doméstico não possui caráter cotidiano?

A função de formação social é também encontrada na família, no ambiente doméstico. A necessidade de formação foi trazida para o interior do lar com os meios de comunicação ou conversas entre familiares e vizinhos, responsáveis pela formação das crianças, as relações entre casais e até entre pais e filhos. A qualidade das moradias e seu tamanho maior também são elementos de lazer, quanto melhor suas condições melhor o descanso proporcionado no local de moradia, como silêncio, aeração, isolamento e área verde. O lazer torna-se uma via

²⁰A introdução de eletrodomésticos e de métodos mais eficazes de realizar o trabalho doméstico diminuíram o tempo de realizar o trabalho doméstico, vide o aparecimento de geladeiras eficientes, fornos, microondas, etc. permitindo o trabalho doméstico ser realizado de forma menos penosa e em menos tempo.

importante de educação dos filhos segundo Dumazedier (1973): pode-se observar isto ainda hoje? As crianças convivem com os pais principalmente durante o tempo de lazer, assim recebendo instruções? E a questão dos valores e ideologias, o lazer das crianças pode ser tempo de impregná-las de ideologias de classe? Veremos que o lazer no clube pesquisado possui o caráter de impregnação das ideologias e práticas de classe média para as crianças.

O individualismo e o liberalismo prometem colocar o homem no centro da sociedade e dele fazer todas as medidas. Nesta perspectiva Dumazedier (1973) pensa o lazer moderno como o fruto de movimentos que lutaram por um tempo de livre escolha, um tempo que contrapõe tanto a subordinação do trabalho quanto a subordinação das atividades cotidianas, repetitivas e que despendem esforço. Mas é preciso questionar: o lazer em sua forma capitalista moderna é capaz de realizar a liberdade individual?

Os elementos do lazer seriam suficientes para recuperar as energias físicas do trabalho? Promoveriam um equilíbrio na família? Lazer é tempo livre? É ócio, descanso ou “não fazer nada”? A bibliografia contemporânea problematiza a concepção segundo a qual lazer consiste no “tempo do não trabalho”. Há algo mais sobre a relação do lazer com o ideal de individualidade, com a noção de liberdade e sobre as atividades de lazer e o consumo: o lazer seria capaz de equilibrar a energia gasta no *tempo cotidiano*?

1.2. Abordagem contemporânea do lazer: a relação do lazer com o consumo, o ideal de liberdade e as atividades de lazer.

A partir das análises dos clássicos Veblen (1899), Marx (s/d) e Dumazedier (1973) desenvolvem-se novas interpretações sobre o conteúdo, as atividades de lazer e o tempo de lazer, entendido como tempo do “não-cotidiano”. A bibliografia contemporânea busca qualificar quais os tipos de atividades, fora do trabalho, se caracterizam como lazer. Analisa também a relação do lazer com o ideal de liberdade individual da modernidade, com o tempo, entendido como um tempo de livre escolha do indivíduo, bem como com o consumo que se expande na sociedade moderna.

Seguidor da análise de Dumazedier (1973), Camargo (1999) demonstra que as atividades de lazer se realizam por meio de determinadas atitudes possíveis: praticar esporte, assistir, ou estudar um assunto determinado. Segundo Camargo (1999) lazer é toda atividade eminentemente urbana e não produtiva. Mas não é apenas isto, as atividades poderiam ou não ser classificadas como lazer a partir de algumas características, ou seja, a partir de seu caráter.

As atividades de lazer podem contemplar as atividades físicas tais como caminhada, ginástica, esporte e o exercitar-se, as quais podem ser realizadas em locais públicos ou locais especializados, tendo em comum o desejo de colocar-se em forma, o desejo de ter um corpo aceito nos padrões sociais.

As atividades manuais de lazer, ligadas à manipulação de objetos, ainda estariam presentes na sociedade urbana por causa da recente migração rural, que também trouxe tradições religiosas e familiares, estão relacionadas ao contato com os elementos da natureza - água, madeira, terra - jardinagem, decoração e artesanato. As atividades intelectuais de lazer estão ligadas à discussão e satisfazem a curiosidade do indivíduo de conhecer, desempenhando a *função desenvolvimento*. As atividades associativas de lazer também realizam a sociabilidade, no contato com família, amigos, grupo do trabalho e até grupos no sindicato. Por fim Camargo (1999) acrescenta a novidade das atividades turísticas de lazer ligadas à mudança da rotina, por meio do contato com novas paisagens, ritmo e estilos de vida, contemplando longas ou pequenas viagens ou o lazer local. Embora não deixe explícita esta função, a análise de Camargo (1999) alude à noção de uma atividade desinteressada, num tempo de não cotidiano, que não está na esfera produtiva, portanto não possui valor-de-troca e sim valor de uso, por estar na esfera reprodutiva. Por fim as atividades de lazer não apresentam caráter útil; buscam, de forma desinteressada, em contraposição ao trabalho como atividade compulsória, a obtenção de prazer, de desenvolvimento social e de descanso.

Para definir o que é lazer, Camargo (1999) analisa não apenas o tempo do lazer, mas o conteúdo do lazer: família pode ser lazer? Trabalho pode ser lazer? Muito embora trabalho não seja lazer, há uma relação entre a atividade no trabalho e a atividade no lazer. Família, por sua vez, não é lazer, mas pode contemplar semi-lazeres na convivência, desde que amenizem os efeitos das obrigações domésticas. Dentre os semi-lazeres na família pode-se pensar em fazer a janta entre membros da família, limpar a casa entre os membros da família, preparar festas ou recepções, reunir-se com familiares, amigos ou vizinhos. O que seria dos momentos de lazer do trabalhador não fossem as festas de aniversário, casamento e batizado, onde se convidam amigos, vizinhos, familiares, onde se troca presentes, se faz padrinhos, se aproximam os laços sociais e, por que não, se atualiza sobre as novidades das pessoas conhecidas?

Camargo (1999) rejeita, portanto, a ideia segundo a qual o lazer consistiria em “não fazer nada!”, tempo de “estar à toa”. Não se pode dizer também que lazer é tempo de negar atividades sociais ou relações sociais. O lazer não pode ser identificado como “tempo livre”,

posto que o lazer não é um tempo de não atividade. O ser social não está nunca em situação de ausência de atividade, exceto talvez no momento em que esteja dormindo. O lazer é um tempo gasto ativamente, por isto o conceito pertinente de tempo de lazer é o de “tempo do não-cotidiano”, um “tempo de livre escolha”, de liberdade de escolhas criativas, ação, participação e relação social, tempo do arbítrio do indivíduo.

Neste estudo concordamos, apenas em parte, que o lazer seja um tempo de “não cotidiano” pois o lazer não é totalmente arbitrário, como veremos no capítulo 3, e, por sua vez, as atividades de lazer também são controladas e disciplinadas.

Neubert (2006), desenvolve uma análise do lazer definindo-o como “tempo de livre escolha”, signatário de Dumazedier (1973), no artigo intitulado *Indivíduo, liberdade e lazer na modernidade*, mostra que o lazer na sociedade moderna se desenvolve a partir de um conjunto de transformações que se iniciaram na Europa Medieval e vão até o século XIX, fruto da diminuição das obrigações profissionais, familiares e socioculturais. Segundo Neubert (2010), ele acaba resultando em tempo livre, concentrado no final de um dia de trabalho, nos finais de semana, nas férias anuais e na aposentadoria ao final da vida. O tempo livre, enquanto fruto das mudanças sociais, torna-se um direito social e um tempo de livre escolha do indivíduo. O lazer como um fenômeno do capitalismo reflete o individualismo e o liberalismo.

Assim, por que não pensar que, talvez, a própria modernidade tenha criado as condições que permitem ao indivíduo uma saída, uma fuga, um período no tempo e no espaço para experiências inusitadas, realização de satisfações as mais diversas e para o desenvolvimento da própria subjetividade? [...] (NEUBERT, 2010, 280)

[...] As rotinas carregam em si um alto grau de segurança, previsibilidade etc. As atividades recreativas têm como função, portanto, introduzir na vida dos indivíduos certos momentos de insegurança, de tensão (como no jogo) e de liberação das emoções, tornando suportável a realização das atividades altamente rotinizadas. (NEUBERT, 2010, 282)

A liberdade na modernidade é maior comparativamente aos outros momentos históricos; há um ganho de liberdade ainda que a liberdade moderna seja limitada. Os indivíduos criam formas de resistência às obrigações e limites sociais, aos mecanismos de controle da sociedade na tentativa de se libertarem, e escolhem as formas de gastar seu tempo livre com atividades recreativas. As atividades podem ser divididas em atividades cotidianas, aquelas ligadas ao trabalho, casa e família, e atividades recreativas, aquelas ligadas à decisão

do próprio indivíduo. As escolhas levam em conta o prazer e a satisfação dentro de limites aceitos pela coletividade, “função des-rotinizante”.

Assim se consagra o lazer, na perspectiva de Neubert (2010), como o “tempo de livre escolha do indivíduo”, em contraposição às atividades rotineiras; o lazer consistiria em um momento de liberação das pressões cotidianas, devido à inter-relação ideal de liberdade e lazer. As atividades recreativas de lazer possibilitam a busca pelo descanso, por momentos em que o indivíduo retorna às sensações da infância e equilibra a balança de frustrações, na medida em que, negando a disciplina do cotidiano, os momentos do lazer possibilitam a realização de atividades em sensação de incerteza. A incerteza própria dos momentos de lazer cria uma situação contrária ao cotidiano, enquanto o cotidiano é previsível e monótono criando uma fadiga o lazer é incerto, propicia uma forma de equilibrar a balança de frustrações. Pode-se lembrar Marx (s/d), para o qual o tempo de não trabalho é o tempo dos prazeres, ou seja, em que pelo menos o trabalhador tem acesso aos prazeres sociais que são acrescidos com o aumento da produção social.

1.3 O lazer subordinado ao consumo: a crítica à concepção de lazer como *não-cotidiano*:

Diante do debate sobre lazer e liberdade na modernidade, seria possível e desejável uma sociedade pós-lazer? Seria possível e desejável uma sociedade onde não há apenas um tempo de lazer, de não-cotidiano, mas uma relação de liberdade e completude no próprio trabalho? O lazer seria realizável na sociedade de classes? As formas de relação social e existência fora do trabalho não estariam também submetidas às regras do consumo e da alienação?

Chenavier (1998) discute a relação entre sociedade do trabalho com lazer e sociedade pós-lazer. Remete ao pensamento de Simone Weil que analisa a relação histórica da atividade de trabalho e da atividade de lazer. Weil busca a junção entre marxismo e espiritualismo que poderiam “[...] mergulhar a concepção do trabalho não-servil em atmosfera diversa, elucidar diferentemente a relação entre liberdade e necessidade [...]” (CHENAVIER, 1998, 187). Tal relação pode se fundir no trabalho, desde que prática e concepção se unifiquem, através de uma prática controlada, a atividade verdadeiramente livre é chamada de “atividade não-servil”.

A contraposição clássica na história entre o modelo egípcio do trabalho prático e o modelo grego do trabalho de livre concepção – arte, filosofia e política - é um problema para

a liberdade de lazer. “[...] Por isso, quando trabalho e lazer opõem-se, cindidos em dois domínios antagônicos, a liberdade é absurda e o trabalho servil. [...]” (CHENAVIER, 1998, 191). Uma sociedade que institui o tempo de lazer não garante, na visão de Simone Weil (Apud. CHENAVIER, 1998) a verdadeira liberdade, porque mesmo com um tempo de não trabalho, com um tempo de descanso, o trabalho ainda seria permeado pela separação entre concepção e realização. Na sociedade do lazer ainda há aqueles que realizam o trabalho pesado e aqueles que realizam o trabalho de concepção, portanto, todas estas formas de trabalho não realizariam a liberdade, ou seja, apenas com um controle das atividades onde, metodicamente, um trabalho concebido e o trabalho realizado se unam na mesma atividade, seria possível uma sociedade livre.

Assim uma sociedade pós-lazer é necessária para a liberdade humana social, uma vez que o lazer é a separação entre atividade de produção, penosa para alguns, e atividade de descanso e concepção para outros, levando tanto aqueles que produzem quanto àqueles que concebem à uma situação de perda da relação de liberdade com a atividade social.

Em nosso estudo, que busca entender o lazer de classe média, é interessante citar que a classe média pela sua posição intermediária nas relações de produção, busca se aproximar das classes burguesas, criando visões de ascensão social, fazendo todo o esforço para se diferenciar do proletariado, se defender da proletarização, portanto, a classe média luta com todas as forças para manter a divisão entre trabalho manual e trabalho não-manual. Neste sentido, a classe média tenderia a se opor à sociedade proposta por Simone Weil.

O lazer se relaciona também com o consumo uma vez que, na modernidade, a produção se expande para as várias classes. Tashner (2000) afirma que lazer é o conjunto de ocupações que o indivíduo se entrega prazerosamente, sem obrigações, conceito com o qual também Dumazedier (1973) é signatário, enquanto consumo é aquisição, posse ou uso de bens e serviços. Segundo Tashner (2004) o

[...] novo estilo de vida cortesão expressa novas relações de poder, novas marcas de distinção social e novos rituais de marcação e significação no bojo da formação do Estado Moderno. Houve um novo recorte do campo da nobreza com a criação da corte real, criaram-se novas regras e novas linhas de exclusão e inclusão e novas relações entre os agentes incluídos. O novo consumo, ostensivo e variado, pode estar ligado à provisão do entretenimento, mas não é discricionário e não tem qualquer relação necessária com lazer. (TASHNER, 2004, 12)

Nas cortes o caminho de obtenção da distinção era o consumo. O consumo era meio de atingir *status*, garantir posição de distinção, seja dos nobres entre si ou nobres com a

população, estabelecendo um conjunto de obrigações, regras de etiqueta, regras morais e até determinados hábitos de rotina de vida. Ele passou a ser requisito para participar da corte a partir de determinadas obrigações dos nobres, “[...] *casos da França e da Inglaterra sugerem que a Corte Real foi o berço de um novo padrão de consumo, baseado na renovação constante dos itens de consumo e com espaço para adaptações individuais de tendências dominantes. [...]*” (TASHNER, 2000. 42). O consumo está na base de formação do Estado moderno, pois nas cortes passou a ser forma de governar através do prestígio social, uma forma de obter poder.

Os bens da nobreza são parte de rituais que criam fronteiras de demarcação, posições de status no espaço social pela posse e pela maneira de utilizá-los que passaram a ser *habitus* da classe burguesa quando esta ascende e combate a nobreza. Nos EUA no século XVIII a burguesia separava os hábitos valorizados daqueles que ela considerava “desmerecidos”, “rudes”, buscando assim o controle político através dos rituais de marcação social e do consumo. Este processo foi acompanhado do aumento da renda e da circulação de pessoas provocado pela revolução industrial, com uma nova cultura de consumo, a partir do século XIX, gerando a popularização do consumo dos produtos industrializados. As lojas se inserem neste contexto com malabarismos simbólicos em sua arquitetura, luzes, cores e fachadas para atrair o consumidor. Iniciado pelas lojas de departamento, buscava-se fazer da experiência com o consumo uma diversão; ir às compras tornou-se atividade de lazer, “independente” da compra em si. O lazer, criado no ambiente das lojas, passa a ser impulsionador do consumo. Para promover o consumo aliou-o ao lazer, experiências de prazer, incentivo aos desejos de consumo²¹.

A relação entre lazer e consumo se expande no século XXI. Padilha (2000) analisa o lazer e sua relação com o consumo de forma crítica. Afirma que a conquista do tempo de lazer, fruto da redução da jornada de trabalho, não gera um tempo que possibilita emancipação. De acordo com a autora, as condições atuais de trabalho como a substituição do modelo coletivo por um modelo desagregado de produção por empresa, as novas formas de trabalho - como o trabalho em casa -, além da redução da jornada ser geralmente observada em conjunto com a redução do salário, não levariam à emancipação. Para Padilha (2000) a

²¹ “[...] Há, também, uma dimensão de consumo no lazer: a maioria das atividades de lazer é, hoje, mediada pelo mercado. [...] A cultura do consumo abrange todo um conjunto de imagens, símbolos, valores e atitudes que se desenvolveram com a Modernidade, que se tornaram positivamente associados ao consumo (real ou imaginário) de mercadorias e que passaram a orientar pensamentos, sentimentos e comportamentos de segmentos crescentes da população do chamado Mundo Ocidental.” (TASHNER, 2000, 39)

redução da jornada pode ser uma alternativa ao desemprego, mas não quer dizer que seja vontade do trabalhador, é mais provável que seja necessidade do capital.

A experiência do lazer torna-se submetida ao consumo e à alienação, como apontam Padilha (2000) e Maya (2008). Mesmo as mudanças no mundo do trabalho, com a inovação organizacional e técnica, que crescem a produtividade e reduzem a jornada de trabalho criando mais tempo livre, não são capazes de libertar o lazer da lógica da produção capitalista e da alienação. Esse lazer, ainda que um tempo de não trabalho, é dominado pelas mesmas regras da produção que transforma atividades de lazer em mercadoria e tempo de lazer em tempo de consumo. Uma vez que o sistema capitalista se baseia no consumo de mercadorias, se ocorre a diminuição do tempo de trabalho é porque ocorre aumento da oferta de serviços especializados em lazer, a indústria do entretenimento, especializada em vender lazer, lucrar. *“De qualquer forma, parece inevitável que o lazer, entendido como ocupação ou atividade durante um tempo liberado de obrigações, numa sociedade capitalista, implique necessariamente uma relação de consumo. [...]”* (PADILHA, 2000, 70). Padilha (2000) explica que isso ocorre porque o lazer acaba servindo ao capitalismo, impregnado dos valores da racionalidade econômica. Neste sentido, a expansão do tempo livre torna-se tempo de consumo, portanto, não produz liberdade de desejos nem liberdade em relação ao trabalho e à lógica da mercadoria, o que contrasta com a perspectiva de Dumazedier (1973).

A oposição entre as duas concepções de lazer pode, todavia, ser problematizada, posto que, em nosso estudo, o lazer é um tempo de *não-cotidiano*, liberado das obrigações sociais como trabalho e compromissos, tal como mostrou Dumazedier (1973), mas é, ao mesmo tempo, consumo, impregnado pela lógica capitalista e subordinado à alienação, como apontou Padilha (2000).

Na medida em que a indústria do lazer cresce cada vez mais torna-o associado ao consumo: comer, viajar, frequentar, locomover-se, assistir, utilizar, exercitar etc. têm o consumo como pressuposto. Porém, o lazer não significa apenas consumo, a lógica da alienação do consumo entraria e tomaria lugar das funções sociais do lazer de recuperar energias físicas e de desenvolvimento social? O lazer subordinado ao consumo pode ser espaço de desenvolvimento físico, cultural e social? Trataremos deste tema no capítulo 3.

Passemos agora ao capítulo 2, que trata das práticas de lazer entre as classes sociais.

CAPÍTULO 2

AS PRÁTICAS DE LAZER E VISÕES DE MUNDO NO PROLETARIADO, NA CLASSE DOMINANTE E NA CLASSE MÉDIA

No capítulo primeiro foram discutidos o conceito de lazer para os estudiosos, as relações do conceito de lazer com várias esferas da sociedade, com foco na sociedade capitalista, o surgimento do lazer e a relação do lazer com o trabalho, família, consumo, além de tempo, função, conteúdo e atividades de lazer, bem como o lazer na contradição *não-cotidiano* e consumo. Cabe, a partir de agora, aprofundar o tema do lazer na sua relação com a estrutura de classes, mais precisamente com as práticas e visões de mundo das classes sociais.

Os teóricos contemporâneos do lazer discutidos no capítulo anterior trataram o lazer focado fundamentalmente no indivíduo, no pressuposto segundo o qual os indivíduos são livres para escolher o que fazem ou não com seu tempo de não trabalho. Neste capítulo procederemos à crítica desta noção mostrando que as práticas, as possibilidades e as funções do lazer dependem de condições sociais, dependem, segundo nossa hipótese, da estrutura de classes, posto que o indivíduo é um ser social que dispõe de determinados recursos e condições de acesso ao lazer, próprios de sua posição histórica e social.

Os autores que discutiram o lazer de classe pensaram a ideia de *identidade*, homogeneidade ou distinção entre o “eu” e o “outro”, também se utilizaram da noção de *habitus*, as práticas repetidas que são próprias de classes sociais e constitutivas da *distinção* de uma classe em relação à outra, conceito de Bourdieu (2007).

Tendo em vista que a *ideologia* são as visões de mundo próprias de uma classe social que se expressam nas representações e nas práticas, como apontou Althusser (1983), as noções de identidade, homogeneidade e distinção seriam formas de expressão de ideologias de classes? Quais seriam as formas e expressões ideológicas do lazer na burguesia, no proletariado e nas classes médias?

Inicia-se o texto buscando a análise comparativa do lazer entre as principais classes sociais, com base na pesquisa de cunho bibliográfico, as práticas e visões de lazer do proletariado, da burguesia e da classe média. As classes sociais dividem-se em frações de classe, no entanto na análise comparativa do lazer entre as classes serão consideradas as práticas de lazer da classe, pressupondo que as frações compõem a classe, portanto, operam com as práticas da classe social.

Nesta perspectiva buscaremos analisar o lazer da classe trabalhadora, entendida como os trabalhadores urbanos manuais, ligados ao trabalho repetitivo, chamado por muitos de classe operária. Além da classe operária busca-se entender o lazer da burguesia, classe composta pelos proprietários dos meios de produção ou capital, muitas vezes chamados pela bibliografia de elites, também aceitaremos o termo classe dominante. Por fim analisar o lazer da classe média, a partir do conceito de Saes (1977) para o qual classe média é composta pelos trabalhadores assalariados urbanos não-manuais, ligados à produção da ideologia da meritocracia. As esferas analisadas são espaços de lazer, relação com o lazer em família, ideologias expressas no lazer, consumo e as formas de cuidar e formar o corpo.

2.1 Práticas e representações de lazer operário

*“Vai ficar legal
Pagode na Cohab
No maior astral
Bem em frente a lanchonete
Sambando e fazendo
Um grande carnaval...” (Cohab City
Netinho de Paula)*

Este item trata das práticas e representações do lazer da classe operária, do *habitus*, focando o espaço público, os meios de comunicação, as atividades do grêmio recreativo, as práticas de lazer na periferia (bailes, futebol, festas, circo e excursão), além da forma como a classe operária constrói o corpo socialmente. Dumazedier (1973), Magnani (1984), Tashner (2000), Iriart & Andrade (2002), Netto, Neto e Hunger (2010) e Sarti (2003) constituem as principais referências encontradas.

Segundo Tashner (2000), a industrialização fez com que houvesse uma expansão do consumo, inclusive para a classe trabalhadora. Mas a industrialização em massa não implicou apenas consumo em massa, ela tornou os locais de consumo atrativos, iluminados, limpos, acessíveis... enfim, locais de lazer. Os locais de consumo como shoppings e centros comerciais tornam-se cada vez mais agradáveis e atrativos, locais de “experiências prazerosas” no momento de consumo. Todas as classes sociais são afetadas por esta tendência dos novos templos de consumo²², mas a hipótese de Tashner (2000) é que tal expansão atinge

²² Sobre este assunto Valquíria Padilha (2006). A análise deste teoria será articulada com o objeto empírico no item 1 do capítulo terceiro.

principalmente a classe operária, uma vez que ela passa a ter acesso a padrões de consumo sociais antes inacessíveis²³.

O acesso ao consumo de novos bens e serviços modifica as visões de mundo da classe trabalhadora, afetando também suas formas de lazer. Enquanto Tashner (2004) argumenta que lazer e consumo estão imbricados, Dumazedier (1973) mostra que o acesso ao lazer depende das possibilidades de consumo dos meios de lazer, ou seja, as formas e normas de usos do lazer estão ligadas às possibilidades de renda e consumo da classe operária. Desta forma a renda e o consumo orientam as atividades de lazer, dependem do padrão de consumo e das possibilidades aprendidas de uso, sendo que atividades que ultrapassem as possibilidades de renda e consumo dificilmente podem ser praticadas ainda que em algum momento tornem-se acessíveis ou gratuitas.

O fraco poder aquisitivo de uma parte da classe operária determina normas de consumo que, por sua vez, podem orientar as despesas; assim, atividades de lazer que ultrapassem tais normas de consumo dificilmente serão praticadas, ainda que menos custosas do que outras atividades nelas incluídas. [...] Uma atividade de lazer gratuita, mas não incluída nas normas de consumo, encontrará muita dificuldade para se implantar. A debilidade das rendas leva a um modo de vida comum entre pessoas da mesma condição, de tal modo que lazeres, mesmo gratuitos, que não despertem interesse, deixam de ter sucesso, especialmente entre operários. [...] (DUMAZEDIER, 1973, 84).

[...] Disso resulta que também as atividades de lazer são determinadas por possibilidades e hábitos de consumo. Aí está o primeiro determinante sócio-econômico do lazer. [...] (DUMAZEDIER, 1973, 83).

Para Dumazedier (1973) com o maior acesso da classe operária a padrões de consumo tais como carros, eletrodomésticos e estrutura das casas houve a inclusão de atividades de lazer, como cinema e teatro²⁴.

Todavia, para Dumazedier (1973), o lazer possui significado particular para a classe trabalhadora quando comparado ao consumo das classes médias e da classe burguesa, posto que ligado à reprodução da vida, o proletariado consome bens e serviços cada vez com maior

²³ “A partir do século XIX, o novo padrão difundiu-se para outros segmentos sociais, primeiro, os estratos médios e, depois, as chamadas classes populares. Entre as possíveis razões para tal difusão, além das econômicas, como acréscimos de renda e queda de preços, em consequência da Revolução Industrial, o desenvolvimento do indivíduo poderia ser mencionado como um estímulo para a ascensão da moda. Em alguns centros, como Paris, por exemplo, a reestruturação urbana facilitou a circulação de pessoas e de mercadorias nas ruas e boulevards, e as Exposições de Paris também tiveram peso ao familiarizar o público com as novidades.” (TASHNER, 2000, 43)

²⁴ Pode-se acrescentar que atualmente o acesso às mídias virtuais, como a internet, desempenha papel importante no lazer, devido à facilidade de se obter computador e celulares com acesso a rede, contemplando redes sociais, fontes de informação como jornais revistas, download de filmes, músicas, clipes, além de jogos online.

volume e mais diversificados na busca de melhorar as condições imediatas de vida e compensar a exclusão de alguns bens sociais e posição social.

Dumazedier (1973) ao analisar a relação do lazer com o trabalho mostra que no caso da classe operária o trabalho é repetitivo e extenuante. O lazer seria uma forma de equilíbrio e escape das atividades repetitivas e fatigantes, típicas da indústria, do trabalho fabril e manual. Não se trata de qualquer forma de lazer, mas de práticas que possibilitem um tempo de atividades não cotidianas, que possibilitem recuperar as energias. Dumazedier (1973), no entanto, adverte que o lazer não é capaz de compensar, por si só, tal fadiga, efeito do empobrecimento causado pelas atividades parcelares e repetidas do trabalho operário.

O lazer seria, então, um elemento compensatório do trabalho operário. O lazer torna-se tão vital à reprodução do trabalhador que, segundo Dumazedier (1973), as próprias empresas descobriram que a inserção de tempos de lazer durante o trabalho aumenta a produtividade do trabalhador e que o esporte com companheiros de trabalho afeta positivamente o trabalho operário na medida em que os exercita em suas relações no trabalho, reafirmando a produção coletiva. Os operários que se relacionam coletivamente no lazer podem desempenhar de forma mais eficiente a função coletiva no trabalho. Lazer e trabalho constituem, portanto, momentos do mesmo sistema social, responsáveis pelo equilíbrio social entre atividades fatigantes e atividades de recuperação da fadiga, ainda que, segundo Dumazedier (1973), o lazer operário possa se tornar estimulador de preguiça.

O lazer relaciona-se ao trabalho não apenas do ponto de vista dos trabalhadores, mas também das empresas capitalistas que promovem o lazer para seus trabalhadores empregados. Netto, Neto e Hunger (2010) desenvolveram uma pesquisa, publicada no artigo *O grêmio da paulista e o lazer do ferroviário rio-clarense*, sobre o clube dos ferroviários, chamado Grêmio, na cidade de Rio Claro, da empresa Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF), buscando as relações entre a Companhia de estradas de ferro, o Grêmio dos trabalhadores ferroviários e os próprios ferroviários no seu momento de lazer, suas redes de lazer e uso do tempo livre.

As jornadas de trabalho na companhia ferroviária eram extensas e, em certo sentido, a composição familiar dos grupos de trabalhadores ajudava a suportar a jornada de trabalho. Estes trabalhadores da ferrovia são o público majoritário dos frequentadores do Grêmio da Paulista, o público do clube tem origem na classe operária²⁵. O lazer do ferroviário era

²⁵ Os autores mostram em sua pesquisa que os trabalhadores da empresa são, eles próprios, filhos de ferroviários, na ativa ou aposentados, e que em geral o trabalho na ferrovia é realizado por outros familiares.

promovido pela empresa de ferrovias que buscava a integração e dominação dos trabalhadores a partir da ideia de pertencimento a uma “grande família”.

A CPEF não se portou de maneira diferente, promoveu, para seus funcionários, diversos eventos culturais, sociais, esportivos, todos realizados no tempo liberado do trabalhador, fortalecendo, assim, os laços que estes teriam com a empresa, pois os mesmos sentiram-se gratos por trabalharem para um patrão que lhes oferecia tantas oportunidades. As famílias se conheciam, se relacionavam e isso traria um enorme sentimento de bem-estar, fazendo com que todos os funcionários se sentissem como parte de um único mundo, um único laço, uma única e grande família. [...] (NETTO, NETO & HUNGER, 2010, 552)

Os entrevistados reconhecem a importância do clube para sua prática de lazer e o lazer de sua família:

Sentir-se como parte de uma única família, ou ainda, conseguir com que todos da família (filho, pai, avô, tios...) trabalhassem na Paulista, como era preterido por todos, aponta Tenca, poderia ajudar a suportar as extensas horas da jornada de trabalho, que ultrapassavam às 8 horas diárias, incluindo os sábados. Isso fazia com que o tempo liberado, livre das obrigações de trabalho, um tempo onde podia estar presente o lazer, [...] (NETTO, NETO & HUNGER, 2010, 553)

Na década de 1970 a companhia foi encampada pelo Estado e a relação de investimento no clube mudou: o investimento da empresa em financiamento, manutenção e empréstimo de maquinário diminuiu, alterando também a sua relação com o Grêmio, que se tornou independente. A partir de então, os membros começaram a se responsabilizar pela arrecadação e manutenção do clube, então novas formas de arrecadação foram utilizadas. *“Sem o apoio da Paulista, o Grêmio passa a buscar um aumento em seu quadro de associados, a partir de pessoas que não são ferroviários, os conhecidos sócios de categoria ‘B’. [...]”* (NETTO, NETO & HUNGER, 2010, 553) Os não ferroviários são vistos pelos ferroviários como o “outro”, rejeitados, o que explica o caso da luta dos ferroviários buscando pressionar a diretoria do Grêmio para criar um novo complexo de esporte-lazer e passar a frequentá-lo como um espaço seu²⁶.

²⁶Deste episódio, não chegaram a ser expulsos os não ferroviários, mas em 1963 foram inseridas no estatuto novas categorias de sócios: “categoria A” ficou para os ferroviários e “categoria B” para os não ferroviários, além de terem decidido que os sócios ferroviários têm mensalidade menor. O clube também incentivou várias atividades esportivas, foi importante na formação do time de futebol de Rio Claro, onde o Grêmio emprestava o campo para o time treinar e muitos sócios jogaram no time de futebol, além de atividades como academia, sinuca, bocha, vôlei e outros esportes que o Grêmio possuía e que fazia do clube um atrativo para a população de Rio Claro.

A análise do trabalho de Netto, Neto e Hunger (2010) aponta para o corporativismo da categoria dos ferroviários, que se evidencia pelo fato de ser uma profissão familiar, passada de pai para filho, e que se expressa também no lazer. Para os autores, o clube era uma forma de aproximar o trabalhador da empresa e as atividades de esporte eram uma recomendação de um modelo inglês de esporte, segundo o qual é interessante incentivar um modelo de organização do trabalho nas atividades de esporte, reproduzindo no tempo fora do trabalho, no tempo de lazer, valores como divisão do tempo e metas²⁷.

A partir da análise do estudo sobre o clube do ferroviário rioclarense pode-se levantar a hipótese que a relação da empresa com o lazer do trabalhador, inclusive como promotora do lazer do trabalhador, mostra o lazer como uma forma de transmitir também ideologias capitalistas e buscar uma relação estreita da empresa com o trabalhador. Neste sentido, se, por um lado, o lazer é uma conquista do trabalhador, da perspectiva capitalista, das empresas, o lazer é também uma forma de tutelar o trabalhador, uma forma de integrar à vida da empresa, seus valores, sua produção e organização do trabalho. Por este motivo a empresa capitalista financia e influencia na criação e administração dos clubes operários.

Dumazedier (1973) analisou as várias formas de lazer, bem como os vários equipamentos e tecnologias que fornecem lazer ou que estão presentes no tempo de lazer. A partir de 1930 e 1940 Dumazedier (1973) observa que a expansão da indústria cultural permite maior acesso ao consumo e aos bens da indústria cultural, os meios de comunicação de massa, os chamados *mass media*. Os meios de comunicação de massa expandem também a publicidade e o acesso aos produtos ligados ao lazer, desenvolve-se uma indústria do lazer que expande oportunidades de lazer e desenvolve novas formas de lazer. No entanto, Dumazedier (1973) aponta que os *mass media* têm uma influência negativa na vida em geral e no lazer, como é o exemplo da publicidade que pode ter uma influência destrutiva, expondo o agente social a produtos destituídos de valor real e com virtudes ilusórias, uma forma vista como “vazia”. Dumazedier (1973) cita o exemplo, tanto nas produções artísticas veiculadas pela indústria cultural quanto em canções, celebridades e filmes, fórmulas sempre pré-fabricadas, que seguem um modelo a partir de receitas estereotipadas²⁸.

²⁷ “[...] As atividades são sistematizadas e trazem em seu interior valores que reproduzem os modelos de produção. Isso faz com que as empresas comecem a oferecer a seus funcionários formas para fazer uso de seu tempo livre.” (NETTO, NETO & HUNGER, 2010, 556)

²⁸ “[...] um certo sistema de produção capitalista, em lugar de procurar satisfazer as mais nobres necessidades, utiliza-se, ao contrário, de objetivos mais fáceis de serem fabricados ou mais lucrativos e esforça-se, recorrendo principalmente à publicidade para criar sua necessidade.

Adorno (1983) e Benjamin (1982) são os autores da chamada *escola de Frankfurt* que embasaram a concepção de alienação que a indústria cultural e a reprodução em massa causaram na sociedade industrial. Segundo Adorno (1983) a indústria cultural construiu uma nova forma específica de relação com a arte, principalmente na música e na propaganda, criando uma forma de audição regressiva. A regressão da audição faz com que comprador e ouvintes mudem sua relação com a arte, impelidos a comprar, tomando a arte como mercadoria pela sua propriedade de venda e não de uso da arte. Benjamin (1982) abordou a alienação cultural em relação à obra de arte apontando que a era industrial promoveu a reprodução em massa da obra de arte, cópias idênticas foram produzidas e vendidas, nesse processo a “aura” que uma obra de arte possui, sua capacidade única de atrair o observador e possibilitar ao mesmo fazer sua própria interpretação, é perdida pela produção em massa.

Magnani (1984) por sua vez discorda da concepção de Dumazedier (1973) e Adorno (1983) ao analisar o lazer da classe trabalhadora. Magnani (1984) aponta que o lazer da classe trabalhadora não fica empobrecido ou subordinado à indústria cultural, ainda que os produtos da indústria cultural estejam presentes no lazer da classe trabalhadora.

Seu campo de pesquisa é a periferia de São Paulo, cuja população é majoritariamente operária. As formas de lazer na periferia de São Paulo são variadas: ida ao circo, bares, festas de família, excursões, bailes e campeonato de futebol. Tais formas de lazer compõem o *habitus* de lazer da classe trabalhadora. Segundo Magnani (1984), o lazer operário apresenta uma lógica própria que passa pelas relações com familiares e de parentesco, com o trabalho (ainda que nas cidades grandes o pedaço seja a comunidade) e com o poder político. Como o lazer operário ocorre no contexto da comunidade – e não no espaço privado – ele se constitui nas relações comunitárias e familiares possíveis.

Magnani (1984) retoma o debate sobre o lazer operário e sua relação com as ofertas da indústria cultural para contrapor o argumento da dominação da indústria cultural. Magnani (1984) reconhece que a indústria cultural afeta de forma negativa o lazer da classe operária, mas critica a interpretação segundo a qual os gostos da classe trabalhadora estão totalmente subordinados, “[...] *estão descaracterizados por influência dos media, seu lazer não passa se escapismo, sua religiosidade é fator de alienação e seus projetos de vida, tentativas frustradas de ascensão social.*” (MAGNANI, 1984, 19).

[...] condicionamento social dos lazes, realizado por uma publicidade diversificada [...]” (DUMAZEDIER, 1973, 87) “[...] tornar-se-á não só um empecilho para o desenvolvimento humano como também contribuirá para sua estagnação e regressão. [...]” (DUMAZEDIER, 1973, 91).

A classe trabalhadora retoma todas as influências simbólicas da mídia e das tradições sociais e familiares para recriar, num processo constante, suas relações e valores. Segundo Magnani (1984), o lazer na periferia é recriado e assume formas variadas, uma vez que estão expostos a um contexto complexo da cidade influenciado por culturas e grupos distintos, os quais criam suas categorias simbólicas e relações de forma fragmentária diante das influências da origem rural e do contexto moderno, da indústria cultural e de vários grupos culturais na cidade.

A resignificação que a classe trabalhadora faz dos meios de comunicação, da indústria cultural, é abordada quando o autor analisa os programas de rádio nos bairros de periferia. Ele mostra a presença e interação com os programas de Rádio no cotidiano dos trabalhadores, em programas como “Gil Gomes” ou “Eli Correa”, música (sertaneja, nordestina, “jovem”); horóscopo, piadas, leitura de cartas relatando problemas amorosos, familiares, profissionais; comentários de temas de atualidade (a polêmica sobre o *topless*, a festa corintiana como sendo ou não fator de esquecimento das “agruras da vida”, o boicote à carne, o custo de vida, entre outros temas) com participação dos ouvintes, por carta ou telefone; histórias da vida circense, anúncio de produtos, etc.

[...] Os animadores dirigem-se de forma coloquial e direta, à mãe, à dona-de-casa, ao marido; mantêm contato com os ouvintes que das residências, bares, padarias, hospitais telefonam à emissora para pedir e dedicar músicas (no velho estilo das festas de igrejas e “serviços de alto-falantes” das cidades do interior), solicitar conselhos, ajuda, colaboração aos demais ouvintes, ou simplesmente para falar com os animadores que os tratam pelo nome, perguntam pelo seu trabalho, sua família e escutam suas opiniões: [...] (MAGNANI, 1984, 159)

É a peculiar forma com que são tratados os telespectadores que atrai interesse e prende a atenção do público, é o trato próximo com o ouvinte, o fato de escutar suas histórias e falar de seu cotidiano, além do apelo às relações do pedaço, como família, conhecidos e colegas de trabalho, sempre com um clima de otimismo, um ânimo, que contrasta com o contexto incerto e perigoso da periferia. Há nos debates de temas nos programas um trato sério e sensacionalista que contrasta com a referência à piadas de duplo sentido e brincadeiras que criam um clima de descontração.

Na periferia, como os moradores avaliariam seu lazer? Magnani (1984) realizou algumas entrevistas e concluiu que o lazer não constituiu um tema de interesse para os entrevistados (MAGNANI, 1984). Todavia, os dados resultantes das observações confirmam que as oportunidades de lazer são reduzidas, mas ao mesmo tempo enquanto o trabalho é um

tema de interesse nas entrevistas, os entrevistados falam de seu trabalho, das relações e das condições, quando o tema é o lazer parece que não há tanta importância. “[...] *Fica uma sensação de tédio, monotonia e de achatamento naqueles momentos e relações que as pessoas estabelecem fora do âmbito do trabalho, da política.*” (MAGNANI, 1984, 133).

Neste contexto, a classe trabalhadora moradora dos bairros de periferia cria sua cultura principalmente no local onde mora, no *bairro*²⁹. As atividades de lazer são variadas, mas um traço importante é o lazer ligado ao *espaço público*, aos grupos, bares, circos, festas, futebol de várzea, os quais estão todos ligados à localidade que sustenta relações coletivas e públicas.

Dumazedier (1973) observou na pesquisa sobre o lazer na França que cresceu, na medida em que a sociedade capitalista se desenvolveu nos séculos XIX e XX, os locais e a frequência de lazer em “cabarets” (casas onde se bebe e dança), bares e cafês, onde comumente os trabalhadores desfrutavam de locais predominantemente abertos, uma ligação com o espaço público. A característica de “espaço público” própria do lazer da classe trabalhadora pode ser ligada às condições de um trabalho coletivo? Contrastando com a classe média e burguesia que preferem espaços exclusivos?

Qual é o “pedaço” das classes trabalhadoras?

São dois os elementos básicos constitutivos do “pedaço”: um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais. Alguns pontos de referência delineiam seu núcleo: o telefone público, a padaria, [...] A padaria é outro lugar bastante frequentado, pois funciona como bar, supermercado, lanchonete, rotisseria, confeitaria, sendo seu acesso, por esta razão, aberto a todos – homens, mulheres e crianças. É onde se pedem informações, afixam-se avisos (dia e hora dos torneios de futebol, datas de festas religiosas) anuncia-se a próxima excursão [...] No núcleo do “pedaço”, enfim, estão localizados alguns serviços básicos – locomoção, abastecimento, informação, culto, entretenimento – que fazem dele ponto de encontro e passagem obrigatórios. Não basta, contudo, morar

²⁹ Magnani (1984) adverte que o bairro operário na metrópole difere daqueles que se situam nas cidades pequenas. Nas cidades interioranas as relações sociais estão mais ligadas à comunidade, ou seja, à proximidade, há menor fragmentação cultural pela pouca presença de grupos culturais diferentes, as comunidades interioranas satisfazem suas atividades públicas em proximidade, incluindo a religiosidade que por ser mais presente em comparação às cidades grandes constitui mais fortemente atividades públicas. As atividades de lazer e de festas mais comuns são as atividades públicas. A rotatividade do trabalho nas pequenas cidades é menor e também a rotatividade não faz com que se separem os indivíduos que continuam culturalmente próximos mesmo mudando de trabalho. “[...] Se nas pequenas cidades interioranas o trabalho, a devoção e o lazer são vividos nos limites de uma comunidade onde todos se conhecem, na grande metrópole as diferentes instituições que atendem a tais demandas não apenas são diversificadas como ademais encontram-se dispersas. A alta rotatividade do mercado de trabalho, por exemplo, que empurra os indivíduos de uma empresa a outra, dificulta a criação de laços mais permanentes. O mesmo ocorre com outras instituições e serviços urbanos, como a escola, determinados equipamentos de lazer, organismos públicos, etc. Desta forma, é principalmente o lugar de moradia que concentra as pessoas, permitindo o estabelecimento de relações mais personalizadas e duradouras que constituem a base da particular identidade produzida no pedaço. [...]” (MAGNANI, 1984, 138)

perto ou frequentar com certa assiduidade esses lugares: para ser do “pedaço” é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência [(origem)]. [...] (MAGNANI, 1984, 137)

O pedaço é o contexto do lazer da classe trabalhadora onde se articulam redes de relações instituídas não pelo trabalho, mas pelo local de moradia. Mesmo quando desempregado, o membro do pedaço não é abandonado nem deixa de ser reconhecido, a solidariedade dos moradores permanece e seu reconhecimento também. Magnani (1984) também cria categorias para delimitar o grau de inserção na rede do pedaço: o termo “colega” remete às relações de trabalho, “colega de trabalho”, “irmão” é o termo para um grau de proximidade ou um mero apelativo, “xará” remete à identidade de nome, “tio” para pessoas mais velhas que serve para diminuir a distância entre gerações.

Os nomes dados à cada tipo de relação no “pedaço” não seriam uma forma de ver que as relações simbólicas são materiais e se expressam na linguagem?

[...] Se se compara, por exemplo, este quadro, com o que ocorre em bairros ocupados por outros segmentos sociais, pode-se avaliar a importância que o “pedaço” representa para as camadas de rendas mais baixas. Diferentemente daqueles setores – onde na maioria das vezes os vínculos que ampliam a sociabilidade restrita da família nuclear não são os de vizinhança, mas o que se estabelecem a partir de relações profissionais – uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e a condições precárias de existência, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. [...] (MAGNANI, 1984, 139 e 140)

O acolhimento no pedaço seria uma forma de compensar as relações sociais que o trabalho não propiciou, pois no contexto da cidade a rotatividade no mercado de trabalho é grande, tornando-se o pedaço o fundamento das relações. Pertencer ao pedaço significa participar de determinadas regras de lealdade, de reconhecimento de alguém pelo parentesco com outro morador, pela presença daquele membro no mesmo local em outras ocasiões, por ter sido avistado em alguma localidade do pedaço. Assim no pedaço as relações são estabelecidas pelo grau de vizinhança, parentesco e origem.

Quais seriam os “pedaços” das classes trabalhadoras? Pode-se dizer que a classe média rejeita a formação de “pedaços”? A classe média crie uma rejeição ao “pedaço” por ele ser comum à população proletária da periferia?

Embora ir ao “bar” seja uma prática “comum” a todas as classes, segundo Magnani (1984) esta prática adquire um significado diferente para as classes trabalhadoras. O *bar* é o Pedaço proletário da periferia, onde se encontram pessoas conhecidas e até desconhecidas,

onde há rodas de conversas onde quem chega se insere através de um ritual. Durante sua pesquisa etnográfica, Magnani (1984) participou de uma roda de pessoas, arriscou palpites, empregando termos tais como “é isso aí”, até que alguém lhe ofereceu um copo e ele pode pagar a rodada. Este é um ritual. Os membros do grupo no bar se renovam constantemente, há uma rotatividade. Esta forma de se relacionar no bar é próprio do proletariado e expressa as características do pedaço, o companheirismo, coleguismo e a origem, bem como valores sexistas tais como os bares que são frequentados pelo público masculino enquanto as lanchonetes são destinadas às mulheres e aos jovens.

As festas também são práticas de lazer que adquirem um significado específico do proletariado. Segundo Magnani (1984) participam das celebrações públicas de festas religiosas a totalidade dos membros do pedaço, praticantes de todas as crenças. Ao analisar as festas de Cosme Damião e do terreiro do Ibeji, ele observou que elas atraem os membros do pedaço por seu caráter “familiar”, ou seja, por serem próprias do pedaço, com os valores e formas próprias do pedaço. Já a escola de samba e os bailes que funcionam nos fins de semana têm como *habitus* a dança. Nestas atividades festivas e dançantes os ensaios de samba realizados são nas sextas, enquanto no sábado e domingo se realizam os bailes com dança específicos, aos pares, seguindo a coreografia, onde valem as regras do *pedaço*.

As festas em família são almoços, batizados, casamentos, ou até reuniões nos fins de semana com os parentes em casa. A maior parte das ocasiões em que a família operária realiza suas festas familiares é em encontros durante as festas tradicionais, como natal, páscoa, dia das mães, finados etc. Também é comum a comemoração de aniversário ser um evento familiar, uma boa oportunidade para reunir a família e desfrutar do lazer em família. As festas em família são oportunidades de comer, beber, dançar e conversar, com bolo, parabéns e presentes, música em toca discos, elementos sempre presentes nas festas operárias.

O *habitus* de comer apresenta também alguma particularidade. Famílias se reúnem para “comer bem”, ou seja, em grande quantidade e expor uma mesa farta, simbolizando abundância. O mesmo *habitus* se observa nas mesas dos aniversários, jantares, natais e batizados.

Sarti (2003) analisa a família pobre, busca entender suas relações e sua moral:

Como em qualquer coletividade humana, na afirmação de sua identidade, os pobres desqualificam e zombam do diferente. Em sua crença de que rico não *trabalha* e de que quem tem *leitura* não conhece a *vida*, criam a imagem do rico folgado e do intelectual otário, frequentes objetos de galhofa. Se esta atitude corresponde a uma forma de autovalorização defensiva diante de bens – a riqueza material e a educação – aos quais não têm acesso, ela é a

contrapartida de auto-afirmação em face da crença discriminatória dos ricos de que *pobre é ignorante, atrasado, não quer saber de trabalhar, não tem moral*. (SARTI, 2003 7)

Não foi encontrada na bibliografia uma relação direta das visões do trabalho com o lazer da classe trabalhadora, mas podemos levantar a hipótese que a família proletária, ao contemplar parte significativa de lazer em família, tem suas representações e práticas de lazer ligadas à dedicação ao trabalho em geral, valoriza-se aquelas situações e figuras que sejam dedicadas ao trabalho ou sejam símbolos de dedicação ao trabalho. Assim a família proletária teria suas relações e visões perpassadas pela ideologia da dedicação ao trabalho, por este motivo na família proletária criam-se as visões de honestidade, capacidade e força para aqueles que se dedicam ao trabalho, qualificam aqueles que estão na categoria de “trabalhador” como pessoas honestas, fortes e capazes, sendo por vezes merecedoras de mais alimento à mesa ou de favores, como ter a roupa lavada, encontrar sua casa arrumada. A hipótese que se levanta é que este processo tem a ver com o trabalho ser a fonte única de renda da família proletária e quanto mais um membro traga renda para casa maior sua posição de status e poder dentro da família. Assim o “pai de família” seria a figura central na família proletária, por inserir a maior parte da renda na família possui, portanto, maior poder, é capaz de ditar regras de conduta e decidir, arbitrar, disputas na família. Esta é uma hipótese a ser pensada para a relação ideologia do trabalho e família da classe operária.

O circo, segundo Magnani (1984), é outro *habitus* comum dos bairros operários, mesmo em tempos onde há crescimento das oportunidades de lazer através dos meios de comunicação. O circo apresenta uma relação de “produção” e de “consumo/recepção”, descreveu-se a infra-estrutura do circo e seus recursos técnicos no qual o circo tem a especificidade de ser uma empresa com divisão de tarefas, um “negócio” de pobre, tanto seus produtores são oriundos das classes trabalhadoras quanto sua produção é voltada para essa classe trabalhadora. Os espetáculos são compostos de duplas sertanejas, músicas jovens como rap e funk, números de magia e malabarismo, concurso de dança, etc. constituem uma forma de “falar sobre a realidade” dos bairros de periferia que traz elementos sérios, como violência, brigas de família, problemas reais do bairro, e cômicos, como sátiras e deboches. O circo se caracteriza por estabelecer relações diretas e personalizadas com os espectadores, portanto, no curto espaço de tempo em que permanece no “pedaço” está sujeito às mesmas regras do pedaço – da mesma maneira que aniversários, bailes, disputas de futebol de várzea, excursões etc.

[...] o que caracteriza o circo é justamente a capacidade não só de transpor para o palco essas e outras peripécias do dia-a-dia dos espectadores, mas sobretudo de explicitar seus contrastes através da articulação “sério VS. Cômico” que constitui seu princípio estruturante básico. Não é apenas a presença desta ou daquela crença ou fragmento do cotidiano o que explica o caráter verossímil do espetáculo do circo, mas a existência de uma lógica que articula – de “forma circense” – as contradições, incongruências e descompassos da vida diária, tais como a valorização da família e as dificuldades em mantê-la, o reconhecimento da autoridade e o temor da polícia, as esperanças postas na cidade e a desigual repartição de seus serviços, etc. (MAGNANI, 1984, 175)

Os torneios de futebol de várzea são *habitus* presente no lazer do pedaço, embora se realizam com uma periodicidade intermitente. Os torneios contam com vários times de alguns Pedaços, ou seja, os times de várias partes da cidade se enfrentam, há uma bateria para animar os jogos e aparece gente de todos os pedaços envolvidos, formando uma integração de vários grupos da classe operária num evento esportivo. No futebol de várzea torcer e circular nas barraquinhas é um *habitus* comum, as atividades de lazer neste caso estão além do esporte apenas, a torcida traz rapazes, moças e crianças que passeiam nas barraquinhas e se encontram. Todo o processo de convivência do futebol de várzea se repete por alguns fins de semanas.

[...] Uma desfalcada bateria de escola de samba anima o ambiente enquanto os jogadores vestem uniformes atrás de cercas, moitas e automóveis. [...] A empresa “Fanoel Leal Promoções” realiza os torneios, com muita dificuldade os moradores conseguem fazer seus torneios, onde cada equipe para 500 cruzeiros mensais, a empresa organiza tabelas e troféus, o que alguns poderiam interpretar como uma forma de exploração dos trabalhadores de periferia é na verdade o que possui o poder de legitimidade em marcar, torna-se oficial, um poder garantido à empresa, [...] empresta respeitabilidade ao evento e o “oficializa”. Pouco importa que atribuições são essas, e quem as cofere; o documento, por si só, cumpre o objetivo. A animação, porém, do torneio de várzea, não termina com a última partida do domingo. Os incidentes, as melhores jogadas, a arbitragem serão comentados e discutidos durante a semana, quando já se começa a pensar no próximo encontro, talvez fora de casa. [...] (MAGNANI, 1984, 150)

Segundo Magnani (1984), há um contexto de sociabilidade no futebol de várzea. O torneio supõe o aluguel de um ônibus para que os torcedores possam assistir o time do seu próprio pedaço jogar em outro pedaço, constituindo-se em ocasiões em que se pode encontrar conhecidos e passar o tempo da partida juntos. É como se o pedaço se movesse carregando suas regras. A pouca preocupação com campos totalmente estruturados, gramados de qualidade e instalações adequadas para a prática de esporte, somando-se à bateria

improvisada, seria um *habitus* de lazer da classe trabalhadora, contrastado com o futebol da classe média que se preocuparia com a oficialidade do evento e o *status* de roupas adequadas, material de qualidade e de preços mais altos, além de instalações que garantam a higiene e privacidade, como símbolo de distinção social?

Magnani (1984) observou também o *habitus* de viajar com excursões. As excursões são comumente destinadas à uma cidade do litoral, visita à praia e festas religiosas ligadas à devoção em que se visita um santuário. Magnani (1984) observou uma excursão à praia, o dia de lazer na praia e a volta da excursão.

Na excursão o ônibus sai de um lugar marcado, pega excursionistas de ultima hora em outro, como quantidade de excursionistas é maior que a lotação máxima do ônibus, que pega a estrada, quando se avista um posto policial alguém avisa e os membros excedentes, que normalmente estão de pé, abaixam-se para não serem avistados pelos policiais. A viagem conta com pelo menos uma parada obrigatória para que alguns tomem cachaça, um “mé”, além disso na parada é hora de se cruzarem com pessoas de outras excursões.

[...] Não é o momento, porém, de estar lembrando do emprego, nestes rápidos mas bem aproveitados instantes em que é possível fazer o que se quer, sem ordem, sem necessidade de exhibir documentos, sem horários – a não ser, é claro o da volta, que é rígido, cinco horas. Não há como escapar à inelutável realidade do trabalho que, esquecido por algum tempo, retorna estabelecendo os limites do lazer. Por isso é que o atraso – que no início da viagem não causa maiores preocupações – na hora de retornar é motivo de irritação, e os que resolveram esticar um pouco mais o passeio são recebidos com uma sonora vaia.

Por fim aparecem os retardatários e começa a viagem de volta. O natural cansaço, em decorrência do verdadeiro malabarismo de condensar tanta atividade em tão curto espaço de tempo, não arrefece a animação, algo diferente, contudo, daquela do início do passeio. O que se desfruta agora não é mais a expectativa de uma forma de lazer que quebra, ainda que momentaneamente, a rotina de um duro cotidiano, mas o clima produzido por algumas horas de convivência e alimentado pelos comentários, pelas mil peripécias a contar – e que serão lembradas durante muitos dias em casa, na firma, na escola – e pela satisfação de algum encontro mais especial. O ritual da volta é o mesmo, acrescido, porém, pelas habituais contribuições para a caixinha do motorista, iniciativa em que o gesto significa mais do que a escassa quantia arrecadada. E desta forma a festa chega ao fim. O ônibus vai deixando os excursionistas, na medida do possível, perto de suas casas; despedidas, planos para futuros encontros. [...] (MAGNANI, 1984, 154)

A excursão chega às 4 30 na praia e sai de volta às 17 hrs, nestes momentos o que se quer é esquecer o cotidiano, as obrigações da vida, é um momento genuinamente de lazer que recupera as energias e as fadigas do cotidiano.

Todos estes *habitus* de lazer analisados por Magnani (1984) próprios do lazer operário - festas populares, festas em família, excursão, circo, futebol e bailes – tem como objetivo de um lado recuperar as energias físicas, e, por outro constituem formas de viver da classe trabalhadora.

O lazer proletário ligado às relações de parentesco, vizinhança e origem, ao espaço público e referenciado nos valores do trabalho, ligados à ideologia da dedicação ao trabalho e do esporte voltado para a criação de um corpo forte, grande e masculinizado, se diferencia, ou se opõe, ao lazer burguês? O lazer fornecido e ligado à empresa, com o objetivo de aproximar o trabalhador da empresa, como uma função ideológica de fazer com que o trabalhador defenda o bom funcionamento da empresa, narrado por Netto, Neto e Hunger (2010) pode ser comparado com o lazer da burguesia que descarta a utilização de oportunidades de lazer fornecidas pela empresa pela sua relação de administração da empresa?

Numa perspectiva relacional pode-se pensar o lazer proletário como o lazer ligado ao trabalho enquanto o lazer burguês como o lazer ligado à administração e à reprodução dos meios de produção? A atividade de lazer do trabalhador pode ser considerada como subordinada ao trabalho, ao ritmo de produção, enquanto o lazer burguês pode ser identificado com maior grau de liberdade e liberado do ritmo de produção? O espaço público pode ser identificado como local do lazer proletário enquanto o espaço de vivência privado, o espaço do lazer burguês?

Vejamos.

2.2 Práticas e representações de lazer da classe dominante

“[...] Logo que a posse de muitos bens se torna assim a marca da eficiência pessoal, a posse da riqueza assume a seguir o caráter de uma base independente e definitiva da estima dos outros. [...]” (VEBLEN, 1983, 18)

Aborda-se neste item o que denominaremos lazer da burguesia, ou das classes dominantes. Discute-se algumas práticas de lazer em condomínios fechados, a partir dos estudos de Frúgoli (1995), tomando a noção de “enclave fortificado” cunhada por Caldeira (2000). Busca-se também contribuição nas pesquisas sobre escolarização das classes elites, em particular de Cattani e Kieling (2007), referencias sobre o lazer burguês. Por fim a importante análise do lazer e consumo da classe dominante com Forjaz (1998), tendo como perspectiva as inserções sociais próprias da burguesia e as práticas de lazer presentes nas situações de socialização, educação, espaços sociais e de consumo, para formar um quadro sobre o lazer burguês.

O primeiro elemento interessante é o local de moradia e de prática de lazer. Os enclaves fortificados, segundo Caldeira (2000), são formas que a burguesia encontrou de se separar do contexto social em geral, da heterogeneidade cada vez mais crescente, fruto dos movimentos populacionais e da expansão da cidade, movimentos que criam uma cidade segregada em condomínios e enclaves, mas também heterogênea no espaço público, frequentado por vários atores sociais diferentes. Os enclaves surgem face ao discurso de medo e de procura pela segurança, processo que atinge o mundo e o Brasil a partir dos anos de 1980 e que se fortalece cada vez mais, segundo a autora. As classes burguesas buscam os enclaves como uma forma de resgatar sua identidade de classe, na medida em que funciona como um mundo artificial onde se cria uma identidade homogênea dos moradores, em termos de um mesmo grupo de renda, possuir o mesmo fenótipo quanto à cor de pele, trabalhos parecidos, e determinado padrão educacional e cultural, que buscam a realização de uma vida segura e de uma “comunidade harmoniosa” que afaste a violência e os sujeitos vistos como “perigosos”. A ideia de “perigo” e de violência é associada, na visão de quem mora nos enclaves fortificados, a grupos de pessoas determinadas, aquelas externas ao enclave.

O lazer se dá dentro do condomínio, no próprio enclave fortificado onde se encontra, segundo Frúgoli (1995), tudo que se precisa para se viver: supermercado, farmácia, ruas, praças, serviços, empregados etc. O lazer burguês ocorre nos espaços oferecidos pelo enclave fortificado, nas pracinhas e em casa. Entre eles a rua figura frequentemente como espaço a ser evitado a todo custo, havendo certa complementaridade entre o condomínio e o shopping center, dentro de um universo social onde predomina a dimensão privada como estilo de vida.

A organização do cotidiano de crianças e adolescentes é, em geral, a seguinte: vão à escola em ônibus escolares ou com os pais ou motoristas particulares; passam as tardes na parte “social” do condomínio, no shopping ou em clubes, também servindo-se de veículos particulares e, geralmente, desfrutam as noites em casa. Vivem portanto as dimensões como o morar, estudar, conviver, lazer ou esporte encerrados quase sempre em instituições fechadas e seguras, sem experimentar a experiência das ruas, do bairro, do transporte coletivo de massa: sem contato, enfim, com a dimensão pública da cidade. (FRÚGOLI, 1995, 91)

Cattani e Kieling (2007) apontam que as escolas são diferenciadas e que servem como uma forma de reproduzir a desigualdade social³⁰. A escola para as elites garante posições

³⁰Partindo da noção de Bourdieu (2007) a escola é parte importante no acesso à determinadas posições sociais, portanto, para Cattani e Kieling (2007) a escola é uma forma de naturalizar as desigualdades sociais. No Brasil desde a década de 1990 tem sido feito um esforço pela universalização do ensino básico, criando a ideia de combate à desigualdade social através da educação e acesso à escola, mas “[...] Um sistema escolar

superiores para os membros da classe dominante, uma forma de privilégio social que oculta que as oportunidades de formação escolar são desiguais, reforçando inclusive a ideia do mérito individual. A escolarização é um traço distintivo de classe, segundo Cattani e Kieling (2007), pois a escola particular inculca mais os valores de grupos específicos do que a escola pública. Ao analisar escolas de elite, observa-se que há uma rede de relações de amizade, influência, matrimônio e aprendizagem de gestão de relações interpessoais, além do fato de que seus estudantes se formam e têm acesso aos melhores cursos das melhores universidades. “[...] A investigação indica também a necessidade de se diferenciarem grupos favorecidos culturalmente daqueles privilegiados economicamente, por apresentarem comportamentos sociais distintos.” (CATTANI E KIELING, 2007, 183).

Pode-se questionar se a busca por trabalho nas empresas dos próprios pais é motivada pela necessidade de adquirir experiência no trabalho de administrar, enquanto, de forma relacional, os filhos das classes médias são incentivados às escolas de qualidade, atividades variadas em cursos de formação e uma entrada mais tardia no mercado de trabalho para assumir profissões e posições sociais ligadas ao capital cultural?

Todavia, Cattani e Kieling (2007), ao analisarem pesquisas sobre outras formas de socialização de membros das classes dominantes chegam à conclusão que a fração empresarial busca socializar seus filhos não pela escola, mas pelo trabalho:

[...] Nas Famílias pesquisadas, a escola é relativizada como meio de manutenção do *status* social adquirido. Em geral, os jovens privilegiados *parecem se inserir com mais intensidade no mundo do trabalho do que no da escola*, ou seja, a participação no trabalho empresarial desde o início da adolescência socializa esse jovem no mundo dos negócios, extra-escolarmente. Tal inserção privilegiada no mundo do trabalho dispensa uma base de conhecimentos propiciada pela escola, constituindo-se numa forma de fuga do fracasso escolar. Os jovens dessas famílias são matriculados em escolas particulares de baixa qualidade, com o único intuito de obter os títulos que legitimarão posteriormente as posições já garantidas e para as quais eles se preparam nas empresas dos pais. [...] (CATTANI E KIELING, 2007, 181).

A burguesia não possui a dependência da escola, não precisa da formação escolar de longa duração, por vezes nem de diplomas de curso superior, daí por vezes frequentam a escola apenas em busca da formalidade do diploma. A educação é feita no trabalho, através do exercício de trabalhar na empresa dos pais, com o objetivo que os filhos assumam as funções

pretensamente universal sustenta a mitologia do mérito, escondendo as profundas diferenças de oportunidades que existem desde a creche.” (CATTANI E KIELING, 2007, 177)

de administrar empresa dos pais, uma forma de herdar a posição social que prevalece em relação à oportunidade educacional.

As classes dominantes no Brasil, segundo Cattani e Kieling (2007), contam com mecanismos de dominação tão sólidos de sustentação de sua posição social, que podem dispensar a educação formal, ainda que algumas frações da classe dominante possam lançar mão de estudos em escolas de qualidade no segundo grau para conseguir acesso às melhores universidades, ou mesmo em universidades do exterior.

[...] No Brasil parece existir um padrão rebaixado da formação escolar de parte das classes dominantes, como se o seu poder estivesse tão consolidado, que elas pudessem abrir mão de recursos simbólicos propiciados pela educação formal. (CATTANI E KIELING, 2007, 184)

Além da educação o consumo é um elemento de distinção para a burguesia em comparação com o proletariado e em comparação com a classe média:

[...] o consumo cultural pessoal é voltado a despesas com cinema, eventos esportivos, teatro e shows de música popular, ao invés de investirem em eventos e produtos que revelem uma exigência cultural distinta; por sua vez, o consumo cultural familiar com meios de informação volta-se a revistas semanais e Internet. Com poucas exceções, não há um consumo de bens de alta cultura, tais como pinturas de artistas reconhecidos, esculturas e outras obras de arte. A diferenciação dos bens simbólicos valorizados pelas classes dominantes locais em relação àqueles que dominam os padrões de pensamento e comportamento das classes dominantes dos países europeus – e, em alguns casos, até norte-americanos – e a não constituição de um padrão cultural próprio culminam na constituição de um campo simbólico fragmentado, com algumas particularidades próprias e inúmeras apropriações de culturas específicas, especialmente, a norte-americana. A realização de cursos de línguas estrangeiras preparatórios para viagens periódicas ao exterior reforça essa influência externa na formação do campo simbólico do País. [...] (CATTANI E KIELING, 2007, 182)

Seria esta uma forma de se viver as práticas de lazer da burguesia? A busca de viagens para o exterior, símbolos e práticas ligadas à cultura norte-americana que a população em geral não tem como ter acesso e por isso criam uma noção de distinção em relação à qualquer grupo social, de superioridade? Práticas de lazer ligadas ao consumo supérfluo como uma via de sustentar um status de superioridade em relação às demais classes?

Forjaz (1988), em *Lazer e Consumo Cultural das Elites*, analisa o lazer e consumo de bens de empresários na cidade de São Paulo, comparando-os às classes operária e média. Um dos mitos que se quebra neste estudo de Forjaz (1988) é o de que as classes dominantes não

trabalham. Observa-se nos dados apresentados que todas as classes dedicam-se muito ao trabalho, a maioria mais de 8 horas/dia e 20% trabalham no fim de semana, incluindo a classe dominante que trabalha menos em comparação com a classe operária e com a classe média, mas também apresenta longa jornada de trabalho semanal. Nos fins de semana a atividade burguesa de administração se estende, pois é comum o gasto do tempo com atividades complementares à administração dos negócios como a leitura de relatórios e acúmulo de informações para gerenciamento de negócios, implicando continuidade da jornada de trabalho. Assim não é o tempo disponível para o lazer que diferencia o lazer da burguesia em relação ao lazer do proletariado ou em relação ao lazer da classe média, mas a forma como se desfruta do lazer e a relação tempo de trabalho-tempo de lazer.

A peculiaridade do lazer burguês (e da própria vida), segundo Forjaz (1988), é o arbítrio e autonomia no uso do tempo.

[...] o que distingue os empresários dos outros estratos é a capacidade de maior controle sobre o próprio ritmo de vida. Eles são menos submetidos a horários impostos externamente à sua vontade e relativamente mais autônomos para determinar os ritmos da própria vida cotidiana. Podem escolher horários de trabalho menos congestionados, aproveitar o almoço para resolver problemas de negócios, assim como utilizar acontecimentos sociais para entabular negociações referentes às empresas.

[...] em contrapartida a ruptura lazer/trabalho é menos nítida. Ou seja, as preocupações relativas à empresa não estão rigidamente contidas num horário determinado de trabalho, mas perpassam praticamente a totalidade do tempo, inclusive aquele formalmente destinado ao descanso ou lazer. [...] faz dos empresários os mais atingidos pelo stress e pela estafa, doenças típicas da sociedade pós-industrial. (FORJAZ, 1988, 101)

A atividade de trabalho das elites os negócios, não precisando ser realizadas num lugar específico, nem em um mesmo horário acabam, implicando em um controle do horário de trabalho, do ritmo de trabalho, do local em que trabalha. A ruptura tempo de lazer e tempo de trabalho não é nítida e permite maior autonomia na ordenação das atividades. Em contraposição ao horário contabilizado de refeição para a classe média e principalmente para a classe operária, pressionado pela necessidade de retornar ao trabalho, as atividades do mundo dos negócios burguês permitem horários mais flexíveis.

Seria, então, este corte do horário da refeição, horário de lazer, entre burguesia e proletariado uma expressão do despotismo de fábrica, do despotismo da produção? A classe média estaria entre burguesia e proletariado na questão da autonomia do trabalho ao ter menor autonomia que a burguesia, mas maior autonomia que o proletariado?

Em suas entrevistas, Forjaz (1988) identifica também um elemento peculiar do lazer da classe dominante: a mudança de uma atividade de administração para outra. É comum um burguês possuir investimentos em vários setores, como capital industrial, capital rural ou capital financeiro, além de ter propriedade de várias empresas. Assim a mudança da administração de um negócio para a administração de outro negócio possibilita descanso, da administração comercial para a administração rural. A mudança acaba significando descanso ou distração, o que faz com que o burguês acabe fazendo da atividade administrativa uma forma de lazer.

A visão, representação, que os empresários fazem de sua atividade contrasta com aquela construída pelas demais classes, segundo a autora. As classes assalariadas - proletariado e classes médias - estão obrigadas direta ou indiretamente a trabalhar no ritmo da produção e a receber ordens, sendo o trabalho uma espécie de atividade penosa, enquanto a burguesia tem autonomia em suas funções. Para os empresários não há uma visão do trabalho como uma atividade de sofrimento, imposição e obrigação. O trabalho é valorizado como uma atividade criativa, cheia de sentido, positiva. Ademais, a atividade de administrar é carregada de satisfação e realização, além de prazer. Não há, por sua vez, uma vinculação de trabalho com a garantia da subsistência.

O trabalho aparece como o reino da liberdade, da escolha, da opção, da dedicação voluntária, exatamente porque esse é um dos únicos segmentos sociais onde existe concretamente a possibilidade de escolher uma atividade, de selecionar algum tipo de ocupação entre várias alternativas, sem estar totalmente constrangido pela necessidade. O empresário pode delegar tarefas desagradáveis e reservar para si aquelas que lhe dão mais satisfação. Além disso, os questionários demonstraram que os dirigentes empresariais costumam diversificar constantemente as suas atividades, podendo assim evitar a rotina e a repetição enfadonha.

Para quem não precisa se preocupar com as contas a pagar, o trabalho em doses adequadas pode até se transformar em terapia ou em forma de aferição da capacidade individual [...] (FORJAZ, 1988, 103)

Haveria então um estreito limiar entre lazer e trabalho para a burguesia, na medida em que também o trabalho se constituiria em atividade prazerosa. Já o ócio é rechaçado como uma atividade socialmente negativa. Vejamos.

O ócio, ou o “não fazer nada”, é desvalorizado pela burguesia na medida em que contradiz a ideia de “dedicar-se ao trabalho”³¹. Para as classes proletárias e médias que

³¹ “O ‘não fazer nada’ ou o ócio, como uma forma de preencher os tempos de não trabalho, é típico das classes trabalhadoras para quem o período livre de obrigações é muito escasso, assim como o tempo para o repouso. Já

precisam do trabalho para viver, que se sujeitam à disciplina do trabalho, para quem o trabalho significa esforço e fadiga, o “não trabalho”, a fuga do trabalho é uma busca, um escape. Não trabalhar é um objetivo, valoriza-se o ócio, justamente porque o tempo de ócio é pouco em comparação com o dispêndio de tempo no trabalho, prejudicando o tempo de descanso e de outras atividades da vida. Ao contrário, para a burguesia, a atividade de administração possui caráter prazeroso e autônomo, por esta razão a burguesia taxa negativamente quem não trabalha, já que quem não trabalha não está produzindo. Uma hipótese plausível é a extensão dessa análise para todo o lazer burguês: pelo fato do trabalho não significar uma obrigação, o lazer burguês, ao contrário do operário, não carregaria a noção de “tempo de não-trabalho”, “tempo sem os ritmos de produção”. Esta afirmação estaria completa? A burguesia não estaria também pressionada pela lógica capitalista, seu trabalho não é um trabalho em que há pressão cotidiana pela concorrência?

Mas quais são e como são as práticas de lazer da burguesia?

Os hábitos de “jantar fora” e “frequentar bares, boates e restaurantes” são dominantes na realidade paulistana e atingem, segundo Forjaz (1988), todas as classes sociais. A frequência em bares, boates e restaurantes apresenta as práticas de “comer, beber e dançar”, práticas que ocupam lugar central no *habitus* de lazer. As práticas de “comer, beber e dançar” estão ligadas à noção de “festa” que são eventos sociais que reúnem pessoas e estão ligados à ideia de lazer, prazer, gozo e fruição. No *habitus* de “festa”, “jantar fora” e “frequentar bares, boates e restaurantes” a burguesia se aproxima das práticas de outras classes, tomando o *habitus* de festa ligado à “dança”, “comida” e “bebida” como prioritários.

Cattani e Kieling (2007) afirmaram que os empresários têm o *habitus* de viajar para o exterior e se aproximam de uma cultura “americanizada”. Pode-se acrescentar que a burguesia se aproxima do “American way of life”, uma prática ligada à tentativa de sustentar um status que garante a distinção social, devido ao fato que poucas classes conseguem viajar e ter contato tão próximo com este estilo de vida. Forjaz (1988) também identificou outras práticas de lazer burguesas nas viagens, principalmente nos fins de semana, para fazendas, chácaras, sítios e casas de campo. As viagens atraem sobretudo as famílias, mas nestes casos há também diferenças na avaliação da viagem, posto que as mulheres e jovens tendem a atribuir maior valor às viagens do que os homens, para os quais viajar é em parte trabalho. Os empresários, segundo a autora, normalmente quando viajam ao exterior conciliam férias aos negócios.

que o trabalho preenche espaços imensos de sua vida cotidiana (mais o tempo gasto no transporte para chegar ao emprego) não sobram períodos suficientes para o descanso, que invade então os fins de semana, feriados e férias, que em outras classes sociais são preenchidos pelo lazer e pelo consumo cultural. [...]” (FORJAZ, 1988, 105)

Para os empresários as férias são determinadas pelos negócios e pelas necessidades das empresas. [...]

[...] O modo dos empresários vivenciarem as férias reafirma aquela espécie de perenidade do trabalho, mas também demonstra a fusão das noções de lazer/trabalho. As viagens internacionais (ou mesmo nacionais) são ao mesmo tempo lazer e trabalho. É possível para os empresários conciliar suas atividades de negócios com seu divertimento. Eles têm as condições materiais e culturais para transmutar o lazer em trabalho e vice-versa. A posição que ocupam no sistema produtivo enquanto donos do capital e gestores das empresas, associada ao elevado status social que inclui altos graus de escolaridade formal e padrão cultural, dá aos empresários o privilégio de poder transformar o seu trabalho em atividade que traz algum prazer e satisfação. Uma reunião de negócios em Paris ou Nova York pode ser cansativa e tensa, mas também pode proporcionar momentos de relaxamento, satisfação e inovação. Mesmo quando o empresário em férias não precisa ocupar-se de sua empresa, ele manifesta satisfação por fazê-lo [...] (FORJAZ, 1988, 113)

O *habitus* de viagem burguês difere das viagens proletárias, em primeiro lugar pela diferença no montante de capital que permite à burguesia realizar viagens para o exterior enquanto o proletariado se direciona para cidades dentro do país e mais frequentemente para lugares na mesma cidade, bairros próximos, casas de parentes ou viagens de excursões, mencionadas por Magnani (1984). Em segundo lugar se diferencia pela forma, posto que as viagens que o burguês realiza são feitas sozinho, em casais, com a família nuclear ou os filhos vão sozinhos. Há que se diferenciar duas modalidades de viagens: 1) viagens realizadas pela família, filhos ou casais com objetivo de lazer; 2) viagens realizadas pelo burguês a negócios.

No caso a diferença é que as viagens dos casais, filhos e esposas têm objetivo de lazer ou estudo, enquanto para os homens empresários a viagem tem objetivo de trabalho, viagem de negócios, mas que apresentam componentes de lazer por seguir-se de passeios conjuntos com os negócios.

Neste sentido é o que encontrou Forjaz (1988) em sua pesquisa onde dos 60 entrevistados 50 declararam viajar com frequência, praticamente todos os fins de semana, para o litoral, casa de campo, sítios e fazendas. O lazer em família fica evidente quando dos 60 entrevistados obteve 180 respostas, das quais 162 afirmaram participar das reuniões familiares e das viagens familiares. O proletariado viaja com a família ou em grupo, arrastando todo o contexto do lugar em que vive, parafraseando Magnani (1984), nas viagens não apenas as pessoas deixam seu local de vida, mas o “pedaço” se move junto, novamente contrasta relacionalmente o *habitus* do lazer de viagens entre burguesia e proletariado. Magnani (1984) mostrou que a forma principal de viajar para o proletariado é a excursão, seja

para objetivos turísticos ou devoção religiosa. Desta forma, não é uma viagem de família ou a negócios simplesmente, é preciso levar um conjunto de pessoas que possibilite a reprodução das relações e dos valores próprios do “pedaço” durante a viagem. Assim a preferência do proletariado é por viagens em família ampliada ou excursões em que se pode levar as pessoas que realizem a rede de relações próprios do “pedaço” que vivem. Pode-se dizer que o proletariado quando viaja busca se descolar no espaço geográfico, mas busca se manter na posição social de origem, carregando valores e relações? Pode-se acrescentar que as diferenças no *habitus* de viajar da burguesia e do proletariado estão ligadas às diferentes ideologias destas classes? A ideologia “coletiva” proletária contrasta relacionalmente com a ideologia “individualista” burguesa nas viagens?

Apesar de viagens em família para fazendas, chácaras e sítios, o lazer da família burguesa é mais individualizado, seguindo cada membro práticas de lazer próprias.

Aquelas formas de entretenimento produzidas no espaço doméstico e familiar envolvendo a afetividade e a sociabilidade (tais como visitas, reuniões, ou simplesmente bater papo, conversar, conviver) aparecem com frequência bem menor e não constituem o padrão dominante de lazer entre as elites entrevistadas. (FORJAZ, 1983, 106)

O lazer em família da burguesia contrasta em comparação com o lazer da família proletária, analisada por Magnani (1984), na medida em que a família proletária tem o *habitus* de participar de festas, reuniões, aniversários, batizados, casamentos e viagens com a presença da família com amigos e parentes, transcendendo a família nuclear³².

Se comparadas com as festas da família proletária as festas e eventos da família burguesa atraem os membros da família nuclear e amigos próximos. Forjaz (1988) afirma que o lazer das elites em família está ligado à importante relação entre família e propriedade. Os entrevistados afirmaram buscar manter hábitos de sociabilidade familiar bem como de lazer em família.

As atividades de lazer acabam se voltando para a família nuclear e para famílias burguesas convidadas para casa. As festas em casa são então centrais para a burguesia. Forjaz (1988) argumenta que as casas da burguesia são casas amplas e possibilitam eventos festivos no seu interior e há grande número de empregados que realizam o trabalho doméstico.

³² “Nos fins de semana a casa estava sempre cheia de gente – colegas e parentes [...] Os momentos de lazer propriamente dito, desfrutados em família, ocorrem por ocasião de festas tradicionais como o Natal, Páscoa, Dia das Mães, etc., e de aniversários, batizados, casamentos. [...] Um aniversário é sempre uma boa ocasião de encontro onde se bebe, se dança, estendendo-se a festa madrugada adentro. [...]” (MAGNANI, 1984, 142 e 143)

A amplidão e a riqueza dos equipamentos das casas burguesas em São Paulo permitem que todas essas celebrações ocorram no interior da habitação, lembrando mais uma vez antigos hábitos e comportamentos menos modernos. Da mesma forma, a abundância de mão-de-obra doméstica possibilita a frequência de festas e cerimônias dentro de casa. Sem a "criadagem" isso seria bem mais difícil. As imensas mansões dos bairros ricos de São Paulo com jardins monumentais e grande número de empregados domésticos (chauffeur, arrumadeira, cozinheira, copeira, faxineira, babá, mordomo, jardineiro, caseiro, vigilante etc.) configuram uma imagem modernizada e urbanizada da antiga "casa-grande e senzala". (FORJAZ, 1988. 111)

O lazer tem uma função essencial na preservação da propriedade por meio da construção de laços e relações familiares.

O domínio sobre o patrimônio comum e a preservação dele exigem a harmonia e o contato permanente entre os herdeiros e seus cônjuges. Mais do que isso, é preciso fazer com que as relações sociais garantam não só a manutenção, mas se possível, a reprodução ampliada do capital. É nessa lógica que se inscreve o fortalecimento dos laços familiares, assim como a convivência social com os "iguais", em suma com outras famílias burguesas. [...] (FORJAZ, 1988, 112)

Assim, repassar a propriedade por herança requer não somente uma herança de direito, oficialmente garantida pelos direitos civis, mas também o repasse de certas habilidades, conhecimentos, posições sociais e contatos sociais, necessários à propriedade capitalista, propriedade da empresa e propriedade das moradias. O lazer em família, seja da própria família nuclear, o contato dos pais com os filhos, seja a relação com as famílias de outros membros da burguesia é fundamental para absorção de valores burgueses, suas práticas e habilidades ligadas à propriedade.

Neste mesmo sentido o trabalho e o estudo dos jovens da burguesia é fundamental para a herança da propriedade, do patrimônio.

Quanto aos estudantes (principalmente os do sexo masculino), também não predomina uma vida de doce far niente e percebe-se precocemente um envolvimento deles na administração empresarial, como estagiários, auxiliares e uma série de outras formas de inserção na vida das empresas. Essa iniciação dos jovens herdeiros pretende transmitir desde cedo o gosto e a responsabilidade pela continuidade do patrimônio e funciona ao lado da educação formal (obtida prioritariamente em faculdades de Administração, Engenharia e Economia) como um aprendizado empírico de enorme relevância. (FORJAZ, 1988, 102)

As habilidades burguesas necessárias para a administração da empresa e da inserção social na posição de classe da burguesia são repassadas na família e no trabalho, são aprendidas tanto por meio do trabalho quanto pelo contato com os pais no trabalho.

Dentre as atividades de lazer em família estão as festas em datas comemorativas, que são praticadas de forma específica pela classe burguesa, entre as quais Forjaz (1988) destaca as festas de final de ano, carnaval e aniversários.

Os aniversários são comumente comemorados pelas classes burguesas,. *“Quanto ao aniversário, apenas 7 dos 60 entrevistados deixam de comemorá-lo e a forma mais comum implica em festas ou reuniões onde convivem parentes e amigos. [...]”* (FORJAZ, 1988, 111). Há também a busca por celebrar o nascimento de filhos e o aniversário dos filhos, predominando a comemoração no âmbito doméstico com festas.

O natal como festa predominante na sociedade é praticado pela burguesia em família, com a família nuclear e convidados, sejam eles familiares ou amigos, de diferentes gerações. O natal é vivenciado não como uma festa religiosa, mas como uma festa social, geral de toda a sociedade³³.

O Ano-Novo é comemorado quase sempre em casa ou em casas de campo, uma festa sem o caráter religioso onde é possível perceber também os laços familiares.

As classes burguesas praticam o carnaval, uma festa popular por excelência, de variadas formas. A forma predominante é a fuga desta festa nacional e popular, pois a burguesia, em geral, não se identifica com o carnaval. Outra forma, menos usual, é assistir de longe, por isto alugam camarotes para assistir a festa, apreciar de longe o espetáculo. Um terceiro grupo, minoritário, composto de jovens, acaba se envolvendo na festa carnavalesca, mas sua prática se direciona à locais voltados para as elites: bailes de clubes, desfiles de fantasias, blocos de escolas de samba em cidades de interior, sempre com sua busca de fugir de grande agrupamentos populares³⁴. Assim a burguesia busca no carnaval também viajar ou se dedicar às atividades de lazer comuns da burguesia, por vezes ignorando que o carnaval seja uma festa nacional e popular.

³³“Portanto, o Natal é vivenciado e experimentado como uma comemoração leiga, mas ainda é reconhecido como uma festividade ligada à religião. [...]”

As festividades natalinas constituem uma celebração essencialmente familiar e não envolvem apenas a família nuclear. Reúnem-se diferentes gerações e ramos colaterais; primos, tios e até parentes distantes. [...]” (FORJAZ, 1988, 110)

³⁴“Essa fuga do Carnaval envolve o medo das multidões, o temor da promiscuidade com as classes populares que saem às ruas para festejar. [...]”

[...] Assim, não é por acaso que durante o Carnaval grupos de pessoas de classe média e classe alta deixam a cidade, por “não poderem suportar o Carnaval” ou “a transformação da cidade num grande pandemônio”, uma cidade tomada pelas classe populares e com gente misturada.” (FORJAZ, 1988, 109)

Como explicar o lazer das classes dominantes, tendo em vista o *habitus* de lazer e de festas analisados por Forjaz (1988)?

Em relação às festas populares, observa-se que a tendência da burguesia é, senão repelir, envolver-se de forma “artificial”, não se engajando tal como ocorre com outras classe sociais – o que pode representar uma ideia de superioridade social.

2. 3 Práticas e representações de lazer das classes médias

Às vezes a gente perde a noção, não de status, mas de classe mesmo. O que é que eu sou? Quando você não consegue investir alguma coisa no fim do mês, quando empata e o cheque especial está no vermelho, já não dá para considerar, não dá para saber, não dá para manter o padrão de classe média. [...] Nós temos ‘n’ atividades [...]. Vamos passear no Ibirapuera, mas para tomar cinco sorvetes você tem de pensar duas vezes. Se for fim de mês, nem pensar; é o mínimo que você pode fazer, não tomar um sorvete na esquina; caramba! (Ricardo, membro da classe média – O’DOUGHERTY, 1998, 14)

Após analisarmos o lazer proletário e burguês, tomaremos os estudos existentes sobre o lazer das classes médias, enfocando as práticas do lazer e sua relação com consumo, moradia, alimentação, formas corporais, vestimenta, espaços de lazer, bem como com as visões e representações simbólicas.

A classe média é composta, segundo Saes (1977), pelos trabalhadores urbanos não-manuais que realizam funções não repetitivas e com maior autonomia relativamente ao trabalho operário e que compreendem a divisão social do trabalho como uma divisão natural, justificada pela ideologia da meritocracia.

Em função de sua posição superior na divisão do trabalho, a classe média tende a assumir posições que requerem determinadas certificações, tais como diplomas e cursos.

O diploma é a comprovação social de determinada competência/habilidade necessária para um trabalho, tornando-se símbolo de capital cultural com determinado valor atribuído socialmente. Devido às posições sociais a classe média possui estreita relação com a escola e com a obtenção de diplomas. Assim argumenta Saes (2005):

A rigor, a classe média não precisa da escola pública, enquanto espaço institucional onde podem coexistir todas as classes sociais, para promover a ascensão individual dos seus filhos na escala social. Muito pelo contrário: inscrevê-los numa escola particular, onde o alto preço da mensalidade não só garante a qualidade do ensino como elimina uma parte dos futuros concorrentes, delineia-se como a estratégia mais adequada para a consecução desse objetivo. É um fato que o culto à meritocracia figura na fachada do discurso da classe média sobre a escola pública. Analisada essa fachada de

um ponto de vista sociológico, fica evidente que a opinião de que o sucesso profissional, econômico e social deve bafejar exclusivamente aqueles que revelarem capacidade para tanto, independentemente de sua condição de classe, não pode ser qualificada como a codificação dos verdadeiros interesses da classe média. Essa classe social, enquanto grupo social específico, não pode ter interesse em que as chances, na vida econômica, profissional e social, das crianças potencialmente capazes das classes trabalhadoras manuais sejam aumentadas, pois isso significaria a diminuição, em termos relativos, das chances dos seus próprios filhos. Na verdade, o culto à meritocracia é apenas uma ideologia de segundo grau; vale dizer, uma argumentação que presta cobertura ao compromisso orgânico da classe média com o seu verdadeiro interesse de classe. Esse interesse consiste na promoção da valorização econômica e social dos trabalhadores não-manuais relativamente aos trabalhadores manuais; promoção essa que não está garantida de modo permanente, definitivo e estável pelo mero fenômeno da divisão capitalista do trabalho, isto é, pela separação recorrente do trabalho de concepção/direção com relação ao trabalho de execução. Aqui encontramos a ideologia orgânica da classe média: este grupo precisa provar ao conjunto da sociedade, e mais especificamente à classe capitalista, que os detentores dos postos de trabalhador não-manual, dentro da divisão capitalista do trabalho, ocupam esses lugares por terem provado - na vida escolar, em provas, em concursos etc. - que são os mais competentes para tanto. (SAES, 2005, 104 e 105)

Mas esta diferenciação característica do trabalho também se reflete e difunde nas demais dimensões sociais, entre as quais no mercado, ou seja por meio do consumo.

O consumo é forma de distinção das práticas da classe média, que afeta também o lazer. No texto *Lo bonito, limpio y seguro: usos del espacio de La Ciudad de México por una fracción de clase media*, Santillán (2007) aborda os espaços de consumo, diversão e lazer da classe média, especificamente de uma fração dos profissionais de classe média, na Cidade do México³⁵.

Os espaços de consumo e diversão da classe média analisados Santillán (2007) na Cidade do México estão os distritos do Centro histórico, Santa Fé e Roma-Condesa, distritos que passaram por revitalização, fruto do desenvolvimento neoliberal a partir de 1980 com a construção de centros financeiros e comerciais, com zonas variadas de consumo, juntamente com o processo de embelezamento da cidade a partir da segregação espacial, resultando em novos espaços dedicados ao consumo de determinadas classe sociais como a classe média.

³⁵Santillán (2007) baseia-se na escolarização, ocupação e ingresso doméstico, além de certas práticas culturais próprios de um universo comum para os membros da fração de classe média escolhida, onde todos os entrevistados ganham mais que 4 salários mínimos, em sua maioria os homens têm curso superior e as mulheres as profissões técnicas (magistério, secretariado, auxiliar contábil, etc.), realidade que está mudando enquanto as mulheres entram mais na universidade. Todos os informantes exerciam sua profissão de formação.

Na região de Santa Fé formou-se um espaço com escritórios de empresas multinacionais, o que se chamou de uma “sede corporativa” do México, uma zona com centros comerciais, hipermercados e restaurantes. Ali formou-se um espaço de consumo e lazer para os trabalhadores de categorias socioprofissionais de classe média, além de universidades, escolas e edifícios de departamento.

[...] esta zona comenzó a albergar oficinas de empresas transnacionales em su ramo [...] tornándose um polo de empleo para personal com ciertas credenciales, y, em consecuencia, también se vuel um espacio de ocio y consumo para lós empleados destas categorias socioprofesionales, [...] ³⁶ (SANTILLÁN, 2007, 14)

Os investimentos criaram um espaço com o alto valor imobiliário que valoriza os terrenos, tornando-se um local de alto padrão de consumo para as classes médias. As colônias de Condesa e Roma são de estilo afrancesado. Com os investidores privados os empreendimentos recuperam casas deterioradas que transformam-se em restaurantes, bares e boutiques³⁷. Na região a oeste de Zócalo, nas avenidas principais, ocorreu o processo de revitalização dos edifícios de patrimônio arquitetônico convertidos em bares, galerias, boutiques e museus privados.

Para Santillán (2007) o Centro histórico, Santa Fé e Roma-Condesa, majoritariamente frequentados por membros da classe média, são centros de distribuição de serviços e produtos do capitalismo global, acrescentamos que podem ser comparados com zonas industriais, conglomerados fabris, onde ao contrário existem trabalhadores operários, que utilizam destas zonas industriais para trabalhar e até para momentos de lazer e consumo. Seriam estes espaços preferidos pela classe média por não serem zonas industriais, frequentadas por um público típico operário, devido à ideologia de classe média que rejeita os trabalhadores manuais?

Além dos centros de consumo Santillán (2007) analisa os locais de moradia que são espaços de vida fundamental da classe média. Para a classe média a casa não é algo insignificante, é, na verdade, fundamental. A moradia própria significa um símbolo de status, sobretudo em uma cidade predominantemente pobre.

³⁶ [esta região começou a abrigar escritórios de empresas multinacionais líderes no [seu] ramo [de negócios] [...] tornando-se um polo de emprego para pessoal com certas credenciais, e, por consequência, também um espaço de lazer e consumo para os trabalhadores destas categorias socioprofissionais]

³⁷ No centro da cidade a leste de Zócalo, os edifícios se deterioraram e antigos estabelecimentos industriais tornam-se aos poucos bares e locais de contrabando. Já o mercado municipal Central segue como ponto de uso popular.

A propriedade e a colônia³⁸ onde estão localizadas as casas são reflexos de estilo de vida, poder de compra e aspirações.

[...] Poseer un lugar en dónde vivir garantiza cierto sentimiento de seguridad, incluso em aquellos casos en los cuales los montos que se tienen que desembolsar para la renta, el mantenimiento, la adquisición o el pago del crédito hipotecario son em sí mismos una fuente de angustia.³⁹ (SANTILLÁN, 2007, 15)

O local de moradia dos membros da classe média, a colônia onde vivem, leva à determinadas representações, sobre esse espaço que identifica a realidade socioeconômica, por isso a frequente pergunta: *por onde vive?* A casa tem implicações simbólicas, pois é vista como um bem que se pode herdar e que se compra uma única vez na vida, um bem para a vida toda.. Trata-se de um bem socialmente distintivo de classes. Estas residências são em geral construções recentemente reformadas, remodeladas e ampliadas pelos donos, com materiais sólidos e o espaço é estruturado por uma lógica de convivência e de uso relativamente rígido, cada cômodo com mobiliário próprio, há pelo menos um espaço para higiene, outro espaço para preparação de alimentos, outro para comer e outro para a socialização, garagem para carros e espaço para repouso noturno.

Segundo Santillán (2007), a população dos bairros de classe média é mais homogênea se comparada com a população de outros bairros da cidade, mas há, por sua vez, uma heterogeneidade, principalmente em colônias que se instalaram onde antes havia bairros populares. Observam-se diferenças de dimensão e características nas casas de cada colônia e em comparação com as casas das classes populares.

Há espaços de consumo e diversão que a classe média frequenta fora do local de moradia. Para as refeições é comum comer fora de casa, principalmente com o objetivo de evitar voltar para casa na hora do almoço, mas também nos fins de semana é comum sair para comer, um programa de lazer, em família ou casais. Comer fora de casa é até preferido para não ser preciso fazer comida em casa, reivindicação das próprias mulheres para evitar o trabalho doméstico. Os pratos preferidos, geralmente consumidos nos locais de alimentação

³⁸ No México existe diferença entre o que se denomina “barrio” e o que se chama “colonia”. Oficialmente a Cidade do México está dividida em “colônias”, em espanhol, é o que se identifica no Brasil como bairros, mas na linguagem coloquial da população na Cidade do México “barrio” assume conotação de bairro popular, geralmente na periferia, enquanto “colônia” são denominados os bairros antigos no centro, habitados pela classe média. Agradecemos a Paolo Vargas Trigoura pelos esclarecimentos.

³⁹ [Possuir um lugar onde viver garante certo sentimento de segurança incluindo aqueles casos em que os montantes que se tem que desembolsar para a renda, a manutenção, a aquisição ou pagar o crédito hipotecários, é em si mesmo uma fonte de angústia.]

fora de casa, são aqueles ligados à comida caseira, portanto, há um crescimento dos estabelecimentos especializados em culinária local.

As práticas e os espaços de consumo da classe média encontrados são justificados a partir de critérios de higiene, de segurança e de estética. As visões que qualificam determinados espaços como higiênicos, seguros e belos, encontrados por Santillán (2007) na Cidade do México pela classe média constituem formas de distinção relativamente aos bairros populares, considerados sujos, inseguros e feios.

A classe média frequenta os espaços de consumo e de lazer analisados por Santillán (2007), mas busca cada vez mais espaços exclusivos, tais como clubes.

Maldonado (2010) realiza uma pesquisa nos clubes da Cidade do México e analisa a forma como os frequentadores dos clubes, em sua maioria da média e da alta classe média, percebem sua sociabilidade naqueles espaços de lazer. Conclui que a urbanização e as condições da cidade, num meio metropolitano, acabam por levar esses grupos cada vez mais a buscar novos lugares, onde possam se diferenciar dos outros grupos, se separar do contexto social da cidade – se isolar da violência e pobreza – e, ao mesmo tempo, construir uma rede de solidariedade no interior do próprio grupo da classe média. Estes lugares são privados; neles é possível a construção de identidades exclusivas e distintas por parte de seus frequentadores. Os discursos são baseados na necessidade de construir barreiras em relação “ao outro”, ao externo, aos demais moradores da cidade.

Para desenvolver sua pesquisa de campo, ela frequenta os clubes como estrangeira, observa as formas como as pessoas se relacionam em diversos espaços do clube, tal como saunas, piscinas, restaurantes. Nesta pesquisa ela investiga o tempo diário ou semanal gasto no clube, há quanto tempo são associados, a idade, o padrão socioeconômico das famílias e a época do ano em que há mais frequência. E por fim investiga também pessoas que vivem ou trabalham nos arredores para saber a opinião delas sobre os clubes e seus frequentadores.

A autora também realiza um levantamento bibliográfico interessante. Levanta autores que pesquisaram as práticas de lazer na Cidade do México, cuja fonte de investigação eram as redes sociais por meio das quais esses grupos manifestam suas ideologias, privilégios de status e estilos de vida exclusivos (Gledhill, 2002; Lomnitz and Perez-Lizaur, 1987; Nutini, 1995). Este ponto é importante em sua pesquisa para mostrar as relações sociais que os frequentadores estabelecem e as pessoas com as quais convivem, pois embora o clube signifique uma forma de isolamento e distinção social, é ao mesmo tempo, um local de construção de outras relações sociais. A autora se utiliza da teoria de Bourdieu (2008) para

quem as fronteiras de classe se constroem pelos *habitus*. Cada grupo realiza em sua prática social a ideia de diferenciação legando a si um status diferenciado.

Um aspecto interessante é que os grupos que escolhem os locais de enclaves fortificados para suas práticas de lazer têm por objetivo participar de um grupo de status diferenciado. Segundo os dados da pesquisa empírica, nas entrevistas levantadas por Maldonado (2010) os frequentadores dos clubes têm uma noção “negativa” da Cidade do México, uma cidade metropolitana que os entrevistados identificam como um lugar “sujo”, “mal cuidado” e “poluído”. Os interlocutores citaram o crime com uma carga emocional negativa, citaram medo de roubo e sequestro, principalmente aqueles que têm filhos pequenos, há um medo do transporte público e dos espaços públicos, um discurso de evitá-los.

Nas entrevistas a autora identificou que as imagens que a classe média e alta classe média fazem em seus discursos, de forma que sempre idealizam o passado e problematizam o presente. A idealização é uma fuga dos problemas, fuga das contradições da vida atual, época em que se duvida dos benefícios da modernidade e se busca um retorno a uma época que se imagina mais tolerante. Quando os informantes falam dos problemas sociais, poluição, violência etc. responsabilizam, não o poder público, a divisão de classes, a desigualdade existente, mas algum grupo específico pelos problemas, como os imigrantes que vieram ao México durante os anos 1990. Denominar como causador dos problemas imigrantes ou a população oriunda do espaço público constituiria assim uma forma de ocultar a natureza social e desigual da sociedade, individualizando e moralizando a origem de seus problemas.

Neste contexto as pessoas traçam estratégias de sobrevivência e traçam os lugares onde “se deve ir”, cria-se uma situação de segregação para alguns que atinge até a construção de barreiras físicas e simbólicas entre o “nós” e “eles”. No contexto de separação e segregação social surge a importância dos clubes para a classe média, como espaço de construção de sua identidade. Dentro de muros, portões e seguranças dos clubes os membros da classe média estão cercados do espaço público, de forma que não veem o que está de fora do clube. Nos discursos aparecem “você está aqui no clube, lado bonito da cidade”. As construções das dependências dos clubes projetam uma separação espacial do bairro, do público, criando uma distância social que permite ao membro do clube o acesso a uma forma de vida ideal. O contato com o público e o bairro causa ansiedade neste grupo, incluindo a importância dirigida pelo clube para controlar o acesso ao espaço, justificados pelos membros para separar o “eu” e o “outro”.

Para entrar nos clubes é preciso ser membro. Para fazer sua pesquisa, Maldonado (2010), se utilizou de convites na modalidade de “visitante”, cuja entrada foi permitida apenas porque era turista, originária de outro país, não sendo permitida a outros mexicanos. Um elemento material da noção de “eu” e “outro”, da distinção que o clube procura, está no próprio crachá que está escrito “visitante”, numa separação clara com os sócios, significa que pode frequentar o clube, mas como não é um membro, um de “nós”, não pode ser permanente. Como visitante Maldonado (2010) tinha acesso a alguns espaços, como sala de bilhar, cinema e jardim, mas não a outros espaços exclusivos dos sócios. Assim a pesquisadora precisava confirmar sua identidade diariamente mesmo já sendo conhecida.

As fronteiras separam então um grupo interno, de “poderosos”, daqueles de fora, “indesejados”, realizando o desejo de exclusividade de seus associados, de pertencerem a uma comunidade exclusiva, privativa, com ordem, segurança, homogeneidade e status.

Maldonado (2010) explica que dentro de uma comunidade privada e murada há a formação de ideais comuns de territórios, identidade de classe e valores compartilhados que formam uma determinada homogeneidade (sameness) do grupo. A desqualificação daqueles que estão fora do clube como “indesejados”, “portadores de perigo”, “sem determinadas capacidades”, pode ser pensada como expressão da ideologia da meritocracia que rejeita espaços e práticas do proletariado?

[...] The concept of ‘sameness’ therefore represents a collective notion that residents (and club members) use to articulate divisions between a class/status ‘Self’ and class/status ‘Other’ – divisions they perceive as inherently valid.⁴⁰ (MALDONADO, 2010, 34)

Os membros dos clubes expressam percepções de homogeneidade social, espacial e cultural do seu próprio grupo, em formas performativas e discursivas de classe, em grande parte por meio de requisitos sociais de convivência, determinados padrões de cultura e educação, comportamentos sociais construídos, por vezes mais evocados que as relações econômicas e materiais, que servem como traços de marcação de classe, justificando sua posição de membro do clube através de valores compartilhados.

Na medida em que se constrói a identidade do grupo julgam aqueles que são “pessoas como nós” pelos padrões de educação e cultura punindo aqueles que não se adequam ou

⁴⁰ [O conceito de “homogeneidade” representa, portanto, uma noção coletiva de que os residentes e membros dos clubes utilizam para articular divisões de classe/status do “eu” e do “outro” – divisões percebidas como inerentemente válidas.]

quebram as regras, qualificando-os como o “outro”, separando grupos sociais e performances entre “nós” e “eles”.

Sempre que um grupo cria um rótulo para si e para os outros ele estabelece uma hierarquia imaginária social e cria critérios para se mover em círculos de “melhores” ou para excluir “indesejados”. Nos clubes, onde se encontram os membros da classe média, observa-se nos discursos dos membros que seus frequentadores são pessoas “em quem se pode confiar”.

[...] What ensues among the middle class is indeed a “fight” – a fight to preserve some semblance of a privileged identity and existence. In this way, it parallels the struggle for social distinction and inclusion I believe Parker is alluding to in his statement above – what some describe as an anxiety-ridden and often frustrating process enacted through performance or, as one informant calls, it, “appearance” and “presentation”.⁴¹ (MALDONADO, 2010, 28)

O consumo dos membros da classe média mexicana garante acesso material, social e simbólico a um determinado grupo ou classe desejada. Os atos de consumo se referem à sistemas compartilhados de significados de relações de solidariedade e distinção de outros, mas também O’Dougherty (1998) argumenta que formam meios de renovar um padrão material e simbólico.

Assim, parte da aspiração de performance desta classe média envolve bens de consumo, materiais e serviços que são investimentos num estilo de vida particular: dirigir determinado tipo de carro; utilizar aparelhos e acessórios de marca; estudar em escolas particulares; morar em bairros exclusivos; possibilidade de fazer viagens nacionais e internacionais; Ser membro de clubes privados (em oposição aos clubes patrocinados pelo governo).

Os membros afirmam que é preciso ter um mínimo de capital econômico para ser membro do clube, representam o capital econômico como critério de pertencimento, para isso é preciso ser pessoa “decente, que trabalha duro profissionalmente”, que serve para diminuir ao mínimo as diferenças entre os membros, a mesma “capacidade de pagar” cria uma noção de que os membros estão num mesmo nível. Nos discursos emerge a concepção de que é justo e aprovado pagar taxas de permanência anualmente, taxas cobradas ao começar a ser sócio e

⁴¹ [O que se segue entre a classe média é de fato uma “luta” - uma luta para preservar alguma aparência de uma identidade privilegiada e existência. Desta forma, ela é paralela à luta pela distinção social e inclusão acredito que Parker (2006) está aludindo à sua afirmação acima - o que alguns descrevem como um processo carregado de ansiedade e frustração promulgada muitas vezes por meio da performance ou, como um informante chama, ela, como “aparência” e “presença”.]

depois mensalmente. Portanto, é comum nos discursos dos entrevistados frases que expressem a ideia: “se você não pode pagar então tem que sair”. O gasto com o clube é também expresso no discurso como indispensável, visto a longo prazo como um investimento, “o melhor” para si e para a família, um gasto permanente mesmo diante de eventuais dificuldades financeiras.

Se o consumo, como vimos pela bibliografia disponível, não é o único distintivo de classe média ele é fundamental como distintivo das classes médias. Para definir suas fronteiras, as classes médias se apegam à prática de consumo “cultural” e “moral” como traço de superioridade. O consumo não é para classe média um fato em si, consumo é importante para o que ele significa, satisfação de interesses e forma de expressar determinada posição social. Assim o consumo é uma forma de garantir determinados interesses de conquistar e manter uma posição social, justificativa para determinados privilégios que a classe média possui em relação à outras classes.

Os membros da classe média afirmam que as pessoas têm níveis diferentes de educação e cultura. A educação que aparece nos discursos nada tem a ver com educação formal, são valores, interesses, tradições, padrões de comportamento passados de geração em geração, aos quais, nos resultados de Maldonado (2010), a classe média se apegam para incluir alguns membros e excluir outros membros, principalmente em tempos de crise econômica em que todas as classes deixam de gastar com educação, em que se perde o trabalho ou se diminui o poder de consumo, a classe média se esforça ao máximo para manter a escola particular para os filhos.

A educação e a cultura são valorizadas pelos membros do clube, afirmam que é preciso educação e cultura para interagir ou “conviver”. Maldonado (2010) entrevistou Pablo (clube Paz) que afirma que os “de fora” do clube veem os “de dentro” com boa impressão, mas Pablo afirma que as pessoas de fora não têm cultura, possuem comportamentos aos quais é melhor se distanciar, pessoas as quais é melhor se distanciar, em seu discurso aparece: “se aquela pessoa não tem boa cultura e educação melhor não se envolver”. Outros informantes acusam estes “outros”, que não pertencem ao clube, de ter uma vida sem “decência”: “em suas casas não têm educação, não sabem comer, sentar, não sabem se comportar socialmente”. Através destes discursos buscam legitimar sua posição social, sua cultura, etiqueta, educação e status superior. Os níveis de educação e cultura servem para manter um ambiente controlado no clube, criando uma rotina tranquila e sem conflitos, onde as expectativas dos sócios que usufruem do clube acerca da performance das pessoas com que se convive são satisfeitas diariamente. Frequentar o clube é para os sócios, realização da identidade e do sentimento de

pertencimento porque esperam um ambiente tranquilo, com pessoas que julgam educadas e cultas, que acabam sendo realizadas no contato com os membros e na presença no clube.

As atividades que garantem essa separação da realidade mundana se dá pela “performance”, onde a realidade dos atores se dá pelo que acreditam e viver de acordo com que acreditam, seguem e realizam suas visões no espaço do clube, como uma realidade que os separa da realidade da vida cotidiana. Na vida cotidiana a identidade acaba sendo, por vezes, contrariada, no sentido de que não pode ser realizada a identidade de classe pela exposição às condições de convivência na cidade, enquanto no clube as possibilidades de realizar a performance de classe média são ampliadas, desta forma dentro do clube a identidade é realizada materialmente justificando a separação “eu-outro” que os membros dos clubes criam em discursos de classificação binários “educado/não-educado, culto/não-culto”.

Alguns informantes chamam o ambiente do clube de “familiar”, que o clube é composto de “pessoas que nunca vão te ferir”, “onde você encontra amigos”, “onde você é acolhido, onde te procuram...”. O discurso de familiaridade está associado ao “alto valor humano” que estes membros atribuem em relação aos “de fora”, sendo os “de fora” vistos com menor valor humano⁴².

As crianças também são objeto de preocupação da classe média, quando entrevistados os membros dos clubes revelam que os filhos dos sócios dos clubes são “mais educadas, independentes e comunicativas”, “as crianças são mais envolvidas no ambiente do clube, nas atividades, esportes e formando grupos”, sempre comparando com as crianças de famílias que não frequentam o clube. Alguns informantes afirmam que no clube as crianças aprendem valores de honestidade e respeito, aprendem como se comportar e como socializar de forma apropriada com os outros, aprendendo com treinadores, administradores e adultos no clube. O clube é visto pelos informantes como uma “extensão da casa”, tal como é visto como espaço de convivência da “família”, os informantes acreditam que é onde se convive com pessoas respeitáveis e educadas. Maldonado (2010) afirma que o envolvimento em atividades recreativas garante desenvolvimento educacional e social.

Portanto, o termo educação já começa para os membros do clube na origem e relação familiar. Essa educação familiar serve para disciplinar a pessoa desde cedo para ser membro de determinada classe, ser uma pessoa “decente”, se não for educada a criança pode ser “excluída de determinados círculos”.

⁴²Blanca é uma informante que no seu discurso atribui essa familiaridade a um “estilo de vida refinado, mentalidade com alto nível cultural e educacional, que os sócios têm em comum”, outro informante fala do clube como um ambiente de pessoas com gosto refinado e de pessoas com famílias estáveis e respeitáveis.

A seleção no grupo evidencia a distinção social. Os membros mantêm esses tipos de expectativas predominantes porque os clubes continuam a reforçar políticas de seleção, prevenindo que pessoas com baixa educação e cultura acessem “seus” espaços, ou seja, mantendo distante o que os membros e os administradores qualificam de “outros”, “sem educação e cultura”.

Os processos de seleção variam, mas em geral o objetivo é manter a homogeneidade cultural e social das “pessoas como nós”. Na seleção os candidatos a sócios devem provar o mesmo nível de educação e cultura dos outros membros do clube; são feitas entrevistas extensas, visitas às casas dos candidatos para avaliar a interação da família, é preciso de cartas de recomendação, bem como a reputação dos membros diante da cidade, avaliados por outros membros conhecidos, todos estes são exemplos de filtros para medir os níveis de educação e cultura. Um dos membros do quadro antigo da administração conta que para ser aceito no clube é preciso ser “família com o tipo de membros que temos aqui”.

O processo de seleção serve para criar nos sócios a sensação de que há critérios fortes para escolha dos membros, que os critérios que separam os “de fora” são efetivos garantem proteção, servem como forma de distinção em relação a pessoas vistas pelos membros como de “pobre educação”. Mas Maldonado (2010) observa que existem atitudes que os sócios qualificam de “falta de educação” e “falta de cultura” que são tomadas por sócios do clube nas suas relações no clube, além de determinadas pessoas serem consideradas incapazes de frequentar o ambiente do clube, inadequadas para o público do clube, pela falta de “educação e cultura”. Quando os sócios avaliam as atitudes de falta de “educação e cultura” colocam a responsabilidade nos “mecanismos de seleção”, taxando as atitudes negativas como próprias de pessoas “de fora” do clube, pessoas que não deveriam estar ali e se estão é uma falha na seleção do clube. Colocar a responsabilidade nos mecanismo de seleção é uma forma de se afastar do problema institucional de medir níveis diferentes de educação, contribuindo também para legitimar seus privilégios como membros do clube. Isto acontece porque o grupo da classe média fica ameaçado por práticas que não confirmam um ambiente de pessoas com “educação e cultura”, uma ameaça à sua visão de mundo sobre o que é ser classe média e o que é ser sócio do clube.

Estes processos de seleção e tentativas de criar distinção e homogeneidade pelo capital cultural podem ser interpretados como símbolos típicos de classe média? A classe média justificaria a ideologia da meritocracia, a busca por se separar do proletariado, através do seu capital cultural?

Existe uma categoria interessante para mostrar a identidade de classe média nos clubes e a distinção social, no público de classe média pesquisado por Maldonado (2010), refere-se aos chamados “novos ricos”. Quando se fala dos novos ricos os informantes expressam desgosto e desprezo, classificando-os como “ricos que não têm educação, como os comerciantes não graduados, como os traficantes que são ricos”, “esses ricos não tem princípios, não têm valores”, “sem autenticidade, pessoas que querem ser o que não são”, um grupo que não tem nível de educação e cultura para ser membro do clube. Os membros do clube afirmam que não nasceram ricos, então não tiveram escolha a não ser se dedicar a muitos anos de estudo formal e trabalho duro para atingir sucesso, ao contrário dos “novos ricos” que nasceram ricos, mas não sabem ter educação e cultura que a posição de sócio do clube requer. Os novos ricos são avaliados como membros do clube que não têm nível cultural e educacional, indesejados, também que não se esforçaram para conseguir, duplamente desqualificados. Na verdade, Maldonado (2010) mostra que a caracterização de “novos ricos” não tem fundamento material, não se encontra um grupo que seja de “novos ricos”, nem que se intitule assim, mas é uma forma de taxar práticas com falta de capital cultural e educacional que apareçam no clube, uma forma de dizer que as práticas sem educação ou cultura não é própria do membro do clube, mas de um grupo “externo” que “invadiu o espaço do clube” e nele não deveria estar. A caracterização de “novos ricos” é também uma estratégia para taxar as atitudes de “falta de educação e cultura” a um grupo que “não deveria pertencer ao clube”, externos que são como intrusos no clube.

Análise interessante é realizada por O’Dougherty (1998) cuja pesquisa foi desenvolvida na cidade de São Paulo. Sua pesquisa teve como objetivo investigar as formas como a classe média se auto-representa e se distingue socialmente, seja de outros grupos de consumidores, seja de grupos no espaço da cidade, ou até de migrantes - como no caso dos “nordestinos”. O’Dougherty (1998) discute algumas pesquisas existentes sobre classe média e conclui que elas fazem uma aproximação entre classe média e padrões de consumo próprios da classe média, todavia, acrescenta que além do padrão de consumo é importante analisar as preferências, os comportamentos da classe média em função da conjuntura, ou seja, como em cada conjuntura os interesses dos membros da classe média são satisfeitos ou não.

A autora analisa como a crise e a inflação na década de 90 afetaram os padrões e alteraram as fronteiras da classe média – o que acabou levando a classe média a apoiar um grupo político que lhe sinalizasse ganhos, novas oportunidades de manutenção de seus padrões de consumo e de vida. O’Dougherty (1998) afirma que hábitos de consumo são

formas de solidariedade entre os membros de um grupo, ao mesmo tempo em que constituem formas de distinção em relação a outros grupos. A apropriação de bens e serviços, incluindo o uso de espaços de lazer, tais como clubes, seria visto pela classe média como “[...] *distinções pelo consumo e pelo estabelecimento de fronteiras entre esferas privadas.*” (O’DOUGHERTY, 1998, 2).

A construção da identidade da classe média se dá não pelo consumo simplesmente, mas pela forma como seus membros representam esse consumo, a forma como aplicam seus recursos, os bens e serviços que adquirem.

Procurando contribuir para essa literatura, minha pesquisa sobre famílias de classe média e alta de São Paulo visou analisar a maneira como esses paulistanos redefiniam e representavam suas posições sociais na vida cotidiana, em um contexto em que as bases de sustentação do modo de viver de classe média - emprego estável, educação, habitação, poupança, facilidade de consumo - estavam ameaçadas. Tais circunstâncias colocavam em questão os recursos e o significado da condição de ser da classe média. O consumo tornou-se o foco principal de minha análise, tendo-se revelado também um fator decisivo para o grupo e o contexto (aliás, as questões de consumo ocuparam as manchetes dos jornais durante todo o período do trabalho de campo e depois de sua conclusão). Logo descobri que o consumo é um fator fundamental para a classe, e que ele assumiu uma intensidade especial durante a crise econômica de grandes proporções que, além de prejudicar a população pobre, afetou negativamente os estratos médios. Em um trabalho maior analisei as práticas de consumo em si mesmas; neste artigo, trato dos significados e dos aspectos práticos do uso da linguagem sobre esse tema. Apesar de a minha análise ter uma clara ligação com a abordagem de Bourdieu sobre classes, ela distingue-se desta por focalizar a linguagem. Ao introduzir este elemento no estudo das distinções de classe, busco levantar questões sobre os processos de naturalização da classe média. (O’DOUGHERTY, 1998, 3)

Segundo a autora, os bens, o consumo e os serviços representam status para as classes médias.

Seus informantes assumiram o consumo como principal critério para se diferenciarem de outros grupos. O’Dougherty (1998) mostra que o consumo de bens também é valorizado como símbolo de status. Possuir um carro ou uma casa constituem símbolos de sucesso e superioridade na sociedade brasileira. Assim o consumo de bens duráveis e que precisam de maior montante de capital, como o carro e a casa, são símbolos importantes de distinção e de identidade da classe média.

Nos anos 1980, todavia, a crise lhes ameaçava enquanto classe; seu emprego (estabilidade no emprego) estava em risco e sua capacidade de poupar e realizar “sonhos de consumo” diminuía com muitos de seus integrantes descendo na hierarquia social.

O'Dougherty (1998) identifica este medo, este incômodo em rebaixar o padrão de consumo, de perda dos antigos símbolos de status. Todavia a autora não relaciona este medo do rebaixamento social como medo da proletarização, típico da classe média.

A expansão do consumo de massa diminui a distinção entre as classes, o que faz essas classes buscarem outras formas de distinção – a expansão da classe média na época do “milagre econômico” é um exemplo -, com a expansão do consumo e o acesso de classes proletárias à espaços públicos a classe média se direciona ainda mais para os clubes, fazendo-os um espaço exclusivo de lazer e vivência. Nos discursos os membros da classe média sempre falavam das perdas no padrão de consumo, nas práticas de consumo que foram deixadas, devido às mudanças econômicas durante a década de 1980 e início da década de 1990 na economia do país.

O'Dougherty (1998) aponta que a mobilidade descendente da classe média pela perda de padrão de vida e consumo, enquanto a mobilidade ascendente de classes com menor nível de renda aproximou classe média de níveis comuns das classes mais baixas. A classe média avalia que “os gostos nunca deveriam se encontrar, vidas e mundos a parte”, o nivelamento que agride os “valores” da classe média, por vezes associados com os preços de determinados bens de consumo. Assim a classe média constrói sua autoimagem, cria a identidade de si, a identidade do “eu”, rejeitando a identidade externa, a identidade do “outro”, por barreiras através da propriedade e do padrão de consumo, seja pelo montante de renda que a classe média possui, seja pelo consumo cultural, forma de consumo que apenas a classe média possuiria, podem ser interpretados como uma ideologia. A rejeição à igualização com setores operários, com a classe operária pode ser outra interpretação dos discursos da classe média. Podem ser incluídos os nordestinos, grupo que a classe média de São Paulo rejeita e taxa como portador ou causador de vários problemas sociais, pois estes são atraídos para a cidade de São Paulo para assumirem posições de trabalho proletário, postos na indústria ou construção civil, ou serviços como faxina, recepção, porteiro etc.?

A autora identificou que havia uma polarização entre os informantes no que diz respeito ao consumo de bens culturais. Enquanto um grupo rejeitava qualquer consumo ligado à educação e cultura, o outro não apenas se apegava a tais padrões como “desprezava” outros setores das classes médias. Assim aparece uma divisão no interior da classe média, opondo aquela fração de classe média que possui capacidade de consumo maior e se direciona para o consumo material à outra fração da classe média que direciona consumo para bens culturais.

Em resumo, a classe média aqui estudada formula uma imagem estereotipada de "outra" classe média. A primeira, embora dispondo de recursos materiais reduzidos, distingue-se da segunda por manter um padrão cultural em seus projetos sociais e culturais. Meus informantes ironizavam a outra classe média por sua falta de projetos e pobreza de valores, ou seja, pela futilidade do seu consumo e pela pobreza dos seus gostos. Não surpreende, portanto, que as críticas a "essas pessoas", com base em uma distinção entre refinamento e falta de refinamento cultural (e os investimentos pertinentes), fossem formuladas com frequência por pessoas que dispunham de menor flexibilidade de renda, mas não só por elas. (O'DOUGHERTY, 1998, 6).

A fração de classe média com maior poder econômico justifica sua posição pelo montante de renda que se expressa no consumo, enquanto a fração com menor montante de renda direciona seu consumo para bens culturais, afim de justificar sua posição. Esta última cria discursos e práticas próprias voltadas para o consumo cultural, apelando em geral para o “gosto”.

Em suma, as condenações do consumo vulgar parecem-me um tanto suspeitas, dadas as insistentes referências a artigos que estão fora do alcance das pessoas. A adoção de uma posição crítica em relação aos padrões de consumo do novo-rico é "clássica" ou, mais especificamente, trata-se de uma atitude ressentida de uma classe média economicamente menos favorecida. Impedido de realizar um consumo refinado, esse grupo recorre de modo parcial e ambivalente a uma atitude de superioridade que resguarda a cultura "requintada" do próprio grupo de um materialismo vulgar. Enfim, esses paulistanos poderiam ser chamados de "ascetas relutantes". (O'DOUGHERTY, 1998, 8)

Este discurso sobre o consumo e a justificativa do “gosto”, seja em relação à outros grupos ou à frações da classe média pode ser entendido como uma tentativa de se diferenciar? A formação da identidade da classe média está ligada à ideologia da Meritocracia, que faz com que a classe média rejeite práticas da classe trabalhadora? A classe média relegaria ao proletariado uma atitude e uma posição de um grupo sem capital econômico, montante de renda, e sem o gosto no consumo, um consumo cultural, discurso que justifica a posição de classe média e também reforça a identidade de classe média?

Vimos que esses brasileiros de classe média se distinguiam dos de outro setor da mesma classe por uma hierarquia de consumo e de padrões "culturais" por eles mesmos criada. Atribuíam aos seus próprios investimentos e práticas de consumo uma superioridade cultural, quase um valor moral, enquanto condenavam os dos outros grupos como vulgares ou censuráveis. Sugeri, então, que o fato de esses brasileiros de classe média explicitamente definirem e avaliarem a si mesmos por suas práticas de

consumo, que eram seu idioma e sua medida de valor de uma classe, levanta questões pertinentes aos processos de naturalização. Se, em seu discurso sobre os brasileiros pobres, as pessoas de classe média lidavam com uma espécie de naturalização pelo distanciamento radical, suas afirmações acerca dos estratos adjacentes demonstravam um alto grau de consciência. (O'DOUGHERTY, 1998, 11)

Na pesquisa de O'Dougherty (1998) a classe média expressa a educação como símbolo de distinção, sendo que os filhos de classe média são matriculados em escolas particulares, nas entrevistas os membros da classe média consideraram o gasto com educação uma necessidade indispensável, incluindo a escola dos filhos. Os informantes frequentemente justificavam essa prioridade pela falta de alternativas viáveis no sistema público de educação. A educação é o bem mais valorizado, a aquisição de capital cultural é mais valorizado do que bens materiais como carro e casa.

Assim, os clubes são formas importantes de formação da identidade e de realização de práticas de consumo da classe média. A pesquisa de Maldonado (2010) teve como foco os clubes de classe média em si na Cidade do México, enquanto a pesquisa de O'Dougherty (1998) teve como universo as práticas de consumo e a formação da identidade da classe média em vários espaços de São Paulo, incluindo nestes espaços clubes de classe média.

Tanto na pesquisa de O'Dougherty (1998) quanto na pesquisa de Maldonado (2010) os informantes revelam que o gasto com o clube é essencial, deixariam até de gastar com outras coisas em tempos de dificuldade econômico para garantir o acesso ao clube. Ambas as pesquisas mostram que o acesso a determinados clubes é essencial para a formação da identidade da classe média, local onde se expressam as práticas de lazer da classe média. Os clubes da classe média são enclaves fortificados frequentados por pais e filhos cujo objetivo é o lazer e educação, onde se realiza determinada separação do espaço público e de grupos sociais que se utilizam do espaço público. Neste sentido aparecem visões taxando negativamente o espaço da cidade de “violento, poluído”, enquanto o clube é visto como “lugar confiável e de pessoas com boa educação”. Interessante também as visões que Maldonado (2010) encontra em relacionar o clube com uma “família”, o clube é o espaço de convivência seguro, tranquilo, confiável e de identidade tal como a família, espaço onde se preza educação e cultura, fornecendo também, na visão dos entrevistados, um espaço importante para a educação dos filhos, funciona como forma dos filhos se inserirem na classe média, sendo educados nos valores e nas visões de mundo da classe média.

Como identificar práticas de classe no Praia Clube de Uberlândia? No próximo capítulo analisaremos o Praia Clube de Uberlândia, buscando identificar, dialogando com as

hipóteses levantadas pela bibliografia sobre lazer e sobre lazer e classe social, que relações e práticas sociais e de classe são predominantes.

CAPÍTULO 3

O PRAIA CLUBE: EMPRESA E TEMPLO DE CONSUMO, ENCLAVE FORTIFICADO E ESPAÇO DE DISTINÇÃO SOCIAL

O objetivo deste capítulo é realizar uma análise de natureza sociológica sobre o Praia Clube. Nossa opção, diante do amplo espectro de dados coletados durante a observação de campo, foi identificar e analisar, dialogando com as hipóteses levantadas pela bibliografia sobre lazer e sobre lazer e classe social, que relações e práticas sociais predominam no clube pesquisado.

Neste sentido, mostraremos que o Praia Clube: 1) é uma empresa de lazer e como tal procura transformar todos os seus serviços e espaços em consumo; 2) é um espaço onde as relações sociais são fortemente marcadas por aspectos disciplinares e pelo controle estabelecido pelo clube, o que nos leva a questionar o conceito abstrato de lazer como não-cotidiano; 3) é um enclave fortificado e neste sentido um espaço de distinção social, marca requerida por seus sócios; 4) é uma empresa que visa difundir uma determinada imagem social; e finalmente 5) um espaço social composto no fundamental – ainda que não exclusivamente - por frações das classes médias que aspiram por valores típicos.

A observação empírica, de natureza etnográfica, desenvolvida no Praia Clube, levou em consideração os espaços, as práticas de lazer, as relações entre tempo de lazer, consumo e atividades de lazer, bem como as representações e a visão geral do clube sobre a política de lazer. A observação dos espaços existentes no Clube – tais como restaurante, praça de alimentação, festas do meio de semana e do fim de semana -, do esporte para atletas e para associados, do lazer em família e com as crianças, bem como a leitura das publicações do Clube e o diálogo com a bibliografia teórica e empírica existentes sobre lazer e classe social leva-nos às seguintes análises.

3.1 O clube como templo de consumo do lazer:

“Remember that TIME is Money. [...]” (FRANKLIN, B, 1748)

A frase *“tempo é dinheiro”*, utilizada por Benjamin Franklin no livro *“Advice to a Young tradesman, written by an old one”*, que remonta ao século XVIII, expressa uma visão sobre os Estados Unidos, além de resumir um dos ideais do capitalismo que se tornou base ideológica não só para aquele país, mas para a maioria dos países capitalistas. A ideologia capitalista resumida na expressão *“tempo é dinheiro”* afirma o valor do tempo no capitalismo, tempo que é igual ao *“tempo de produção”*, significando quanto maior a produção maior o *“lucro”*, portanto, uma analogia ao ganho em *“dinheiro”*.

À primeira vista pode parecer estranho que esta célebre frase faça algum sentido em um trabalho cujo tema é o lazer. Todavia, é com esta ideia forjada por Franklin no século XVIII, que iniciaremos a análise da pesquisa de campo realizada no clube de classe média na cidade de Uberlândia.

O primeiro plano da observação de campo foram os espaços de consumo no Praia Clube. A análise destes espaços e seus usos mostram que o Praia constitui, para além de ser uma entidade privada, que cobra mensalidades dos sócios para usufruírem de toda a estrutura do Clube, um *“templo de consumo”*, no mesmo sentido conferido por Padilha (2003), ao analisar o Shopping Center como uma *“catedral das mercadorias”*.

O shopping Center é uma instituição e um espaço de lazer que tem uma lógica de estruturação de relações sociais, lógica que pode ser estendida a vários lugares na cidade, centros comerciais, centros empresariais e clubes.

A *“catedral das mercadorias”*, segundo a autora, é o local onde se realiza o consumo. Trata-se de local destinado, formado e estruturado para o consumo, sobretudo para difundir os valores do mercado. O shopping Center é um espaço híbrido, pois associa consumo ao lazer. Permite o consumo e a permanência das pessoas, ao mesmo tempo que afasta seus usuários de contextos sociais de diversidade e de insegurança. O shopping center é criado como um espaço supostamente de solução de problemas da sociedade, tais como os problemas de insegurança, contradição, desigualdade e diversidade sociais. Neste sentido, tal como toda *“Catedral das mercadorias”* é um espaço *“inventado”*, criado artificialmente, o clube também pode se constituir como uma *“catedral de mercadorias”*, um espaço formatado para o consumo *“total”* pela direção do clube.

[...] Buscando fugir dos aspectos negativos dos centros das cidades, os shopping centers aparecem como locais próprios para uma melhor “qualidade de vida” por possuírem ruas cobertas, iluminadas, limpas e seguras; praça, fontes, bulevares recriados; cinemas e atrações prontas e fáceis de ser adquiridas. (PADILHA, 2003, p. 242)

O shopping center é um espaço social que estrutura experiências de consumo aliando-as ao lazer. “*Nos Shopping Centers, o consumo e o lazer formam um par que configura uma nova forma de apropriação do espaço urbano e novos hábitos. [...]*” (PADILHA, 2003, 246). Neste espaço, tudo é mercadoria: bens e produtos materiais e simbólicos, a comida, os serviços, a decoração, os eventos ali promovidos. Há um incentivo de todas as formas ao consumo. O clube, como o *shopping Center*, também associa consumo a lazer e também atua como um empreendimento de lazer, cria um espaço em que o lazer é uma via para o consumo, um espaço agradável para a compra.

O consumo não está ligado à escolha individual, ao contrário de Dumazedier (1973) para quem o lazer é o espaço do arbítrio. Nos shoppings centers há um incentivo constante ao consumo, realizado através da construção de desejos, ligados à propaganda, à imagem e ao reforço da “necessidade” de comprar. Os desejos de consumo são estimulados no clube por meio de distintas atividades oferecidas em horários específicos, além da propaganda constante de eventos, festas e shows que cumprem o papel de atrair o sócio no sentido de consumir.

A observação de campo realizada no clube possui relação direta com o que Padilha (2003) encontrou no *Shopping Center*, na medida em que os espaços do clube são controlados e procuram direcionar os sócios para o consumo. O clube procura direcionar também a forma de consumo, os produtos, os horários de uso. A escolha dos ambientes do clube se assemelha ao *Shopping Center*; não há apenas sócios que escolhem, não há livre escolha de atividades de lazer, pelo contrário, o clube publica propaganda através dos seus meios de comunicação para atrair os sócios para as atividades de lazer e consumo, bem como para sustentar um *status* para aqueles sócios que utilizam e consomem no clube.

O *shopping*, como empresa de oferta de lazer, busca ocultar que sua função é realizar apenas e tão somente o consumo. Ao criar espaços agradáveis e atraentes aos consumidores, procura sempre construir um discurso de responsabilidade social para justificar sua presença e sua função. O *Shopping Iguatemi* analisado por Padilha (2003) procura assumir um discurso de “recompensador dos déficits de lazer” da cidade, afirmando tratar-se de opção para a população frente à ausência de lazer em geral, realizando eventos de arte, cultura, negócios,

esportes, tecnologia, bem como campanhas sociais. Identificamos o mesmo discurso no clube pesquisado, afinal o Praia também procura se inserir na sociedade uberlandense como aquele que oferta lazer, mas um lazer seguro, de qualidade e para um público “distinto” e de *status* social.

De forma semelhante ao discurso dos donos e diretores dos *Shopping Centers* que afirmam fornecer lazer e espaço de compras para a população que antes não possuía, funcionando até como compensação da falta de espaço público de lazer seguro, nossa pesquisa de campo (nos shows, nos eventos e nas festas, além do esporte e das campanhas de ação social e ecológica) e a análise do marketing feito pelo clube evidenciam o discurso do clube como “empresa promotora de lazer”.

Todavia, se, semelhante ao shopping Center, o clube é um espaço de consumo, diferentemente dele trata-se de um espaço *privado*. O shopping Center “híbrido” atua com duplo objetivo: para parecer um espaço seguro, limpo, agradável, prático e bonito e, ao mesmo tempo, a “Catedral” sustenta o discurso que é um espaço público, que permite acesso de todos, ainda que barreiras simbólicas estejam presentes para barrar determinados públicos que não podem consumir nem decodificar os códigos simbólicos, nem conseguem sustentar os padrões de renda e as formas de vestir, geralmente associados à moda vigente, além de formatar o espaço para classes médias e burguesas⁴³. O clube também difunde um discurso de espaço distinto, segregado, seguro, sem diversidade, o qual oculta as diferenças de classe. Ao mesmo tempo afirma a busca de um ideal de felicidade e saúde, que se expressa na busca do lazer, saúde e bem estar, pela via do esporte.

Outro paralelo interessante que estabelecemos com o trabalho de Padilha (2003) diz respeito à função social e histórica dos espaços de lazer. A construção do *Shopping Iguatemi de São Carlos* teria alterado a memória da cidade. O Praia Clube busca se inserir na história da cidade, afirmando a presença de personalidades importantes da cidade como sócios do clube, destacando a relação entre sua história e a de Uberlândia. O clube assume até mesmo um aspecto de propaganda de cidadania, aquele que oferece lazer e participação social.

Que espaços no Praia Clube constituem espaços de consumo?

O consumo pode ser observado, constantemente, em vários espaços no clube. Não se trata de uma prática aleatória e ocasional, mas recorrente em determinados horários e dias da semana. Vejamos.

⁴³ Além de barreiras simbólicas, há barreiras físicas e práticas que constroem jovens de periferia a frequentar determinados shoppings. Este fenômeno evidenciou-se com os “rolezinhos” (PEREIRA, 2014).

A praça de alimentação é um espaço dedicado exclusivamente ao consumo durante o tempo de lazer. Situado próximo à entrada principal, dentro do prédio do G1, próxima às quadras de peteca. O uso da Praça varia conforme a frequência e horários, ora com frequência intermitente ora massiva⁴⁴. É um local frequentado por adultos, grupos de amigos, mas em sua maioria os frequentadores são jovens, adolescentes e pré-adolescentes que, apesar de conviverem no mesmo espaço, formam dois núcleos dentro do grupo geracional de jovens. Os jovens que utilizam o clube em busca do esporte costumam chegar na praça permanecer cerca de meia hora e então se dirigir às aulas de esporte. A praça de alimentação é um local de socialização de jovens, adolescentes e pré-adolescentes, que possuem valores e relações específicas de sua geração, há um compartilhamento de práticas e códigos simbólicos típicos da socialização da adolescência como uma fase de transição para a vida adulta. A praça constitui, neste sentido, também um espaço de encontro, tal como por vezes ocorre nos shoppings.

A praça, além de um local de interação social, é um espaço estratégico de apelo ao consumo, pois de passagem obrigatória para outros espaços e atividades do clube, de tal modo que pode ser entendido como um espaço que tende a disciplinar e estimular o consumo. Geralmente os jovens vão até a praça, se alimentam e seguem para as atividades de esporte e quando terminam tais atividades retornam para a praça⁴⁵. Após às 18 horas, quando a praça está basicamente vazia, geralmente é o momento dos jovens deixarem o clube.

Além da praça de alimentação, o restaurante situado ao lado da Piscina Olímpica é um espaço de lazer ligado ao consumo alimentar. Situado entre o refeitório dos funcionários, a pista de atletismo, o parque aquático infantil e a piscina olímpica, o restaurante é dividido em três ambientes: ambiente interno com mesas e saídas para ambos os lados do restaurante; ambiente com mesinhas e cadeiras altas no bar, ambiente com mesas de dois, seis e dez lugares na área semiaberta com vista para a piscina olímpica e para a pista de atletismo. O restaurante serve refeições no almoço e no jantar, há também semanalmente noites temáticas de quarta a sexta, noite do peixe, noite das massas e roda de samba.

⁴⁴ Nos horários de frequência intermitente há poucas mesas ocupadas, em geral no período da manhã, após as 18 horas durante a semana e durante todo o dia no fim de semana, exceto das 15 a 16 horas. Os horários de frequência massiva são de 14 a 18 horas durante a semana. A partir de 17 horas o fluxo começa a diminuir, o horário de maior fluxo, entrada e saída de jovens, é de 13 a 14 horas e de 16 a 17 horas. A partir do horário de 18 horas há grande fluxo de adultos que permanecem por pouco tempo no local, geralmente com as mesmas práticas de comer, beber, conversar e então se retirar.

⁴⁵ Sobre o perfil dos jovens que frequentam o praia, ver vídeo Caminho no Praia Clube Uberlândia, , sem autoria, mas filmado por eles próprios e publicado no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIWBGmkB8mM>. Acesso em 13/03/2015.

Os frequentadores são majoritariamente adultos e adultos de meia idade. Formam diferentes grupos para frequentar o restaurante: famílias; homens; mulheres; casais; homem ou mulher sozinho com filho. O tempo de frequência nas mesas do restaurante varia de acordo com a composição do grupo, sendo que o grupo que permanece por mais tempo é aquele formado por mulheres (cerca de duas horas e meia) e os grupos que permanecem por menos tempo são aqueles formados por pais/mães solteiros com filhos e as pessoas sozinhas.

No horário de almoço durante o meio da semana é pequena a frequência de sócios; o público aumenta durante as noites de terça e quarta, mas o restaurante é mais frequentado na quinta e sexta, devido às noites temáticas quando, ocorrem as rodas de samba. O horário de chegada dos sócios é às 18h30, a presença se intensifica às 19h30 e o restaurante se esvazia a partir de 21 horas. No entanto, o restaurante não fica lotado, se comparado com o público do fim de semana. Na parte da entrada próxima à pista de atletismo, no ambiente onde há as televisões, é comum também ver-se grupos de amigos bebendo e assistindo futebol no fim do dia. Durante a semana é comum o hábito de conversar, beber cerveja e depois jantar.

Segundo nossa observação, os grupos de sócios (amigos, colegas de trabalho que se encontram também no clube) que vão ao restaurante durante a semana, no período diurno, conversam sobre negócios, questões políticas, oportunidades e educação dos filhos.

O uso deste espaço no meio de semana é determinado pelo tempo de cotidiano, ou seja, o tempo de lazer nas refeições é limitado pelo tempo liberado do trabalho para o almoço. Talvez por esta razão, o tempo relativamente curto de almoço explique a pequena frequência no restaurante nestes horários.

No fim de semana o uso do restaurante difere do meio da semana. Inicia-se na sexta final da tarde, a partir de 17 horas, quando o fluxo de pessoas no clube é intenso. Observa-se desde às 18h30 a presença de sócios até às 20 horas quando o restaurante está lotado. A rotatividade dos grupos é alta, mas o restaurante permanece o tempo todo lotado. Na sexta-feira há uma mudança de público; até 22 horas é comum um público se alimentar em grupos de conhecidos; após 22 horas, com um fluxo intenso de pessoas, o público se torna aquele da “Roda de Samba” no restaurante.

Aos sábados, entre 17 horas e 20 horas, é comum o restaurante ter metade da ocupação total, ficando mais vazio por volta de 20 horas. O grupo que frequenta é interessado em assistir jogos de futebol no telão das mesas ou no telão da parte interna, buscando tanto a conversa e convivência quanto assistir ao jogo, enquanto o restante do restaurante é frequentado em sua maioria de casais, conversando e comendo.

No domingo o uso do restaurante começa por volta de 11 horas com poucas pessoas e atinge o máximo de frequentadores por volta de 12 horas permanecendo assim até as 16 horas - pois o clube encerra as atividades no domingo às 17 horas. O uso aos domingos do restaurante é *sui generis* em relação aos outros dias e horários: não se observam grupos isolados de adolescentes e pré-adolescentes entre os frequentadores, mas há preponderantemente grupos familiares, pai, mãe e filhos, casais, grupos de amigos e grupos de amigas, além de grupos de casais, preponderantemente adultos de todas as idades.

O restaurante passa a maior parte do tempo lotado de frequentadores nos fins de semana, exceto nos dias em que o clima está chuvoso ou nublado quando há poucos ou quase nenhum sócio. No domingo o consumo de bebida e comida no restaurante é visivelmente maior. A permanência é uma regra naquele espaço de alimentação no domingo, seja ao esperar para fazer o pedido, na lenta velocidade com que se come ou no tempo de conversa que se prolonga após a refeição até que o sócio deixe o restaurante. Este é o tempo de consumo de alimentos que são vendidos pelo próprio clube⁴⁶.

Outro espaço de consumo “extra” é o da academia de musculação (“fitness”). Embora os sócios tivessem, até junho de 2014, o direito de frequentar sem sobretaxa a academia, esta situação foi alterada - o que inclusive, como veremos no item 5 deste capítulo, suscitou um movimento contra a nova regra que impôs a cobrança de uma taxa “extra” à mensalidade.

Nesta mesma direção, um outro espaço de consumo é uma boutique que vende artigos de lazer, artigos para a prática dos diferentes esportes e souvenirs do clube (ver no Anexo I, número 39).

A descrição que fizemos até aqui sobre o público, o modo de uso e o tempo gasto nestes espaços de alimentação visa evidenciar a importância do clube como local de consumo de atividades extra esportivas.

Além dos espaços próprios para alimentação, o apelo ao consumo é notório durante as festas⁴⁷ do Clube. Nas quintas feiras à noite ocorrem as festas com música “jovem”, no espaço

⁴⁶ Observa-se o que afirma Castro (2010) que toda refeição depende das relações com que se faz no momento, que as refeições são sociais e dependem do grupo que as faz, da mesma forma afeta o tempo de permanência. Em resumo pode-se dizer que “comer é conversar” e que a intensidade e a permanência dependem da constituição do grupo presente em cada mesa. Se “comer é conversar” quanto maior a capacidade de conversa do grupo maior é o tempo de permanência, assim grupos maiores permanecem mais tempo que grupos menores e quanto maior a presença de mulheres ou idosos, maior o tempo de permanência.

⁴⁷ As festas são atividades de lazer presentes na sociedade atual, a explicação de Luiz Camargo (1999) é que: “[...] a festa é o exercício pleno do imaginário. Numa festa, todos são atores. Todos entram no faz-de-conta. Vestem-se roupas especiais, quando não a fantasia pura e simples. Todos procuram transmitir uma parcela especial e que imaginam a melhor de suas próprias personalidades.” (CAMARGO, 1999, 23). Nossa pesquisa evidencia que as festas, embora possam ser um “exercício pleno do imaginário”, que aluda ao arbítrio, nas festas

do “recanto do samba”⁴⁸. A festa de quinta é marcada por rock e música eletrônica, geralmente com uma banda de rock e um DJ que comanda as “pick-ups” de mixagem eletrônica. Porém, uma vez por mês a festa é sertaneja, com o título de “quintaneja”, com uma dupla sertaneja e depois DJ tocando músicas de estilo diferente: eletrônica. O público é de adultos de todas as idades; a entrada é permitida apenas para maiores, a festa é gratuita para os sócios, mas paga para não sócios. Ocorrem por volta de 21h30 horas até 01h00 - o limite de tempo é dado porque na sexta feira é um dia de cotidiano⁴⁹.

O clube vende nestas festas comida e bebida alcoólica. Assim, além de conversar e dançar, comer e beber é uma prática central. Observa-se comida na maioria, mas bebida alcoólica em todas as mesas. Os adultos de meia idade preferem estar nas cadeiras, enquanto os jovens preferem a pista de dança ou as mesinhas altas com cadeiras altas. Geralmente há pessoas sentadas nas mesas, pessoas na pista de dança e pessoas de pé entre as mesas. Nas festas de rock e música eletrônica é comum que, além do espaço das mesas e da pista de dança, seja organizado um espaço “misto” onde os sócios permanecem pela proximidade com a pista de dança. Assim se revezam entre conversar, dançar, sentar e estar de pé ao lado da mesa.

A “roda de samba” é outro momento que conjuga lazer e consumo de bebidas e alimentos. O evento acontece no restaurante da piscina olímpica toda a sexta feira, promovido pelo clube que contrata uma banda para executar músicas ao vivo com o Buffet de comida vendida pelo clube. Assim a “roda de samba” divide o restaurante em dois ambientes diferentes: 1) área externa, com luz comum e mesas para 4 ou 6 pessoas; 2) área interna, com luz baixa, as mesas internas formando três colunas de mesas emendadas. O público, as práticas e o tempo de permanência são diferentes na área interna e na área externa. No ambiente externo os grupos são mais numerosos, geralmente adultos jovens, casais ou famílias com crianças, em um ambiente semelhante a um restaurante, onde, além da bebida, presente em todas as mesas, é mais comum haver comida. Na parte interna o público tende a ser de meia idade, grupos com poucos membros, casais geralmente, num ambiente que lembra a um bar, posto ser mais comum o consumo de bebidas nas mesas do que de comidas, além da luz baixa.

os sócios buscam evidenciar a forma como cuidam do corpo e da aparência – o que requer poder de consumo -, além de serem estruturadas pelo clube.

⁴⁸ Trata-se de um espaço amplo para shows em que o clube fornece organização, palco e som para os shows, bem como contrata uma banda ou músico, geralmente da cidade ou região, conhecidos na cidade.

⁴⁹ Informações coletadas de seguranças e de sócios durante a festa, além do que aconteceu em um episódio numa destas festas em que os sócios reclamaram ao segurança do atraso para o show da segunda banda em começar a festa, “precisamos trabalhar amanhã”, responderam seis sócios a respeito do ocorrido.

Geralmente há uma banda contratada para realizar o som ao vivo, que executa os estilos musicais que variam do samba ao popular, reproduzem músicas tocadas na temporada pela mídia, geralmente do axé e brega, readaptadas ao ritmo da banda.

Segundo nossa observação, não há interação entre as pessoas que estão no ambiente interno e externo. Instigados por esta observação, levantamos a hipótese segundo a qual ambiente interno e externo formam contextos diferentes, ainda que tais ambientes componham a mesma festa de samba.

O consumo é prática constante em outro momento de lazer: a festa do “Sábado Dançante”, evento fixo do clube, que acontece todo sábado no salão de festas próximo à saída Cidade Jardim⁵⁰.

O “Sábado Dançante” consiste numa noite voltada para o público da terceira idade, com foco na dança. Há sempre uma banda ao vivo, contratada pelo clube, que executa estilos musicais geralmente voltados para a dança de casais, como forró, bolero, xote, baião, gafieira e moda de viola. Ainda que existam pessoas desacompanhadas a maioria do público é composta por casais, ou seja, a praxe é estar acompanhado para a noite dançante.

A dança é um ritual tradicional: o homem vai até à mesa, ou na saída da pista de dança e retira a mulher para dançar, quando termina a dança o homem geralmente acompanha a mulher até à mesa e agradece a dança. Também é comum o acompanhante chamar outro homem para dançar com sua companheira que quer dançar com alguém e o acompanhante não quer naquele momento. O ritual que chamamos de “retirar para dançar” pode ser interpretado como uma realização do ritual de “cavalheirismo” presente na sociedade em que o ser masculino tem por obrigação “acompanhar”, “proteger”, “garantir” saída e retorno em segurança para o ser feminino. Esta prática, em hipótese, possivelmente é uma sobrevivência cultural das danças tradicionais do Brasil rural, como o forró e o baião, combinados com danças urbanas absorvidas de outros países como o bolero. O ritual de “cavalheirismo” na dança é provavelmente uma prática que sobreviveu das comunidades rurais brasileiras antes da urbanização do país pós década de 1970, uma forma de relação de gênero que organizava as festas e as relações sociais, inclusive os papéis masculinos e femininos no casamento. A prática pode ser associada com a análise de Veblen (1983) que mostra que senhores da classe ociosa utilizam seu poder para sustentar o consumo das mulheres como símbolo de

⁵⁰ O “Sábado Dançante” inicia-se por volta de 20 horas e se encerra por volta de 01 hora da madrugada. A entrada para os sócios é franca e a taxa para convidados não sócios é de 20 reais, desde que indicado por um sócio.

superioridade, passando o homem a assumir práticas simbólicas como protetor, dominador, da mulher.

Há grande rotatividade de casais na pista a cada música. É comum dançarem três músicas e então saírem da pista ou trocaram de parceiro. Também é comum descansar na mesa uma música e voltar a dançar, com o mesmo parceiro ou com outro. Existem casais que dançam apenas com um único parceiro e também pessoas e casais que não dançam, mas estes são poucos. A pista permanece lotada de casais e com grande movimentação até 22 horas; a partir de então, os dançarinos permanecem mais nas mesas do que dançando.

Todavia um dos dados mais interessantes captado pela pesquisa de campo, recebido de um informante, é que o clube contrata dançarinos como *free-lancers* para dançar com as mulheres, buscando assim estruturar também esta prática de lazer. Afirmaram que há anos fazem a mesma função no clube no sábado à noite e que recebem por noite. Esses dançarinos trabalham em outros lugares nas noites do meio da semana, conhecem a maioria das parceiras e algumas lhes contratam para dançar em noites dançantes fora do clube⁵¹. O clube incentiva o consumo do parceiro de dança, há dançarinos que se paga pelo tempo em que ficam dispostos para dançar. Na noite do “Sábado Dançante” do clube observou-se que muitos casais mantêm uma relação amistosa com os dançarinos contratados, tanto os dançarinos têm de tomar a iniciativa de convidar as mulheres desacompanhadas para dançar, quanto também muitos casais convidam o dançarino para dançar com a dama, única situação em que os dançarinos contratados dançam com damas acompanhadas, segundo informações dos dançarinos.

O consumo nas mesas é um *habitus* presente, componente constante, geralmente cerveja, refrigerante, água, espetinhos e salgados vendidos pelo clube. A vestimenta também expressa um padrão de consumo, geralmente as mulheres com vestidos longos e saltos altos e os homens com roupas sociais e sapato social – expressão de capacidade de consumo e uma aparência de saúde e felicidade, em dois sentidos. O corpo *higienizado*, limpo, com roupas que mostrem respeitabilidade, demonstram determinada adaptação social, são uma forma de mostrar, pela aparência, a capacidade de se manter em padrões de saúde. O corpo *higienizado* é o corpo saudável; a aparência corporal expressa adaptação social no sentido em que está satisfeito com a vida, portanto, a aparência seria uma expressão de *felicidade* socialmente definida. Pode-se pensar que afirmar *felicidade* e *saúde* seja um estandarte de classe? Uma

⁵¹ A forma de contratação dos *free-lancers* pode ser: 1) contratado para ficar na pista à disposição de várias parceiras, como é o caso destes dançarinos no clube; 2) contratado pela parceira para estar disponível com acompanhante durante toda a noite de dança, cobrando por hora.

marca que busca mostrar que determinada classe está adaptada às condições sociais e segue a ideologia dominante de que na sociedade capitalista todos são, ou devem ser, felizes?

No domingo o clube oferece mais festas aos sócios que estão condicionadas ao consumo. As atividades ocorrem pela manhã e tarde em vários horários diferentes. A primeira delas se dá no espaço ao lado da piscina olímpica antes da pista de corrida em que há um quiosque que é uma estrutura fixa, mas que funciona apenas durante o domingo, quando mesas e cadeiras são especialmente instaladas e um músico ou banda é contratado, enquanto os sócios permanecem consumindo bebida, geralmente entre 10 horas e meio dia.

O espaço que fica entre a eclusa do rio e o ginásio G1 (ver Anexo I números 26 e 27) é utilizado como uma área para show no domingo, a área possui mesinhas na grama e uma abertura na parede do ginásio onde se instala um palco para a banda. A eclusa é uma estrutura construída pelo clube que refaz o fluxo do rio, dividindo-o ao meio⁵².

Todo domingo ao meio dia uma banda contratada toca ao vivo musicas populares - e que fazem sucesso na temporada, tais como forró, axé, sertanejo, “tecnobrega” e até rock - até 15 horas. O ambiente é frequentado majoritariamente por casais adultos e alguns de terceira idade, geralmente sentados nas mesas ou dançando de pé na pequena pista de dança concretada no gramado.

Ao lado do palco onde há o show da eclusa é montado um restaurante exclusivo para a festa na eclusa, que serve diversos tipos de lanches e em frente ao palco; na grama há mesinhas de concreto que os sócios em geral utilizam para comer e beber, sempre há consumo de cerveja, refrigerante e petiscos comprados na lanchonete da eclusa. Em geral o *habitus* é dançar, comer, conversar com os conhecidos e permanecer no local enquanto houver música e, até depois que a música termina por volta de 15 horas, parte dos presentes deixam o local e parte permanece até 17 horas, momento em que o clube é fechado.

Imediatamente após o término da música na eclusa começa no Recanto do Samba, um ginásio do clube próximo à entrada Cidade Jardim, destinado aos eventos festivos para grandes públicos, às 15 horas um novo evento musical de lazer. Nas festas observadas no Recanto geralmente há uma banda contratada que toca musicas conhecidas de samba e de pagode, mas em determinadas épocas do ano, principalmente na época de carnaval, toca-se músicas de axé, além de forró, dentre as quais principalmente as que estão fazendo sucesso na estação de carnaval. Há também musicas de funk, que fazem sucesso nacionalmente no

⁵² Embora o clube difunda um discurso segundo o qual a eclusa oxigena o rio e se apresente como um promotor de preservação ambiental, trata-se claramente de uma apropriação privada do espaço público. Sobre a história da construção da eclusa, ver o item 4 deste capítulo.

período de carnaval, mas é mister apontar que as músicas de funk são tocadas e dançadas sem que esta festa em nada se assemelhe com qualquer baile funk. Essas músicas que costumam ser repetidas nas festas, principalmente nos vários domingos no Recanto do Samba, são coreografadas e os sócios na festa praticam o *habitus* de realizar essas coreografias por vezes repetidas vezes, até três ou quatro vezes a mesma música no mesmo dia, havendo uma ressignificação do popular reproduzido no clube e praticado pelos seus sócios.

O público comum na festa do Recanto do Samba aos domingos é majoritariamente adulto, há idosos, embora estes sejam minoria. O público adulto em sua maioria está dançando ou de pé, enquanto aqueles que permanecem sentados nas mesas é de público idoso. As práticas centrais, o *habitus* nesta festa são principalmente: 1) dançar, seja na pista de dança ou entre as mesas, geralmente individualmente; 2) dançar em roda formada por conhecidos, na pista de dança ou no fundo do salão; 3) sentar na mesa e conversar ou assistir quem está dançando. A conversa entre as pessoas existe, mas não é uma prática central em comparação com a dança, este é um espaço para partilhar, estar junto, beber e dançar com seus conhecidos, amigos e familiares. A festa no recanto do samba termina às 16:45, momento em que os sócios começam a deixar o clube. Apesar do término da música e as pessoas pararem de dançar nem todos os sócios saem imediatamente, muitos deles permanecem conversando e até “terminando de tomar a última cerveja”, ou a popularmente conhecida “saideira”, até o clube fechar às 17 horas.

No domingo as vestimentas diferenciam-se em relação aos outros dias e às outras festas; é comum a “roupa de domingo”, os trajes comuns que os sócios do clube elegem para ir ao clube no dia de domingo. O mesmo tipo de vestimenta é observada em todos os espaços, de restaurantes, de música (eclusa/piscina) ou de música com coreografia (Recanto do Samba), são trajes leves, trajes esportes, principalmente com camisas, camisas cavadas, shorts, tênis, para homens e blusinhas, shortinhos e saias para mulheres, roupa de domingo para o uso de clube.

Este é um elemento específico do lazer no domingo, a roupa marca que o domingo é um momento contraposto à semana, se a semana é o tempo de obrigações, em que se passa o dia com roupas formais, nos espaços de lazer as roupas são leves, coloridas, variadas e descontraídas, até mesmo mais curtas e largas, são roupas que denotam o uso do tempo como um tempo de não trabalho e de não obrigação, assim é uma marca do tempo de *não-cotidiano*. Ainda assim as roupas denotam consumo, é preciso ter a capacidade de comprar roupas de

lazer, não se pode, para a classe média no clube, a frequência no espaço com roupas comuns, roupas de trabalho ou de cotidiano, uma marca simbólica de distinção.

Uma última questão nos parece importante: o sócio tem consciência que o espaço da festa é um espaço voltado ao consumo?

Segundo nossa hipótese há um “mimetismo da gratuidade” das atividades de festa no clube, na medida em que o sócio supõe que para ele a festa é gratuita. Mas embora não pague entrada para a festa há o custeio da mensalidade, além do apelo ao consumo para “estar adequadamente trajado” na festa e ali comer e beber. A suposta gratuidade da festa seria uma vantagem, mas ao mesmo tempo o pagamento da mensalidade e do usufruto dos “benefícios” oferecidos pelo clube constitui uma marca de distinção social – aspecto que discutiremos mais detidamente no item 3 deste capítulo.

A “mimesis do gratuito” funciona como um discurso para o clube que afirma sempre “nós possuímos várias atividades de lazer e eventos gratuitas para os *sócios*”, mas nem o sócio percebe nem o clube faz questão de explicitar que o espaço do clube não é gratuito, a mensalidade e a “joia” são os custos para o uso do espaço: a permanência, a entrada e o uso do espaço são *pagos*, o tempo em que sócio está no clube é comprado, cada minuto custa o dinheiro que se emprega na mensalidade e na “joia”. O tempo no clube, além de tempo para consumo, é consumo de tempo, afinal, se há uma mensalidade, o tempo no clube é o consumo da mercadoria comprada pela mensalidade.

Em síntese, os ambientes da eclusa, do restaurante, da praça de alimentação assemelham-se ao do *shopping Center*, catedral de mercadorias na análise de Padilha (2006), na medida em que impelem ao consumo. Os demais ambientes de festas, embora estejam voltados para o consumo e lazer, distam do *shopping Center*, pois no clube as festas são rotineiras.

As festas observadas no clube são momentos de consumo de bebidas e comidas, mas também de artigos como roupas e automóveis, afinal para ir à festas ostenta-se roupas de festa e carros. O *habitus* das festas também expressa um momento que se relaciona com a disciplina, pressão, produção e repetição do cotidiano, principalmente em relação ao trabalho. As festas do clube aludem ao *potlatch*, as festas de tribos pelo mundo, em lugares como a América do norte, Polinésia e África, que acumulam bens e que, na ocasião da festa-ritual, consomem ou destroem bens para demonstrar *status* e poder (MAUSS, 2009).

As festas semanais no clube são aspiradas como uma oportunidade de colocar todas as sensações e ações “para fora”, uma forma de buscar prazer ao máximo, um aproveitamento

máximo do tempo livre, supostamente em contradição com o tempo do cotidiano que exige disciplina e atitudes comedidas.

Todavia, embora seja um tempo de não trabalho, não está isento de relações disciplinares, de obrigação e rotina, típicas do trabalho.

Esta tensão entre lazer e não cotidiano é, pois, o tema de nossa próxima reflexão.

3.2 O lazer no clube: a dialética entre não-cotidiano e disciplina:

Além de um “templo de consumo”, como podemos caracterizar o Praia Clube?

A análise do lazer não deve ser feita tomando apenas uma teoria geral do lazer. Neste sentido é importante a reflexão de Padilha (2003) segundo a qual o lazer deve ser analisado historicamente, em cada espaço, pelas práticas de cada grupo, para então serem expostas suas relações e a forma como se dão.

Como vimos no primeiro capítulo, segundo Dumazedier (1973), lazer são atividades de *não-cotidiano*, que não estão ligadas às obrigações da vida, tempo de libertação das obrigações e da disciplina do trabalho, tempo em que o indivíduo não está submetido às obrigações com a família, o trabalho reprodutivo, o trabalho de manutenção, religião (obrigação ritual e espiritual) e obrigações de estudo.

Dumazedier (1973) aponta que o lazer cumpre as funções de descanso do esforço e da fadiga cotidiana; de divertimento, realizando atividades que fujam da monotonia das atividades cotidianas, e de desenvolvimento, uma forma de inserção e interação social. Segundo o autor, o lazer é uma forma de equilíbrio das obrigações e monotonia do cotidiano, ou seja, recuperação para o retorno ao cotidiano. Lazer supõe trabalho e lazer complementa o trabalho, balança equitativa de dispêndio e recuperação de energia. O autor adverte sobre o perigo do lazer desenvolver determinada disposição à ociosidade, à preguiça, ao desinteresse pelas obrigações sociais.

Ao realizar atividades de lazer o indivíduo não estaria obrigado à atividades monótonas, passivas, parcelares e principalmente subordinadas ao ritmo da produção; no lazer o indivíduo pode escolher livremente sua atividade de lazer. Tal definição seria satisfatória, face à bibliografia existente e nossa observação de campo?

Embora tal definição seja útil para explicar o lazer no clube, na medida em que de fato não se constitui como uma “obrigação” relativa ao trabalho, ela possui algumas limitações. O conceito de lazer apontado por Dumazedier (1973) está fundamentado em uma concepção

individualista da sociedade, posto que ao afirmar que no lazer “o indivíduo se entrega à atividade de livre escolha”, o autor reforça o individualismo burguês. Em uma sociedade de classes as possibilidades de usufruto do tempo e as práticas são sociais e limitadas, condicionadas pela estrutura de classes.

Contrapondo-se à Dumazedier (1973), Maya (2008) e Padilha (2000) afirmam que as mesmas regras que atuam na produção, numa sociedade capitalista, atuam no lazer, ou seja, as mesmas regras que atuam na produção também atuam no tempo dos sujeitos fora de produção. O lazer no clube não estaria a serviço da liberdade, nem da liberação, mas a serviço do consumo. As regras da alienação e da subsunção do trabalho ao capital funcionariam também na esfera do não trabalho, portanto, do lazer.

Desta maneira o lazer, na medida em que não pode assumir caráter produtivo, teria caráter de consumo (realizando a produção), e de reprodução, realizando a fórmula básica do capitalismo “produção-consumo-produção”, tempo de realização do capital, não mais de produção das mercadorias, mas de realização do caráter de fetiche da mercadoria, não de realização do sujeito, mas de criação de necessidades artificiais voltadas para o consumo de mercadorias (PADILHA, 2003; MAYA, 2008).

Desta forma pode-se questionar o conceito de Dumazedier (1973) e indagar: o lazer é capaz de equilibrar a energia gasta no cotidiano? Até que ponto o lazer não seria uma compensação incompleta?

Nossa proposição central de análise é que o lazer no clube contém tanto uma condição de não-cotidiano, descanso, desenvolvimento e divertimento, quanto de controle, pressão para o consumo e homogeneização das práticas. O lazer seria, portanto, não uma atividade desprovida de determinações do “tempo do trabalho”, do “tempo da obrigação”, mas articulado e condicionado por ele.

Que dimensões do lazer no clube aludem ao *cotidiano*, às obrigações?

Segundo nossa observação, as atividades do clube, a estrutura organizativa das atividades de lazer do clube, enquanto “empresa de lazer”, e as atividades esportivas estão voltadas para disciplinar, controlar, estruturar o consumo, o pagamento do consumido, o respeito aos horários estabelecidos, a forma de trabalhar o corpo por meio do esporte, bem como outras dimensões da vida social, tal como a educação e os valores.

O lazer no clube observado possui uma lógica própria, remete principalmente à ideia de controle, de organização, de mercadoria e consumo. O clube como “empresa de lazer” pressiona, em certo sentido, os sócios a usufruir das atividades na forma e nos horários pré-

determinados. Há uma pressão para que o lazer torne-se consumo, há horário de refeições, de festas, atividades esportivas, brincadeiras para crianças, eventos sociais, constringendo os sócios a deixarem o local após o término das festas e eventos. A mesma pressão é observada nas atividades esportivas, sejam elas profissionais ou não.

Um indício de que o tempo disponível para a prática do lazer é condicionado pelo tempo das obrigações é o modo de ocupação do clube. O tempo de lazer em geral acaba assim que o *tempo cotidiano* toma seu lugar e no clube esta limitação não deixa de existir. No clube o tempo de lazer é limitado pela jornada de trabalho, as atividades de lazer ocorrem antes ou após a jornada de trabalho, nas primeiras horas da manhã, nas horas finais do dia e iniciais da noite, além dos fins de semana. O lazer está limitado pelo tempo das obrigações, o horário de fechamento do clube (toda segunda-feira o clube está fechado para manutenção e no domingo o horário limite é 17 horas) e pela disponibilidade de oferta de determinadas atividades, tais como as aulas nas escolinhas, data dos eventos, dos shows, festas.

No cotidiano as relações e ações estão submetidas às obrigações, é preciso trabalhar, cuidar das atividades domésticas, das obrigações da vida como família, escola dos filhos, compromissos sociais. Nas atividades cotidianas, ainda que muitos dos sócios do clube em questão tenham seus próprios “negócios” e não sejam trabalhadores assalariados, impera uma situação de monotonia, de fadiga. O cotidiano possui uma lógica rígida e repetitiva, dominado pelas obrigações, controlado pela produção, pela supervisão/gerência ou pela lógica da competição. Além da questão do ritmo da produção o cotidiano possui o imperativo do *dispêndio de energia*, na medida em que se gasta energia para realizar as funções obrigatórias do trabalho ou da reprodução da vida⁵³.

O lazer, o tempo de lazer, as atividades de lazer não possuem a mesma carga obrigatória das atividades cotidianas. A prática esportiva não profissional, as festas⁵⁴, as refeições, o lazer com as crianças, as brincadeiras na piscina, os eventos, todas estas atividades não aparecem como obrigação e repetição, não como momentos fatigantes ou

⁵³ No trabalho o tempo é cotidiano porque está submetido à jornada de trabalho, definida por uma legislação e pelos imperativos da produção e do contratante, no caso de trabalhadores autônomos a jornada está submetida à lógica da competição, ou mesmo pelo horário comercial.

⁵⁴ A festa também pode ser entendida como uma forma de fugir da fadiga das obrigações cotidianas, do ritmo de horários para realizar as atividades e dos movimentos corporais que se espera dos sujeitos sociais no cotidiano. Na festa os movimentos corporais possuem determinada possibilidade de escolha dos sujeitos, é possível dançar, movimentar-se pelo espaço ou permanecer sentado apenas olhando, além da possibilidade de realizar contatos sociais próximos, conversar, dançar junto, beber junto. Os adereços expressam o incremento do corpo que não permite ser feito na situação de cotidiano, as roupas de lazer são próprias para o tempo de *não-cotidiano*. No cotidiano a maquiagem deve ser leve, os adereços limitados a itens discretos, a maquiagem não deve ser brilhante, a roupa é o uniforme de trabalho, roupa social, ou roupas comuns, mas sem extravagâncias – o não cotidiano da festa cobra a “roupa não cotidiana”, brilho, roupas curtas, exposição do corpo, adereços que denotem beleza e cuidado, roupa e adereços que denotam uma preparação para a festa.

submetidas à lógica rígida e repetitiva. O objetivo das atividades de lazer não é produtivo, como Maya (2008) e Padilha (2003) assinalaram, mas por estarem condicionadas e condicionarem as atividades de reprodução da vida social, não deixam de ser também repetitivas, fatigantes, controladas e disciplinadoras.

Tomemos alguns exemplos.

Os momentos de lazer com as crianças chamaram nossa atenção, durante o trabalho de campo. O lazer com a criança pequena geralmente ocorre em determinados espaços, especialmente construídos pelo clube, a Tenda da Brincadeira e a Brinquedoteca. Trata-se claramente de espaços que envolvem o lúdico mas também a formação/educação da criança pequena. Dumazedier (1973) havia chamado a atenção para a função desenvolvimento do lazer. Como pudemos observar, o clube se preocupa em criar atividades de lazer para crianças e sua família. Durante o meio de semana a Brinquedoteca fica aberta de 8 da manhã às 20 horas, local em que os pais deixam as crianças para brincar, há brinquedos e instrutores. No final de semana, o clube disponibiliza aos sócios a Tenda da brincadeira. A tenda consiste em uma lona de circo onde dois ou três funcionários cuidam das crianças, vigiam-nas e ajudam a organizar o uso dos brinquedos; neste espaço as crianças podem brincar enquanto os pais vão fazer atividades de lazer pelo clube. A tenda possui pula-pula, piscina de bolinhas, pebolim, ping-pong, além de mesinhas e cadeiras pequenas do tamanho próprio para crianças, com papel e lápis de colorir.

Há música no ambiente e às vezes os funcionários responsáveis por cuidar das crianças dançam com algumas crianças, forma-se uma roda onde os “cuidadores” fazem a coreografia das músicas, geralmente músicas de axé ou músicas infantis, enquanto as crianças repetem a coreografia ou brincam na roda. Os usuários são crianças de 2 a 9 anos, acompanhadas de adultos, há também algumas crianças de colo com adultos. As mesas de “ping-pong” e pebolim são preferidas pelos adultos que vêm acompanhar as crianças, enquanto as crianças preferem a cama elástica e as mesinhas para colorir.

O objetivo do clube ao oferecer a “tenda da brincadeira” é manter aos fins de semana as crianças em atividades de brincadeira liberando os pais para fazer atividades de lazer pelo clube e “descansar” sem precisar se preocupar com cuidar das crianças pequenas. No entanto, de acordo com a observação as relações que se processam não são assim tão simples, não se pode afirmar que os pais simplesmente “deixam” seus filhos brincando e vão fazer suas atividades de lazer; há um grupo de adultos que permanecem apenas algum tempo com o filho, cerca de 20 a 30 minutos, deixá-lo enquanto vai fazer atividade de lazer e então retornar

para brincar mais e buscar o filho, por um período médio de 1 hora, observa-se, ao contrário, que geralmente os pais permanecem com seus filhos na “tenda da brincadeira”, geralmente apenas o pai ou apenas a mãe, fiscalizando os filhos nas brincadeiras ou participando com os filhos: vigiar enquanto pula na cama elástica, sentar para colorir junto, brincar no “ping-pong” enquanto o filho brinca em outro brinquedo, ficar próximo às mesinhas em que o filho está colorindo, geralmente conversando e interagindo com os filhos. São comuns também episódios em que as crianças caem brincando ou das cadeirinhas, situações em que o adulto e seu cuidado é requerido e geralmente eles estão próximos para ajudar e acalantar a criança. Durante as brincadeiras observa-se que os adultos ensinam as crianças a brincar com outras crianças, ensina-se também regras como respeitar a fila do brinquedo ou não tomar pertences de outra criança.

No fim de semana pode-se observar também a relação dos pais com as crianças, no restaurante, nas piscinas, mas principalmente no Parque Infantil (aquático) e nos brinquedos infantis. O lazer da criança está sempre ligado ao cuidado, ao acompanhamento dos pais ou de um adulto que as auxilia na alimentação, na limpeza pós-alimentação, ou que as supervisionam. O lazer da criança se dá, portanto, sob o constante olhar do adulto. As práticas de “cuidar da criança”, também são constituídas de “tomar determinadas decisões para a criança”, forma de entrar e sair da piscina, trocar de roupa, passar protetor, do que come, do lixo que produzem, além do horário de sair e chegar da piscina ou no restaurante.

Segundo nos parece, os pais utilizam do tempo de lazer para permanecer com os filhos, também como uma forma de compensação do tempo cotidiano “roubado” do trabalho. Lazer e educação parecem convergir - o que nos leva a levantar a hipótese se o uso do tempo livre no clube com a educação não constituiria um traço da aspiração da classe média pela distinção social.

Maldonado (2010) pesquisando um clube de classe média na cidade do México identifica nos discursos dos sócios um ideal de socialização e educação das crianças. Seus informantes afirmaram que levavam os filhos para ficarem no clube porque este contribuiria no desenvolvimento de uma comunidade forte e coesa. Segundo Maldonado (2010) em suas entrevistas, uma dona de casa afirma que leva os filhos no clube mais de três vezes por semana com o objetivo de conviverem com “pessoas como nós”, que podem pagar, que pensam, se comportam e tem o mesmo nível socioeconômico, ou seja de classe média. Segundo os informantes, as crianças seriam mais educadas, independentes e comunicativas do que as crianças de fora em geral. Retomando os estudos de Bourdieu (2008) a autora ressalta

que o envolvimento em atividades recreativas garantiria o desenvolvimento educacional e social, além do esporte desenvolver determinados valores como coragem, força de vontade e iniciativa pessoal.

Alguns informantes de Maldonado (2010) afirmam ainda que no clube se aprende valores de honestidade e respeito, aprendem como se comportar e como socializar de forma apropriada com os outros, aprendendo com treinadores, administradores e adultos no clube.

De certo modo, é como se a educação lúdica no clube funcionasse como composto para o capital cultural das crianças antes de sua entrada na escola, tal como evidenciaram Baudelot e Establet (1978) no livro *La Escuela Capitalista*. Na análise de Baudelot e Establet (1978) a escola possui um discurso sobre si que não se observa na prática. No discurso a escola se afirma unificadora, universal, com séries graduais que começam no ensino primário onde se aprende a ler e escrever e se adquire a cultura universal básica, até atingir o ensino superior, em que se aprende uma profissão em si, um caminho dividido em vários cursos em que todas as crianças teriam quase mesmas oportunidades. No entanto, esse discurso não funciona na prática, porque *“La escuela no es continua y unificada más que para aquellos que la recorren por entero: una fracción determinada de la población, principalmente originaria de la burguesia y de las capas intelectuales de la pequeña burguesia. [...]”*⁵⁵ (BAUDELLOT E ESTABLET, 1978, 20). A divisão da escola se inicia com a revolução burguesa, em especial a revolução francesa, em que a burguesia utiliza da escola ao mesmo tempo para combater as classes da nobreza e para refrear e disciplinar o proletariado, desde então a escola se divide em duas redes, uma rede é definida como Primária Profissional (PP) e a outra como Secundário Superior (SS), a rede primária é seguida pelo proletariado e campesinato e a rede secundária é o caminho da pequena-burguesia e da burguesia, portanto, também o caminho das classes médias, *“La masa de los niños originários de las clases sociales antagônicas es y permanece escolarizada em dos redes opuestas.”*⁵⁶ (BAUDELLOT E ESTABLET, 1978; 109).

As atividades lúdicas oferecidas pelo clube – centradas na Brinquedoteca e Tenda da brincadeira – podem, assim, cumprir a função de habilitar e experimentar um habitus não-manual requerido pela escola. Mas voltaremos a esta questão no último item capítulo.

⁵⁵ [“A escola não é continua e unificada exceto para aqueles que percorrem-na por inteiro: uma facção determinada da população, principalmente originaria da burguesia e das camadas intelectuais da pequena burguesia.”]

⁵⁶ [“A massa dos meninos originários das classes sociais antagônicas é e permanece escolarizada em duas redes opostas.”]

Outro exemplo interessante é a distribuição do tempo na prática do esporte. Alguns sócios chegam ao clube antes das 6 da manhã, antes dos portões abrirem. Eles se reúnem na porta do clube, no estacionamento, com roupas esportivas, para fazer caminhada e corrida, geralmente em grupos de 2, 3 ou 4 pessoas lado a lado, realizando o percurso no entorno da praça localizada em frente à entrada do clube. Ao entrar no clube geralmente continuam sua corrida ou caminhada entre as piscinas, o complexo esportivo, a pista de corrida e até o bosque, onde também há uma pista de corrida.

Durante a manhã muitos sócios tomam banho nas piscinas ou se dirigem às escolas de esportes, devidamente paramentados com mochilas ou já em trajes de banho⁵⁷, na piscina olímpica e na pista de atletismo, principalmente crianças e idosos, geralmente entre 8h a 11h da manhã. Durante a semana no horário compreendido no período de almoço, entre 11 e 14 horas, o clube costuma estar vazio, devido à inexistência de atividades, eventos, escolinhas e turmas de exercícios. No entanto, há fluxo de pessoas entrando e saindo, caracterizando-se como um tempo de transição no clube. No meio da semana a partir de 13h30 o fluxo volta a ficar intenso na entrada principal⁵⁸, há carros chegando e deixando jovens, com menor frequência, mas também famílias, principalmente acompanhadas de crianças pequenas, de jovens na entrada entre 13h30 e 14h50, começando a diminuir até se encerrar às 16 horas.

A partir das 16 horas o fluxo aumenta, mas o público agora não é de jovens e sim adultos de todas as idades, que permanecem no clube até 20h00 horas. O fluxo de sócios nas atividades esportivas, voltadas para públicos de todas as idades, tais como vôlei, basquete, futebol, peteca, tênis, corrida/caminhada e academia, no horário entre 17 horas e 20 horas, é intenso. Nos fins de semana as escolinhas não funcionam, mas todas as suas atividades permanecem intensas: esportes, piscinas, espaços de caminhada e academia, locais de alimentação.

Durante a semana a pista de atletismo é utilizada por grande quantidade de sócios entre 17 e 21 horas. No fim de semana a pista é utilizada no fim da tarde, mas a presença de sócios é pequena em relação ao que se tem no meio da semana. Na piscina olímpica observa-

⁵⁷ Durante a observação de campo, chamou nossa atenção a sofisticada indumentária para a prática da caminhada e corrida, tais como tênis, roupas de ginástica, garrafas de água, óculos, bonés, mochilas, que pressupõem um consumo para o esporte, uma marca de distinção que é próprio do *habitus* de esporte. Durante a corrida/caminhada é comum aqueles que estão acompanhados conversarem, estarem entre conhecidos.

⁵⁸ A quase totalidade das crianças e jovens adolescentes chega ao clube de carro que é estacionado na área do clube em frente à entrada principal ou que apenas estacionam para o desembarque na portaria. Raramente os sócios vão a pé ou de ônibus ao clube, como pudemos observar nas saídas e chegadas. Por sua vez, os funcionários e os atletas utilizam de transporte urbano, de ônibus, transporte coletivo, que passa na avenida que fica nos fundos do clube.

se adultos e idosos, sendo que a frequência durante o dia é pequena, mas intensa durante o final da tarde e durante a noite. Durante a semana é comum a piscina ser frequentada entre 17 horas e 20h30, enquanto nos fins de semana é utilizada o dia todo. Geralmente o uso da piscina olímpica se divide entre: 1) nadar, praticando esporte; 2) banhar-se sozinho ou com conhecidos, enquanto conversa e brinca na água. É comum também os sócios trazerem crianças que nadam e ficam na beirada da piscina, próximos aos adultos.

A “escolinha de esportes” funciona no clube em aulas de turmas coletivas que duram 1 hora cada. As sessões começam às 8 da manhã e vão até 11 horas, retornam as aulas às 14h e permanecem as sessões até 20 horas. Há aulas para turmas de várias idades, grupos de crianças, de adolescentes e de adultos. Estas aulas são ofertadas de terça a sexta, cada turma tem direito à duas aulas semanais, geralmente em dias alternados. Todas as atividades esportivas possuem um treinador. Quando observamos algumas destas atividades, futebol, vôlei, natação, tênis, spinning, vê-se que o treino não é apenas uma brincadeira, não é apenas diversão, mas um treino esportivo, posto que os treinadores e instrutores cobram determinada disciplina e comprometimento. Estas aulas não são destinadas a atletas, mas a sócios do clube.

Quando conversamos com alguns instrutores eles informaram que estas escolinhas, além de serem atividades físicas, são preparatórias para a entrada no time profissional do clube. Ao final de cada ano as diretorias de esportes realizam eliminatórias e testes para a seleção dos atletas das escolinhas para que se integrem aos times profissionais. Há também o CEU – Curso Esportivo Universal – que é uma espécie de brincadeira esportiva para crianças, que o clube resume como “[...] Neste Curso, os pequenos aprendem as qualidades que os esportes têm a oferecer, como a união, a disciplina e o empenho. [...]” (PRAIA CLUBE, 2015), uma escolinha para crianças a fim de incentivar a busca pelo esporte e *destinar cada criança para o esporte que ela melhor demonstrar habilidades, destinar ao esporte de acordo com sua aptidão.*

Além do esporte para sócios o clube investe em esporte profissional. O clube financia atletas e times para competição, patrocinando equipes e atletas, incluindo equipes paraolímpicas⁵⁹. Em uma competição de natação eliminatória paraolímpica⁶⁰ observamos

⁵⁹ O clube por ser entidade destinada à fins de recreação, está isento de impostos, podendo reverter toda sua renda em manutenção, eventos, atividades de lazer e esportes, conforme a LEI Nº 9.532, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1997. No entanto, além de ser isento o clube pode se utilizar das competições para captar recursos de Leis de incentivo ao esporte, além de patrocínios de empresas privadas. “Art. 5. Consideram-se isentas as instituições de caráter filantrópico, recreativo, cultural e científico e as associações civis que prestem os serviços para os quais houverem sido instituídas e os coloquem à disposição do grupo de pessoas a que se destinam, sem fins lucrativos. ([Vide Medida Provisória nº 2158-35, de 2001](#))”

grande mobilização de atletas do clube, de outras equipes de treino e também os familiares dos atletas. Sedar este tipo de competição é um evento valorizado pelo clube, pelo valor simbólico da publicidade que o clube faz como investidor e incentivador do esporte. Observamos também, em um domingo pela manhã, uma etapa do campeonato semiprofissional de tênis de quadra, direcionado aos sócios. O tênis é praticado como um esporte individual, não há plateia assistindo os jogos, nem há pessoas que acompanham o jogador⁶¹.

Procuramos descrever algumas das atividades esportivas desenvolvidas no Clube com o objetivo de evidenciar que, mesmo sendo atividade física, reposição de energia do trabalho, atividade não vinculada diretamente ao trabalho, elas são caracterizadas por rígidas disciplinas de horário, regras – o que nos leva a pensar no esporte como disciplina e, neste sentido, a reduzir o lazer à uma expressão do não-cotidiano. No caso do esporte profissional, pode-se afirmar que se trata de tempo cotidiano, de obrigação vinculada ao trabalho – sem portanto uma dimensão de lazer⁶². É cotidiano, pois o atleta também precisa alcançar resultados, exige treino constante a fim de demonstrar resultados em competições. De tal modo que para os atletas profissionais o esporte é esforço, tempo de fadiga e não um tempo de lazer.

Esta dimensão lazer como controle e disciplina, até aqui analisada, é partilhada pelos sócios? Como os sócios vêem o esporte e o lazer? Quais são as aspirações de lazer e esporte para os sócios do clube?

Em entrevista com uma mulher, doravante sócia M, revelaram-se algumas perspectivas sobre o lazer como uma atividade lúdica, para a recuperação de energia, equilíbrio com relação ao trabalho e também um ideal de bem estar físico e mental. Ao

§ 1º A isenção a que se refere este artigo aplica-se, exclusivamente, em relação ao imposto de renda da pessoa jurídica e à contribuição social sobre o lucro líquido, observado o disposto no parágrafo subsequente.

§ 2º Não estão abrangidos pela isenção do imposto de renda os rendimentos e ganhos de capital auferidos em aplicações financeiras de renda fixa ou de renda variável.

§ 3º As instituições isentas aplicam-se as disposições do art. 12, § 2º, alíneas "a" a "e" e § 3º e dos arts. 13 e 14." (LEI Nº 9.532, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9532.htm. Acesso. 31/05/2015.

⁶⁰ O campeonato é constituído de sete etapas, quatro regionais e três nacionais, cada ano realizada em uma cidade com um dos clubes como sede, o campeonato é organizado por um comitê paraolímpico com patrocínio das Loterias Caixa.

⁶¹ Nota-se nos esportes em geral, e de forma acentuada na prática do tênis de quadra, que os praticantes usam vestimentas e paramentos específicos. Como dissemos, a prática do esporte no clube exige um consumo apropriado: calçados, roupas, acessórios – garrafas de água, munhequeira, caneleira, bolas, raquete, suplementos etc.

⁶² Exceto quando o atleta profissional tem algum outro esporte como hobby ou lazer.

mesmo tempo, esta informante critica a dimensão compulsória assumida pelo esporte e pelo lazer na sociedade capitalista.

Eu vou as vezes no Praia, para nadar, frequento um pouco a academia, pouco...o nível de trabalho não permite, antigamente eu ia pelo menos 1 vez por semana para a academia e algumas vezes só nadar. Eu gostaria muito de voltar a esse ritmo, não faço mais porque não está dando [tempo].

- Para você o que é ter lazer no Praia Clube? O que significa lazer no Praia Clube? O que simboliza o lazer?

Significa uma coisa muito boa, significa um momento de conseguir equilíbrio “Mens sana in corpore sano”. Por que você [eu] gasto muito a cabeça, então é o momento de você assim, entrar na piscina, nadar, tomar um sol parece que te equaliza, te equilibra, porque a gente que tem mesmo uma atividade intelectual [mental] muito mais intensa do que a [atividade] física, do que a corporal, então acho que precisa. Eu faria mais se pudesse.

- O lazer tem uma importância para o seu trabalho?

Tem. Não só para o meu trabalho, tem importância para o meu trabalho também, não é só aquela coisa só de me recarregar a bateria para eu voltar a trabalhar. Acho que tem a ver com minha... me equilibra também, no meu psíquico, no meu emocional, são coisas prazerosas de fazer.

- Qual a importância do lazer em geral? Vida? Família? Objetivos de vida?

Eu acho que o lazer é fundamental. Precisa ver que lazer, não aquele lazer que você faz quase que compulsoriamente porque a sociedade cobra que você faça, inclusive eu dei aula um tempo no curso de turismo, na universidade de [...] e a gente trabalhava isso, a questão da compulsoriedade do lazer. Então nas férias se você fala “eu resolvi ficar em casa, escutando música, organizando minhas coisas...” não tem atrativo nenhum, “como assim você desperdiçou seu tempo?”, [na verdade] eu ganhei tempo [em casa], porque existe essa vinculação do lazer a um tipo de consumo. Esse lazer [consumo] acho que a gente tem que olhar com cuidado, mas esse lazer de que você está fazendo algo que te dá prazer, contato com sol, contato com água...aquela coisa de você se reequilibrar também, não só para você voltar ao trabalho, recarregar a bateria, mas para dar um equilíbrio emocional, afetivo, psíquico. (Entrevista realizada no dia 10/6/2014, com a Sócia M).

Na segunda entrevista, o sócio R, que praticava esporte no clube de forma amadora até o dia em que resolveu deixar o clube e praticar esporte apenas fora do clube, afirma o seguinte:

Há formas diferentes de lazer? Há preferências diferentes de lazer?

Sim, o esporte é diferente, quando eu estou praticando eu não penso em nada, não penso em serviço, estou livre no momento que eu estou praticando. Eu ainda pratico fora do Praia. Como eu não me senti a vontade no Praia eu procurei fora, fui em quadras pagas, através de um amigo que praticava, me viu na rua por acaso e me convidou para jogar com eles. Eu fui, gostei da turma, deu certo, não parei de praticar, já tem cerca de 5 anos.

Existe alguma relação entre trabalho e lazer? Trabalho e esporte? Qual a importância do tempo de lazer?

Não, relação não. O fato de o esporte te deixar bem fisicamente e mentalmente, ajuda o trabalho. Para mim serve para isso, não me vejo sem, fisicamente para manter um condicionamento e mentalmente, como eu te disse, serve para esquecer do mundo, não me lembro de nada, de preocupação, é um momento que estou quase num “alfa”. É o momento que agente chama de recarregar as energias, parece que fico renovado.

A convivência no esporte é importante? Você tem relação com esses amigos de esporte fora do esporte?

O esporte é elemento socializador, ali você faz amizades que podem propiciar várias oportunidades, de um convívio, de um bate papo. A gente sai, reúne, raramente, mas ocorre. (Sócio R)

O lazer é importante para a sociedade? Porque?

É importante. É a forma de espairecer a cabeça, é a forma que se tem de melhorar o “espírito”, desestressar. Ficar mais tranquilo, uma sensação física e mental, talvez a parte mental é mais importante.

Por que é importante exercitar o corpo?

Não é estética. Ter qualidade de vida, manter o corpo saudável, eu acredito que agente tem que estar exercitando, poder trabalhar melhor a parte de cima e de baixo, no sentido de não ficar parado. (Entrevista realizada com o Sócio R, em 28/7/2014).

Ambas as entrevista citadas reforçam a noção de lazer como meio de descanso e equilíbrio da vida. Assim, também no discurso de M aparece o lazer como tempo e atividade não cotidiana, como forma de recuperar a energia e equilibrar a pressão cotidiana, um elemento fundamental na vida, demonstra a relação trabalho-lazer e a relação cotidiano-lazer.

O discurso do sócio R reafirma a perspectiva do lazer como descanso e não-cotidiano: *“É o momento que agente chama de recarregar as energias, parece que fico renovado. [...]”* (Sócio R).

Na perspectiva dos sócios do clube o esporte é uma atividade de lazer. Quando o sócio entrevistado afirma que esporte é lazer reafirma sua importância: *“É a forma de espairecer a cabeça, é a forma que se tem de melhorar o “espírito”, desestressar. [...] quando eu to praticando eu não penso em nada, não penso em serviço, to livre no momento*

que eu to praticando.”(Sócio R). Ademais o esporte é um meio de ter uma vida saudável: “Ter qualidade de vida, manter o corpo saudável, [...] Ficar mais tranquilo, uma sensação física e mental, talvez a parte mental é mais importante.” (Sócio R).

Passemos agora à análise do clube como enclave fortificado, como espaço privado, aspirado pelos sócios e símbolo de status e distinção social.

3.3 O clube como enclave fortificado e espaço de distinção social

O lazer no Praia Clube está flanqueado entre não-cotidiano e disciplina e centralmente realiza-se em enclave fortificado como marca de *distinção social*. Caldeira (2000) denomina de *enclaves fortificados* as estruturas urbanas, situadas no espaço público, privatizadas por determinados grupos sociais e fruto de uma tendência social contemporânea:

[...] a privatização da segurança e a reclusão de alguns grupos sociais em enclaves fortificados. Esses dois processos estão mudando as noções de público e de espaço público que até bem recentemente predominavam nas sociedades ocidentais. (CALDEIRA, 2000, 10)

O desenvolvimento urbano teria não apenas levado à expansão das classes médias, mas promovido uma aproximação no espaço da cidade, levando as classes dominantes e os setores médios a buscar formas, inclusive espaciais, de separação e segregação, cujo exemplo mais evidente seria a construção de condomínios fechados, chamados pela autora de enclaves fortificados. As formas de segregação explicitam-se nas fronteiras físicas, principalmente nos condomínios fechados, cujo objetivo é manter a segurança e a separação entre moradores e agentes externos. Os condomínios fechados constituem o tipo mais desejável de moradia para as classes altas de São Paulo. “[...] Os condomínios fechados não são um fenômeno isolado, mas a versão de uma nova forma de segregação nas cidades contemporâneas. [...]” (CALDEIRA, 2000, 258).

Os moradores de enclaves fortificados buscam fugir do espaço público na medida em que este teria sido identificado como o lugar de ocupação do “sujo”, do “crime”, dos “de baixo” e de alguma forma do universo do “perigoso”.

Inspirada na ideia de enclave fortificado, Maldonado (2010), como vimos no capítulo 2, pesquisou o lazer de classe média em três clubes na Cidade do México. A autora também identificou em suas pesquisas de campo as mesmas aspirações por distinção social encontradas por Canclini (2001) ao estudar lazer de classe média.

Maldonado (2010) identifica a construção de uma rede de relações que formam um grupo *homogêneo* de membros da classe média, uma rede que é aberta para uns e fechada para outros, que têm como critério de participação a origem social em determinadas famílias, com determinada influência. Os discursos dos sócios pesquisados referem-se à cidade e ao ambiente externo como “sujos”, “poluídos”, “perigosos”, “frequentados por qualquer tipo de pessoa, por pessoas que não se pode confiar”. Por sua vez, há uma busca por espaços de lazer que permitam a fuga da vida fatigante na Cidade do México, como sabemos uma das maiores cidades do mundo. Em contraposição às imagens construídas sobre a cidade, o ambiente dos clubes seria “seguro”, “limpo”, principalmente “tranquilo”. Aparece também nestes discursos o clube como lugar de “gente educada”, “gente honesta e trabalhadora”, “gente com nível sócio-econômico superior”. Nestes discursos Maldonado (2010) identificou traços claros de *distinção social* e analisou que determinadas práticas de lazer da classe média fazem dos clubes espaços homogêneos e, ao mesmo tempo e por isso, separados.

Embora reconheçamos algumas diferenças entre a pesquisa de Maldonado (2010) e a pesquisa empírica que realizamos no Praia Clube, este pode ser entendido como um enclave fortificado⁶³.

Na entrada do clube observa-se a presença constante de seguranças que estão espalhados nos espaços internos, próximos aos lugares onde há sócios, próximos principalmente aos muros e portões. A portaria principal marca a entrada e saída de pessoas do clube, é o espaço estruturado com catracas e porteiros para recepcionar os sócios. Atrás da recepção encontra-se uma estrutura predial onde estão instaladas as diretorias e a administração do clube. Maldonado (2010) cita as portarias dos clubes na Cidade do México como um elemento material de separação e controle, por exemplo, o fato dos seguranças avaliarem a credencial de quem entra, o crachá que identifica a pessoa em uma determinada categoria: funcionário, diretor, sócio, visitante.

O Praia Clube controla tudo que se passa em seu interior, suas atividades, bem como o que sócios e funcionários fazem. Este controle é feito, além da entrada, por meio de vários funcionários e de forma bastante orgânica. A presença de funcionários em toda a área do clube, de professores, técnicos, diretores é constante, segundo nossa observação. Ademais, como já assinalamos o uso do clube é bastante estruturado pela direção do Praia que busca

⁶³ Nossas pesquisas tiveram como método de investigação a observação de campo. Todavia enquanto nos valem de algumas entrevistas e, principalmente, de fontes publicadas pelo Praia Clube, Maldonado centrou sua investigação na realização de entrevistas com diretores, funcionários e associados do Clube. À autora agradecemos o envio de um artigo, base de sua dissertação de mestrado publicada em livro e anteriormente citada.

promover eventos como uma “empresa de lazer”, organizando atividades de lazer em espaços, horários e com objetivos definidos.

A segurança e os funcionários são orientados a manter esse controle. O clube mantém funcionários contratados em três setores: 1) limpeza e conservação, 2) segurança e 3) instrutores. Não apenas nas portarias do clube há seguranças que controlam a entrada, mas em todas as atividades de lazer há funcionários do clube auxiliando, promovendo, coordenando as atividades de lazer, garantindo a oferta do lazer, a venda de produtos, principalmente os alimentícios, bem como controlando e fazendo a segurança da infra estrutura do clube que, como mostramos na Introdução, não é pequena. Nos quiosques e restaurantes, além dos bares nas festas, há funcionários que vendem os produtos alimentícios, os instrutores promovem as atividades de lazer e esporte nas escolinhas, nas turmas fechadas e definidas para sócios, além dos funcionários da recreação, músicos e artistas contratados, pessoas que cuidam das crianças e orientadores nas atividades sociais e eventos do clube. Os funcionários são agentes que garantem o espaço controlado. Assim o clube mantém um “poder” sobre o espaço de lazer o que permite realizar um paralelo com a teoria de Foucault (1987; 1984), para o qual o poder é uma relação social materializada não apenas no plano político nem na centralidade do Estado, mas se espalha pela sociedade. O poder é construído não de forma “negativa”, apenas na imposição, mas de forma “positiva”, o que quer dizer que o poder é produtivo, formatador, incentivador de determinada conduta, o poder em instituições sociais como o hospital, a prisão, a fábrica e o manicômio produz “corpos dóceis”, fazendo com que os pacientes, os presidiários e os trabalhadores tenham determinada postura produzida através da disciplina e da vigilância.

O clube também possui agentes como aqueles do panóptico de Foucault (1987, 1984), pois procura fornecer um ambiente seguro para os associados. Junto ao grupo da segurança há os salva-vidas, responsáveis por ficar nas piscinas principais em que há grande número de banhistas. Os seguranças também podem ser vistos durante as festas realizadas pelo clube. Contratados para garantir o patrimônio do clube e a segurança dos associados, os seguranças têm também uma importância simbólica. A presença de seguranças suscita a ideia de um lugar seguro, controlado, previsível, homogêneo, a ideia de enclave fortificado.

O enclave é uma forma de separação social, de distinção em relação à outros espaços sociais aspirado por seus sócios. Há várias atividades praticadas no Praia que poderiam ser realizadas em vários lugares da cidade. Maldonado (2010) havia observado que há uma procura por espaços privados de lazer devido à uma aspiração pelo espaço frequentado por

pessoas do mesmo grupo social. No Praia Clube também há vários exemplos de práticas que buscam a homogeneidade naquele ambiente, ligada também à ideia de ambiente previsível onde se encontram conhecidos e amigos.

Vejamos.

Na festa da “Roda de Samba” há também elementos de enclave, nesta festa formam-se dois ambientes: o ambiente interno remete ao *habitus* mais ligado aos barzinhos enquanto o ambiente externo remete ao *habitus* de restaurante, assim os sócios escolhem um ou outro de acordo com suas preferências, aspirações em relação ao clube, num sistema de preferência pelo “barzinho” ou pelo “restaurante”. O clube mimetiza o barzinho e o restaurante, o que implica que, embora os sócios possam festejar e usufruir de momentos de lazer em áreas e espaços públicos, preferem vivê-los no espaço privado do clube, num ambiente seguro, controlado e sem riscos de incertezas.

Ao chegar na “roda de samba”, geralmente o sócio segue o ritual: escolhe a mesa, senta-se, conversa, come e depois dança; casais vão e voltam para a pista várias vezes durante a noite. Entre uma música e outra é comum no retorno passar pelas mesas vizinhas e conversar, ou até sentar-se.

Considerando a observação de campo e as informações dos seguranças que ficam de plantão toda sexta feira, o público que frequenta a “Roda de Samba” é cativo. Neste sentido, é plausível supor que, embora efêmera, a festa constitui um momento de reprodução de relações sociais, pois neste espaço o fundamental parece ser “estar com os seus”, “num ambiente familiar”, com aqueles que se escolheu para partilhar, para vir à festa, conhecidos, amigos e familiares. A análise do discurso dos sócios, coletado por Maldonado (2010) na Cidade do México, mostra que há também um ambiente de amizade entre eles. Alguns falam em ambiente familiar, de pessoas distintas, com elevado nível cultural e educacional, enquanto outros remetem ao critério econômico, de poder pagar e consumir, para pertencer a este grupo homogêneo de membros do clube com a mesma identidade.

As festas de domingo, no quiosque da olímpica, na eclusa, segundo nossa hipótese, evidenciam a pertinência desta representação do clube como um enclave fortificado, na medida em que os sócios procuram o clube para passar o domingo, num ambiente de descontração, seguro, familiar e com convivência social daqueles que são os “sócios do clube”, com certa “tranquilidade”, um público e um equipamento de lazer com determinado *status* social, que expresse determinada *distinção social* de um grupo de “elite” na cidade – “aqueles que podem estar nesse clube num domingo” e que “podem consumir”. Se

comparados com outras classes sociais e até outras frações da classe média, observa-se que há opções de lazer para o domingo por toda a cidade, restaurantes, praças, reuniões em casa com a família, churrasco e até locais com música ao vivo. A opção pelo clube está, supostamente, na segurança, na proteção das vicissitudes do ambiente externo. Ademais o clube por ser um espaço privado, pois consumido, alude, como mostrou Maldonado (2010), ao desejo da classe média de ter *exclusivo*, de frequentar um espaço de lazer exclusivo para os membros.

As festas de quinta, sexta e domingo, como vimos no item 1, têm como elemento central a música e a dança com coreografias, além do consumo, músicas populares do momento, músicas de sucesso. O clube tenta reproduzir as festas externas, os shows de rock, musica eletrônica, samba e axé, de forma semelhante às festas do mesmo estilo na cidade. O ambiente é semelhante aos de bares e boates na cidade. Há uma mimeses dos barzinhos de samba, dos restaurantes com música ao vivo, de shows em casas fechadas, boates e parques de exposição, festas externas que são transpostas para dentro do clube, reforçando assim a aspiração das classes médias por um lazer “distinto”, ainda que não exclusivo posto que possível a todas as classes sociais.

Relativamente às “micaretas” e “shows populares” que acontecem pela cidade, as festas e shows organizados pelo Praia Clube - embora não sejam exclusivos dos sócios - tendem a ser frequentadas pelos associados, produzindo-se em um ambiente conhecido e em um espaço privado, supostamente seguro, controlado, limpo, homogêneo e principalmente sem riscos de imprevistos. Reforça-se assim a reprodução de um *habitus* de seleção e distinção social.

As festas com ritmos populares⁶⁴ trazidas por imigrantes nordestinos para a região sudeste são comumente realizadas em Uberlândia, onde há também consumo, música, prática de lazer e interação social. Tais festas são realizadas em bares ou galpões cujo custo é relativamente menor, se comparado com os custos do clube, em média mais caro do que as festas populares. Nas festas populares, embora o ritmo e o estilo musical possam ser o mesmo, em geral a banda não é profissional como nas festas promovidas pelo Praia.

Em geral os músicos, nos bairros populares, são locais, e possuem outra profissão fora dos momentos em que estão se apresentando; assim o investimento no custeio da festa é

⁶⁴ As conclusões apresentadas sobre o *habitus* das classes trabalhadoras nas festas fora do clube foram retiradas de observações durante o ano de 2014, ano concomitante à pesquisa empírica no Praia Clube. Em algumas oportunidades observamos durante o todo o ano de 2014 festas realizadas nos bairros periféricos de Uberlândia, bairros populares onde se opera no lazer a lógica do “pedaço”, as relações de companheirismo em que a maioria das pessoas se conhece e possui uma posição pela família e trabalho, por esta posição é conhecida. Nos anos de 2012 e 2013 também observamos estas mesmas festas em bairros irregulares e em ocupações urbanas (sem teto) na cidade de Uberlândia.

pequeno. Interessante também notar as diferenças nas roupas e na forma de cuidar e ornar o corpo. Segundo nossa observação, nas classes populares não existiria de forma marcante a separação entre “roupa de cotidiano” e “roupa de festa”, pois é comum ver homens de bermuda e chinelos e mulheres de sandálias e blusas. Nas festas do Praia Clube, ao contrário, os presentes tendem a utilizar roupas diferentes do cotidiano, compondo-se as mulheres com vestidos e sandálias ornamentadas, os homens camisas, calças festivas - e não comumente utilizados em momentos cotidianos como o trabalho.

A opção pelo Praia como um espaço de lazer seguro parece também atrair os sócios posto que de modo recorrente crianças e adolescentes permanecem na sala de estudos do Clube.

O clube é uma alternativa para os filhos das famílias de classe média posto que funciona como um espaço em que os pais podem controlar o que os filhos fazem, pois há segurança.

Procuramos mostrar que o clube é um forte, espaço privado, que separa os sócios do mundo externo, público, por isso heterogêneo, “perigoso” e imprevisível. A política de lazer do Praia Clube possui, assim, elementos de controle, segurança, previsibilidade, que podem ser observados objetiva e simbolicamente. Em nossa análise os sócios, majoritariamente de classe média, aspiram por este *enclave fortificado* posto que ele simboliza *distinção social*.

Todavia, antes de analisar o perfil de classe média dos associados, abordaremos a filosofia e a política do Praia clube, que busca construir uma imagem também de distinção social, de um clube que tem um status especial.

3.4 Meios de comunicação, autoimagem do clube e distinção social:

A imagem difundida pelo Praia Clube, nos mais diversos meios publicitários (Site do clube, TV Praia, Facebook, Vídeo Institucional, revistas e panfletos) pode ser resumida nos três grandes eixos: 1) empresa promotora de atividades de esporte e lazer e eventos sociais; 2) instituição histórica e frequentada por pessoas ilustres, com status e poder econômico e político na cidade de Uberlândia; 3) família Praiana; 4) uma das maiores estruturas de lazer da América Latina.

No site do clube encontramos um Histórico. Neste Histórico, o clube refere-se a si mesmo e ao grupo geral de associados, diretores e funcionários como “Família Praiana”. Este é um discurso recorrente em toda a propaganda:

[...] essas pessoas conservam a tradição do Praia de formar verdadeiras famílias dentro do clube, unidas por objetivos em comum. [...] reconhece a importância de ver pais e filhos convivendo em harmonia dentro do clube, em um costume que atravessa e segue firme em direção ao futuro. (PRAIA CLUBE, 2014)

A representação de “família praiana” tem a função de criar determinada homogeneidade entre os sócios, com isso amortecer possíveis conflitos entre administração e sócios, além de reforçar a ideia de *distinção social*. No trabalho de Maldonado (2010) os membros dos clubes de classe média na Cidade do México também possuem a visão do clube como um ambiente de família, os sócios expressam no seu discurso que os sócios são as “pessoas que nunca vão te ferir”, o clube é um lugar “onde você encontra amigos”, “onde você é acolhido, onde te procuram...”. A informante Blanca em entrevista coletado por Maldonado (2000) atribui essa familiaridade a um “estilo de vida refinado, mentalidade com alto nível cultural e educacional, que os sócios têm em comum”. Outros sócios entrevistados por Maldonado (2010) afirmaram que o clube seria um lugar de pessoas com “gosto refinado”, onde há um “ambiente de pessoas com famílias estáveis e respeitáveis”.

No documento “Histórico”, o Praia Clube difunde seus “valores”: *“Agir com ética e transparência em todas as negociações de acordo com o Regimento Interno e Estatuto do Clube, a fim de garantir segurança e bem-estar ao associado praiano.”* (PRAIA CLUBE, 2014). Nota-se que segurança e bem estar do sócio constituem valores centrais.

A imagem de “empresa promotora de lazer” também aparece no “Histórico” do clube. O “Negócio” do Praia é : *“Oferecer, com qualidade e criatividade, lazer, esporte, entretenimento e eventos sociais e culturais, proporcionando condições atrativas e satisfação dos associados.”* (PRAIA CLUBE, 2014). O termo “negócio” é um termo do mundo do mercado, um jargão empresarial – deixando explícita a função empresarial do clube.

A imagem de que o clube possui uma das maiores infraestruturas de lazer do país, e da América Latina, também é recorrente. É comum aparecer no discurso de funcionários da administração, manutenção e diretores a noção de “o melhor lugar da cidade em oferta de lazer”.

3.4.1 A publicidade do Praia Clube

Os meios publicitários são veículos que o clube se utiliza para difundir sua imagem, bem como seus valores para os sócios e para a população que pode vir a se associar.

A TV do clube, chamada “TV Praia”, é, na verdade, um programa gravado que vai ao ar uma vez por semana na TV aberta. O programa é gravado pelos funcionários da Diretoria de Comunicação, que fazem função de redação e repórteres. A filmagem, gravação e organização digital do programa é feita por empresa terceirizada contratada. O clube também paga um horário na TV aberta, responsável pelo SBT local, às 9 horas da manhã no domingo para veicular o programa. Nos programas de TV do clube são focados, em quadros específicos, as atividades sociais, esportivas, as festas como a “quintaneja”, “mesa de buteco”, “domingo na eclusa”, bem como entrevistas com pessoas que usufruem do clube ou personalidades importantes para o clube. Dentre as entrevistas têm destaque artistas contratados, com sucesso regional na cidade de Uberlândia e nas cidades vizinhas. Pode-se concluir que a TV Praia é um meio de comunicação que busca associar o *status* do artista com o *status* do clube, fomentando uma imagem do clube como “empresa de lazer e eventos”.

A revista do clube, intitulada Revista Praia, é um veículo bimensal de comunicação, editado pelo Departamento de Comunicação e Marketing, cuja tiragem é de 9.000 exemplares. Em geral, a revista mostra as atividades do clube, as promoções de eventos, festas, figuras importantes que estão de alguma forma ligadas ao clube e alguns sócios que o clube escolhe, a cada edição, para falar de suas atividades de lazer e da importância do clube na vida daquele sócio. Esta também é uma forma, tal como a TV do clube, de evidenciar o *status* e a capacidade de lazer do clube. As imagens e matérias, contendo depoimentos dos próprios sócios, denotam o bem estar corporal e social por meio de atividades sociais e de exercícios físicos, expressando uma visão de um *corpo saudável*, de uma vida saudável e feliz no clube.

Os panfletos são estrategicamente espalhados pelas mesas dentro do clube e na recepção, visando divulgar atividades do clube, festas, eventos, esportes, escolinhas, atividades especiais como circo para crianças, ginástica para mães e bebês, Centro Esportivo Universal - CEU etc. Os panfletos são direcionados tanto aos sócios quanto ao público externo. Para os sócios os panfletos têm efeito de meio de divulgação, porém para o público externo é um símbolo da pujança do clube na promoção de eventos e atividades de lazer.

O site do clube também divulga todas as facetas que o clube quer mostrar. Mostra os resultados no esporte, o corpo da diretoria, as atividades de lazer ofertadas, os eventos, as festas, as campanhas sociais, figuras importantes na cidade e no clube, os meios de comunicação – revista, facebook, site e TV Praia -, lazer para crianças e para a terceira idade, as escolinhas de esporte e as oportunidades de exercícios físicos no clube (Ver a relação dos eventos e das modalidades esportivas no Anexo).

O facebook do clube é uma via de comunicação constante e de grande alcance que divulga as mesmas atividades mencionadas no site. Há uma ênfase nos esportes e seus resultados, desde os times de vôlei, basquete, até jogadores de xadrez, nadadores e atletas paraolímpicos. É mister observar que mais do que postar as atividades futuras o facebook é utilizado para mostrar eventos já ocorridos.

Além da divulgação das atividades do clube, ocorrem “grandes eventos” que o clube promove não só para os sócios, mas para o público em geral. Os shows que acontecem periodicamente uma ou duas vezes por semestre, além do carnaval, feijoada anual e a festa de aniversário. Desde o período em que iniciamos a observação de campo, ocorreram shows com os seguintes artistas: Fábio Júnior (03/05/2014), Chrystian e Ralf (28/02/2015), a festa junina (21/06/2014), noite dos namorados (12/06/2014), Chitãozinho e Xororó (dia dos pais), Bruno e Marrone (aniversário do clube); Raça Negra (28/07/2013). O carnaval também é um evento anual do clube em que o sócio é atraído para passar a festa nacional.

Por meio das festas o clube sustenta sua imagem de “empresa de lazer” de “grande promotor de eventos e atividades de lazer”.

O Vídeo Institucional (AUGUSTUS, 2012) está voltado para o público externo. Nele é apresentada a infraestrutura física do clube, suas área verde e construída, a área total, o número de “colaboradores”, ou seja, de funcionários, e o número de associados, difundindo a imagem de “maior clube da América latina”. O Vídeo Institucional trata também da história do clube, exhibe a “sala de fotos” com a história do clube bem como a sala de troféus que ressalta as conquistas históricas nos esportes. Neste Vídeo o clube ressalta sua ação com esportes, para os atletas e para os associados. Mostra imagens de atletas, incluindo os paraolímpicos, e lista os esportes oferecidos: basquete, futebol, futsal, judô, natação, tênis, voleibol, xadrez, tênis de mesa, peteca e ParaTriathlon. Ademais exhibe a estrutura da academia de musculação - (musculação, ginástica, spinning, cango-jump), os ginásios, piscinas de banho, pista de atletismo e quadras para esportes, além da área verde para caminhada.

O Vídeo também destaca a “Família Praiana”. O clube fala do *status* de ser “praiano”, do incentivo que fornece aos membros “praianos” que praticam atividades de ação social, também denominada “campanha motivacional”. No lastro da ideologia da responsabilidade

social institui o “praia cidadão”, de assistência e contribuição com entidades sociais de caridade⁶⁵.

O esporte é um símbolo de status para o clube, um investimento importante. O esporte é a forma que o clube se utiliza para sustentar-se como um *promotor do esporte*, um conquistador de resultados no esporte profissional.

Enfim, a partir dos elementos analisados nos meios de comunicação e no vídeo institucional o clube mostra as seguintes representações: 1) clube como promotor de eventos e atividades de lazer, os números de 700 “colaboradores”, os trabalhadores do clube, e 48 mil associados que aparece no vídeo é uma forma de reforçar o “tamanho” do clube, portanto, sua pujança no empreendimento de lazer; 2) clube como fomentador de oportunidades de esportes e exercícios físicos para sócios, uma via de alcançar bem estar físico e mental; 3) clube como investidor em esporte profissional, que consegue conquistar resultados em competições profissionais; 4) clube que se engaja em campanhas de cunho social, ação social do clube; 5) a imagem da “família praiana”, o clube como um lugar próprio para os associados, um lugar que oferece lazer para a família, que tem a família como base, um lugar onde todos os associados fazem parte do mesmo empreendimento de “bem-estar e lazer”, evitando conflitos, justificando os investimentos do clube como investimentos para “todos os associados”, reforçando a ideia de homogeneidade própria do enclave fortificado.

3.4.2 Administração e status social

Este poder pode ser demonstrado quando analisamos a figura do “Presidente de honra” que funciona para incrementar o *status* do clube. Segundo relatos de sócios e de pessoas na cidade que conhecem a história de algumas figuras que foram presidentes de honra este é um título dado à uma figura considerada importante no clube. A diretoria em exercício condecora com o título de “presidente de honra” uma pessoa considerada importante para o clube em algum momento da história, em alguma questão como regularização de obras, questões legais,

⁶⁵ O clube também sustenta o discurso da “responsabilidade social” em campanhas há também um discurso da “responsabilidade ambiental”, que aparece, por exemplo, quando se fala da eclusa. Em um vídeo do programa *Uberlândia de Ontem e Sempre – História do Praia Clube* um dos temas abordados é a “eclusa”, José Spindola, ex-diretor do clube, afirma que na época de sua construção a eclusa funcionava para limpar dejetos do rio, após a construção da usina de sucupira o volume do rio aumentou, e os dejetos do frigorífico que fica acima do Praia eram jogados no rio que corta o Clube e impregnavam as margens. A construção da eclusa permitiu que se fizesse um emissário à margem direita que captava os resíduos que eram jogados com a água no fluxo do rio abaixo do clube eliminando o mal cheiro. A eclusa é justificada pelo clube como uma benfeitoria à natureza, ao rio, na medida em que reafirma a eclusa como patrimônio do clube é um oxigenador do rio e revitalizador da natureza.

na organização de atividades do clube. O título de “presidente de honra” não garante ao possuidor qualquer poder de decisão ou de execução, nem poder administrativo, mas o reconhecimento de sua importância que lhe confere poder simbólico e status perante a comunidade geral do clube. O reconhecimento de pessoas importantes pode ser visto na apresentação do clube sobre sua fundação.

Diversas pessoas tiveram ativa participação durante estes anos de existência do Praia Clube, mas sua história começou com seus 12 fundadores: Boulanger Fonseca, Enéas de Oliveira Guimarães, Fausto Savastano, Floramante Garófalo, Gercino Borges, Hermes Carneiro, José Carneiro Júnior, José de Oliveira Guimarães, Lourival Borges, Mário Guimarães Faria, Oscar Miranda e Roman Balparda. Com a decisão de organizar o clube, a primeira diretoria teve como presidente de honra o então Prefeito Municipal, Vasco Giffoni. O primeiro presidente praiano foi Cícero Macedo, que com seus companheiros de diretoria mandou erguer um barracão com bar e vestiários, construído atrás da prainha e em seguida um trampolim de madeira, com dois lances. (PRAIA CLUBE, 2014)

Os presidentes de honra são citados em placas dentro do clube, bem como a diretoria, placas que ficam expostas nas áreas que foram construídas, como no complexo esportivo Cicero Naves de Ávila, ou mesmo o restaurante e a entrada. Um exemplo destes presidentes de honra é o ex-prefeito Vasco Giffoni, citado numa placa que homenageia vários presidentes. Vasco Giffoni foi prefeito de Uberlândia no período 1936-1943⁶⁶ e foi importante para o clube, um político que simboliza status na cidade.

O “presidente de honra” representa um fragmento da história do clube ao mesmo tempo em que é um símbolo da vitória do clube em alguma questão. No clube o presidente de honra possui um poder e simboliza sua importância para os sócios do clube, o fato de ser uma pessoa importante associa o *status* social da pessoa na cidade com um *status* do clube, um incremento de *status* ao clube. No âmbito externo, o presidente de honra é um símbolo que eleva o *status* do clube.

Outro dado revelador da posição que o Praia Clube busca ocupar na estrutura de poder e status da cidade de Uberlândia é a composição social das diretorias. Embora seja um clube cujos associados pertencem a diversas classes sociais, predominantemente segundo nossa pesquisa, às classes médias, os membros na diretoria do clube são proprietários, pessoas com

⁶⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Uberl%C3%A2ndia

posições de poder e influência na cidade. Vejamos alguns nomes de membros da diretoria em vários períodos históricos e sua posição de classe⁶⁷.

Na gestão de 1978-1979 a diretoria do Clube era composta da seguinte forma:

Quadro I – Posição social/ocupação dos diretores do Praia Clube no período 1978-1979

Nome do diretor	Posição social de classe/ocupação
Waltercides Borges de Sá (presidente)	empresário no ramo de material de construção;
Aparecido Pimentel de Ulhôa (Vice presidente)	advogado;
Márcio Chaves	contabilista
Vasco Marquez de Andrade	Funcionário público municipal
Wagner Carvalho	empresário no ramo de veículos
Paulo Machado da Silveira	empresário do ramo de materiais de construção
Joaquim Vital Ribeiro	gerente das Casas Alô Brasil atacadista
Celso Venâncio Teixeira	alto funcionário da CTBC
Cícero Naves de Ávila	empresário da indústria de carne e grande produtor de gado
Paulo Antônio Santa Cecília Franco	Empresário do ramo de moda
Indio de Carvalho Luz	Médico
Geraldo Zago	empresário da indústria

Quadro II – Posição social/ocupação dos diretores do Praia Clube no período 1980-1981

Agenor Spirandelli	empresário do ramo de eletrodomésticos
Ulisses Finotti ⁶⁸	empresário industrial do ramo de mobília
Cícero Naves de Ávila Júnior	empresário latifundiário criador de gado,
Ivan Miranda Vieira	médico

Quadro III – Posição social/ocupação dos diretores do Praia Clube no período 1984-1985

Oranides Borges do Nascimento	empresário do ramo de atacado; Armazéns Martins;
Ragi Wadih Mansour	empresário do ramo de aviamentos em atacado
, Badue Morum Bernardino	empresário do ramo imobiliário
Sérgio Vieria Attie	empresário,
Hugo Spini	Empresário;
Oswaldo Teixeira	industrial da produção de doce
Wilson Ribeiro da Silva	Advogado
Evandro José Braga	alto funcionário da receita federal
Oswaldo de Oliveira	empresário do ramo de materiais para construção

⁶⁷ Este levantamento foi feito considerando-se duas fontes: os nomes citados nas placas encontradas no próprio clube e os dados fornecidos historiador Antônio Pereira da Silva, em entrevista realizada em abril de 2015.

⁶⁸ Este foi homenageado com nome de um dos ginásios do clube.

Quadro IV – Posição social/ocupação dos presidentes no período 1935-1970

Cícero Macedo de oliveira (10/07/1935-31/12/1935)	empresário dono de farmácia
Dr. Mário Guimarães Faria (01/06/1936-31/12/1936)	Médico
Joaquim Carneiro (01/01/1937-03/05/1938)	Empresário
Eneas de Oliveira Guimarães (04/05/1938-31/12/1940)	médico,
José de Oliveira Guimarães (01/01/1941-31/05/1943)	empresário,
Dr. Celso de Souza Queiroz (01/06/1943-30/06/1948)	alto funcionário público estadual
José Rezende Ribeiro (01/07/1941-31/12/1950)	empresário industrial,
Lauro Teixeira (01/01/1951-31/12/1952)	empresário,
Abel Silva Santos (01/01/1953-31/12/1953)	Empresário
João Amílcar Pavan (01/01/1954-31/12/1955)	empresário,
Adalberto Testa ⁶⁹ (01/01/1956-31/13/1956) (01/01/1959 -31/12/1969)	empresário do ramo mobiliário
Décio de Magalhães Tibery (01/01/1957-31/12/1958)	empresário imobiliário.
Adalberto Testa (01/01/1959 -31/12/1969)	empresário do ramo mobiliário

Quadro V – Posição social/ocupação dos diretores do Praia Clube no período 2014-2015⁷⁰

Presidente Aldorando Dias de Sousa	empresário do ramo financeiro
Nilton Peixoto de Souza	empresário do ramo de atacado
Edilson Pereira Silva	empresário do ramo de atacado e gêneros
Gastão Borges	Advogado
Luiz Alexandre Garcia	alto empresário de comunicações

A tentativa do clube de criar fronteiras entre “membros do clube” e “público exterior” constitui uma marca de *distinção* é a forma pela qual se afirma um *status* de superioridade do clube. A superioridade é expressa na figura do *presidente de honra*, nas figuras ilustres e de *status* político e econômico na cidade, corriqueiros na diretoria, *nas* barreiras simbólicas e

⁶⁹ Este também foi homenageado com nome de um dos ginásios do clube.

⁷⁰ “No dia quatro de dezembro o empresário e secretário municipal de Finanças, Aldorando Dias de Sousa, foi eleito mais uma vez presidente do Praia Clube de Uberlândia ao lado de Carlos Gonçalo Neves, atual 1º vice-presidente, para presidir o Conselho Fiscal do clube. A diretoria comandada pelos dois irá presidir o Praia biênio 2012/2013.” (GAZETA DO POVO, 2011)

físicas do clube para sustentar um espaço reservado, com práticas de lazer exclusivas à um determinado grupo social.

Esta imagem construída pelo clube não pode ser entendida apenas como um discurso, é preciso buscar seu sentido simbólico. A presença do Praia na cidade durante 80 anos criou no imaginário⁷¹ a simbologia de um clube como um lugar de pessoas da “elite”, com poder econômico e político, com importância social, “um lugar selecionado”, “de pessoas com dinheiro”, pessoas com determinado status social. O clube, por sua vez, sabe do seu reconhecimento na cidade e se utiliza dessa imagem para realizar sua propaganda.

O que significam essas representações do clube para a classe média? Qual a importância e relação da classe média e as ideologias da classe média com o clube? Quais ideologias da classe média são encontradas e resguardadas pelo clube?

3.5 O perfil de classe média do Praia Clube: algumas aproximações

A hipótese segundo a qual o Praia Clube está voltado para um perfil de classe média tem como base alguns indicadores: como renda dos sócios, padrão de consumo, disposições ideológicas.

Estamos cientes que a identificação ou inserção de grupos sociais na estrutura de classes é uma tarefa bastante complexa, tanto mais porque não conseguimos em nossa pesquisa levantar dados socioeconômicos objetivos típicos neste tipo de abordagem: não obtivemos informações sobre renda, propriedade, ocupação dos associados. Por isso trabalharemos com algumas variáveis que nos permitam aproximar alguns indicadores observados sobre o padrão de renda, sobretudo de consumo no clube, ao que se poderia ser definido como classes médias.

Tomando como parâmetro a renda das classes médias no Brasil publicada no *Atlas da nova estratificação social no Brasil*, a definição de classe média se dá nos estratos de renda familiar entre 1000 reais e 6000 reais⁷². Como os dados apresentados no *Atlas* são do ano de

⁷¹ A fonte são as declarações de pessoas coletadas durante a pesquisa empírica pelos lugares da cidade onde se falava do Praia. Não sabe-se dizer na pesquisa, nem é o objetivo da pesquisa, se isso é fruto da história do clube e dos personagens importantes que se assumiram membros do clube juntamente com as articulações com as figuras importantes ou se é fruto da capacidade do clube nas últimas duas décadas, no século XXI, de promover eventos e investir em propaganda.

⁷² Os custos com lazer são os gastos incorporados com “Brinquedos e jogos” 0,3%, “Celular e acessórios” 0,2%, “Periódicos, livros e revistas”, 0,4%, “Diversões e esportes 1,2%, “outros” 0,1%. (GUERRA, POCHMANN, AMORIM, SILVA, BARBOSA, 2006, 94).

2003, optamos por convertê-los em salários mínimos e compará-los com o salário mínimo em 2015 para que pudéssemos construir um parâmetro e analisar o que hipoteticamente gastam os sócios do clube com lazer e os padrões definidos no estudo referido.

De acordo com os dados do *Atlas da nova estratificação social no Brasil* (GUERRA et alli. 2006) a classe média gastaria 2,2% de sua renda mensal em “Recreação e cultura”, o que representaria, considerando o estrato de renda familiar entre R\$1.000,00 e R\$6.000,00 reais, o valor aproximado de R\$22,00 à R\$132,00. Convertendo o estrato de renda em salários mínimos, teríamos que as classes médias estariam contidas no intervalo entre 4,2 e 25 salários mínimos.

Considerando que o salário mínimo subiu de R\$240,00 em 2003 para R\$788,00 em 2015⁷³, aumento de cerca de 320%, a classe média estaria contida na faixa de renda atual em Salários Mínimos de R\$3.152,00 reais a R\$18.912,00. Neste sentido e tomando o parâmetro de gastos com “Recreação e Cultura”, as classes médias gastariam entre R\$69,34 e R\$416,06 ou uma média de R\$242,7 (duzentos e quarenta e dois reais e setenta centavos) mensais.

Tomando-se então este parâmetro, passemos a comparar os gastos de lazer da classe média em geral com os gastos em lazer no Praia Clube. O Praia Clube, na época em que pesquisamos, em 2014, possuía diferentes modalidades de associação. A primeira forma é a compra de uma ação, que configura o “sócio remido”, o qual, embora não pague mensalidade, paga uma elevada quantia pela ação. O valor dessa ação é de R\$50 a R\$60 mil reais, segundo informações obtidas por meio de entrevistas com funcionários e sócios conhecidos. Os demais associados, que não são “remidos”, se associam comprando uma “joia” e pagando mensalidades em duas categorias: “familiar”, no valor de R\$251,00 (duzentos e cinquenta e um reais) e “individual”, no valor de R\$126,00 (cento e vinte e seis). A chamada “joia” para a cota familiar, no valor de R\$2.797,00 (dois mil setecentos e noventa e sete reais), na época da pesquisa, poderia ser paga em cota única ou dividida em 30 parcelas mensais, o que representaria, ao menos nos primeiros dois anos e meio de associado ao Praia Clube, o valor de R\$344,00. Assim o custo de se associar, aos que parcelam a joia, seria de R\$344,00 (trezentos e oitenta reais) na categoria “familiar”, nos primeiros 30 meses, e vencido este período, o valor mensal de R\$251,00 – em ambos os casos valor acima da média de gastos das classes médias com “Recreação e Saúde”, ou seja, de R\$242,70⁷⁴.

⁷³ SALÁRIOS MÍNIMOS DE 1995 A 2015. Disponível em: <http://www.contabeis.com.br/tabelas/salario-minimo/> Acesso. 23/07/2015.

⁷⁴ No caso da compra da “joia” para cota individual, no valor de R\$1.631,00), ao valor de R\$126,00 mensais, seria acrescido nos primeiros 30 meses o valor de R\$54,30 – o que daria o custo individual de R\$180,30.

Além da mensalidade há os gastos no clube com alimentação, festas, academia, escola de esportes sem contar deslocamento para o Clube – feito na maioria dos casos em carro próprio – e todos os custos que implicam a prática de esporte e a frequência em clubes, tais como tênis, roupas esportivas, de natação, proteção ao sol etc.

Ainda que possamos hipoteticamente considerar que a alimentação no clube constitua uma opção, nossa pesquisa de campo mostrou que é recorrente o consumo de comidas e bebidas nas festas e é também comum fazer refeições no clube seja no restaurante seja na praça de alimentação ou ainda nos quiosques.

O restaurante oferece refeições menores como porções de carne ou arroz, mas as refeições principais são os pratos de carne com acompanhamento, cujo preço varia entre R\$25,00 e R\$35,00. Os salgados na praça de alimentação custam entre R\$4,00 e R\$6,00 reais e os sorvetes/picolés entre R\$2,00 e R\$5,00 reais, já a cerveja custa R\$6,00 reais e o refrigerante R\$3,50. Os preços praticados nos espaços de alimentação do Praia Clube são em torno de 2 a 5 vezes maior do que a média de preços para uma refeição de almoço ou janta na maioria dos estabelecimentos nos bairros populares da cidade⁷⁵.

Vejamos então uma média de gastos no clube além da mensalidade neste caso por pessoa. Há muitos sócios que comparecem ao clube dois ou três dias do fim de semana, mas digamos então que seja prática semanal dos sócios ir pelo menos um dia por semana no clube, para jogarmos a média de gastos para baixo, e que se faça em média 2 refeições, simplificando como uma refeição no restaurante e outra na praça ou quiosque, chegaríamos a um custo de R\$30,00 a R\$40,00 reais pela refeição principal e R\$8,00 reais pelo lanche, uma média de um custo diário de 45 reais para permanecer no clube. Se, ainda por hipótese, considerarmos o sócio que frequenta o clube no mínimo uma vez na semana, ao final do mês o seu gasto seria, além da mensalidade, de cerca de R\$180,00 reais mais a mensalidade familiar de R\$251,00 – o que resultaria em um gasto de R\$431,00. Se dobrarmos considerando que a pessoa é um casal chegaríamos a R\$611,00.

Neste sentido, as frações das classes médias baixas, situadas proximamente do limite inferior de renda, teriam, por assim dizer, que se esforçar para pagar a mensalidade em dia e usufruir o Praia Clube plenamente. É plausível supor que, por isso, embora o clube tenha, segundo dados coletados, cerca de 50 mil sócios, os que de fato usufruem de sua potente estrutura em termos físicos⁷⁶, recreativos (várias atividades) e esportivas (quadras, equipes

⁷⁵ Segundo observação, nos bares e restaurantes no entorno do clube o preço destes itens é mais ou menos 3 vezes menor.

⁷⁶ Ver Introdução, p. 13.

profissionais) são em número menor e se situam, na estrutura de classes, entre os assalariados com maior nível salarial, entre profissionais liberais e trabalhadores autônomos profissionais e entre pequenos, médios e até grandes proprietários⁷⁷.

Além da mensalidade e dos gastos com alimentação, outros indicadores nos ajudam a levantar este perfil socioeconômico. O próprio preço da mensalidade familiar é um indicador posto que representa 32% do salário mínimo. No caso do pagamento da mensalidade individual, esta representa 16 % do salário mínimo. É possível que existam sócios que usufruam do clube apenas em seus locais internos “gratuitos”, pagando apenas a mensalidade, digamos ir às piscinas e pista de corrida. No entanto, esse público - que teria como custeio apenas, ou quase somente, a mensalidade - não representaria o universo observado afinal, durante a pesquisa de campo, o fluxo dos associados nos espaços de consumo, tal como descritos no item 1 deste capítulo, em determinados horários era intenso.

Ser sócio do Praia Clube pressupõe a posse de outros bens e de determinado padrão de consumo que, embora também não seja possível mensurar com objetividade, não deve ser desconsiderado: o meio de transporte para acessar o clube e os gastos com a prática de esportes.

O carro sempre foi um símbolo de status para as classes média, ainda que não uma exclusividade⁷⁸. Embora o consumo de carros no país tenha crescido em todos os setores, sobretudo em função do mercado de populares e usados, os carros observados no estacionamento do clube não são populares, nem com muitos anos de uso. Segundo nossa observação são carros novos ou relativamente conservados.

O esporte também é uma prática que produz um impacto nos custos do lazer no clube. Pela nossa observação de campo, os sócios do clube não utilizam qualquer roupa ou equipamentos para a prática do esporte, são necessárias roupas próprias – shorts, calças legging, tênis, camisetas e blusa -, além de equipamentos próprios – luvas, raquetes, garrafas de água, mochilas -, além de suplementos se o caso for a musculação.

Todos estes custos supõem que o associado pertença a um determinado grupo social – independente de ser assalariado ou não – que tem um padrão de renda e de consumo não popular. Neste sentido, o Praia Clube é um espaço de lazer seletivo, por ser privado, e excludente, por pressupor um perfil socioeconômico determinado.

⁷⁷ Não está excluída a possibilidade de encontrarmos entre os sócios trabalhadores manuais, o que, todavia, nos parece pouco plausível é que o clube tenha uma política de inclusão dos setores populares, em função do apelo ao consumo.

⁷⁸ Segundo dados do Censo IBGE/2010, o país tem uma média de 1 carro para cada 2,94 habitantes. Por sua vez, entre 2000 e 2010 a frota cresceu de 29,5 milhões de veículos para 64,8 milhões de veículos. (MOREIRA, 2011)

Este perfil excludente evidenciou-se em um episódio ocorrido entre os meses de maio e julho de 2014 que chegou às manchetes dos jornais de Uberlândia. Trata-se do “movimento pelo não pagamento da academia do Praia Clube”⁷⁹, liderado por um grupo de sócios, contra a proposta de pagamento de mensalidade para o usufruto da Academia de Musculação. A academia de musculação, até então aberta e gratuita a todos os sócios, seria a partir de então paga na forma de pacotes de horas.

Os associados do movimento, chamados de “Yellow blocks”, na semana de 26/06, conseguiram um total de 3.672, e procuraram o ministério público que autuou o Praia através do PROCON afirmando que a cobrança era indevida, posto que seria uma cobrança duplicada já que o clube cobrava mensalidade. O Praia respondeu que manteria a cobrança e que ela seria necessária para a reforma da estrutura física e para a compra de novos, recorrendo da ação do ministério público e suspendendo a ação do PROCON⁸⁰.

O clube argumentou na ocasião que os sócios não eram consumidores, portanto não seria competência do órgão consumidor⁸¹.

⁷⁹ O histórico deste movimento se dá na seguinte forma: No período compreendido entre 1 e 5 de maio o clube publicou a decisão de cobrar pelo uso da academia de musculação no interior do clube⁷⁹. A decisão da diretoria regulou a utilização da academia apenas de forma paga, em dois pacotes: no primeiro venderia 10 horas de uso por 30 reais, no segundo seria vendido 30 horas por 45 reais e no terceiro 60 horas por 60 reais. Além do uso do sócio passa a ser possível comprar convites para convidados a 20 reais por duas horas de uso. O argumento que o clube utilizou na época era a reforma na academia e a aquisição de aparelhos novos. Inicialmente houve uma revolta, grupos de pessoas não concordaram, mas sua única ação foi debater a questão e indicar um abaixo-assinado. Na data de 10/06/14 o abaixo-assinado foi lançado, na data 18/06 já contava com 157 assinaturas, foi feito este abaixo-assinado uma versão online onde pode-se ler como os sócios definem suas motivações: “A diretoria do clube, sem o consentimento dos associados, decidiu alterar o acesso à academia de musculação de gratuito para pago. Levando em consideração que os associados sempre tiveram acesso à academia como um dos benefícios do clube, repudiamos esta decisão arbitrária. NÃO CONCORDAMOS com a cobrança de mensalidades para a academia de musculação.” (http://www.change.org/pt-BR/peti%C3%A7%C3%B5es/prai-clube-de-uberl%C3%A2ndia-solicitar-o-n%C3%A3o-pagamento-da-mensalidade-para-a-academia-de-muscul%C3%A7%C3%A3o-do-clube?utm_source=share_petition&utm_medium=facebook&utm_campaign=share_facebook_mobile&recruiter=112581270. Acesso 16/06/2014), e também numa versão em folhas impressas, onde foram vistos colhendo assinaturas na portaria do clube nos fins de semana, foram três fins de semana consecutivos. Os militantes fazendo propaganda contra a cobrança e denunciado que ela era indevida, afinal já pagavam para utilizar o espaço e os equipamentos do clube. Um perfil de facebook foi criado com o mesmo nome “Praia Clube para todos” (<https://www.facebook.com/praiacubeparatodos?fref=photo>. Acesso 15/06/2014). O movimento foi popularmente conhecido pelos sócios do clube como “Yellow blocks”, numa referência à um vídeo de impacto nacional mostrando os locais de festas da burguesia e classes médias altas, chamados de Yellow blocks, em contraposição ao Black Block que enfrentavam a polícia em manifestações de rua, destroem bancos financeiros e concessionárias de carro e que em sua maioria são anarquistas. Os Yellow Blocks foram popularizados a partir de uma reportagem da TV FOLHA, em que o grupo de pessoas reclam das condições das festas durante a copa do mundo, falta de privilégios pelo tanto que pagam, como qualidade da bebida e comida e as filas que precisam pegar para comprar bebida, atacando a Copa por causa do PT. <https://www.youtube.com/watch?v=0Zkp1C9ucrc&autoplay=1&app=desktop>. Acesso. 2014).

⁸⁰ <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/procon-e-ministerio-publico-estadual-notificam-prai-clube-por-cobrar-academia/>

⁸¹ “O Praia Clube de Uberlândia voltou a cobrar taxa para associados usarem a academia do local depois de conseguir liminar na Justiça suspendendo a medida do serviço de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon). A decisão foi dada em plantão judicial, neste sábado (19), pela juíza Kênia Suzete Baía Ferreira. O clube havia sido notificado na sexta-

Este episódio nos parece bastante revelador do perfil, desta feita, político-ideológico dos associados. Embora seja um episódio que revele um conflito e a capacidade de um grupo de associados de se organizar e reivindicar direitos, o que mais chama a atenção foi a pequena adesão ao movimento⁸².

Segundo nossa leitura, os sócios não aderiram ao movimento porque para eles pagar para obter acesso ao espaço moderno, melhor equipado para a prática do esporte constitui uma via de distinção social. O fato de que poucos se envolveram no movimento pelo não pagamento da academia pode ter como fundamento: a ideologia da ascensão social pelo consumo, a ideologia do mérito e da não-igualização social, posto que podem e devem usufruir dos melhores espaços e lugares sociais aqueles portadores de dons e méritos – reconhecidos na forma do poder econômico. Não podemos desconsiderar a hipótese segundo a qual é possível que muitos sócios, embora insatisfeitos, não tenham aderido ao movimento justamente porque ele reclamava uma igualdade, no limite, rejeitada pela classe média.

Quais seriam as aspirações ideológicas dos sócios do Praia no lazer?

Uma das aspirações dos sócios do clube é o *status*: o status de maior clube da América Latina, de clube de personalidades, de atletas profissionais, frequentado por empresários e ilustres políticos locais. Wright Mills (1979) denominou de “empréstimo de *status*” ao fato das classes médias (ou colarinhos brancos) buscarem se aproximar das classes dominantes, proprietários e gerentes, partilhando determinadas práticas, fora do ambiente do trabalho, como por exemplo os mesmos restaurantes, utilizar as mesmas roupas de trabalho, conviver nos mesmos espaços sociais. A partilha destes espaços e práticas levaria à uma troca de *status*, cujo objetivo é aproximar as classes médias das classes dominantes e, ao mesmo tempo, promover a separação delas em relação aos trabalhadores manuais.

A forma de sustentação deste *status* para sócios do clube é a forma como o clube diz “para quem é o lazer”, como o clube diz “para quem oferecemos o lazer”, ou “que tipo de pessoa queremos no clube”.

Outra aspiração ideológica é à não igualização socioeconômica.

feira (18) pelo Procon, que entrou com uma decisão administrativa cautelar proibindo a cobrança da taxa e [implicando uma multa de R\\$ 1 mil para cada dia a mais de cobrança](#). O clube acatou a notificação, porém recorreu da decisão no mesmo dia.

De acordo com o advogado Wendel de Brito, a decisão segue parecer favorável do Ministério Público, que entende nada demonstrava que a cobrança era ilegal. ‘Outros clubes em Belo Horizonte e Porto Alegre, por exemplo, já cobram esta taxa. A diretoria decidiu fazer isso para não aumentar a mensalidade do clube para todos os associados. Então, somente os que usam a academia terão que pagar pela atividade’, explicou. “<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/07/clube-de-uberlandia-volta-cobrar-taxa-em-academia-apos-decisao-da-justica.html>

⁸² 3672 associados assinaram o abaixo-assinado, em um universo de 50.000 segundo números oficiais do clube.

Quando fala-se que o clube possui um caráter de classe, como é central buscar na análise desta pesquisa, entende-se classe a partir do conceito de Marx (1982) que identificou as classes como formadoras, sendo um grupo social em uma mesma posição no modo de produção, a classe são os indivíduos próximos por ocuparem o mesmo lugar na divisão social do trabalho. A posição econômica da classe nas relações de produção leva a posições simbólicas diferentes. Afirmaram Marx e Engels (2007) no livro *A ideologia alemã*, “[...] Ao mesmo tempo, por meio da divisão do trabalho no interior desses diferentes ramos, desenvolvem-se diferentes subdivisões entre os indivíduos que cooperam em determinados trabalhos [...]”(MARX & ENGELS, 2007, p. 89).

Mas a *ideologia* não é apenas uma representação do mundo real, mas também e ao mesmo tempo uma prática materializada que expressa as posições de classes diferentes no modo de produção. Como argumenta Althusser (1983) “[...] não são as suas condições de existência reais, o seu mundo real, que ‘os homens’ ‘se representam’ na ideologia, mas é a relação dos homens as suas condições reais de existência que lhes é representada na ideologia. [...]”(ALTHUSSER, 1983, 81).

Décio Saes (1977) afirma que a classe média não é um bloco homogêneo e, portanto, deveria ser pensada – tal qual a burguesia – como uma composição de frações, de grupos ou até mesmo deveria ser chamada de “classes médias”.

Nessa perspectiva, a “*classe média*” se define como o conjunto dos efeitos políticos reais produzidos sobre certos setores do trabalho assalariado pela ideologia dominante, que apresenta a hierarquia do trabalho como a expressão de uma pirâmide natural de dons e méritos. Compreende-se, assim, que ‘classe média’ é, antes de mais nada, uma noção “prática”. [...] (SAES, 1977, 99)

Mas, embora seja um grupo dividido em diversas frações de classe, segundo Saes (1977), estas frações teriam em comum disposições ideológicas meritocráticas. Em artigo publicado em 2003, Saes (2003) reformulou esta tese, colocando em evidência que a meritocracia seria, de fato, a fachada de um discurso de classe média sobre a escola pública e que ela teria a função de ocultar uma outra ideologia: a não-igualização socioeconômica.

É um fato que o culto à meritocracia figura na fachada do discurso da classe média sobre a escola pública. Analisada essa fachada de um ponto de vista sociológico, fica evidente que a opinião de que o sucesso profissional, econômico e social deve bafejar exclusivamente aqueles que revelarem capacidade para tanto, independentemente de sua condição de classe, não pode ser qualificada como a codificação dos verdadeiros interesses da classe

média. Essa classe social, enquanto grupo social específico, não pode ter interesse em que as chances, na vida econômica, profissional e social, das crianças potencialmente capazes das classes trabalhadoras manuais sejam aumentadas, pois isso significaria a diminuição, em termos relativos, das chances dos seus próprios filhos. Na verdade, o culto à meritocracia é apenas uma ideologia de segundo grau. (SAES, 2003, p. 6).

Embora o clube não seja um espaço de certificação dos méritos e dons (como o trabalho, a escola, por exemplo), o apelo do clube aos “ilustres”, aos notáveis e às prósperas personalidades da cidade, o investimento nos “melhores atletas”, o oferecimento de shows com “grandes artistas” secreta a ideia de diferença, a importância da hierarquia, a segregação espacial e social.

O clube como “empresa de lazer” cria espaços voltados ao consumo, atraindo sócios com capacidade de consumo e afastando aqueles que não correspondem ao padrão determinado. O padrão de consumo requerido pelo Praia Clube é aspirado por seus sócios. A convivência, fora do ambiente de trabalho, com pessoas de uma determinada classe social, fechada, homogênea, com o mesmo poder econômico, mesmos valores, mesmas visões de mundo é também aspirada pelos sócios. Neste sentido, os sócios parecem aspirar não apenas o status do Clube, mas as práticas de distinção produzidas por ele – práticas que seriam cimentadas pela ideologia da *não-igualização* social.

Há elementos no clube que reforçam a ideologia da *não-igualização*. A busca pelo clube como um enclave fortificado, seguro, separado, controlado, sem eventos imprevisíveis, reforça a separação da classe média em relação às outras classes, em especial classes proletárias, reforçando a busca por espaços separados e exclusivos, a busca pela *não-igualização* social, material e simbólica.

As práticas festivas e culturais, embora possam ter origem e serem apropriadas pelas várias classes (barzinho, os shows, festas), assumem uma forma (consumo privado, em lugares fechados, seguros e exclusivos) no tempo e no espaço que expressam uma visão de *não-igualização* social.

Observa-se no clube alguns traços da ideologia meritocrática. Os jovens e crianças também vão ao clube para frequentar esporte, que pode ser interpretado também como uma forma de disciplina para a educação e o padrão da escola capitalista – local de certificação do mérito. Por sua vez, essa disciplina para os jovens no enclave fortificado expressa também a busca da *ascensão social pelo esforço individual*, que treina o corpo dos jovens e crianças com habilidades. A classe média busca manter os filhos no clube, um espaço de socialização onde é possível entrar em contato com atividades desejáveis, direcionando o tempo e as

atividades dos jovens para o esporte. A convivência com os membros da classe média no clube é uma forma de assumir os valores desejados como “boa educação”, convivendo com “pessoas de sucesso”. A convivência dos filhos com pessoas que possuem posição social de classe média é uma forma de absorver e reproduzir também os valores desta classe.

Os esportes e exercícios nas escolinhas de peteca, futebol, vôlei, natação, atletismo, judô, tênis, bem como a existência de horários para hidroginástica, *spinning*, academia, além dos exercícios e esportes dos sócios nas escolinhas, constituiriam formas de disciplinar o corpo e exercitar habilidades, esportivas e de comportamentos, tais como respeito a horários, dedicação às obrigações do esporte, aspectos estes sim valorizadas pela escola capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema geral desta pesquisa foi o lazer em um clube na cidade de Uberlândia. O objetivo da pesquisa foi analisar as práticas de lazer como expressão de determinados comportamentos e aspirações de classe, em particular das classes médias, embora não exclusivamente.

O Praia Clube Uberlândia foi fundado em julho de 1935 com o objetivo de

[...] oferecer uma completa infraestrutura para atender as necessidades de lazer e entretenimento de seus associados, obedecendo a princípios e valores éticos, além de contribuir para o aperfeiçoamento das relações interpessoais. Hoje, a comunidade praiana pode ser considerada um verdadeiro núcleo familiar (PRAIA CLUBE, 2014).

Considerado um dos maiores clubes da América Latina, o Praia Clube possui uma área de 301 mil metros quadrados, 2.918 acionistas e 50.853 sócios. Trata-se de grande e “próspera” empresa quando analisamos sua história, mas principalmente quando observamos sua estrutura e seu funcionamento.

O Praia Clube oferece variadas atividades aos associados - e algumas aos não associados como shows com cantores e cantoras famosas. Tais atividades, de natureza esportiva, festiva ou de lazer propriamente dito, entretêm os sócios, mas são articuladas a outra gama de práticas de consumo que tornam o clube uma espécie de “shopping center”, de “templo de consumo”.

Embora sejam atividades, como dissemos, esportivas, festivas, de descanso e realizadas em um tempo de “não-cotidiano”, as práticas e as relações estabelecidas no clube são fortemente marcadas por uma disciplina, imposta às vezes pela dinâmica do tempo do trabalho (almoçar rapidamente; praticar esporte nos momentos anteriores ou posteriores ao

trabalho), mas de forma recorrente e estruturada pelo próprio clube (horários estabelecidos, regras e constrangimentos ao uso dos espaços e apelo ao consumo).

O Praia Clube é um enclave fortificado, um espaço privado de lazer e neste sentido de distinção social – distinção que é aspirada e buscada pelos sócios. Foram observadas diversas práticas de lazer no clube que poderiam ser realizadas em outros espaços públicos, como bares, restaurantes, boates e casas noturnas. Entende-se que a opção pelo clube não é mera conveniência, mas conveniência interessada pois expressa aspirações de classe.

Entre tais aspirações estão aquelas relativas aos modos de uso, aos hábitos, às expressões de distinção social. Por sua vez, a empresa Praia Clube busca construir imagens de um clube próspero, competitivo, familiar e de status, na medida em que 1) entre os seus diretores há personalidades, empresários e políticos tradicionais de Uberlândia; 2) busca se destacar em alguns esportes com equipes competitivas no cenário local e nacional; 3) promove shows com artistas famosos na região ou no país; 4) seleciona um público com um perfil sócio-econômico determinado, “familiar”.

As teorias da *distinção social*, de Bourdieu (2008), e da estratificação de classe pelo *status* de Wright Mills (1978) ajudam-nos a analisar o lazer no Praia Clube de uma perspectiva de classe. Todavia, o modo como entendemos classe, tomando como referência as contribuições de Poulantzas (1978) e Saes (1977), exige que indiquemos as aproximações mas também as diferenças com o que os autores acima entendem como classe, especialmente classe média.

Segundo Bourdieu (1976), as classes em geral buscam a *distinção*, aspiram separação social, mas em cada classe os símbolos de distinção variam.

Os gostos obedecem, assim, a uma espécie de lei de Engels generalizada: a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e, portanto, mais distintivos. (BOURDIEU, 1976, 4).

A distinção não seria, portanto, para aquele autor um atributo próprio das classes médias, embora também as classes médias busquem se distinguir das classes populares enquanto aspiram aos valores e práticas das classes dominantes.

A ideologia da *não-igualização* socioeconômica entre trabalho manual e não-manual, tal como analisada por Saes (2003), seria uma ideologia própria da classe média. Esta ideologia seria ocultada pela meritocracia, pela crença nos dons e méritos pessoais e na

suposta superioridade dos indivíduos mais talentosos (inventivos, inteligentes, capazes) na estrutura social.

O *enclave fortificado* simboliza a distinção relativamente aos setores populares pois se trata de um espaço privado, pago por meio de mensalidade, portanto não acessível a todos e, ao mesmo tempo, controlado, pois restringe o acesso dos que não podem pagar pelo lazer no Praia Clube. Há fronteiras que demarcam o espaço da classe média.

A distinção também é simbolizada pelo status do clube. A classe média buscaria no clube um espaço para incrementar seu *status*. O *status* que o clube constrói e quer passar é o de um lugar frequentado por membros ilustres, o que se observa nas listas de diretorias cuja composição é majoritariamente de proprietários (empresários), profissionais liberais bem sucedidos e membros da alta classe média profissional, tal como médicos, advogados e altos funcionários de empresas públicas e privadas. Todavia, esta busca pelo status elevado ocultaria outro interesse, qual seja de não-igualização social.

A *distinção social* e o *status* que a classe média busca no clube a partir da aproximação com a classe dominante no lazer constituiria, na realidade, um símbolo de separação em relação às classes populares. Neste sentido, ser sócio do clube atrairia as classes médias, entre outras motivações, pois ali não haveria aproximação ou semelhança com os hábitos populares.

Para as classes médias a busca pelo lazer no Praia Clube teria também um caráter prático: a convivência com indivíduos e famílias que teriam as mesmas posições sociais e as mesmas expectativas. Outra motivação plausível é o Clube enquanto um espaço que treina e exercita habilidades requeridas para a preparação e formação de crianças e jovens que ocuparão os lugares socialmente requeridos pelos membros desta classe. Tais habilidades seriam exercitadas por meio, por exemplo, do esporte.

O proletariado buscaria o esporte para fortalecer o corpo, treinar a força e a resistência, o que funcionaria para ajudar a sustentar-se na rotina de trabalho, reforçar o corpo para o trabalho e repor energias vitais. Ao contrário, a classe média não buscaria no esporte reforçar o corpo, a força física, mas desenvolver habilidades do corpo e da mente, habilidades requeridas primeiramente para a escolarização formal (sobretudo regras disciplinares) e, no limite, para a realização de tarefas, ocupações e profissões típicas dos trabalhadores não-manuais.

O lazer e o esporte desenvolvem habilidades importantes para o trabalho não-manual e para o estudo, tais como a disciplina, o autocontrole, a resistência no estudo, a responsabilidade, o trato com pessoas, o trabalho em equipe, a criatividade entre outras.

Neste sentido, os espaços e as práticas de lazer não são neutros, nem o lazer mero entretenimento desinteressado, posto que constituem e expressam visões de mundo, ideologias, e motivações de classe.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. Trad. De Roberto Schwaz. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ALTHUSSER, Louis, *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Editorial Presença/Martins Fontes Rio de Janeiro, Graal, 1983.

ANDRADE, L. M. DE & FONSECA, M. DE L. P. Uberlândia: a dinâmica do espaço público e a segregação social. 2008, mimeo.

BAUDELLOT, C. Y ESTABLET, R. *La escuela Capitalista*. Siglo XXI de España, Colección Siglo XXI de España General, 1978.

BENJAMIN, Walter, “A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica.” In: *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Antropos, Lisboa, Relógio D’Água Editores, 1992, 1 vol., p. 71-113.

BOURDIEU, Pierre. *Distinção - Crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, Porto Alegre, Zouk, 1 ed. – 1 reimpr. - 2008.

BOURDIEU, P. “Programa para uma sociologia do esporte”, in: *Coisas Ditas*, editora Brasiliense, São Paulo, 1990, p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S/A, 1989.

BOURDIEU, P. *Gostos de classe e estilos de vida*. In: BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. *Gofits de classe et styles de vie*. (Excerto do artigo "Anatomie du goftt".) Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 5, out. 1976, p. 18-43. Traduzido por Paula Montero.

CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Ed.; 34, 2000.

CAMARGO, L. O. L. *O que é lazer?* (Coleção Primeiros passo; 172), [1º reimp.], 3º ed.; Brasiliense, São Paulo, 1999.

CASTRO, L. A. Comer e ver TV: uma análise do jantar. *RECS (Revista Eletrônica de Ciências Sociais)*, Ago 2010, SEDITC (Semana de Divulgação de Trabalhos Científicos) p. 43-53.

CATTANI, A. D. KIELING, F. dos S. A escolarização das classes abastadas. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jun./dez. 2007, p. 170-187

CHENAVIER, R. Civilização do trabalho ou civilização do lazer? *Estudos Avançados* 12 (32), 1998, p. 187-211.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. Perspectivas, S. A., São Paulo, 1973.

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. SESC, Série Lazer, V. 3, São Paulo, 1980.

FOUCAULT, M. “Os Corpos Dóceis”. In: *Vigiar e Punir*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4º ed. 1984.

FORJAZ, M. C. S. Lazer e Consumo Cultural das Elites. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, JCR, v. 2, n.6, 1988, 99-113. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_06/rbcs06_06.htm. Acesso 15/08/2014.

FRANKLIN, B. Advice to a Young Tradesman, Written by an Old One. Philadelphia, B. Franklin and D. Hall, at the New-Printing-Office, 1748. <http://www.craigcarey.net/spring2014eng370/files/2014/02/Franklin-Advice-and-Hints.pdf>, Acesso. 13/06/2015.

FRÚGOLI, JR. Heitor *São Paulo - espaços públicos e interação social*. Marco Zero, São Paulo, 1995.

GUERRA, POCHMANN, AMORIM, SILVA, BARBOSA, *Atlas da Nova Estratificação Social no Brasil Classe Média Desenvolvimento e Crise*. Cortez Editora, Coleção: *Atlas da Nova Estratificação Social no Brasil*, Vol. 1, 2006, p. 88.

LAFARGUE, Paul *O direito à preguiça*. Editora Claridade, São Paulo, 2003.

LIMA, M. M. de Mercadorização do corpo, corpolatria e o papel do profissional da educação física. *Revista Estudos*, V. 36, n. 9/10, Goiânia, 2009, p. 1061-1071.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. Ed.; Brasiliense, 1984.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole, in: *Na Metrópolis – Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

MALDONADO, ANDREA. *A Member's Only Community: Re-making the Middle Class in Mexico city*. LAP PAMBERT Academic Publishing GmbH & Co. KG, Saarbrücken, 2010.

MARX, K. ENGELS, F. *A ideologia Alemã (Feuerbach)*. 7º ed.; Hucitec, São Paulo, 1989.

MARX, K. ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 1 ed, Boitempo, São Paulo, 2007.

MARX, K. “Introdução. Para a crítica da economia política”. In: MARX, K. *Os pensadores*. 2. Ed.; São Paulo, 1978.

MARX, K. *O capital*. L.1, V.1; Cap. XI. Civilização brasileira, 24º ed.; Rio de janeiro, 2006.

MARX, K. “Trabalho assalariado e capital.”, In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Textos*, n. 1. São Paulo, ed. Sociais, s/d. Fonte em inglês: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1847/wage-labour/ch06.htm>

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo, 2º [reimpr.], 2008.

MAUSS, M. "Dom, contrato, troca." In: *Ensaio de sociologia*, cap. 8, São Paulo: Perspectivas, 2ª edição, 2009.

MAYA, P. V. R. "Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica." In: JACQUES, MGC., et al. org. *Relações sociais e ética* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31-47. ISBN: 978-85-99662-89-2. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>> Acesso. 19/03/2013.

MILLS, W. *A nova classe média [White collar]*, 3 ed.; Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

NAVARRO, V. L. "Trabalho saúde e tempo livre sob os domínios do capital". In: PADILHA, V. (Org.). *Dialética do lazer*. Cortez, São Paulo, 2006.

NETTO, A. V., NETO, S. S. & HUNGER, D. A. C. O grêmio da paulista e o lazer do ferroviário rio-clarense. *Motriz*, V. 16, n. 3, Rio Claro, 2010, p. 549-558.

NEUBERT, L. F. Indivíduo, liberdade e lazer na modernidade. *Soc. E Cult.*, Goiania, V. 13, N. 2, 2010, p. 277-285.

O'DOUGHERTY, M. Auto-Retratos da classe média: Hierarquias de "cultura" e consumo em São Paulo. *Dados* vol. 41 n. 2 Rio de Janeiro 1998.

PADILHA, V. *Shopping Center: a catedral das mercadorias*. Boitempo, 1 ed., 2006.

PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Editora Alínea, Campinas, SP, 2000.

PEREIRA, A. B. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. *Revista Pensata*, V. 3 N. 2, 2014, p. 8-16.

POULANTZAS, N. *As classes sociais no capitalismo de hoje*, 2º Ed.; Zahar, Rio de Janeiro, 1978.

RIBEIRO JÚNIOR, João. Algumas considerações sobre o ócio como lazer.

Reflexão, v. 11, n.35, 1986, p.38-42.

SAES, D. Classe média e políticas de classe (uma nota teórica). *Contraponto*, Centro de Estudos Noel Nutels, Rio de Janeiro, n. 2, nov. de 1977: 96-102.

SAES, Décio A. M. Classe Média e Escola Capitalista. IN: *Revista Crítica Marxista* vol. 1, n. 21, p. 97-112, 2005.

SANTILLÁN, R. L. Lo Bonito, limpio y seguro: usos del espacio de la Ciudad de Mexico por una fracción de clase media. *Alteridades*, Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa, México, vol. 17, núm. 34, 2007, pp. 9-25. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74711468002> Acesso. 19/06/2014.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como Espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. 2º Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, D. F. da, & SILVA, J. C. G. Rolezinhos: sociabilidades juvenis, discriminações e segregação Urbana. *Revista Pensata* | V.3 N.2, 2014, p. 17-34.

SOUSA, R. L. DE Q. & ANTUNES, M. F. DE S. Os espaços públicos de lazer para a prática esportiva: mapeando a cidade de Uberlândia – MG. *Revista Horizonte Científico*, VOL. 3, Nº 1 (2009).

TASHNER, G. B. Lazer, cultura e consumo. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, V. 40, n. 4, São Paulo, 2000, p. 38-47.

TASHNER, G. B. Distinção social, lazer e entretenimento. XVIII Encontro Anual da Anpocs, Seminário Temático 13: Imagens da modernidade: mídia, consumo e relações de poder. Caxambu, 2004.

VEBLEN, T. *A teoria da Classe Ociosa: Um estudo econômico das instituições*. São Paulo (Os economistas): Abril Cultural, [1899] 1983.

Reportagens e veículos de internet consultados da internet:

MACHADO, Diogo, *PM e entidades se reúnem para definir reintegração de posse da Granja Planalto*. 2013. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/pm-e-entidades-se-reunem-para-definir-reintegracao-de-posse-da-granja-planalto/>. Acesso. 08.10.2014

G1 Triângulo Mineiro. *PM negocia reintegração em uma das quatro áreas invadidas em Uberlândia*. 2013. Disponível: <http://m.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/09/pm-negocia-reintegracao-em-uma-das-quatro-areas-invadidas-em-uberlandia.html> Acesso. 08.10.2014

NOGUEIRA, D. Número de bares passou de 166 para 1.182 em Uberlândia, segundo Jucemg. 2013. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/numero-de-bares-passou-de-166-para-1-182-em-uberlandia-segundo-jucemg/> Acesso. 08.10.2014

PRAIA CLUBE. Há 80 anos o cartão de visita de Uberlândia. 2014. Disponível em: <http://www.praiaclube.org.br/#/institucional/institucional-praia-clube> . Acesso 15/08/2015

PRAIA CLUBE, *CEU – Curso Esportivo Universal*. Disponível em: <http://www.praiaclube.org.br/#/aulas/aulas-ceu>, acesso 10/03/2015.

AUGUSTUS, RAFAEL, *Vídeo Institucional Praia Clube legendado em inglês*. 2012.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sPXIOLO9seo>. Acesso 20/03/2015.

CAMINHO NO PRAIA CLUBE UBERLÂNDIA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIWBGmkB8mM> Acesso: 20/05/2015.

O GLOBO. Jornada de trabalho reduzida ganha defensores. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/emprego/jornada-de-trabalho-reduzida-ganha-defensores-14203312#ixzz3FljCF5Qq>. Acesso: 20/12/2014.

GAZETA DE UBERLÂNDIA. Praianos elegem Aldorando Dias presidente. Ano 8, nº 362, p. 4, 2011. Disponível em: <http://www.adesg.com.br/gazeta/gazeta362.pdf>, acesso, 28/03/2015)

MOREIRA, Ardrilhes. Frota de veículos cresce 119% em dez anos no Brasil, aponta DENATRAN. G1 Triângulo, Coluna Auto-Esporte, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/carros/noticia/2011/02/frota-de-veiculos-cresce-119-em-dez-anos-no-brasil-aponta-denatran.html>. Acesso: 20/08/2015.

MENEZES, Ana. Solicitar o não pagamento da mensalidade para a academia de musculação do clube. Disponível em: http://www.change.org/pt-BR/peti%C3%A7%C3%B5es/praiia-clube-de-uberl%C3%A2ndia-solicitar-o-n%C3%A3o-pagamento-da-mensalidade-para-a-academia-de-muscula%C3%A7%C3%A3o-do-clube?utm_source=share_petition&utm_medium=facebook&utm_campaign=share_facebook_mobile&recruiter

PRAIA CLUBE É DE TODOS. Disponível em: <https://www.facebook.com/praiaclubeparatodos?fref=photo>

TV FOLHA, A copa vip dos “yellow blocks”. 2014. <https://www.youtube.com/watch?v=0Zkp1C9ucrc&autoplay=1&app=desktop>. Acesso. 20/06/2014.

Publicações e material impresso:

Revista Praia. Edição especial, novembro de 2014.

DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). *Jornada de trabalho em países selecionados*. São Paulo, 2007. <https://www.dieese.org.br/relatoriotecnico/2007/jornadaPaísesSelecionados.pdf>; acesso 19.10.2014)

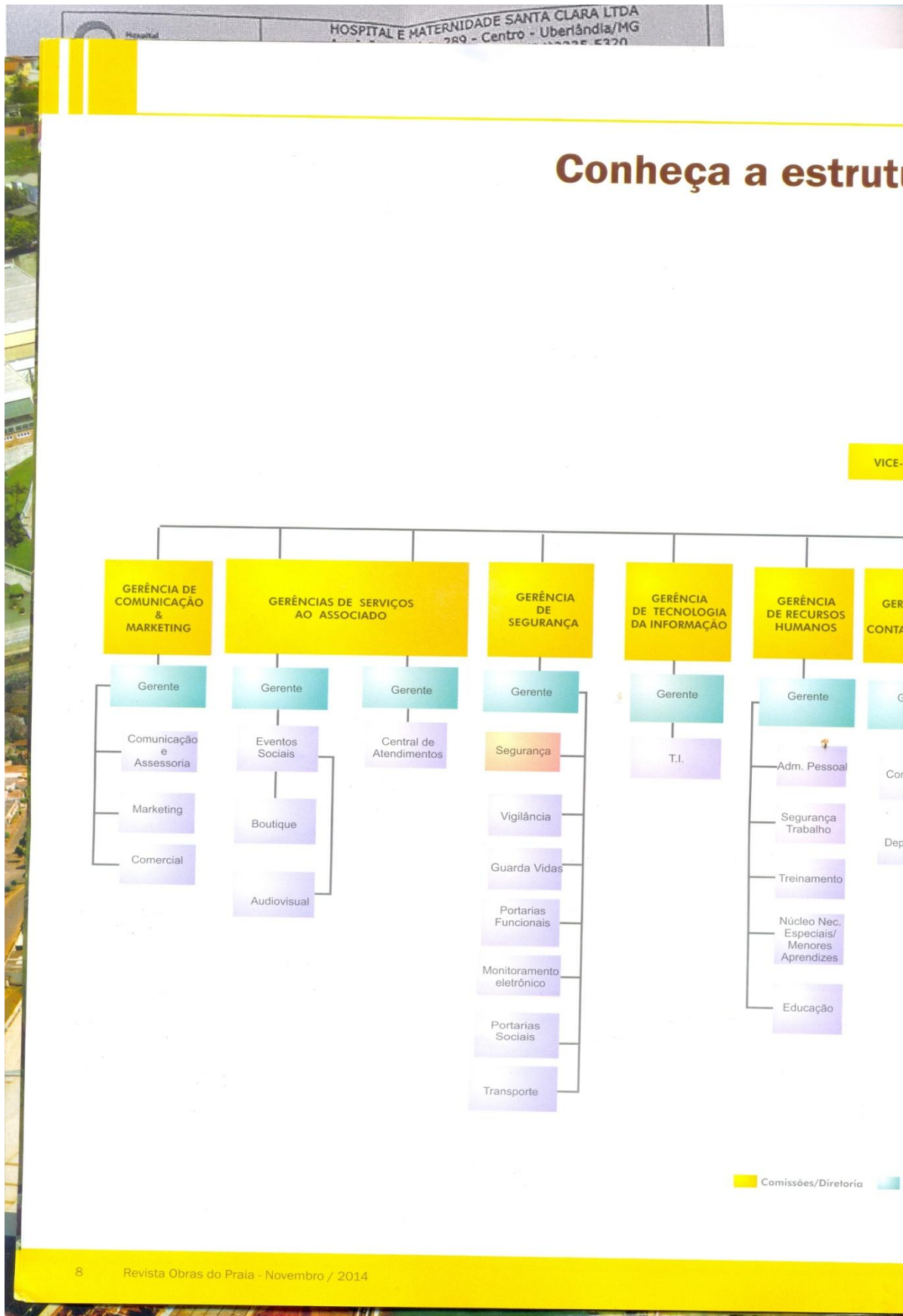
SALÁRIOS MÍNIMOS DE 1995 A 2015. Disponível em: <http://www.contabeis.com.br/tabelas/salario-minimo/> Acesso. 23/07/2015

LEI Nº 9.532, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9532.htm. Acesso. 31/05/2015.

ANEXOS

Revista praia do Novembro 2014, edição especial.

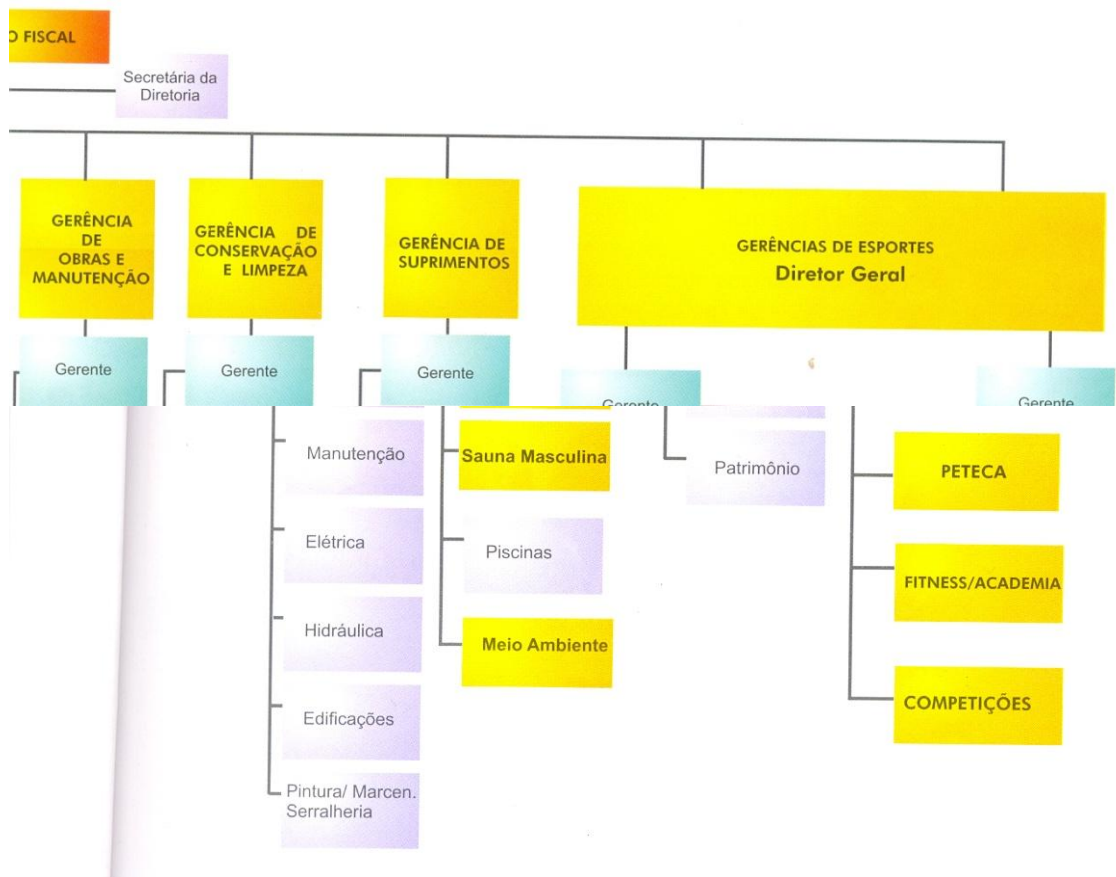
Anexos:



nal do Praia Clube

Praia Clube

Organograma
Gestão Aldorando Dias de Sousa
2014/2015



11es Co Líderes



Revis

https://mail.google.com/_scs/mail-stato_?src=gm&ui=main&ui=main&ui=main



Confira os reparos e manutenções que estão sendo realizados e que estão programados para 2015!



Giro Esportivo



Foto: Divulgação

Equipe praiana com o prêmio pelo Vice-campeonato no Top Volley na Suíça

Banana Boat/Praia Clube fica com o vice-campeonato no Top Volley

Na primeira disputa internacional da equipe, Praia se destaca

De 27 a 29 de dezembro, aconteceu na Basileia, na Suíça, o Women's Top Volley International. A competição reuniu os melhores clubes do mundo. Anualmente, um time brasileiro é convidado para participar do torneio e, pela primeira vez, teve o Banana Boat/Praia Clube como representante nacional, que fez bonito e chegou à final da competição invicto.

A decisão aconteceu no dia 29 de dezembro, quando a equipe Banana Boat/Praia Clube disputou a final con-

tra o Dinamo Krasnodar, da Rússia. As comandadas do técnico Spencer Lee bem que tentaram surpreender o poderoso clube russo, que tem no elenco as atletas Sokolova e Calderón, como destaques.

Porém, mais experiente e acostumado a decidir competições desse gabarito, o Dinamo venceu por 3 sets a 1, parciais de 25/19, 25/17, 17/25 e 25/19. Vale ressaltar que foi o primeiro campeonato internacional de um time de vôlei do Praia Clube. Além disso, o tradicional torneio marcou a estreia da campeã olímpica e oposta Mari com a camisa

praiana, que, após quase um ano, voltou a atuar em uma partida oficial.

Outro destaque foi a liberação da praiana Juliana Carrijo, que recebeu o prêmio como melhor da posição. "Foi muito gratificante. No conjunto jogamos muito bem, conseguimos um bom ritmo, o que o torneio veio premiar. Além disso, todos do elenco se destacaram, mas a todos do elenco, especialmente a Juliana, que voltamos bem, tivemos danças e prevaleceu a experiência do nosso time em nossa primeira disputa internacional", enfatizou o técnico.

Giro Esportivo

Foto: Leandro Mendes



Alexandre Guerreiro e Rodrigo Filho, enxadristas praianos que são exemplo

Praia Clube valoriza o xadrez e tem atletas-destaque em competições nacionais e internacionais

Em 2013, o enxadrista praiano Alexandre Guerreiro participou de torneios importantes, como o classificatório para a Copa do Mundo em Manaus e do Aberto do Brasil em Fortaleza, ambos com os melhores jogadores da América do Sul. Nestes torneios, Alexandre se esforçou bastante contra adversários de altíssimo nível, como o campeão do estado Piauí, que foi superado várias vezes pelo jogador praiano. Essas competições trouxeram ao atleta bastante experiência e a oportunidade de jogar contra os melhores do continente.

De 6 a 8 de dezembro, o jovem enxadrista disputou o Campeonato Mineiro Absoluto em Belo Horizonte, no qual conquistou o terceiro lugar no torneio mais importante de Minas Gerais. Na oportunidade, ele foi entrevistado por um dos sites mais renomados na área do xadrez no Brasil: O Clube do Xadrez Online.

Para Alexandre, representar o Praia Clube é motivo de orgulho, satisfação e recordação. "É uma grande satisfação poder representar meu Clube do coração que me traz boas lembranças des-

de a minha infância. Através das oportunidades, pude jogar em torneios que sempre sonhei. Portanto, está sendo uma grande conquista e é motivante continuar evoluindo e buscando novos triunfos. Em 2014, tenho como objetivo conquistar mais títulos e participar de torneios de relevância nacional e internacional. As principais metas são o Aberto do Brasil 2014, que acontece nos dias 13 e 14 de abril em São Paulo (SP) e o Aberto Internacional em Las Vegas nos Estados Unidos, de 9 a 13 de outubro", finaliza.

"Pequeno Gênio"

Quem também deu xeque-mate nos adversários no ano passado foi o enxadrista Rodrigo Machado Borges Filho, 8 anos, que foi tricampeão brasileiro escolar, vice-campeão Pan-americano e ficou em quarto lugar no Campeonato Sul-americano Sub-8 em Cochabamba na Bolívia. No país vizinho, Rodrigo Filho foi o único brasileiro na competição que contou com 29 jogadores da categoria Sub-8. Na ocasião, o "pequeno gênio" venceu cinco partidas e perdeu duas, terminando o campeonato

com cinco pontos, mesma pontuação do segundo e terceiro colocados, ficando atrás apenas pelos critérios desempate.

Já o título, ficou com o colombiano Joseph Jimenez que não perdeu uma partida sequer. Jimenez foi o oponente de Rodrigo Filho na final do Pan-americano, realizado em julho na cidade mineira de Poços de Caldas. Segundo o promissor enxadrista, disputar torneios internacionais é muito importante para a troca de conhecimentos, pois o embate com jogadores de outras nacionalidades ajuda no aprimoramento da técnica. "Quero promover o xadrez no Praia Clube, quanto mais pessoas praticarem melhor para o esporte. Além disso, o xadrez ajuda muito no raciocínio lógico e na tomada de decisões", disse o campeão.

Neste ano, Rodrigo Filho vai competir na categoria Sub-10. Em abril, por exemplo, ele terá o primeiro grande desafio, a disputa do Campeonato Brasileiro em Foz de Iguaçu (PR). Já em julho, será realizado o Pan-americano no México.



PRAIA CLUBE

Praça Primo Crosara, 505 - Bairro Copacabana - Às Margens do Rio Uberabinha
Uberlândia - Minas Gerais
CNPJ / MF 25.762.741/0001-30



BALANÇO PATRIMONIAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 2014

ATIVO		DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO PERÍODO 01.01.2014 A 31.12.2014	
CIRCULANTE	25.549.847,39	RECEITAS	62.257.386,35
DISPONIBILIDADES	20.583.678,60	RECEITAS OPERACIONAIS	58.766.029,15
CAIXA GERAL	170.397,12	MANUTENÇÃO	43.071.212,67
BANCOS CTA MOVIMENTO	611.410,74	SÓCIOS CONTRIBUINTES	40.584.534,14
APLICAÇÕES MERCADO ABERTO	19.801.870,74	JOIAS	2.112.083,53
REALIZAVEL	4.966.168,79	CONVIDADOS	249.315,00
ADIANTAMENTOS DIVERSOS	898.132,27	TAXA DE TRANSFERÊNCIA AÇÕES	125.280,00
ADIANTAMENTOS FUNCIONÁRIOS	323.800,73	RECEITAS LIQUIDAS DE VENDAS	7.702.246,33
CONTRIB / ESCOLHIDAS A RECEBER	1.181.207,57	VENDAS DE PRODUTOS BARES/REST.	6.867.429,34
JOIAS A RECEBER	1.389.288,37	VENDAS BOUTIQUE	834.816,99
ESTOQUES	1.147.290,54	RECEITAS LIQUIDAS DE SERVIÇOS	6.065.952,66
DESPESAS A APROPRIAR	46.449,31	ESPORTIVAS	4.590.276,29
NÃO CIRCULANTE	63.322.855,42	PROMOÇÕES SOCIAIS	884.983,77
ATIVO REALIZAVEL A LONGO PRAZO	6.706.746,30	RECEITAS SAUNAS/SINUCA / OUTRAS	590.692,60
DEPÓSITOS JUDICIAIS	6.527.399,53	RECEITAS FINANCEIRAS	1.926.617,49
JOIAS A RECEBER	179.346,77	OUTRAS RECEITAS	3.491.357,20
IMOBILIZADO	55.976.483,48	LOCAÇÕES	165.673,70
ADIANTAMENTO FORNECEDORES	277.534,02	RENOVAÇÕES DOCTOS	174.885,00
EDIFICAÇÕES E CONSTRUÇÕES/TERR	60.476.666,29	PATROCÍNIO / PUBLICIDADES	2.972.314,51
OBRA EM ANDAMENTO	5.490.982,01	RECEITAS DIVERSAS	178.483,99
OUTRAS PROPRIEDADES	21.783.990,77		
(-) DEPRECIACÃO ACUMULADA	-32.052.689,61		
INTANGIVEL	639.625,64		
ADIANTAMENTOS A FORNECEDORES	578.000,00		
INTANGIVEL	706.223,41		
(-) AMORTIZAÇÃO ACUMULADA	-644.597,77		
TOTAL DO ATIVO	88.872.702,81	CUSTOS / DESPESAS	56.798.242,33
PASSIVO		CUSTOS DAS MERCADORIAS	4.109.879,73
CIRCULANTE	4.621.528,91	DESPESAS	52.688.362,60
FORNECEDORES PRODUTOS	706.578,97	DESPESAS COM PESSOAL	28.158.598,15
FORNECEDORES SERVIÇOS	551.584,96	DESPESAS C/ SALÁRIOS E ORDENADOS	18.367.954,75
ADIANTAMENTOS CARTÃO CONSUMO	103.944,30	ENCARGOS SOCIAIS	9.790.643,40
OBRIGAÇÕES FISCAIS / TRABALHISTAS	718.968,25	OUTRAS DESPESAS	24.529.764,45
OBRIGAÇÕES TRIBUTÁRIAS	193.356,94	DESPESAS ADMINISTRATIVAS	4.427.064,11
PROVISÕES DE FÉRIAS E ENCARGOS	2.232.519,51	DESPESAS GERAIS	15.407.442,72
OUTRAS OBRIGAÇÕES	114.575,98	DESPESAS TRIBUTÁRIAS/FINANCEIRAS	649.519,70
NÃO CIRCULANTE	8.197.250,50	DEPRECIACÕES / BAIXAS ATIVO FIXO	4.045.737,92
PROVISÃO P/CONTINGÊNCIA	8.197.250,50		
PATRIMÔNIO SOCIAL	76.053.923,40	SUPERÁVIT DO PERÍODO	5.459.144,02
AÇÕES	10.750.000,00		
SUPERÁVIT ANTERIORES	61.383.779,38		
SUPERÁVIT DO PERÍODO	5.459.144,02		
AÇÕES EM TESOURARIA	-1.539.000,00		
TOTAL DO PASSIVO	88.872.702,81		

NOTAS EXPLICATIVAS AO EXTRATO DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS CONSOLIDADAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2014

- Os valores apresentados no Balanço Patrimonial encerrado em 31.12.2014, refletem a realidade das operações realizadas no período de 01.01.2014 a 31.12.2014;
- Os investimentos realizados com obras em andamento encontram-se pagos até a presente data;
- As obrigações Sociais e Trabalhistas, até esta data, estão devidamente pagas.

Aldorando Dias de Sousa
Presidente

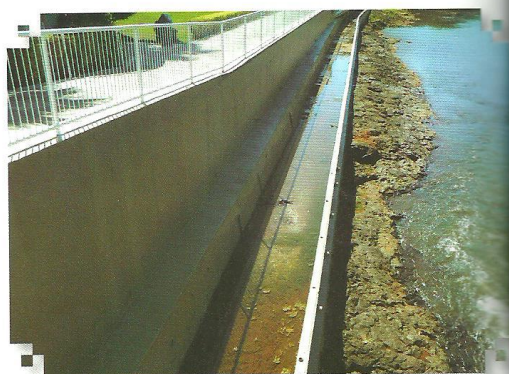
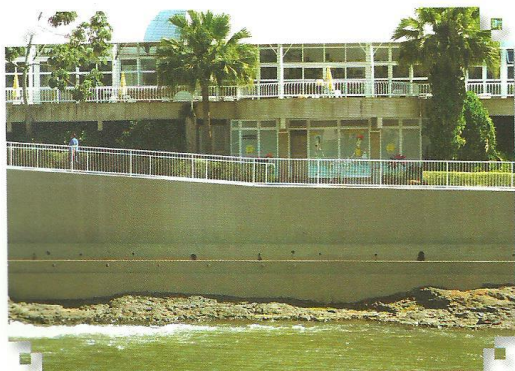
Leandro Velasco Lima
1º Tesoureiro

Sueli Rodrigues Lemes
Contadora CRC/MG 74029

Arrimo com Gradil auxilia no controle de impurezas

Tanto na margem direita quanto na esquerda do rio Uberabinha há arrimos, com extensão de 1.380m², no perímetro do Praia Clube entre a Eclusa e a Ponte Protendida, para a proteção das margens do rio. Esses arrimos

foram preparados corretamente, com a retirada de impurezas quando existentes. Após esse processo, foram aplicados fundos preparadores para receberem revestimento de tinta látex.

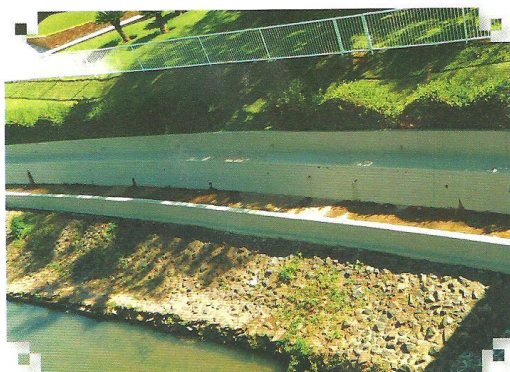


Talude de Contenção protege as margens do Uberabinha

O talude de contenção é uma superfície inclinada às margens do rio Uberabinha, que é necessário para conter o assoreamento, ou melhor, para que não sejam depositados areia, pedra e demais materiais no fundo do rio, comprometendo

sua profundidade.

No Praia Clube, o talude de contenção foi feito na margem esquerda do rio, próximo à Ponte Protendida, com pedra basalto (cavação).



Estacionamento do Cidade Jardim recebe sinalização para segurança

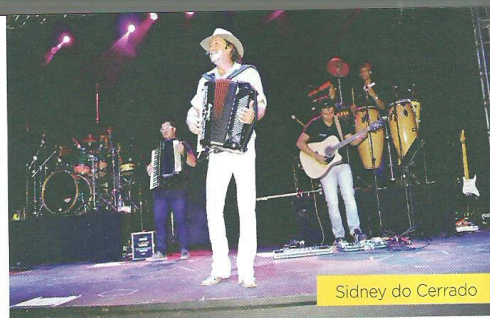
Para aumentar ainda mais a segurança e satisfação dos moradores praianos, o Estacionamento do Cidade Jardim foi revisado em maio de 2014. Foi feita a limpeza do asfalto e todas

as vagas foram demarcadas para aumentar a visibilidade dos motoristas. Além disso, setas indicativas foram pintadas para haver ainda mais segurança na parte interna do estacionamento.





Hebert Levy



Sidney do Cerrado

Hebert Levy e Sidney agitam a Micareta do Cerrado

Noite foi um
dos eventos
que marcaram a
preparação para o
Carnaval

Uma grande festa em clima de Carnaval agitou o Praia Clube. No dia 30 de janeiro, Sidney do Cerrado e Hebert Levy subiram ao palco do Recanto do Samba e não deixaram nenhum associado parado. A noite foi regada a muita música sertaneja e axé e o associado, é claro, lotou o Recanto do Samba.

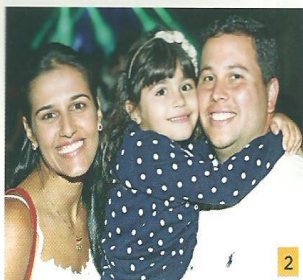


Mais fotos,
acesse

Galeria Social



- 1 - Dácio Nunes e Clênia Vargas | 2 - Sérgio César, Marlene Fernandes e Fátima Alvarenga | 3 - Adão Roberto e Rosemeire Cândida | 4 - Arnaldo Rejane Nunes | 5 - Belquína, Carlos e Cláudio Neves | 6 - Laís Medeiros e João Neto | 7 - Cristina Finzer e Manolo | 8 - Michelle, Renato e Ana | 9 - Vincenzo Fizzico e Joana D'arc | 10 - João, Ana Cláudia e Denise Tannús | 11 - Elisabete Cristina e Sidnei Antônio | 12 - Marcelo e Melissa | 13 - Sarah Finzer e Alberto Rocha | 14 - Rosário Taveira e Gledes Vieira



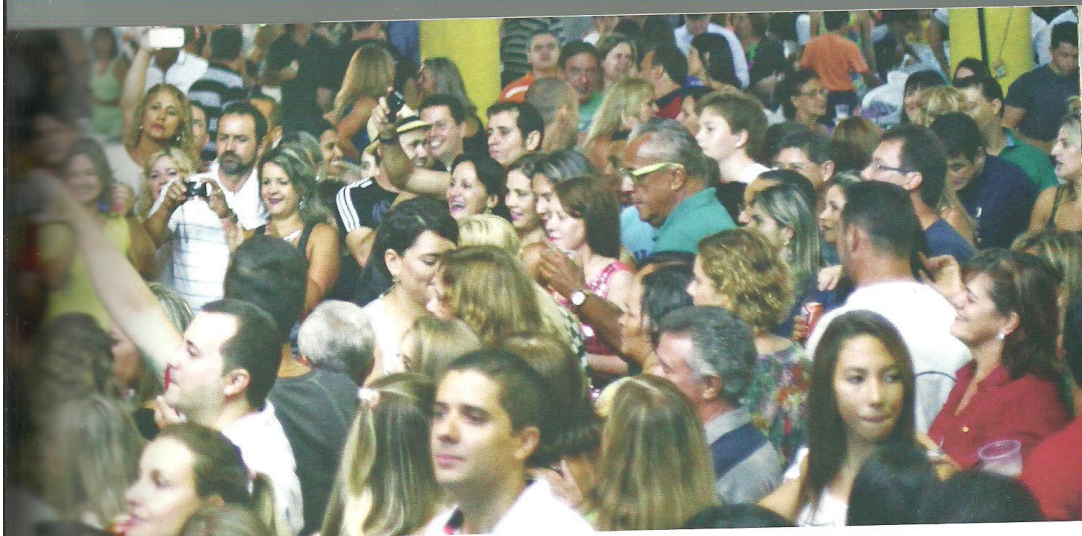
Esquenta de Carnaval reúne praianos no Recanto

Para aquecer os ânimos para o Carina Verão 2015, o Praia realizou, na sexta-feira do dia 06/02, o evento Esquenta de Carnaval. A noite, apesar de chuvosa em Uberlândia, levou até o Recanto do Samba um grande público.

Três atrações muito especiais foram as responsáveis por animar a festa. Quem abriu os

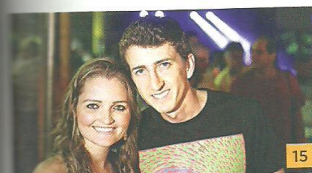
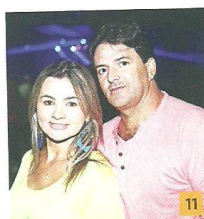
festejos foi a Banda Caminhos, uma das mais conhecidas da região. Depois, foi a vez da bateria da Escola de Samba Praiana subir ao palco, conquistando todo o mundo para o carnaval. Para encerrar com chave de ouro, foi a vez de um dos artistas mais queridos da Praiana entrar em ação: o cantor que levantou a todos com seu repertório variado.





Mais fotos,
acesse

Galeria Social



1 - Aline Bernardes e Kellen Marçal | 2 - Ana Cláudia, Nívea e Pedro Júnior | 3 - Esquenta de Carnaval | 4 - André Luiz e Lucas Naves | 5 - Arthur e Gabriela Nascimento | 6 - Bianca e Luciano Lepera | 7 - Eleni Santine, Glênia Maria e Ana Moraes | 8 - Fernanda e Daniel Assis | 9 - Raniela e Victor Hugo | 10 - Gilberto e Sheyla Montes | 11 - Leila e Jean Nelson | 12 - Maria Fernanda e Wellington Mota | 13 - Patrícia e Rubens Dantas | 14 - Rafael Borges e Mariana Oliveira | 15 - Thaísa Carmo e Alex Martins | 16 - Gabriel e Carolina Gonçalves

Concurso de Fantasia Infantil
CARNA VERÃO 2015

Tradicional
premição
praiana ficou
marcada pela
criatividade
e alegria dos
pequenos

Praianinhos participam de Concurso de Fantasias



Lúcio Flávio Pessalacia



Lais e Lorena Ferreira



Lara Lamounier Monteiro



Felipe Ottoni



Aline Sampaio



Valentine F.



Amanda Beatriz



Karina Ferreira



Maria Eduarda e Paulo Henrique



Mariana Floresta



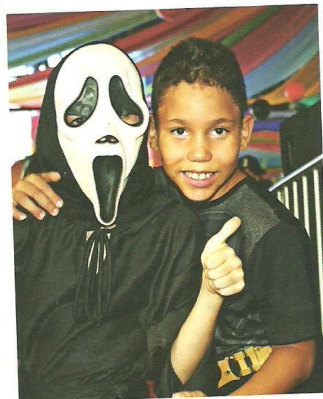
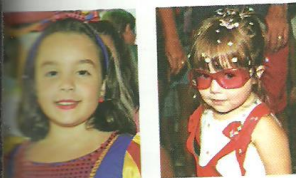
Helena Cardoso



Clara Cardoso



Mais fotos,
acesse



Um dos destaques das festas carnavalescas do Praia ficou por conta do **Concurso Infantil de Fantasias**, que aconteceu na Matiné da terça-feira de Carnaval, 17/02. A edição 2015 da tradicional premiação reuniu cerca de 150 crianças fantasiadas, que coloriram o Clube com seus trajes caprichados de beleza e criatividade.

Os praianinhos deram um verdadeiro show de animação e espírito festivo no palco, afinal, o objetivo do concurso era promover a diversão de pais e filhos. A brincadeira premiou os melhores trajes, classificados em quatro quesitos: Originalidade, Animação, Criatividade e Luxo.

Na categoria Originalidade, Lara Lamounier Monteiro e sua fantasia de Emília do Sítio do Picapau Amarelo ficaram em terceiro lugar. As vice-campeãs foram as irmãs Laís e Lorena Ferreira, fantasiadas de Espanholas. O campeão foi o pequeno Lúcio Flávio Pessalacia, que encantou a todos com

sua roupinha de Gambá.

Na classe Animação, a terceira posição foi dada para a "Carmen Miranda" Valentine Falqueto Alvin. Aline Sampaio faturou a segunda colocação, vestida de Cowgirl. E o mais animado da tarde foi Felipe Otoni, que incorporou uma verdadeira Tartaruga Ninja no palco.

No quesito Criatividade, os irmãos Paulo Henrique e Maria Eduarda surpreenderam a todos ao se vestirem de Bombeiro e Extintor de Incêndio, o que garantiu à dupla o terceiro lugar. A vice-campeã foi Karina Ferreira, trajada de Jornal. A primeira colocada foi Amanda Beatriz Modesto Freitas, com uma fantasia ecológica denominada Contra o Desperdício.

Por fim, a categoria Luxo premiou, na terceira colocação, Mariana Floresta, que incorporou a princesa Rapunzel. O segundo lugar foi para as mãos de Helena Cardoso, vestida de Gueixa, e a fantasia eleita a mais luxuosa foi a de Clara Cardoso, vestida de Menina do Futuro.

Galeria Social

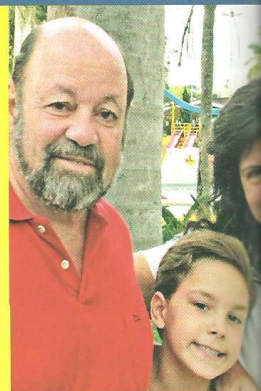
Paulo Renato Silva, Enzo Catro e Zenaide Tannús

Um passeio à tarde com os netos no Praia Clube é uma das atividades favoritas de Zenaide Tannús e Paulo Renato Silva. Um de seus netos, o Enzo Catro, gosta muito de vir ao Clube, pois ele nada, aproveita o Praia e, quando fica cansado, "enxuga, coloca a roupa e vai tomar um delicioso lanche", como afirma o próprio garoto.

O vovô Paulo também vem muito ao Clube para praticar caminhada na pista de atletismo e fazer atividades físicas na Academia de Musculação. A vovó Zenaide

é sócia desde os 4 anos de idade. Todos os filhos e, agora, os netos aproveitam o Praia. "Uma época que me marcou muito foi quando alguns artistas vieram aqui, como o Roberto Carlos. Antigamente, era muito difícil conhecer ícones, mas o Praia sempre fez questão de trazer estes shows", diz a associada.

Eles ainda afirmam que vêm muito ao Praia para a Recreação e para participar dos eventos sociais. "Fui criada aqui dentro! Adoro estar aqui", finaliza Zenaide.



Rafael Zanatta e Roberta Catani

O casal de pombinhos é apaixonado pelo Praia, apesar de não poder mais frequentar o Clube com a mesma intensidade que frequentava quando os dois eram crianças. Os dois estudantes de Engenharia, ele de Elétrica e ela de Ambiental, agora dividem o Praia com as tarefas que a vida de adulto traz para todos.

"Eu sempre fui sócio. Brinquei muito nos parquinhos, fiz escolinha no Clube e até cheguei a jogar futsal pelo Praia", diz o estudante. Já Roberta revela que as responsabilidades da faculdade a fizeram diminuir as vindas

ao Clube, mas que os novos estabelecimentos que oferecem alimentos mais saudáveis, fazendo os dois virem mais ao Praia. "Nós já namoramos faz três anos. Apesar de termos nos conhecido aqui, utilizamos o Q para lazer", afirmam.

Os dois estavam conhecendo o Bar, mais uma opção de alimentação saudável dentro do Praia. "Atendimento muito bom, cardápio é bem recheado. Para quem quer uma vida mais saudável, aqui é o lugar indicado", conclui Rafael.

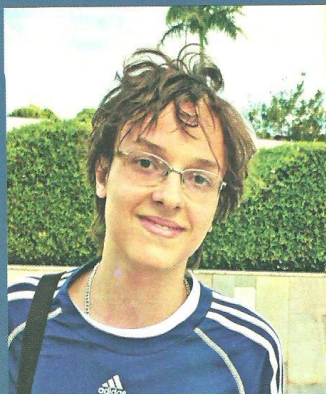
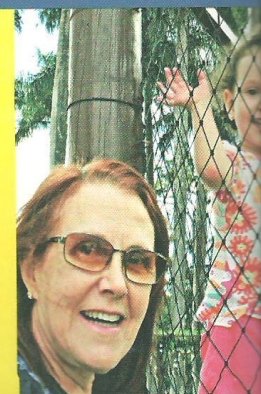
Rosa Manna Macedo e Maria Eduarda Ferreira Macedo

Uma história de amor muito grande, que perspassa várias gerações. É assim que podemos definir os enredos de Rosa Manna e Maria Eduarda, que adoram passear pelo Clube. Maria Eduarda adora brincar pelos parquinhos, nas piscinas, em todos os lugares. O que ela não gosta mesmo é de ficar parada.

Esta história começou faz apenas 2 anos, mas foi um amor à primeira vista. Quando se mudou para Uberlândia, a primeira providência que Rosa tomou foi a de

se associar. "Nós temos atividades variadas, adoro fazer Yoga aqui no Clube e também participar dos eventos à noite", explica a associada.

A praiana ainda faz um elogio para outro setor que é um dos favoritos de Maria Eduarda. "A Brinquedoteca está simplesmente linda. Brinquedos variados, a parte daquelas casinhas, as lojinhas, sem contar na interação de uma criança com outra, que é muito importante. Vir para o Clube é uma delícia", finaliza.



Nathan Vincenzi

O passo acelerado do jovem Nathan Vincenzi demonstra que o garoto é um exímio esportista. O praiano tem apenas 13 anos e frequenta o Praia Clube pelo menos duas vezes por semana, para praticar Tênis, modalidade da qual participa.

Apesar da pouca idade, Nathan cumpre suas atividades "obrigatórias" e nos fins de semana costuma vir ao local

para aproveitar toda a estrutura e se de um dos maiores Clubes da América Latina.

Mas o que ele gosta mesmo é praticar esportes. "Além do Tênis, eu Natação, mas acabei optando apenas pelos quadras mesmo. Mas gosto muito de vir nadar aqui no Praia, que tem as boas piscinas e, claro, jogar futebol com os amigos", explica.



Participaram da seletiva garotas de 15 a 18 anos

Esportes

Mais de 100 garotas participam de peneira no Praia



Mais fotos, acesse

Em busca dos sonhos! É assim que podemos definir a vinda das mais de 100 garotas que participaram da Peneira de Vôlei realizada pelo Praia Clube entre os dias 26 e 30 de janeiro.

A Técnica das equipes da base praiana, Mirtes Franca, estava atenta às jogadas efetuadas pelas meninas, que não perderam a chance de mostrar o seu melhor voleibol. "Vieram atletas de várias cidades da região e do Brasil. Mais uma vez, a seletiva foi muito proveitosa", afirma.

Além destas, uma das jogadoras que se destacaram na peneira foi Luana Almeida, que veio do Rio de Janeiro. A garota, que parece tímida fora da quadra, dentro dela bate um bolão. "Eu vim do Tijuca Tênis Clube e integro a Seleção Brasileira Sub-17. O Picinin (técnico da equipe profissional do Praia)

me convidou para participar da peneira, eu vim e deu certo", diz a atleta.

A capitã da Seleção Brasileira Infantil também participou da peneira e chamou a atenção. Bruna Pavan veio de Natal (RN) em busca de se aproximar ainda mais do sonho de jogar uma Superliga. "Vim em busca de uma estrutura melhor e também para ficar perto de jogadoras experientes, que atuam na principal competição do país", declara a atleta.

Outra garota que se destacou durante os treinos foi Paola Cury, que não poupou esforços e viajou de São Carlos (SP) para Uberlândia em busca do grande sonho de se tornar atleta. Paola estava acompanhada de sua mãe, Cláudia Cury. "Quando a Paola disse que teria a seletiva aqui no Praia, não pensei duas vezes e viemos para cá. Estamos felizes por ter dado certo", conclui Cláudia.

Garotas vieram em busca do sonho de se tornarem jogadoras de voleibol

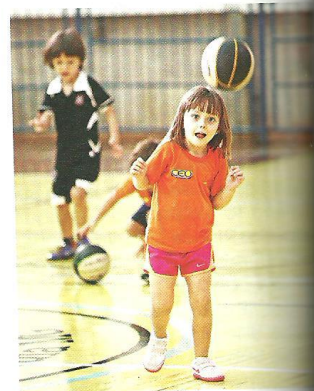


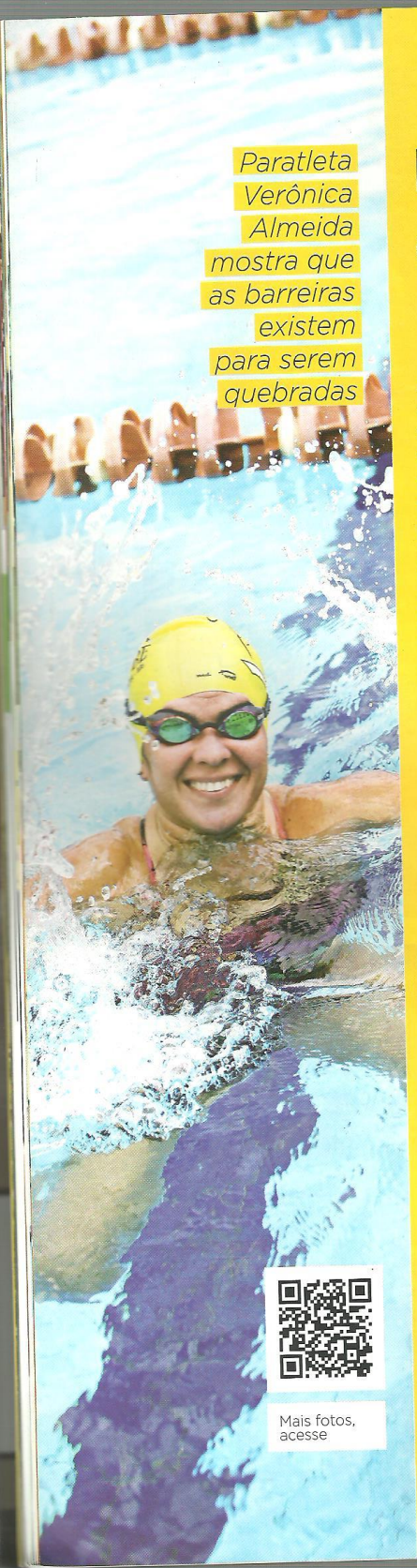
Bruna Pavan foi um dos destaques durante a seletiva



Dez modalidades de aulas são oferecidas ao associado

Escolinhas e CEU voltam com tudo após um mês de férias





Paratleta
Verônica
Almeida
mostra que
as barreiras
existem
para serem
quebradas

Praiana faz história e entra no Guinness Book

A superação humana pode algumas vezes chegar a níveis supremos. Existem pessoas que parecem ter a capacidade de mostrar que o "impossível" pode ser um conceito muito mais relativo do que a maioria pensa. Com suas atitudes, esses notáveis homens e mulheres tornam-se exemplos para todos, mostrando que correr atrás de objetivos e sonhos é apenas uma questão de foco e persistência. A atleta da Equipe Paralímpica de Natação do Praia clube, Verônica Almeida, é um dos maiores símbolos desta força humana. Acostumada a superar-se durante toda a vida, a praiana acaba de conseguir o maior feito de sua carreira: eternizou-se ao ter seu nome estampado no Guinness Book, o livro dos recordes.

A nadadora conseguiu a façanha de ingressar no seleto rol de recordistas mundiais após atravessar, a nado, a Baía de Todos os Santos. O lugar fica entre Mar Grande, na Ilha de Taparica, e a praia do Porto da Barra, em Salvador. Foram mais de 12 quilômetros percorridos no estilo Borboleta, nadando com o movimento de apenas um braço. A travessia durou menos de cinco horas. A Revista Praia bateu um papo com a atleta e vai contar mais sobre a vida e carreira desta grande joia praiana.

História de vida

Verônica Mauadie de Almeida, de 39 anos, nasceu em Salvador em 15/05/1975. Aos 5 anos, iniciou as atividades nas piscinas. Aos 7, estava competindo em piscina e mar aberto. Sempre nadou durante toda a infância e adolescência. Na juventude, foi atleta da natação brasileira

com títulos conquistados e muita esperança de alçar voos mais altos. Com o passar do tempo, uma sucessão de lesões no ombro resultou em várias cirurgias que acabou por afastar-lhe dos seus sonhos, pelo menos até então. Neste tempo, em meados de 1998, graduou-se em Educação Física e exerceu durante oito anos a profissão como coordenadora de academia e personal trainer.

Há sete anos descobriu através de investigação genética que, na verdade, é portadora da Síndrome de Ehlers-Danlos, um distúrbio hereditário extremamente raro do tecido conjuntivo que ocasiona flexibilidade articular extrema, pele muito elástica e tecidos frágeis. Em outras palavras, a doença faz perder a força nas cartilagens, deixando os membros "soltos". "Costumo brincar que todo contorcionista de circo tem a minha síndrome. No meu caso, minhas articulações vão perdendo a força, o que me gera a perda do movimento e coordenação", explica.

A partir disso, começou a usar uma cadeira de rodas para locomover-se. Tal fato gerou preconceito em seu meio profissional, sendo demitida da academia.

Verônica ouviu um prognóstico sombrio dos médicos. Eles afirmaram que seu tempo de vida seria de, no máximo, um ano. "Levando em conta que isso vai completar sete anos, acho que estou no lucro", brinca.

Com o objetivo de aumentar sua qualidade de vida, ela voltou a nadar. Sua adaptação às atividades aquáticas foi tanta que em seis meses já integrava a Seleção Brasileira Paralímpica de Natação.



Mais fotos,
acesse



Momento difícil

Quando diagnosticada como detentora da síndrome, a atleta candidatou-se para um experimento na França, que tentaria achar o melhor tratamento para o seu caso. Porém, para participar do estudo, Verônica precisaria desembolsar cerca de 60 mil euros, quantia que ela não dispunha na oportunidade.

Foi quando a atleta, mais uma vez, deu mostras de que não existem limites para a superação do corpo. Sem muitas alternativas, ela foi obrigada a ficar quase um mês pedindo dinheiro nos semáforos de Paris. A baiana passou por uma história de dificuldade causou benefícios para a sociedade, pois ela conseguiu quase metade da quantia necessária.

A história da nadadora começou a espalhar-se e ela foi convidada por uma empresa para comandar uma palestra motivacional. Mesmo sem pedir grandes quantias para ministrar tais apresentações, a empresa deu-lhe o dinheiro restante para o tratamento. Junto dela, outros 19 pacientes conseguiram vaga

para este procedimento médico. No entanto, apenas Verônica resistiu ao tratamento até hoje.

Conquistas na carreira

Desde 2007, Verônica vem trazendo medalhas e levando a bandeira do Brasil para pódios em todo o mundo. Ao todo, são 35 competições internacionais com 87 medalhas de Ouro, 2 medalhas de Prata e 10 de Bronze, incluindo um bronze no Cubo D'água nas Paralimpíadas de Pequim em 2008 e a consagração como a Melhor Atleta de Natação de 2008 a 2012 pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

No Mundial da Colômbia, em novembro de 2013, ganhou cinco Ouros, sendo considerada a nadadora mais rápida do mundo no Nado Peito. No ano passado, foram ao todo 30 medalhas de Ouro em cinco competições internacionais (Colômbia, Estados Unidos da América, Argentina, Espanha e Holanda) e uma no Brasil (Circuito Brasileiro).

A travessia

As históricas cinco noras que levaram Verônica ao Guinness não foram fáceis de serem vividas, foi preciso muito trabalho duro. A nadadora vivia esse sonho há muito tempo. Há aproximadamente três anos, ela propôs ao seu médico o desejo de tentar a travessia. Além do desejo de superação, a tentativa pretendia chamar a atenção da sociedade para as práticas esportivas paralímpicas, que têm crescido e se destacado nos últimos anos, mas que ainda necessitam de incentivo.

A travessia dos 12 quilômetros em mar aberto foi realizada por meio do estilo considerado mais desgastante da natação: o Nado Borboleta. Para engrandecer ainda mais o mérito, todo o percurso foi feito usando apenas um braço. "Era um sonho, então propus ao meu técnico do Praia Clube, Alexandre Vieira, e meu técnico de Salvador, Edimar, e eles me deram total apoio. O sonho virou realidade e consegui mostrar, sim, que era possível", diz a nadadora.

Paixão

"Vel", como é conhecida carinhosamente pelos amigos, parece ter um segredo para ser bem sucedida em tudo que se propõe a realizar: "Tudo que faço é com muita paixão. Essas paixões me motivam a tomar decisões nas horas certas. Tudo que eu quero, não encaro como um sonho, encaro como um desafio a ser concretizado. Tudo que coloco a mão e feito com amor e vontade. Eu penso que quero deixar meu nome na história, independente do que aconteça. Faço meus problemas tornarem-se pequenos obstáculos a fim de se alcançar um objetivo maior. No universo não existem nada me motivar" explica.





Praia recebe show histórico de Chrystian & Ralf

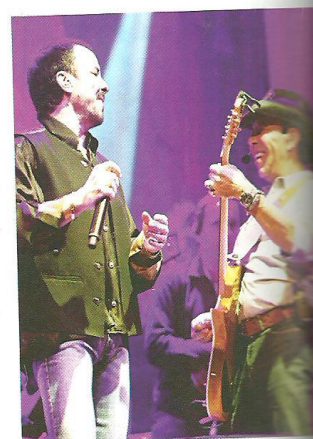


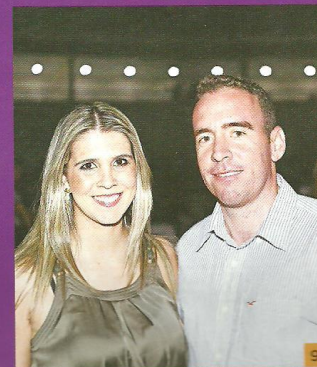
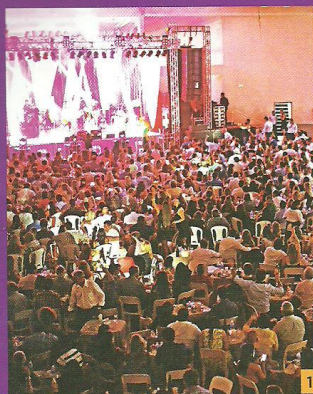
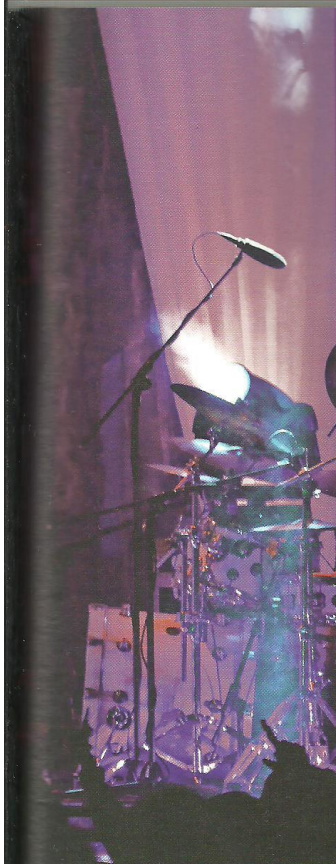
Mais fotos, acesse

O Praia mais uma vez foi palco para uma apresentação inesquecível. Na noite de 28/02, a dupla Chrystian & Ralf fez lotar o Ginásio Adalberto Testa (G1). Os irmãos de Goiânia, considerados os mais afinados do Brasil, relembrou grandes sucessos que marcaram seus mais de 30 anos de carreira. Destaque para a Família Praiana, que se comportou como a terceira voz do show, da pri-

meira a última canção.

Os irmãos José Pereira da Silva Neto e Ralf Richardson da Silva ou Chrystian & Ralf, respectivamente, cantavam desde a infância. Apesar de atualmente serem conhecidos pelo repertório sertanejo, eles executaram diversos gêneros na carreira. As vozes agudas dos artistas imortalizaram músicas como Nova York, Olhos de Luar, Iolanda, Saudade e Cheiro de Shampoo.





1 - Praianos Iotam G1 | 2 - Agnaldo Júnior e Angélica Parreira | 3 - Amiraldo Oliveira e Thaiz Miguel | 4 - Ana Carolina, Mariane e Angélica Menezes | 5 - Ana Paula e Henrique Campos | 6 - Anderson Moreira e Tânia Mara | 7 - André e Ana Maria Ferraz | 8 - Carlos e Tânia Silva Machado | 9 - Carolina e Breno Santangelo | 10 - Delcio e Eline Tannús | 11 - Cleuza Granele | 12 - Fernando e Sabrina Senechal | 13 - Márcia, Maria Helena e Luciane Medeiros | 14 - Fábio e Andreia Guimarães | 15 - Mário, Bárbara, Deives e Kamila Borges



Construção do G4 segue em ritmo acelerado

As obras do G4, novo ginásio poliesportivo do Clube, estão em ritmo acelerado. Quem passa pelo Bosque ou pela área das piscinas semiaquecidas pode ver o desenvolvimento da edificação. Diversas partes do projeto estão concretizadas.

A movimentação de terra para a construção da estrutura, por exemplo, que abrange a escavação de blocos e vigas, está quase terminada. O trabalho de fundação também está bem desenvolvido, como fosso do elevador, que está finalizado. A piscina também tem 40% da escavação realizada.

No nível do G3, a escada foi feita e recebeu concreto até o terceiro patamar. Os pi-

lares moldados e a montagem das vigas estão prontos, assim como no térreo, em boa parte do primeiro pavimento e no nível intermediário da estrutura, que também tem 70% da laje da marquise construída.

O G4 está sendo criado para atender as Escolinhas e liberar os outros espaços para os associados praticarem seus esportes. Esse trabalho de base é uma das prioridades da atual Diretoria, atendendo mais de 2.000 alunos, reunidos em 10 modalidades.

Quando pronto, o Ginásio contemplará três pisos com elevadores, sanitários, piscina infantil, quadras poliesportivas, depósito de material esportivo e muito mais, aumentando a oferta de vagas nas Escolinhas.





Dinâmicas
como dança
e malhação
visam ao bem-
estar das
mulheres e
dos filhos

Praia tem atividades voltadas para mães e bebês



O Praia está mostrando, como de costume, porque é o melhor lugar para se curtir bons momentos com a família. Em janeiro e fevereiro, o Clube organizou uma série de atividades gratuitas voltadas para as mães praianas e seus bebês. As dinâmicas aconteceram na Brinquedoteca e tiveram grande participação das associadas, que não perderam a oportunidade de interagir e ficar mais próximas de seus filhos recém-nascidos.

Baby Dance

"Baby Dance" foi uma atividade especial para que mães e filhos pudessem exercitar, por meio da dança, todo o carinho recíproco e especial que existe nessa primeira fase da vida. Os encontros aconteceram nas terças-feiras entre os dias 21/01 e 11/02. Durante cerca de uma hora, os participantes podiam sentir todo o poder relaxante da música, em uma troca de afeto.

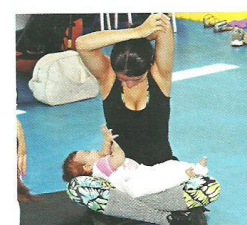
O novo método de socialização propicia grandes benefícios, tanto para as mulheres como para os bebês. Muitas vezes, elas chegaram às lágrimas ao praticar os rituais rítmicos de demonstração de amor aos seus pequenos.

Malhando com seu bebê

Esta atividade é mais uma pioneira do Praia Clube. Na terça-feira do dia 24/02, a Brinquedoteca recebeu a primeira aula "Malhando com seu bebê", que contou com a participação de dezenas de mães. Os encontros acontecem toda terça e quinta-feira, às 9h.

Com a vida conturbada das mães após o nascimento dos filhos, muitas vezes elas não conseguem achar tempo para cuidarem do corpo. O objetivo da aula é ensiná-las exercícios físicos que podem ser feitos junto ao neném.

Cada gesto e movimento são previamente pensados pelas instrutoras, a fim de atingir o bem estar tanto das mulheres quanto dos nenéns. A malhação é feita tal qual uma ginástica convencional, mas, em vez de halteres, as associadas aprendem a usar o próprio peso do bebê para fortalecer os músculos.



Mais fotos,
acesse





Agenda Ambiental reúne centenas de participantes em 2015

A Agenda Ambiental é feita de uma série de eventos realizados ao longo do ano com o objetivo de causar a reflexão ecológica na Família Praiana, principalmente nas crianças, sobre a importância de zelar do meio ambiente. Em 2015, o evento foi um grande sucesso, lotando a Praça das Palmeiras a cada edição.

A primeira Agenda Ambiental do ano passado foi realizada em março. Na ocasião, foi comemorado o Dia da Água. Houve entrega de camisetas e um concurso para eleger o nome da capivara mascote.

Em abril, o evento foi em comemoração a três datas importantes: Dia da Terra, Caatinga e Conservação de Solo.



Anexo 4:

Entrevista realizada com dois sócios:

Formato da entrevista – semi-diretiva, aberta:

1) trajetória pessoal, vida e família, educação e profissão.

-> As práticas de lazer ao longo da vida. (origem social e familiar)

2) História do clube: quando e porque escolher o praia.

Sentido, significado do lazer no clube para a vida, para o trabalho, para convivência.
tempo de lazer/lazer e trabalho.

Frequência no clube, quantas vezes.

2.1) Relações estabelecidas no clube: família, grupo de amigos, reuniões; o que conversa (identificar os grupos a partir da expressão do entrevistado).

O que faz no clube?

Conversa no clube? Onde? Sobre o que?

Como você gosta do ambiente do clube?

Tem alguma coisa ou pessoa que você não gosta de encontrar lá?

2.2) Existe alguma relação entre o seu lazer e seu trabalho?

O lazer é capaz de recuperar o cansaço ou a fadiga do seu trabalho?

3) Representações sociais do lazer com a sociedade.

3.1) Qual a importância do lazer para a família:

Leva os filhos ou sobrinhos para o clube?

Como pensa que deve ser o lazer ou as atividades da criança?

Onde os filhos estudam? Fazem que atividades?

Qual a importância de estudo e atividades para o futuro dos filhos?

3.2) Além do clube outras práticas de lazer (itens e viagens).

Frequência em shopping? Qual sua opinião sobre o shopping como lugar de lazer?

Movimento pela popularização do shopping: Rolezinho.

Manifestações.

Copa do mundo.

Eleições.

Partido.

Voto.

Movimento social (sem terra, sem teto, cansei).

3.3) Consumo:

- a) quais são os seus gastos?
- b) que gastos considera importante?

O que costuma consumir no clube?

Quanto gasta no clube? Percentagem da receita gasta no clube?

A taxa do clube é cara? A taxa deve ser reajustada anualmente?

Quanto gasta com viagens ou outras formas de lazer?

Como vai ao clube? O que gasta com lazer e aparelhos domésticos em casa?

4) Você é membro da classe média? Por quais critérios?